UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Curso de Pós-Graduação em História
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

O ASSALTO NA CIDADE DO AXÉ

Evolução da criminalidade urbana em Salvador entre 1960 e 1989

LUIZ HOSANNAH DE OLIVEIRA PINTO

Salvador - Bahia
Abril 1996

MESTRADO EM HISTÓRIA
FFCH - UFBa
BIBLIOTECA
Nº do TOMBO 8916

O ASSALTO NA CIDADE DO AXÉ

Evolução da criminalidade urbana em Salvador entre 60 e 89.

LUIZ HOSANNAH DE OLIVEIRA PINTO

GRADUADO EM PSICOLOGIA PELA FACULDADE DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1989

ESPECIALIZAÇÃO EM PRATICA DO ENSINO SUPERIOR PELA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAHIA - 1992

Dissertação submetida a Câmara de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa da UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA para obtenção do Grau de Mestre em História em abril de 1996

Professor orientador JORGE NOVOA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
CURSO - HISTÓRIA
SALVADOR-BAHIA-1996

SALVADOR-BAHIA-1996

DEDICATÓRIA

A **DEUS**, por seu infinito amor ,
misericórdia e soberania sobre minha vida.

A minha mulher e minhas filhas,
por terem suportado minha angustia
no decorrer do trabalho.

AGRADECIMENTOS

- Ao professor Rubim de Pinho (In memoriam), cujo apoio foi indispensável para a coleta de dados junto ao Conselho Penitenciário.

- Ao meu orientador, pela confiança, paciência e compromisso.

- A meu pai e família, pelo estimulo constante.

- A Diretora do DPT, pela carinhosa receptividade à minha necessidade de dados.

- A todos que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para a execução deste trabalho.

SUMÁRIO

Introdução 7

II- Capítulo 1 : Bases para o entendimento da criminalidade urbana em Salvador

II.1-A História recente : A inevitável abordagem interdisciplinar.....12

II.2 - História e as demais Ciências Humanas 15

II.3 - Cidadania e criminalidade urbana 20

II.4 - Psicanálise e criminalidade 27

III- Capítulo 2 : A evolução da criminalidade urbana em Salvador: 1960 - 1989

III.1- Salvador na década de 60 33

III.2- A criminalidade na década de 60 42

III.3 - Salvador na década de 70 59

III.4 - A criminalidade na década de 70 70

III.5 - Salvador na década de 80 88

III.6 - A criminalidade na década de 80 101

IV- Capítulo 3 : Salvador, cidade do assalto: condições sócio-econômicas e Históricas e a natureza da criminalidade hoje 129

V - Conclusão 146

VI - Fontes e documentos 148

VII - Anexos 149

VIII - Bibliografia 150

I- INTRODUÇÃO

A criminalidade urbana tem-se constituído nas últimas décadas em um dos maiores problemas sociais vivenciados pela sociedade brasileira. A violência nas cidades tem crescido a olhos vistos e passos largos, seguindo em paralelo às desigualdades sociais inerentes a uma formação social em permanente contradição e conflito de interesses e valores.

O temor de sofrer algum tipo de violência - contra a integridade física ou contra o patrimônio - tem suscitado ao longo dos anos, mudanças de hábitos na população, objetivando alternativas de defesa. Dentre muitas, destacam-se o uso indiscriminado de armas de fogo, uma escolha criteriosa dos lugares freqüentados e a transformação das residências e casas comerciais em verdadeiras "fortalezas".

Outra estratégia que a sociedade vem utilizando para enfrentar a crescente onda de criminalidade é a constante e progressiva reivindicação junto aos poderes públicos, de maior segurança e policiamento ostensivo nas ruas, associado ao movimento em defesa da implantação da pena de morte. O que tem predominado é a difusão de idéias que não estimulam uma visão questionadora da globalidade social, centrando a explicação do fenômeno criminoso em argumentos não científicos que camuflam as determinantes históricas.

O senso comum, a mídia e algumas teorias tem preconizado que o crime é opção das pessoas de "má índole", dos "vagabundos" , "psicopatas" e "fracos de caráter". As alternativas para enfrentar o problema se reduzem à repressão externa: penas duras, fim da impunidade e polícia nas ruas. A busca da compreensão da criminalidade nas cidades demanda um estudo sistemático por parte da História, pois somente a análise das determinantes que interagem dinamicamente viabilizará o entendimento fidedigno dos processos e fatos.

No que diz respeito à criminalidade na cidade do Salvador, enquanto fenômeno social na sua dimensão mais ampla com seus padrões , regularidades e singularidades, não há registro de nenhuma pesquisa fundamentada em documentação. Esta pesquisa - realizada com a finalidade de ser apresentada ao Mestrado em História da Universidade Federal da Bahia, como dissertação para conclusão de Curso - pretendeu minimizar esta lacuna na historiografia contemporânea. Para alcançar este objetivo, o foco deste estudo foi dirigido na busca de estabelecer o perfil da criminalidade na cidade do Salvador ao longo das décadas de 60, 70 e 80 deste século. A escolha deste período não foi acidental. Estas décadas corresponderam ao momento marcante de transformação no modelo sócio-econômico da Região Metropolitana do Salvador (RMS). Pode-se considerar que a partir dos anos 50, iniciou-se um processo de "reaquecimento" e dinamização econômica da cidade, sendo possível a delimitação de três grandes conjunturas que deram novo impulso

à economia: nos anos 50, o "efeito Petrobrás", nos anos 60, o "efeito CIA" e nos anos 70, " o efeito COPEC".

Em paralelo à dinamização da economia , modernização da cidade e sua metropolização, os problemas sociais recrudesceram , em decorrência do caráter contraditório do seu processo de crescimento. Neste trabalho, foi efetuada uma exaustiva contextualização sócio-econômico-cultural da cidade ao longo das décadas, objetivando correlacionar as transformações no curso histórico das relações produtivas, costumes e condições de vida da população, com a forma de expressão da criminalidade urbana.

Nas últimas décadas , a concentração de renda, a migração, o desemprego, a queda do poder aquisitivo , a mortalidade infantil e o analfabetismo - dentre outros indicadores sociais - alcançaram taxas alarmantes. Estreitamente vinculado a este contexto, observou-se um recrudescimento da angústia, da frustração e da revolta na sociedade em geral, e nas classes populares marginalizadas em particular. Este estudo procurou demonstrar de que forma estas variáveis psicossociais interferiram na forma da criminalidade urbana se expressar em Salvador no decorrer dos anos ao longo da história. Qual seria a correlação, se é que haveria alguma, entre industrialização, urbanização, empobrecimento sistemático das massas e intensos fluxos migratórios para a cidade , com a criminalidade urbana? Poderia-se associar crescimento e dinamização da economia com problemas sociais?

Ao mesmo tempo que se procedeu a análise crítica sobre a realidade de Salvador nas décadas em questão, foi efetuado o levantamento das fontes para obtenção de dados seriados acerca da criminalidade em Salvador. Dentre as poucas fontes disponíveis para uma análise historiográfica, optou-se por:

- *Arquivos do Conselho Penitenciário do Estado da Bahia*, órgão da Secretaria da Justiça do Estado da Bahia, responsável pela análise de pedidos de liberdade condicional, indulto e comutação de pena dos agentes criminosos condenados no estado. Foram levantados dados nos processos penais arquivados de detentos, que representaram uma amostragem significativa da realidade carcerária do estado entre os anos de 1960 e 1989. Dentre as variáveis obtidas junto a esta fonte, ressaltamos a idade, o sexo, grau de instrução, cor, escolaridade, ocupação, tipo de crime e ano de ocorrência.

- *Dados estatisticos da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia*. Nesta Secretaria, foram levantados dados acerca da quantidade de ocorrências de cada tipo de crime em cada ano, perfil da vítimas dos crimes, tipos de armas utilizadas nos crimes e horários de maior ocorrência dos crimes. Esta fonte ofereceu dados seriados entre 1972 e 1989.

- *Jornal A Tarde*. Nesta fonte foram levantados dados sobre os tipos de crimes de maior ocorrência através dos anos, características das vítimas, a visão da mídia sobre a problemática da criminalidade e nível de violência associada aos crimes. A crônica policial foi utilizada como o "termômetro" que media a "temperatura" da criminalidade

no imaginário da população da cidade ao longo dos anos. Nesta fonte, foram levantados dados seriados entre 1960 e 1989, por um sistema metodológico de amostragem, no qual foram analisados jornais em dias e meses alternados até que fosse completada a série histórica desejada - décadas de 60, 70 e 80. No total, foram levantados dados de 3.721 artigos e matérias nas "páginas policiais", que forneceram um rico e dinâmico subsídio para o entendimento da expressão da criminalidade urbana na cidade.

Muitas foram as dificuldades para empreender este trabalho. O primeiro obstáculo esteve correlacionado à ausência de estudos específicos acerca da criminalidade urbana em Salvador que pudessem servir de guia ou ponto referencial para esta pesquisa. Outra grande dificuldade esteve associada à utilização de fontes de natureza oficial- queixas registradas e presos condenados - como base de sustentação empírica da dissertação.

Obviamente, seria ingenuidade tomar essas fontes como um retrato fiel da criminalidade em Salvador. Justamente por ter como objeto atos ilegais, os autores e muitas das vítimas, preferem o ocultamento e o segredo dos fatos. Muitas queixas sequer são registradas nas delegacias da cidade, principalmente em função do descrédito da população nas instituições policiais. Várias vítimas simplesmente não se dão ao trabalho de lavrar as ocorrências sofridas.

A falta de confiança da população nas organizações públicas de controle social leva ao fenômeno do subregistro da criminalidade na cidade, significando que há muito mais ocorrências do que os números oficiais revelam quantitativamente. Além disto, descontinuidades na metodologia de coleta e processamento de dados das instituições, falhas no registro apurado, problemas como greves de servidores, incêndios e perdas de bancos de dados, muitas vezes comprometem a correspondência entre o dado real e o dado oficialmente detectado.

Além disto, nem todos os agentes criminosos são presos e cumprem pena por causa dos seus delitos. A população carcerária não é a totalidade dos agentes criminosos na cidade , mas uma amostragem do seu universo.

Vários autores de pesquisas historiográficas acerca da criminalidade concordam com as limitações das fontes oficiais, porém, são unânimes em credenciá-las como legítimas e fidedignas no estudo dos processos históricos . Edmundo Campos Coelho, Antônio Luiz Paixão e Boris Fausto, dentre outros, baseiam-se nelas para realizar seus trabalhos . Em suas palavras,

> *"A despeito desses e de outros problemas, series temporais de estatísticas oficiais refletem satisfatoriamente a curva tendencial da incidência da criminalidade, sobretudo quando cobrem um período relativamente longo"* (Coelho, 1988, p. 147).

> *"A análise dos dados sobre crimes e criminosos de Belo Horizonte revela o que já sabíamos (...) essa afinidade se objetiva nas estatísticas oficiais de criminalidade tomadas como descrições (...) confiáveis do volume e da distribuição do crime na sociedade"* (Paixão, 1982, p. 97).

> *"Os meus dedicados amigos do Arquivo Judiciário do estado, por exemplo, talvez nunca chegaram a entender que eu me preocupasse com pilhas de pacotes empoeirados (...) uma de minhas preocupações consiste em apreender regularidades que permitam perceber valores, representações e comportamentos sociais, através da transgressão da norma penal (...) De fato, as estatísticas referentes a prisões ou a processos penais, correspondem ao nível de atividade penal e judiciária (...) refletem bem ou mal uma prática repressiva que tem uma relação complexa com a " criminalidade real" ou mesmo com o crime tal como definido nos códigos."* (Fausto, 1984, p.17,18,20).

Os resultados obtidos através desta pesquisa, não pretendem esgotar o assunto . Na verdade, trata-se de uma primeira abordagem critica, constituída como um passo inicial em direção à compreensão deste fenômeno multifacetado tão marcante na realidade brasileira e de Salvador. Justamente por este caráter complexo, o tratamento científico à problemática da criminalidade urbana foi, na medida do possível, interdisciplinar, ampliando os horizontes da análise dos processos, delineando uma parceria entre a História e outras disciplinas. Afinal, como diz Boris Fausto na introdução do seu livro *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924),*

> *"...) Lembro que um texto desta natureza não se situa apenas nos marcos disciplinares (aliás discutíveis) da História, abrindo-se para a Antropologia, a Psicologia ou mesmo a Psicanálise, áreas em que penetrei muito pouco, com cautelas de noviço. Trabalhei em uma zona de fronteira ao mesmo tempo cheia de atrativos e de riscos que deixaram suas marcas nas conclusões e nas incertezas do produto"* (Fausto, 1984, p. 29).

O capítulo I apresenta as bases teóricas e metodológicas que nortearam a elaboração da pesquisa. Foram analisadas criticamente a importância da abordagem interdisciplinar para uma maior abrangência do trabalho cientifico na historiografia, a correlação entre os aspectos sócio-culturais e a expressão da criminalidade urbana e uma leitura critica acerca da interpretação psicanalítica da criminalidade urbana e a sua interligação com as demais Ciências Humanas. Foi efetuada uma reflexão sobre a forma como a História tem ao longo do seu amadurecimento enquanto ciência, buscado cada vez mais, parcerias com disciplinas complementares.

O capitulo I I apresenta a evolução da criminalidade urbana em Salvador ao longo do tempo, as características sociais dos agentes criminosos e a prevalência de crimes, sempre associando a expressão da criminalidade com a conjuntura sócio-política- econômica. Este capitulo foi dividido em três partes , cada uma descrevendo a forma como a criminalidade urbana se expressou nas décadas de 60, 70 e 80.

O capitulo I I I , faz um balanço sobre o estudo da criminalidade urbana no bojo das Ciências Humanas, particularmente na História. São apresentados dados sobre pesquisas realizadas em outros centros urbanos do pais e do exterior, e correlacionadas com os resultados da presente pesquisa.

Enfim, este trabalho representa uma busca de entendimento crítico sobre uma das mais significativas mazelas sociais contemporâneas: A criminalidade urbana.

CAPITULO 1

BASES PARA O ENTENDIMENTO DA CRIMINALIDADE URBANA EM SALVADOR.

I- A História recente: A inevitável abordagem interdisciplinar

" crime não é apenas um problema do criminoso, mas também do juiz, do advogado, do psiquiatra, do psicólogo e do sociologo" L. A. DOURADO

A realidade é complexa, multifacetada e contraditória, apresentando-se como o contexto no qual ocorrem todos os fenômenos naturais e sociais que se ofertam como objetos da curiosidade insaciável do homem.

O homem quer saber o que se passa consigo e à sua volta. A intenção do conhecimento é o desvendamento e o domínio da realidade em todas as suas esferas e da maneira mais abrangente possível. Mas, a complexidade da estruturação do real dificulta esta busca de respostas por parte do homem. Qualquer situação dada não existe isoladamente, mas inserida numa "rede" de fenômenos interligados que interagem dinamicamente para imprimir-lhes uma configuração. Uma abordagem investigativa 'Totalizante" privilegia justamente estes princípios. Sem a visão integrada das variáveis, a interpretação da situação estará desviada, haja visto que se encontrará vinculada a um ou a pouco representativos aspectos do fato estudado. Teria-se portanto, uma visão reducionista da realidade. Para Luckesi,

> *"A interpretação focalista ou reducionista da realidade nos dá um conhecimento aparente do mesmo, pois ele estará baseado nas primeiras e primárias impressões que o mundo circundante nos oferece. O conhecimento por outro lado, que produz uma interpretação dos dados do mundo a partir de uma visão de globalidade, de conjunto, irá em busca do oculto, pois as relações entre os fatos não são visíveis de imediato, mas tão-somente através de determinados recursos de investigação e raciocínio. Assim sendo, o conhecimento do aparente é aquele que se apresenta reducionista e focaliza; o conhecimento do*

> *oculto é aquele que vai em busca das relações, tendo seu fundamento na categoria de totalidade"* (Luckesi, 1990, p.61).

A totalidade entretanto, não significa a simples e estática "soma das partes". Conhecer muitos fatos não garante a apreensão da realidade. Totalidade significa a realidade dialeticamente estruturada, na qual, determinado fenômeno pode vir a ser compreendido racionalmente, caso sejam desnudadas as relações dinâmicas das determinantes envolvidas na sua estruturação.

A realidade precisa ser entendida como um todo, que se transforma e, por conseguinte, não é algo acabado e definitivo. Esta concepção da realidade implica em uma conclusão metodológica que se constitui numa postura epistemológica para a pesquisa de aspectos da realidade situados em qualquer campo do conhecimento, seja nas Ciências Naturais ou Humanas. Um conhecimento que seja crítico, busca o essencial, as relações que não aparecem à primeira vista e a visão de conjunto. Vai além das aparências e das resposta fáceis e se fundamenta no concreto, ou seja, no objeto inserido em sua rede de relações (Abramo, 1974, p.9).

A ciência, portanto, é fruto da tendência humana para procurar explicações válidas, questionar e exigir respostas convincentes diante das situações intrigantes. Conhecer profundamente e com rigor metodológico é conhecer as determinantes. Saber cientificamente é ser capaz de demonstrar as conclusões que devem se configurar aptas a explicar os fenômenos. O método científico é dinâmico pois intenta, em todas as circunstâncias, clarificar as interações latentes entre as variáveis que determinam os fenômenos estudados.

Como os fenômenos da realidade são multideterminados - há vários fatores dinamicamente em jogo - e a lógica explicativa não está nas aparências, surge a inevitável demanda pelo trabalho interdisciplinar. Esta é uma exigência metodológica para muitos objetos, mas também está claro o quanto é difícil a sua operacionalização. Roger Bastide, já em 1965, distingue dois tipos de pesquisa interdisciplinar: A pesquisa "autocrática" e a pesquisa "democrática", dependendo se há presença de uma liderança que detenha mais espaço no processo investigativo, ou se os diversos especialistas se acham em igualdade de poder e participação nas decisões (Bastide, 1965,p. 64).

Ainda no âmbito das dificuldades inerentes à concretização da interdisciplinaridade, Bastide avalia:

> *"É verdade que o ideal democrático deveria ser a norma moral da pesquisa interdisciplinar (...) mas sendo tal pesquisa feita por homens, suas paixões mesmo moralmente puras (aqueles que vêm não do desejo de dominar, mas da crença no valor da ciência que escolheram e à qual se devotaram interiormente) criam tensões e explodem em dramas de proeminência (...) se identificam de tal modo com suas teorias gerais, fruto de suas pesquisas freqüentemente longas e pacientes e penosas, que*

> *dificilmente podem suportar um ponto de vista diferente do seu. Sua verdade aparece como a verdade. Alguns têm medo de aplicar na pesquisa interdisciplinar, uma parte daquilo que se tornou um pedaço, o melhor, da sua personalidade. Os que aceitam, fazem-no por vezes dentro da idéia de que farão triunfar seu ponto de vista (...) do ponto de vista metodológico, porém, a pesquisa interdisciplinar deve findar numa conclusão coletiva"* (Bastide, 1965, p.64).

Dependendo dos objetivos da pesquisa e sua vinculação institucional, há o destaque para uma ciência, mas nunca caindo na ilusão de que sozinha, ela dará todas as respostas. Cada ciência contribui para o aclaramento do problema e jamais se poderá afirmar que uma posição é mais representativa que a outra sem cair num etnocentrismo cientificista que hierarquiza as contribuições e põe a "vitoriosa" num prisma de "superciência". É necessário transformar o objeto da pesquisa através da construção científica que dê respostas, haja visto, que todas as ciências não passam de um sistema de regras de construção que objetivam conclusões lógicas e coerentes (Bastide, 1965, p. 68).

Dialeticamente, é justamente a especificidade de cada ciência que motiva a interdisciplinaridade e, ao mesmo tempo, cria entraves para sua consecução. Mas, como a realidade é contraditória e é justamente o conflito que impulsiona a transformação, não se deve sucumbir diante dos obstáculos.

No que tange ao estudo da criminalidade urbana enquanto fenômeno histórico-social, torna-se patente a demanda por uma abordagem integradora entre várias disciplinas, que aumente as chances de entendimento dos processos envolvidos na determinação da problemática. História, Direito, Medicina, Psicologia, Economia, dentre outras ciências, precisam empreender trocas sistemáticas a nível conceitual e metodológico com o intuito de ampliar a abrangência das análises e conclusões.

II - HISTÓRIA E AS DEMAIS CIÊNCIAS HUMANAS

**"Pergunto-me se a História não acabará por ser uma mistura entre as Ciências Humanas por um lado e a literatura e o ro-
mance, as belas artes, o cinema, o o teatro e a opera, por outro. É esta ambigüidade que faz nossa fraqueza, porque jamais conseguiremos edificar uma ciência pura. Mas, também, é a nossa força, ainda que relativa porque isto talvez nos permita impormo-nos a um certo público"(...) (Le Roy Ladurie)**

O positivismo considera que as relações sociais são determinadas por leis que tem todas as características das leis naturais, ou seja, são invariáveis e independentes da vontade humana. Decorrente desta proposição, os métodos e procedimentos das Ciências Humanas deveriam ser os mesmos das Ciências Naturais, cujo maior destaque seria dado ao caráter objetivo, neutro e livre de juízos de valor do verdadeiro conhecimento cientifico.

Alem disto, no referencial teórico positivista, há supervalorização do método experimental, visto como o único capaz de dar credibilidade às pesquisas e permitir o encontro com a verdade (Lowe, 1989, p. 36).

A História não fugiu da impregnacão positivista no seu percurso de sistematização e amadurecimento enquanto Ciência. Já no século XIX havia se emancipado da Teologia e Filosofia (disciplinas especulativas), mas permaneceu influenciada pelo método cientifico das Ciências Positivas.

A medida positiva, exata e matemática era o elemento principal para subsidiar a investigação já que a História demandava uma legitimação acadêmica. A quantificação e a medição eram tentativas de controle dos fenômenos sociais, assim como nas Ciências Naturais havia o controle das variáveis em laboratório. A sociedade teria suas características analisadas e seus elementos decompostos a bem da *verdade cientifica*. A neutralidade axiológica era condição indispensável para se conhecer o real, sendo que o observador estaria de fora, impessoal, impassível e sem valorar nada, despido de sua história de vida e suas experiências.

A principal conseqüência desta abordagem foi que a História viu-se resumida a uma acúmulo de conhecimentos superpostos , com o homem afastado dos fenômenos e de si

mesmo. Os fatos eram considerados coisas e não eram interpretados ou analisados criticamente diante das interações com outros fatos ou com o contexto. Para a História factual seria suficiente descrever fatos isolados, cabendo-lhe o papel de espelho do passado objetivo. Reconstruir o passado seria como montar um quebra-cabeças, no qual cada peca seria um fato cujo caráter concreto era reafirmado pelos vestígios ou traços materiais (documentos) (Jancso, 1970, p.68,70).

História não se configura como uma ciência igual as outras. Não é passível de se ver reduzida ao paradigma das Ciências Exatas. Enquanto Ciência, não trabalha com experimentos que podem ser repetidos e verificados em laboratórios. Seus registros são sempre incompletos e invariavelmente comprometidos pela visão do autor do relato. A História pode ser definida como a Ciência dos atos humanos do passado e dos vários fatores que neles influíram, vistos na sua sucessão temporal (Besselar, 1972, p. 29).

A História é a Ciência das relações no tempo e no espaço. Busca entender, esclarecer e encontrar o sentido que encadeia os fatos e determina os resultados, pois um fato só adquire significado quando inserido numa rede ampla de relações. Um fato histórico é um conglomerado de inúmeros outros com os quais se articula e se interliga, aos quais dá sentido e dos quais extrai seu próprio sentido. O historiador se esforça na compreensão dos processos pois os fatos em si não dizem nada.

Para Nadir Domingues Mendonça,

> *"Não é suficiente para se perceber o significado do evento, que se faça uma analise de causas e efeitos factuais. É preciso ver o evento como desempenhando um papel característico dentro do todo. Importa examinar tendências que se destaquem no período que está sendo unidade de análise. Importa pois, que se perceba a contribuição do evento para o processo histórico"* . (Mendonça. 1985, p.24).

A História não se restringe à enumeração pura e simples de fatos dissociados do contexto e do processo. Ao contrario, está firmemente decidida a estabelecer correlações entre eles, e chegar a construções conceituais generalizantes. O processo histórico - conjunto das transformações ocorridas na totalidade das formações sociais - apresenta-se gradual e continuo, mas também sujeito a mudanças mais acentuadas e abruptas em determinada direção. Esses pontos de mudança correspondem às revoluções sociais que impulsionam a transição de um velho sistema para um novo. Entender os processos históricos significa conhecer o passado no seu movimento ininterrupto de transformações.

Para Le Goff, o domínio cientifico no seio da historiografia tem se renovado de modo inequívoco nas ultimas décadas, implicando na perspectiva de maximização da aproximação do pesquisador com seu objeto. Um dos processos que assinala o surgimento deste novo posicionamento no campo do saber é a interdisciplinaridade. Esta integração entre diversas disciplinas afins pode ser operacionalizada por investigações conjuntas levadas avante por pesquisadores autônomos. Entretanto, também se manifesta pelo

surgimento de ciências compostas que são capazes de unir duas vertentes do saber em uma única disciplina. Acerca disto, Le Goff afirma que varias novas ciências surgiram ,

> *"História sociológica, Demografia histórica, Antropologia histórica,(...) Psicolinguística, Etno-história. Essa interdisciplinariedade chegou a dar nascimento a ciências que transgridem fronteiras entre as Ciências Humanas e as Ciências de Natureza ou Biológicas. Matemática social, Psico-fisiologia, Etno-psiquiatria, etc..".* (Le Goff, 1990, p.26)

Corroborando Le Goff, Mandrou considera que a História implementou a renovação dos seus métodos, pois ampliou-se o dialogo com as Ciências Humanas que progrediram rapidamente, como a Economia, Sociologia, Psicologia. Segundo ele,

> *"Pouco a pouco, as ambições interdisciplinares dos inovadores tomam corpo, ultrapassam o estádio das intenções piedosas e transformam-se em verdadeiras permutas metodológicas"* (Mandrou, 1988, p.20).

Ainda segundo Mandrou,

> *"O historiador interessa-se por todas as formas de atividade humana, presente ou passada, susceptíveis de o elucidar acerca do devir humano(...) onde quer que lhe cheire a homem, o historiador reconhece sua caça. Está aberto as preocupações e as curiosidades dos especialistas que se ocupam de outras Ciências Humanas (...) O discurso do historiador, enriquecido por problemáticas mais amplas e simultaneamente, por métodos adequados para trata-los, aperfeiçoou-se nos últimos decênios. O Historiador orienta-se no sentido da investigação interdisciplinar, já não por curiosidade e simpatia pelas Ciências Humanas vizinhas, mas pela própria necessidade do dialogo".* (Mandrou, 1988, p.19-27).

Com o mesmo ponto de vista, Michel de Certeau afirma que,

> *"(...) a relação técnica existente entre a História e as outras disciplinas põe em causa o seu papel nas modificações de configuração cientifica (...) Foi considerável a sua contribuição crítica em Economia, Demografia ou Sociologia".* (Certeau, 1977, p.22).

A historiografia recusa explicações superficiais e simplistas que investem toda a fundamentação em um único fator. A realidade não pode ser apreendida em sua totalidade de modo imediato, mas apenas certos aspectos desta realidade. Dai a demanda por uma conjugação de forças, inerente à interdisciplinaridade. Em 1931, Lucien Fevre já afirmava

que os rumos da História não eram definidos pelo humor dos governos ou pelo jogo diplomático. A partir da História Nova, os caminhos teóricos e metodológicos em direção à interdisciplinaridade estavam definitivamente delineados, não sendo mais possível relegar a segundo plano esta perspectiva. (Le Goff, 1990, p.31).

Seguindo o mesmo pensamento, Ariés aponta a necessidade de se levar em conta, em paralelo às determinantes sócio-econômicas, o papel das mentalidades no comportamento do homem, dilatando o território do historiador. Passava a ser fundamental a compreensão das determinantes psicológicas e culturais para que o processo histórico se tornasse inteligível. (Ariés, 1990, p.169).

Ao se buscar uma abordagem historiográfica para o fenômeno da criminalidade urbana em Salvador, a visão interdisciplinar não pode ser perdida. O homem é um ser multideterminado, e o crime, enquanto fenómeno social e histórico, não deixa de ser também um comportamento. Quanto mais globalizante for o enfoque, maior a possibilidade de fidedignidade nas conclusões.

O objeto da História encontra-se, portanto, na intercessão com outras ciências, e para seu estudo torna-se imprescindível a investigação conjunta, o compartilhamento de métodos, técnicas e referenciais teóricos. Como diz Daraki-Mallet, para que o evento histórico seja compreendido, apresenta-se como indispensável o rompimento com a visão etnocêntrica do pesquisador, ao se pesquisar o passado levando em conta a mentalidade da época (Mallet, 1989, p.79).

O processo histôrico é dinâmico, e para sua compreensão é importante levar-se em conta globalmente tudo o que esta direta ou indiretamente contribuindo para que os acontecimentos ocorram. Mandrou diz que a cada civilização, ou em cada época numa mesma sociedade, as representações se modificam, como atestam a linguagem, os ritos, as cerimonias, os comportamentos sociais (Mandrou, 1988, p.71).

Pode-se ainda acrescentar, que em uma mesma formação social, na mesma época, dependendo da classe social e do grupo cultural a que determinado indivíduo pertença, este mesmo conjunto de representações e a visão de mundo podem divergir. Os valores e costumes mudam e contribuem muito para definir o que é normal e aceito em uma sociedade historicamente determinada. As praticas humanas, portanto, possuem sentido em uma determinada época e em um contexto cultural. Segundo Ariés, o fato do homem contemporâneo não poder mais se comportar como em outras épocas nas situações análogas ou iguais, indica precisamente que interveio uma mudança de mentalidade (Ariés, 1990, p.159).

A História das mentalidades analisa os sentimentos, o psicológico, a memória, as estruturas mentais, e vê a interligação destes com as estruturas materiais em cada sociedade, buscando a explicação mais completa para a compreensão das variáveis responsáveis pelo processo histórico. Mandrou cita March Bloch em *Apologie pour l'historie ou metier d"istoriem* para justificar o objetivo da História das Mentalidades.

> *"Os fatos históricos são por essência fatos psicológicos. O objetivo da História das Mentalidades seria (...) a reconstrução dos comportamentos, das expressões e dos silêncios que traduzem as concepções do mundo e as sensibilidades coletivas, representações e imagens, mitos e valores reconhecidos ou suportados pelos grupos ou pela sociedade global e que constituem os conteúdos da Psicologia coletiva (...) Psicologia das Mentalidades (...) , incluindo o domínio afetivo, os sentimentos e as paixões. A Psicologia Histórica deve ser reconhecida como a própria base de qualquer trabalho válido do historiador". (Mandrou, 1988, p.67,68).*

Para a historiografia é fundamental que haja um embasamento dos aspectos que motivam o homem enquanto agente histórico. A compreensão do sujeito ativo e construtor da própria História não pode prescindir da Psicologia, do entendimento dos conflitos, da relação subjetiva entre os homens, das relações sociais, das motivações inconscientes.

Duby fala das estreitas ligações existentes entre as diferentes Ciências Humanas e a História, a qual, situa-se justamente no cruzamento de todas. Segundo o autor,

> *"Penso que o historiador deve estar atento a tudo o que passa a sua volta. Atualmente, no que me diz respeito, a Antropologia é entre todas as Ciências a mais estimulante. Penso ter começado a entender melhor a sociedade medieval, depois de ter lido o que os etnólogos e etnógrafos escreveram acerca das sociedades não européias. Sigo com atenção os trabalhos de biólogos, etólogos, daqueles que procurar esclarecer as relações que existem entre o corpo, o mental e o comportamento. Interesso-me também por Psicologia e Psicanálise".*(Duby, 1989, p.13).

Interdisciplinaridade é uma opção metodológica e conceitual, partindo do pressuposto de que a compreensão histórica só pode acontecer sob uma abordagem global, e para tanto, é indispensável a união com outras ciências, não implicando entretanto, em negar as especificidade, mas ao contrario, assumí-las e tirar proveito delas após a integração.
Segundo Marotta,

> *"A História das Mentalidades é aberta a outras Ciências, sempre a serviço do homem e construindo um método cientifico objetivo (...) talvez seja a via holística da História participando deste movimento que atingiu a todas as Ciências* "(Marotta, 1991, p.48).

Em suma, este trabalho que busca compreender a evolução da criminalidade urbana na cidade de Salvador nas décadas de 60,70 e 80 sob um referencial historiográfico, não pode prescindir de levar em consideração também as contribuições significativas e

interrelacionadas de outras disciplinas. Quanto maior o lastro conceitual e metodológico na apreensão dos fenômenos criminosos urbanos, maior a possibilidade de resultados capazes de subsidiar intervenções eficientes na busca incessante de transformação das sociedades.

I I I -CIDADANIA E CRIMINALIDADE URBANA

A maioria da população da cidade do Salvador não tem tido acesso ao longo das décadas estudadas nesta pesquisa, à garantia da observância por parte do sistema, dos direitos elementares supostos na Constituição Federal.

Os atos criminosos têm crescido e mudado o seu perfil no período estudado. Entretanto, qualquer ação humana é contextualizada, e provida de um sentido. Nada na realidade humana é fortuito, gracioso ou "ironia do destino". Mesmo que o pesquisador social ou o agente histórico não tenham consciência, existem determinantes e finalidades para o comportamento humano. será aprofundado aqui, a correlação entre cultura, visão de mundo, construção de valores e comportamento transgressor.

O crime é uma transgressão, é um comportamento anti-social. Pode ser definido como qualquer ato que vá de encontro frontalmente contra tudo o que é proibido pela Lei. Pode ser considerado criminoso qualquer ato que o Estado e a sociedade pretendem coibir através dos artigos do código penal em vigor (Koenig, 1967, p. 371)

Como tudo na realidade, os conceitos e critérios para delimitação do que é crime ou não são fluidos dinâmicos. Segundo Ferreira:

> *"Que é crime e qual o seu verdadeiro conceito no Direito Penal ? As definições são várias (...) variando no seu conteúdo, bem como no tempo e no espaço. Dos crimes punidos pelas leis hebraicas, muitos deixaram de ser crime na sociedade contemporânea. O trabalho que, em tempos remotos, era considerado degradante, hoje ganhou este conceito a vadiagem, punida por lei. Chegará, talvez, a ocasião segundo o renomado Roberto Lyra, em que o crime capital no mundo superdotado, será o de possuir família numerosa enquanto noutras eras, a vergonha era não ter filhos, e que nenhum de nós poderá gabar-se de não ser considerado um criminoso nato, num estado social passado ou futuro(...) Entre nós, até 1888 na fase áurea da escravatura punia-se o negro lacaio, a vitima, e não os autênticos criminosos"(Ferreira, 1986, p.3)*

A verdade não é absoluta, mas relativa e contextualizada. Para o cientista social apreender a lógica subjacente à predominância das ações criminosas entre os marginalizados sem cair no reducionismo economicista é imprescindível que se ressalte o papel da cultura como intermediadora da interação social e dos comportamentos que são esperados numa comunidade.

As Ciências Humanas salientavam em seus estudos as diversidades culturais, mas sob a máscara de uma igualdade biológica. Caracterizava-as como etapas distintas de um só processo evolutivo social verdadeiro, liderado pela cultura ocidental.
A sociedade ocidental passou a ser considerada como um estágio que deveria ser atingido por todos os povos "não-civilizados". Partia-se da premissa de verdade absoluta em consonância com o colonialismo e o incremento capitalista em busca de novos mercados consumidores (Velho, 1978,p.3).
Partindo-se dos estudos de Guimarães Rocha, pode-se definir da seguinte forma o etnocentrismo:

> *"Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência"* (Guimarães Rocha, 1988, p.71)

No etnocentrismo há uma hierarquização e um julgamento do valor da cultura do "outro", nos termos da cultura do "eu". Os membros da classe média não conseguem "entender" come é possível um assaltante de banco ser capaz de, armado de uma escopeta, fazer o gerente como refém. Ou ainda, como um homem "prefere" roubar a trabalhar. Como é que a sua opção é por "faturar" vinte milhões em dois assaltos de vinte minutos cada, a ser assalariado perfazendo um salário mínimo por uma jornada de oito horas diárias. A sociedade, na verdade alguns dos seus membros, não compreende quais as determinantes que estão em jogo quando um menino de rua rouba a bolsa de uma senhora após rendê-la com um estilete. A sociedade está "míope", só conseguindo apreender um aspecto da realidade, justamente a que se apresenta mais perto dela. Para assimilar a verdade do "outro", que está mais distante, só se utilizar um instrumento, o "óculos", ou seja, uma postura metodológica critica e fundamentada historicamente. Para Velho, esta postura metodológica é a que:

> *"(...) busca compreender melhor as diferenças culturais em si, o que melhor caracteriza a posição antropológica é o esforço de reconstruir os critérios internos que a cultura utiliza para sua auto-reflexão* "(Velho,1978, p.4)

Geertz cita Clyde Kluckhohn para apresentar o conceito de cultura: o modo global de vida de um povo, legado social que o indivíduo adquire do seu grupo, uma forma de pensar, sentir e acreditar, uma abstração do comportamento, celeiro de aprendizagem comum,

conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes e comportamento aprendido (Gertz, 1978,p.14).

O homem é um ser social, e é no seu contexto que lhe é dado seu sentido, através das "teias de significados" que ele mesmo tece. Essas teias formam a cultura. A pesquisa etnográfica é a maneira para romper com esquemas apriorísticos, universalizantes e normatizantes na interpretação das culturas humanas. É fundamental que as diversidades sociais sejam percebidas e correlacionadas com a variação dos valores referenciais simbólicos e possibilidades comportamentais a partir da perspectiva das classes e dos grupos com seus códigos peculiares (Velho, 1978, p.4).

Romper com o "evolucionismo ingénuo" e com a postura destituidora de tudo que não seja igual ao dominante é o que se chama de relativizar. O pesquisador ou o cidadão comum, em seu dia-a-dia e em suas interações sociais está relativizando, quando vê que as verdades da vida são menos uma questão de essência das coisas e mais uma questão de posição ou ângulo de visão. O trabalho do pesquisador social deve ser o de estabelecer relações, analisando as estruturas de significação, os códigos estabelecidos, os percursos históricos e determinar sua base social (Geertz, 1978, p. 19).

Segundo Guimarães Rocha,

> *"Quando o significado de um ato é visto não na sua dimensão absoluta mas no contexto em que acontece: estamos relativizando. Quando compreendemos o "outro" nos seus valores e não nos nossos: estamos relativizando. Enfim, relativizar é (...) ver as coisas do mundo como a relação entre elas. Ver que a verdade está mais no olhar que naquilo que é olhado (...) é não transformar a diferença em hierarquia, em superiores e inferiores ou em bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferença" (G. Rocha, 1988, p.20).*

A cultura é a instância "humanizadora" que estabelece as reações comportamentais. É a "tradição viva", elaborada conscientemente e passada pela interação entre os membros do grupo, que permite demarcar determinantes peculiares às comunidades e que asseguram a ação coletiva. O aspecto cultural de uma sociedade consiste naquilo que os membros têm que saber ou acreditar, a fim de agirem de uma forma aceita pelos seus membros. A base do repasse dos valores do grupo é a interação social, no processo de socialização. Geetz e Velho concordam que a cultura tem natureza simbólica e uma estruturação sistêmica que viabiliza sua reprodução e manutenção, apresentando-se como um conjunto de regras de interpretação da realidade que permite a existência de sentido nos atos humanos. É um sistema de símbolos, organizados em diversos sub-sistemas. Tal postura evidencia a natureza social do comportamento: os símbolos são decodificados a partir de um código comum ao grupo (Da Matta, 1981, p. 48).

A cultura é organizada como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, não sendo um poder, um "ente" que determina casualmente os acontecimentos sociais, comportamentos

e processos. Na verdade, deve ser vista como o contexto dinâmico e mutável através do tempo no qual estes adquirem sentido e que sempre possui uma coerência interna e organizada de uma forma bastante específica (Geertz, 1978,p.29).

> *"Pertencer a um grupo social implica, basicamente em compartilhar um modo específico de comportar-se em relação aos outros" (Arantes, 1988, p.26).*

As diferenças, portanto, representam a forma pela qual os sujeitos dão soluções diversas a limites existenciais comuns, partindo das diferenças no seu contexto sócio-político-econômico. A diferença concretiza uma alternativa ante os problemas (G.Rocha, 1988, p.21).

As valores, a ideologia, a visão de mundo, ou seja, o código simbólico de interpretação da realidade, varia entre sociedades. Por exemplo, para o adolescente japonês, o importante é ser o 1° colocado na sua classe escolar e para tanto, é capaz de abrir mão de alguns aspectos de gratificação pessoal em função do investimento no estudo para dar a "honra" à família. O adolescente brasileiro possui outros valores preponderantes, e a "honra" familiar não está nos primeiros lugares do "ranking". Portanto, não é capaz de cometer suicídio pela "falha" ao envergonhar os honoráveis pais, como seu colega japonês.

Mas, além da diversidade cultural inter-sociedades, há especificações culturais intra-sociedades, através do tempo, e também na mesma época, dependendo da classe social, do nível sócio-econômico-cultural e de outros recortes da realidade social comum (idade, sexo, religião etc..).

Nas sociedades complexas ou heterogêneas, possuidoras de uma divisão do trabalho estruturada e de uma significativa complexidade nas forças produtivas, há a diversificação interna considerável, com uma cultura dominante ou hegemônica e uma pluralidade de modos distintos de interpretar o mundo, algumas inclusive antagônicas (Velho, 1978, p.7).

Para José Luis dos Santos,

> *"Uma das características de muitas das sociedades contemporâneas, inclusive a nossa própria, é a grande diversidade interna. A diferenciação básica decorre do fato de que a população se posiciona de modos diferentes no processo de produção (...) quando se fala sobre classe social é freqüentemente a respeito desta diferenciação que se está fazendo referência. Estas classes têm formas de viver diferentes, enfrentam problemas diferentes na sua vida"* (Santos, 1986, p51).

A criança de rua dos anos 60,70 ou 80 tinha uma grande probabilidade de ser criminoso de hoje. Já a criança que nasceu no Caminho das Árvores , tinha uma maior perspectiva de ser uma criança ajustada aos valores ideologicamente hegemônicos e um adulto integrado

ao sistema produtivo e bem sucedido economicamente no futuro. A criança de rua "aprendeu" que a sociedade é injusta, que não existe respeito por seus direitos e que a vida não vale nada, já que SUA vida não vale nada para os transeuntes, os motoristas que param os carros nas sinaleiras e os escorraçam ou os garçons dos botequins. Para sobreviver , os grupos de meninos e meninas de rua estruturam seus próprios valores e regras comportamentais, que são capazes de chocar "bons cidadãos" pouco familiarizados com a realidade deles.

Respeito, amor, ética, realização, limites, leis...são conceitos que nem sempre estão introjetados no código simbólico existencial dos meninos de rua e eles por si mesmos não são capazes de pensar sobre isto. Daí o confronto com a ordem instituída. O horizonte temporal deles é restrito e bastante concreto, limitando-se ao que vão comer no almoço do dia seguinte. Indo a uma invasão qualquer dentre as centenas que existem em Salvador e que proliferaram de forma fantástica ao longo das últimas décadas, ver-se-á uma rede de significantes que dá uma feição particular a estes aglomerados de lares sub-humanos e sem infra-estruturas básicas.

Refletindo sobre estes conceitos, Nilo Odália afirma que,

> *"(...) nos bairros em que abundam os pardieiros e favelas, a violência não pode ser escorraçada e evitada com cercas e muros. Ela é uma realidade com a qual se convive, uma realidade, uma realidade cuja proximidade e intimidade auxiliam esquecê-la. Ela é enfrentada como umas tantas calamidades que se enfrentam no cotidiano. Sobreviver aí é sofrer e produzir violência. Na favela, no cortiço, embaixo das pontes, como o isolamento é uma quimera, a única arma contra a violência é permitir que a promiscuidade e o hábito teçam uma rede de conformismo que, aqui e acolá rompida, não deixa de funcionar como uma falsa proteção. Não havendo uma solução para a violência da vida cotidiana, o remédio é integrá-la como um componente normal das relações entre os homens"* (Odália, 1985, p.12).

A angústia subjetiva da falta está associada à frustração por não possuir o que garantiria uma afirmação social. Régis Morais diz que,

> *"O consumo faz as cidades e o excesso de consumo as desfaz. Os espaços das metrópoles estão literalmente tomados por uma noção comercial de vida. É ali que se fabricam febrilmente as necessidades, é ali que os moradores se têm que render ao feitiço dos objetos, de possuir objetos. Especialistas afirmam que a objetalidade (consumo desvairado de coisas) excita a ambição e esta instala a frustração. Há os que não podem seguir o ritmo terrível do consumo, mas ao longo de sua história de vida, desenvolvem alguma possibilidade de assumir suas*

> *impossibilidades. Mas há também aqueles que não podendo acompanhar a maratona de possuir, transformam a fragilidade que suas frustrações impõem num feroz potencial de agressividade".* (Morais, 1985, p.16).

O individualismo implica em igualdade, só que uma igualdade formal, ideal, em termos de oportunidades, direitos e potencial. O indivíduo constitui o valor supremo na teoria liberal igualitária, compatível com a idéia de que a liberdade máxima de cada um é o limite para o direito do outro (Dumont, 1985, p.91).

A sociedade brasileira na qual Salvador está inserida, é individualista, competitiva e contraditória, fomentadora de um sistema de exclusão, no qual os oprimidos buscam alternativas no bojo da luta pela afirmação que faz parte da rede significante cultural dos diversos grupos sociais, étnicos ou regionais.

Na Bahia de Jorge Amado, ser pobre não era humilhação, pois todos se conheciam na comunidade. A exploração a partir dos anos 60 apresenta Salvador como uma sociedade na qual há o recrudescimento das tensões sociais. A sociedade de massas apresenta um novo espaço urbano no qual os contatos são anônimos com a perda da referência micro-social. Há a busca de novos canais de afirmação e demarcação de identidades. O crime é um deles.

A ideologia consumista estimula o consumo como meio de afirmação social, mas os que não integram o circuito, por estarem alijados dos meios de produção e alienados da riqueza produzida socialmente, têm a frustração aumentada. Para ascender socialmente, só roubando, ganhando na loto, ou dando o "golpe do baú", alternativas repassadas incansavelmente nas novelas televisivas.

A polarização das zonas de moradia iniciada na década de 60, segundo a qual "rico mora na Barra" pobre em "cajazeiras", e miserável em "Novos Alagados", quebra o vínculo integrativo inter-classes que exercia um poder de controle das tensões sociais. Além disto, a massificação quebra os patamares de classe com o achatamento social e nivelamento por baixo. Antes, todos tinham alguém que era "melhor" e outro que era "pior" para se comparar. O nivelamento por baixo eliminou os extratos intermediários de classe e desnudou as contradições sociais.

Segundo velho,

> *"Movendo-se do trabalho para a família, como membro de alguma religião, no seu lazer, participando de alguma associação ou partido político, interagindo em geral com diferentes pessoas de sua rede de relações, o habitante da grande metrópole especialmente se vê participando de códigos e valores que podem guardar pouca coerência entre si, provocando*

> *respostas e decisões muitas vezes contraditória (...) ou seja, o mapa social está longe de ser claro, e as pessoas são levadas, conscientemente ou inconscientemente, a tomar decisões que vão marcar tipos de trajetórias possíveis dentro de uma sociedade. A busca de lógica dessas decisões pode ser um dos caminhos para entender a maior ou menor eficácia dos sistemas simbólicos envolvidos".* (Velho 1978,p.10).

A rede simbólica da periferia é divergente da que se apresenta nas elites ou na classe média em processo de pauperização. Scheneider afirma que,

> *"A visão dos criminólogos ortodoxos que caracterizam a ordem social como consensual e monolítica, com uma minoria de indivíduos à margem da sociedade, veio aos poucos sendo revisada e reestruturada, até se chegar a uma posição crescentemente crítica, em que a ordem social, ao contrário, é vista como produto de uma divergência cultural, muitas vezes de natureza inarticulada e contraditória* "(Scheneider, 1978, p.57).

A visão de mundo e a angustia subjetiva que são forjadas na vivência da marginalização social retro-alimenta a possibilidade de o "margnalizado" utilizar-se da via criminosa para construção da sua identidade e consecução da sua afirmação social. O sentimento de culpa e o " constrangimento moral" que, nas classes mais favorecidas são maiores barreiras- ainda que longe de serem intransponíveis- para a ação criminosa urbana violenta (assaltos, seqüestras, furtos etc.), encontram-se bastante enfraquecidos nas classes menos favorecidas. A baixa auto-estima, o sentimento do "nada tenho a perder" e o binômio frustração + revolta, apresentam-se como um facilitadores para o ato delituoso violento e para o desprezo à vida humana.

Esta análise nada tem de preconceituosa ou hierarquizante. A comunidade periférica e sem direito à cidadania não é "inferior", mas especifica e correlacionada com sua inserção no contexto social. O fundamental é que se perceba que a raiz do problema encontra-se no todo social, na realidade com todos os seus atores. A sociedade e a cultura estão sempre em transformação pois não são entidades estáticas, mas produto e produtoras dos indivíduos. Segundo José Luis dos Santos,

> *"O fato de que as tradições de uma cultura possam ser identificáveis, não quer dizer que não tenham sua dinâmica. Nada do que é cultural pode ser estanque, porque a cultura faz parte da realidade onde a mudança é um aspecto fundamental"* (Santos, 1986, p.47).

O indivíduo não inventa a cultura, mas é através das interações e da reinvenção dos papéis sociais que a história se processa. Em meio a este curso histórico, se dá o fenômeno da criminalidade, vinculado estreitamente à estrutura sócio-político-econômico-cultural.

A criminalidade que assola a sociedade brasileira apresenta-se como uma problemática multideterminada, num complexo de fatores relacionados entre si sem nenhuma caracterização de anormalidade intrínseca biológica, psicológica ou social. Excetuando-se casos particulares, não é produto de problemas orgânicos, doença mental ou patologia social. O delinqüente está inserido num contexto cultural cuja interação sujeito X mundo pode favorecer uma resultante comportamental criminosa ou não. A determinação para o crime está concentrada na integração entre os aspectos atuantes.

IV -PSICANÁLISE E CRIMINALIDADE

A principal contribuição da Psicanálise no estudo da criminalidade urbana é demonstrar que o ato delituoso está associado à História de vida dos indivíduos e motivada pela estrutura da personalidade e pela dinâmica intra-psíquica. Tal interpretação, entretanto, não implica num reducionismo psicologista. Segundo Broadwin,

> *"A fim de compreender os padrões e problemas de comportamento, devemos procurar explica-los não em função de simples relações de causa e efeito, mas em termos de motivações. Em outras palavras, não é apenas o simples fator de um lar desfeito que pode exercer por si mesmo, um efeito nocivo sob a criança, mas é o efeito do lar destruído sobre toda a massa de fatores que desenvolve e cria a personalidade da criança e sua adaptação a vida". (Broadwin, 1970, p.66).*

Para a Psicanálise a explicação para os atos humanos não deve ser procurada unicamente na vida psíquica consciente. Os motivos mais potentes e determinantes são inconscientes e dizem respeito ao ajustamento que o indivíduo faz ante os problemas da vida. Quanto à criminalidade urbana, o que impede que a maioria da população infrinja a lei mesmo quando teria muito a ganhar ? Por que todos os assalariados com renda de um salário mínimo não largam os empregos e passam a assaltar, já que poderiam ganhar num dia dez vezes mais do que ganham num mês?

É ingenuidade achar que é o policiamento ostensivo ou que será a pena de morte. Um dos maiores fatores dinâmicos restritivos do comportamento anti-social não está no mundo externo, mas no mundo interno. É o senso da moralidade, da consciência e justiça que a maioria das pessoas possui bem estruturada que faz com que se comportem de acordo com as normas e preceitos valorizados e esperados pela sociedade. Estes são os fatores que viabilizam o comportamento social civilizado (Jaques, 115, 1973,p.61).

Este *senso interno de consciência* do que é certo ou errado é dado pelo *superego*, instância psíquica formada após a dissolução do *Complexo de Édipo*, a partir da introjeção da moral familiar e da proibição do incesto. É erigido de acordo com as relações no seio da família. As normas de conduta que antes existiam exteriormente e sob a forma de controle e repressão dos pais, tornam-se os padrões internos nas crianças que passam a controlar suas próprias atitudes.

O *superego* formado age acima do *ego*, escrutinando os pensamentos e impulsos e exercendo uma censura e um controle moralísticos. Em termos sociais, pode-se introjetar ou reter um conjunto comum de preceitos ou restrições que vão determinar o comportamento através desta identificação.

Na verdade, aprende-se a obedecer leis a partir da relação com as figuras significativas da infância que repassam estes valores para os filhos. De qualquer modo, os valores familiares são passados para os filhos na dinâmica do relacionamento (Jaques, 1973,p.65).

Para Dourado, as primeiras relações das crianças com as figuras significativas - Família - tem importância na futura adaptação à sociedade.

> *"A formação de equilibradas relações objetivas constituem a base da firme adaptação social posterior* "(Dourado, 1965, p.17).

No curso do processo de desenvolvimento psico-sexual, o amor, a atenção e a ternura maternos importam para o filho numa gratificação mais sedutora que a realização dos impulsos regidos pelo *principio do prazer* e egocêntricos. A educação e o vinculo afetivo com os pais ensinam a criança a abrir mão de certos desejos em troca de outros ganhos. Poder-se-ia dizer que uma relação amorosa, que estimule a independência e a criatividade, que permita a criança a exploração do ambiente e a sensação de segurança, que tenha bom senso para ser firme e dizer *não* na hora certa e ser flexível e dizer *sim* no momento necessário, instrumentaliza a criança a conviver consigo (seu mundo interno e seus conflitos subjetivos) e com os outros, enfrentando as agruras da vida em sociedade com seus deveres e regras contraditórias.

Um modelo de relação com a mãe bem estruturado implica numa melhor superação das frustrações do dia-a-dia, principalmente numa formação social contraditória, individualista, consumista e competitiva como a brasileira. A criança valoriza e aceita o *principio de realidade*, postergando a realização do *principio do prazer*. Segundo Dourado,

> *"Na relação mãe-filho é necessário que a genitora exerça seu poder de maneira racional sobre as necessidades instintivas do filho. Só assim poderá influir na formação do seu caráter de maneira positiva, donde a possibilidade de atos socialmente validos para seu filho no futuro"* (Dourado, 1965,p.17).

A modificação dos impulsos deve ser progressiva, paciente e paulatina. Desta maneira, viabiliza a sublimação, onde o amor e a aceitação por parte dos pais apresenta-se como o maior ganho buscado pela criança. No lar a criança adquire os ensinamentos para conter as emoções e impulsos. No lar o futuro cidadão aprende a respeitar pai, mãe, irmãos e regras familiares, transcendendo num momento seguinte para as figuras de autoridade (professores, patrões, gerentes, policiais, juizes etc.) e para as normas sociais e leis.

Os estudos psicanalíticos modernos comprovam que o criminoso e o cidadão exemplar não são distintos morfologicamente. A diferença apresenta-se na maneira como os impulsos anti-sociais - presentes em todos - são dominados. O agente criminoso concretiza no plano real os próprios impulsos inconscientes. Já o indivíduo socialmente adaptado, tem maior possibilidade de reconhecer que a realização de certos desejos

redundará em seu próprio prejuízo - material ou subjetivo - e no da comunidade. O criminoso atua o que os outros mantém a nível de fantasias.

O *ego* do criminoso possui um baixo poder integrador, incapaz de dominar o seu inconsciente. Ano consegue substituir os mecanismos neuróticos defensivos por uma conduta flexível capaz de adaptação ao meio social. No criminoso a consciência social e as repressões são fracas, mas os impulsos são intensos (Dourado, 1965,p.15).

O sentimento de culpa que advém com a transgressão de normas tácitas ou formais é fundamental para que o homem possa vir a ser um sujeito social. Todos os seres humanos vivenciam o sentimento de culpa em algum grau. Na forma mais branda, apresenta-se como a sensação de ter agido erradamente. Há algo dentro do sujeito falando e dizendo que errou. A forma mais intensa apresenta-se como uma voz interior criticando e punindo. Pode ser incessante e implacável, tomando por completo os pensamentos ou imperceptível, mas firme e constante, levando o sujeito a se auto-destruir sem se aperceber. Para atenua-la, o sujeito vê-se forçado de algum jeito a reparar a falta e obter o alivio através do julgamento interno. Patologicamente elevado ao extremo, pode deixar a pessoa degradada e deprimida, reduzindo a auto-estima, fazendo-a sentir-se merecedora de castigos severos. (Jaques, 1973, p.63).

A primeira fonte do sentimento de culpa vem na criança a partir da ambivalência amor-odio em relação as figuras significativas. Odiar a quem se ama quando há frustração é dificil de ser assumido, pois é ameaçador para a integridade do *ego*. Tanto porque a figura amada-odiada pode também odiar, mas com um poder destrutivo fantasiado pela criança como muito superior ao seu (ou seja, o ódio atrai mais ódio), como porque os valores éticos perpassados ensinam que é feio xingar ou bater nos pais, gerando conflitos afetivos.

Para Jaques,

> *"A base do interesse social reside na capacidade de culpa que resulta no conflito interno. Em virtude da culpa e do interesse, buscamos apoio externo para nossos impulsos sociais bons e construtivos. Tal apoio a ser encontrado inicialmente nos primitivos cuidados maternais, posteriormente é procurado em ambos os pais e então em professores, na lei e em outros substitutos dos pais ".(Jaques, 1973, p.80).*

Dinamicamente, pode-se perceber que a dificuldade para um desenvolvimento bio-psico-social harmonioso encontra-se na consecução de um equilíbrio entre repressão e liberdade. A excessiva severidade parental possibilita a inibição dos impulsos e a repressão pura e simples. Há o fomento ao conflito, à neurose e ao ódio. Já a permissividade inviabiliza os comportamentos sociais, facilitando a delinqüência pois não há a introjeção da necessidade de limites e da postergação dos impulsos. Os conflitos na infância e na relação com os pais implicam em dificuldade para o estabelecimento de relações interpessoais sadias e construtivas. (Dourado, 1965,p,18).

Neste quadro, é comum haver a imediata necessidade de satisfação dos desejos, a ausência de reconhecimento de quem os gratifica, a desconsidaderação com os agentes de censura e interesse afetivo restrito aos agentes de gratificação, ainda assim circunscrito as situações de ganhos reais. Em suma, há um quadro de IMATURIDADE.

De modo geral, os impulsos que levam ao crime são os mesmos existentes na criança, mas projetados na vida adulta do agente criminoso. A imaturidade é o denominador comum da delinqüência. Falta o mecanismo defensivo da sublimação e força ao *ego*. Os impulsos existem em todos os indivíduos, mas os imaturos atuam .

Segundo Dourado,

> *"O ego débil, portanto, caracteriza-se pela pobreza de sublimações e de formações reativas e desta forma, não consegue dominar os impulsos, inclusive os anti-sociais"*. (Dourado, 1965,p.23).

Portanto, o *ego* do delinqüente ainda não se apresenta apto a tornar-se independente dos impulsos. O sentimento de culpa e o *superego* são frágeis e não ajudam a discernir entre o certo e o errado, mais ou menos adaptado. O impulso de ocasião domina dentro do emaranhado de conflitos inconscientes. A Psicanálise demonstra as sutilezas e a variedade de formas com que cada indivíduo reage à massa de influencias ambientais. Rompe definitivamente com reducionismos e torna transparentes as determinantes em vários aspectos e níveis, privilegiando, entretanto, as motivações inconscientes e a dinâmica da personalidade.

Resolvendo seus conflitos neuróticos unicamente em termos dos sintomas pode-se considerar o sujeito fenomenologicamente neurótico. Os delinqüentes solucionam seus conflitos e problemas principalmente atuando-os no mundo da realidade. O crime representa uma alternativa de gratificação diante da falta subjetiva construída na relação com a família (Broadwin, 1970, p,88).

O contexto sócio-econômico em crise, castrador e opressor faz reviver situações frustrantes não resolvidas na relação edípica, recolocando em cena as ansiedades primitivas. Por isso, apesar das estatísticas indicarem que a maioria dos delinqüentes vem da população marginalizada, a maioria das crianças de tal procedência não se tornam adultos criminosos. O contexto é um fator desencadeante que, para ser eficaz, precisa ter um substrato potencial a ser desencadeado, o qual, se consolida no curso do desenvolvimento psico-sexual em constante interação com a família (Broadwin, 1970, p.86).

Para Jaques, os relacionamentos sociais sadios e leis que zelem por uma relação com menos tensão social são importantes para a saúde psicológica e para o bem-estar dos membros da sociedade, pois são capazes de reforçar os impulsos construtivos nos indivíduos e reduzir a projeção de ódio e destrutividade nos laços sociais. Leis e códigos contraditórios fomentam sua percepção como injustos e catalizam , *"as massas de culpa e*

perseguição projetadas. O efeito é que a própria sociedade ou suas lideranças são percebidas não somente como maus ou inadequados, mas como persecutórios e irremediáveis. Atitudes paranoides são reforçadas e expressas em termos de divisões políticas, preconceitos, xenofobia e em isolamento, conflito e caos". (Jaques, 1973, p.81).

A criminalidade urbana se enquadra no campo interativo sujeito X realidade concreta. As ligações entre o adulto e suas leis e comportamentos sociais estão determinados pelos processos infantis que influenciaram marcadamente a qualidade da relação do sujeito com a família, inserido numa conjuntura histórica.

A contribuição psicanalítica está em privilegiar o estudo das motivações inconscientes, cujas raízes provém das experiências da primeira infância. O *superego* é a instância psíquica mais importante na adaptação social. A educação recebida pela criança e as regras morais admitidas pelo grupo social são introjetadas pelo ser em formação, reagem sobre o seu *ego* e ulteriormente atuam como parte integrante da personalidade em desenvolvimento. A personalidade dos pais influenciará o padrão ou código ético dos filhos.

Na elaboração das relações sociais, o indivíduos são influenciados pelo grau que os conflitos e reações mais primitivas aparecem e permeiam inconscientemente as percepções e comportamentos sociais atuais. A formação caracterológica anti-social resulta, segundo a Psicanálise, de fatores dinamicamente correlacionados. Dentre eles, pode-se citar,

- Impulsos instintivos não modificados,
- Debilidade do *ego*,
- Deficiência do *superego*,
- Contexto social conflituoso

Dependendo da interação dos fatores, haverá uma estrutura psíquica constituída desde a infância que não necessariamente fará da criança um futuro delinqüente, mas condicionará uma marcante susceptibilidade para a conduta criminal ou para um estado de delinqüência latente.

A Psicanálise não nega o componente histórico-social na explicação do comportamento humano. Apenas destaca o componente motivacional inconsciente enquanto determinante estrutural que potencializa as ações humanas, inclusive as ações anti-sociais. Para Jaques,

> *"Assim é que uma sociedade sadia, como uma boa psicoterapia, ajuda a sustentar o lado sadio do comportamento humano. Enquanto criamos nossas relações sociais, também elaboramos repetidamente os primitivos conflitos, ansiedade e culpas que carregamos conosco desde o tempo de bebes é da infância".* (Jaques, 1973, p.82).

Para Fenichel,

> *"(...) Não significa que a analise de um criminoso acidental não revele nexos entre o ato e os conflitos inconscientes. Tudo que há na mente tem suas conexões inconscientes"* (Fenichel, 1981, p. 469).

O instrumental teórico-metodológico psicanalítico não pode ser desprezado na busca da compreensão fidedigna das ações humanas, ainda que, também não deva ser considerada a única via possível e suficiente para o conhecimento. A integração entre o estudo das variáveis históricas e a teoria psicanalítica permite uma maior abrangência no entendimento dos processos que atuam na criminalidade urbana.

CAPITULO 2

A EVOLUÇÃO DA CRIMINALIDADE URBANA EM SALVADOR - 1960 A 1989

I - SALVADOR NA DÉCADA DE 60

A economia da Região Metropolitana do Salvador até as primeiras décadas do século XX desenvolveu-se com base na agroindústria de exportação, com Salvador salientando-se como o núcleo administrativo, comercial, financeiro e escoador. O modelo era relativamente autônomo em relação a outras regiões do Brasil, absorvedor de mão-de-obra e capaz de promover relativa renda interna suficiente para perpetuação do sistema.

No aspecto social, apresentava um perfil de concentração de renda no qual, as condições de vida da população no que tange à infra-estrutura básica e serviços - educação, saúde etc.. - eram eminentemente precárias. Havia condições sócio-econômicas que favoreciam a permanência da população no campo, inclusive em regiões próximas da capital, não se caracterizando um estímulo significativo da conjuntura econômica à migração em busca de melhores condições de vida ou alternativas de emprego (SEPLANTEC, 1982, p.31).

Para Mattedi que pesquisou a problemática das invasões em Salvador, em função da concentração de renda gerada pelo modelo exportador, não se encontravam condições intrínsecas ao sistema econômico capazes de estimular novas atividades produtivas que possibilitassem a dinamização e "aquecimento" da economia da cidade do Salvador, cuja "vitalidade econômica" estava estritamente ligada ao comércio exterior., não se configurando uma autonomia para a superação da estagnação que se agudizava nas primeiras décadas do século XX (Mattedi, 1979, p. 64).

O setor industrial permanecia pouco significativo e a maioria da População economicamente ativa da cidade(PEA) centrava sua participação no setor terciário da economia, com baixos níveis de remuneração. Somente na década de 50, começou a tomar corpo um incremento do processo de industrialização nacional e regional, em paralelo ao decadente modelo agro-exportador. O grande fator para a retomada do dinamismo econômico da Região Metropolitana do Salvador foi o início da exploração do petróleo, especificamente, a partir da implantação da Refinaria Landulfo Alves, em Mataripe - Madre de Deus. O funcionamento da refinaria e o desenvolvimento da exploração do petróleo aceleraram o processo de desestruturação da economia agrária no

recôncavo, a qual, estagnada e utilizando-se de relações de produção atrasadas, não conseguia mais se reproduzir. O desenvolvimento dos trabalhos da Petrobrás provocou o surgimento de um conjunto diversificado de indústrias dinâmicas, a reativação do comércio e serviços em patamares mais altos, levando Salvador a poder, em curto espaço de tempo, assumir as funções de "cidade dormitório", centro de lazer e fornecedor de bens e serviços especializados . A economia urbana passou a adquirir uma maior importância e dinamismo (SEPLANTEC, 1982, p. 32).

Segundo Nentwig Silva em seu trabalho acerca da urbanização de Salvador, a implantação das atividades petrolíferas na década de 50, principalmente com a Refinaria Landulfo Alves, desde os esforços para a sua construção até sua operação (exploração, transporte e distribuição), implicaram num crescimento demográfico e metropolização de Salvador. Embora estas atividades fossem majoritariamente desenvolvidas no Recôncavo, implicaram num poderoso contingente assalariado residente principalmente na capital. Além disto, os escritórios regionais da Petrobrás e das firmas prestadoras de serviços , e as residências da maioria dos trabalhadores, muitos vindos de fora, como mão-de-obra especializada e relativamente mais exigente enquanto mercado consumidor, ficaram sediados em Salvador por falta de condições apropriadas em outras cidades de menor porte na Região Metropolitana.

Outro fator de aquecimento da economia urbana em Salvador configurou-se nas compras das empresas e dos empregados , realizadas prioritariamente em Salvador, aquecendo o setor terciário, aprimorando os serviços prestados e o bens oferecidos (Nentwig Silva, 1991, p. 70).

Mattedi corrobora este posicionamento de Nentwig Silva ao afirmar que :

> *"As atividades relacionadas à extração e refinamento do petróleo deram um novo dinamismo a Salvador. Ainda que, diretamente este tipo de atividade demandasse relativamente pouca mão-de-obra, ela foi capaz de gerar uma renda interna considerável, ao tempo em que abriu um mercado de trabalho imediato e diversificado. A implantação da Petrobrás na região abriu a possibilidade de expansão de novas indústrias complementares assim como garantiu o desenvolvimento de novas atividades relativas ao setor terciário".* (Mattedi, 1979, p.75 e 76).

Até a metade dos anos 60, o setor industrial metropolitano e mesmo estadual, limitava-se às unidades da Petrobrás, ao conjunto diversificado de indústrias dinâmicas ligadas diretamente à produção petrolífera, e a indústrias tradicionais remanescentes do parque fabril instalado ainda no século passado, em sua maioria, decadentes (Têxteis, oficinas mecânicas, alimentícias etc..). No início da década, o setor primário abrangia as maiores fontes do PIB estadual, com destaque para o cacau, que sozinho, respondia por 40% do total. Já o setor secundário contribuía com 12% do PIB. (SEPANTEC, 1982, p. 85).

Além do chamado "efeito Petrobrás", no início dos anos 50 houve outras determinantes para o crescimento urbano de Salvador. Pode-se citar a criação do BNB em 1952, a Hidroelétrica de São Francisco em 1954 e a criação da SUDENE em 1959, objetivando implantar uma política de desenvolvimento regional e integração nacional, estimulando uma política de planejamento e preparação de infra-estrutura para o "boom" industrial iniciado na segunda metade da década de 60. Foram concretizados vários mecanismos de política financeira e melhoria infra-estrutural, como bancos, estradas (asfaltamento da rodovia SSA-Feira em 60 e da Rio-Bahia em 62, extinção dos bondes em 61 etc..), dinamização dos transportes urbanos, realização das avenidas de vale e desmembramento de Salvador e Candeias, Camaçarí e Simões Filho entre 1958 e 1962. Todas estas medidas estimularam o crescimento urbano e econômico de Salvador.

Dentre todos os fatores, é importante aprofundar a discussão acerca do contexto nacional e as implicações da criação da SUDENE.

Para a reprodução do capital na economia brasileira, tornou-se imprescindível a unificação do mercado nacional e a complementaridade entre atividades produtivas e de consumo. Iniciou-se uma progressiva integração das economias urbano-regionais do estado à economia nacional, transmitindo dinamismo para o sistema sócio-econômico após 1960, o que na difusão da urbanização e no estado e na metropolização de Salvador. O dinamismo de Salvador foi ativado pelos investimento públicos federais e estaduais em obras de infra-estrutura e pela preparação para os modernos pólos industriais que seriam instalados na RMS, como o Centro Industrial de Aratu (CIA) em 1967 e o Complexo Petroquímico de Camaçarí (COPEC) no final da década de 70. A industrialização planejada imprimiu um novo ritmo desenvolvimentista à cidade e as indústrias foram atraídas por incentivos da SUDENE e do estado. Dentre estas facilidades pode-se destacar crédito oficial, subsídios, isenções fiscais e infra-estrutura (SEPLANTEC, 1982, p. 32).

A política industrial na Bahia seguiu determinadas fases. Entre 56 e 62 houve a predominância do planejamento genérico do setor, com atividades a nível de projetos específicos, principalmente de iniciativa estadual buscando criar condições para a implantação de um setor industrial equilibrado entre produção de bens de consumo e bens de capital. Entre 63 e 70, houve a ênfase no uso de recursos federais (SUDENE e Banco do Nordeste), financiadores e canalizadores de projetos e investimentos concretos para pôr em prática a política industrial, coincidindo com a implantação do CIA em 1967 (Spinola , 1983, p. 17).

A primeira metade da década de 60 caracterizou-se como um período de investimentos em infra-estrutura e em planejamento, objetivando a sedimentação da industrialização. Entretanto , a SUDENE não foi capaz de superar as disparidades entre o Sudeste e o Nordeste. Na verdade, a concentração de capitais a nível nacional era predominante no Sudeste, principal sede do parque industrial nacional.

A SUDENE coordenou investimentos estimulando a transição da economia baiana no processo de redefinição da inserção da Bahia na economia nacional. Até então, a Bahia

estava economicamente estagnada, com o governo federal se limitando a uma atuação assistencialista, com algumas obras contra a seca.

A industrialização incrementada na segunda metade da década de 60 na RMS representou uma extensão do parque industrial nacional, majoritariamente do centro-sul , e das grande empresas ali instaladas, que se inseriram na economia baiana de acordo com a lógica do processo de expansão do capitalismo industrial da economia brasileira. Portanto, a expansão industrial recente da RMS não resultou de transformações ligadas diretamente à própria economia baiana, mas em função dos interesses e decisões extra-regionais, com sua dinâmica subordinada às grandes empresas que se instalaram de acordo com suas necessidades de acumulação, havendo uma altíssima remessa de lucros para fora do estado (SEPLANTEC, 1982, p. 55).

O dinamismo industrial baiano estava intimamente vinculado à demanda nacional que exigia que a produção se especializasse em insumos. Outro fator determinante foi o incremento do setor terciário que buscou se adaptar ao novo papel de Salvador enquanto centro de intermediação (bancos, comércio, consultorias, firmas de engenharia e arquitetura etc..) (Nentwig Silva, 1991, p. 143).

Desde 1955 a industrialização representava um aspecto determinante da política de desenvolvimento da Bahia, sendo vista como a base para o processo de formação de capital. Em 1959, a participação relativa do Nordeste no valor da produção industrial nacional era de 7,8% e o Sudeste 77,4%. Em 1970, o Nordeste caiu para 6,5% e o Sudeste cresceu para 78,3%. Em 1959, a Bahia contribuía com 1,9% da produção industrial nacional e em 1970 com 1,7%, demonstrando que á revelia de um crescimento econômico absoluto da Bahia, a nível relativo, as disparidades intra-regionais recrudesceram (Spinola. , 1983, p. 43).

Em 1959, as indústrias tradicionais (têxtil, fumo, madeira, vestuário, calçados, alimentos etc..) continham 57% do valor da produção industrial da RMS e as indústrias dinâmicas (metalurgia, mecânica, comunicações, siderurgia, química etc.) , 42%. Individualmente, o setor químico contribuía com 30 % de toda a produção industrial, haja visto o peso significativo do petróleo para a economia regional.

Quanto ao emprego, a indústria tradicional era responsável por 65% das vagas oferecidas, contra 35% das indústrias dinâmicas. Entre 1959 e 1970, houve um processo de modernização do parque industrial da RMS, iniciando-se a inversão da participação da indústria dinâmica. Em 1970, este setor já liderava a taxa de absorção de mão-de-obra, com 55% contra 44% da indústria tradicional, fruto do impulso do CIA (Spinola, 1983, p. 79).

Vale a pena ressaltar que a efetividade de Salvador como pólo turístico sedimentado, com aproveitamento organizado das atrações (belezas naturais, monumentos históricos e traços culturais) para a geração de capital, não era uma realidade até a década de 70, quando se deu a inauguração da Bahiatursa, denotando a ação oficial que implantou uma política de exploração turística em Salvador (SEPLANTEC, 1982, p. 98).

Segundo Nentwig Silva, a primeira metade da década de 60 foi o período inicial de um processo no qual Salvador,

> *"Tornou-se cada vez mais dependente de uma nova base econômica - a de natureza industrial e de serviços - localizado nela mesma e em seus arredores, profundamente inserida no contexto nacional e internacional, e em contrapartida, tornou-se cada vez menos dependente da sua antiga base econômica regional, a de natureza agrária mercantil. Como corolário, foram alteradas suas relações intra-regionais, repercutindo de forma dinâmica na diversificação e ampliação da mancha urbana, com destaque para o processo de pauperização, onde coexistem aspecto modernos e arcaicos da vida urbana, com padrões diferenciados de renda e qualidade de vida em uma complexa organização socio-espacial e com expressivo comprometimento ambiental"* (Nestwig Silva, 1991, p. 79).

O segundo grande movimento propulsor da economia da RMS foi a implantação do CIA nos idos de 1967. Dentre os muitos atrativos capazes de convencer empresários a investir no incipiente parque industrial baiano podia-se destacar os vantajosos incentivos da SUDENE, o apoio total do estado e a localização privilegiada do empreendimento, numa grande área com terrenos baratos limítrofes a Salvador, Mataripe, ao porto e aeroporto, à BR 324, além de infra-estrutura completa subsidiada.

Em Salvador, o estímulo à industrialização se refletiu no aumento da urbanização, pois o incremento industrial implicou no investimento em infra-estrutura, dinamizando também outros setores e atividades urbanas. Segundo Mattedi ao analisar a questão,

> *"O rumo tomado pelo desenvolvimento do capitalismo nas sociedades periféricas tem suscitado a emergência de uma série de problemas sociais urbanos, indicadores das contradições mais amplas que se desenvolvem numa sociedade de classes"* (Mattedi, 1979, p. 8).

O processo de urbanização das grandes cidades brasileiras deveu-se muito mais ao deslocamento de grandes fluxos migratórios do que ao crescimento vegetativo da população urbana. A "inchação" da cidade do Salvador e a incapacidade dos setores produtivos absorverem o excesso de mão-de-obra disponível, configurou-se no maior problema decorrente da transformação econômica da cidade nos anos 60. As conseqüências sociais desta limitação potencializaram-se na economia de um país dependente como o Brasil, e muito contribuíram para fomentar as tensões sociais, e suas manifestações, entre elas, a criminalidade urbana.

Na Bahia a estagnação econômica de certas áreas rurais (seca, decadência produtiva etc..) ou a modernização agrícola em outras regiões , determinaram um processo de migração

para Salvador em função do seu poder para atrair contingentes populacionais à procura de melhores oportunidades. A expansão da cidade determinou o crescimento das atividades do setor terciário, o que criou um ciclo de retroalimentação do processo de urbanização desenfreada e desorganizada na cidade, atraindo migrantes cujo assentamento se dava de forma precária (Mattedi, 1979, p. 17).

Por força do "efeito Petrobrás" e do investimento em infra-estrutura para a industrialização planejada, já na primeira metade da década de 60 , Salvador tornou-se um pólo de atração para populações inteiras procedentes de cidades menores e áreas rurais do interior baiano e de outros estados do Nordeste que antes se dirigiam para o Sudeste. Consequentemente, a população de Salvador não só cresceu de modo demasiado rápido, como se tornou uma população pobre, com elevada participação de migrantes, revelando a presença de um numeroso contingente populacional marginalizado social e economicamente. Este processo estava relacionado com a estrutura nacional e o modelo desenvolvimentista, nos seus aspectos de expulsão do homem do campo e concentração de renda através da rápida industrialização, acelerando o crescimento populacional e o conseqüente processo de metropolização das grandes cidades brasileiras (SEPLANTEC, 1982, p. 42).

Ao mesmo tempo que Salvador vivenciava seu crescimento econômico, as contradições características dos processos desenvolvimentistas em moldes excludentes se intensificaram nos anos 60. Pode-se destacar os seguintes problemas inerentes ao processo de urbanização em Salvador:

- Incremento das diferenças cidade X campo, resultando em contínuo êxodo rural;
- Dependência do dinamismo do processo de industrialização a nível nacional;
- Desequilíbrio entre a metrópole e as outras cidades;
- Intenso processo de favelização e proliferação de invasões, o, que indicava os graves problemas de acesso ao terreno urbano, emprego e renda (Nentwig Silva, 1991, p. 54)

Segundo documentos da Secretaria do Planejamento , Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia, o crescimento demográfico de Salvador foi calcado no processo de urbanização iniciado após os anos 50, tendo a migração exercido uma importante influência nesta dinâmica (SEPLANTEC/CEI , 1985, p. 45).

Apesar da revitalização econômica de Salvador desde a década de 50, ainda na década de 60 a infra-estrutura não acompanhou o crescimento populacional. A relativa diversificação da estrutura ocupacional e de renda não foi suficiente para absorver a maior parte da população, multiplicando-se o estrato de baixa renda, incrementada pela migração e subemprego. Este desequilíbrio implicou no aumento da pobreza, na ocupação desordenada do solo urbano e na proliferação de sub-habitações, denotando a ausência da cidadania a uma imensa fatia da população da capital.

A intensificação do processo de urbanização em Salvador iniciada na primeira metade dos anos 60 reforçou o alargamento das diferenças de acesso à renda entre segmentos da cidade, refletindo-se no nível de vida. Estas disparidades ocorreram na cidade tanto

porque esta era a mais próspera e a maior metrópole regional, quanto por conter os maiores exemplos de acumulação de riqueza e a maior concentração de pobreza. A política de incentivo à industrialização , reforçou tendências concentradoras ao estimular o uso ostensivo do capital e ao beneficiar basicamente as grandes empresas. As contradições explicitadas determinaram a inchação da cidade, o fluxo migratório, a incapacidade de assimilação deste excedente, a marginalidade e a criminalidade. A moradia, ou seja, a situação social da habitação, era o componente essencial da urbanização e foi capaz de revelar em que condições ela se materializou em Salvador nos anos 60. Nesta década, houve um agravamento das condições de vida da população marginalizada, à medida que se incrementou o crescimento da cidade.

O agravamento dos problemas sociais decorrentes da pobreza predominante da população e da falta de oportunidades de emprego, refletiu-se na maneira como ocorreram os assentamento urbanos das comunidades de baixa renda, começando pela disponibilidade de terra urbanizada para o estabelecimento desta população numa moradia com as mínimas condições capazes de oferecer dignidade e com a dotação de serviços complementares.

A partir da "inchação" da cidade, as massas de trabalhadores subempregados e desempregados passaram a ocupar áreas distantes das opções de emprego e do centro urbano. Houve uma tensão explícita que demonstrou o conflito que se formava entre a busca da valorização dos espaços urbanos por parte das empresas e a busca por espaço para morar por parte da população de baixa renda, cada vez mais empurrada para a periferia (PM.S, 1985 , p. 12).

Este crescimento urbano evidenciado nos anos 60 provocou um aumento da demanda por infra-estrutura, serviços, habitação e mercado de trabalho em níveis superiores à capacidade local de atendimento. Como resultado, houve um destino marginal para os contingentes populacionais não absorvidos pelo mercado de trabalho. A impossibilidade de competir no mercado imobiliário determinou que desde o final da década de 40, as parcelas mais pobres da população lutassem pelo espaço, buscando soluções mais baratas. A invasão foi uma delas. (Mattedi, 1979, p. 10).

Iniciou-se uma redefinição na ocupação urbana em Salvador devido às novas atividades da cidade. Por exemplo, o centro possuía anteriormente uma função eminentemente residencial e a partir dos anos 50 passaram a predominar atividades ligadas à administração, comércio e finanças. A conseqüência quase automática desta mudança, foi a expulsão da população residente na área, em direção a novos espaços da periferia ao final da década de 60.

Um novo quadro começou a se apresentar na cidade: as camadas de maior renda concentraram-se espacialmente mais próximas ao centro e aumentou a ocupação por parte da camada mais pobre em zonas sem infra-estrutura. Recrudesceram as tensões sociais e a especulação imobiliária, instalando-se uma crise habitacional que atingiu também a classe média. Esta entretanto, resolveu logo seu problema, com o aquecimento do lançamento de novos empreendimentos .

Na década de 60 surgiram muitos bairros para as classes favorecidas, mas também houve o aparecimento "explosivo" de invasões de terrenos abandonados pertencentes tanto aos poderes públicos quanto a particulares. Para as classes altas, houve o reequilíbrio entre oferta e procura, mas as classes populares permaneceram estruturalmente imersas numa crise habitacional . Apesar do aumento da oferta de emprego industrial e do aquecimento do setor terciário em Salvador, muitas atividades ligadas ao subemprego permaneceram sendo a principal fonte de sobrevivência para a maior parcela da população marginalizada da cidade. Grande parte da força de trabalho, cerca de 2/3 não se encontrava vinculada às atividades mais dinâmicas da economia, quer fossem industriais ou comerciais. Este contingente permanecia vinculado, principalmente, a atividades terciárias mais tradicionais, de baixa remuneração e pouca qualificação (biscates, prestação de serviços etc..) (Spinola, 1983, p.145).

A mão-de-obra diretamente empregada na indústria não era em níveis absolutos, significativa nos anos 60. Em 1960, apenas 26,2% dos empregos estavam ligados à indústria, contra 68,2% do setor terciário. A metropolização de Salvador decorreu do aquecimento do terciário, como subproduto da industrialização. A estrutura ocupacional da cidade predominava nos setores não industriais. A industrialização significou um problema social que por ela mesma, não havia solução.

No que diz respeito à renda, dados da Fundação Getúlio Vargas e do CONDER indicam que no período de forte impacto na economia municipal decorrente do impulso da Petrobrás os níveis de remuneração eram eminentemente baixos para a maioria da população . Em 1962, a faixa da população com rendimentos entre 1 e 2 Salários mínimos (SM) era de 33,8%. A faixa entre 2 e 3 SM era de 14,5% e entre 3 e 5 SM era 15,1%. A faxina até 1 SM eqüivalia a 7%, mais do que a faixa mais alta, 12 SM, que eqüivalia a 6,1%. No conjunto, a faixa de manos de 1 SM até 5 SM englobava um percentual correspondente a 70,4% da PEA.

Em 1971, os valores são diferentes, indicando uma brutal concentração de renda. A faixa até 1 SM saltou para 16,2% do total e a faixa de mais de 12 SM aumentou apenas para 9,1%. As faixas intermediárias tiveram seus pontos percentuais desviados para o extremo pobre da pirâmide de renda. O crescimento demográfico de Salvador realizou-se paralelamente com o decréscimo da renda auferida com o trabalho.

Na década de 60, houve um aumento da participação da PEA no mercado informal, com baixo poder aquisitivo e aumento da densidade da ocupação de terras mais ou menos disponíveis no interior da mancha urbana da cidade, estimulando as pressões sociais para a abertura de frentes de assentamento precárias, tanto pela gradual degradação dos imóveis de baixa renda, quanto pelo surgimento de novas invasões (PMS, 1985, p. 23).

A cidade cresceu, se modernizou e vevenciou modificações definitivas. Entretanto, grande parte da suas população permaneceu pobre e teve suas condições de vida em crescente deterioração, entre outras razões, devido à política de compressão salarial e pelo alijamento do mercado de trabalho.

As invasões indicam a existência de uma parcela da população urbana sem acesso a uma renda mínima capaz de garantir a sua participação no mercado capitalista de bens e serviços. Entre eles, a habitação, haja visto, serem os estratos de menor remuneração do proletariado urbano os componentes do contingente de moradores das invasões. Houve um empobrecimento gradativo dos trabalhadores urbanos, levando a uma mobilidade social decrescente e a uma deterioração da qualidade de vida na cidade.

Pode-se considerar que a cidade do Salvador ao longo dos anos 60 tornou-se irreversivelmente uma metrópole regional cuja economia estava em franco processo de crescimento econômico e revitalização patrocinado pelo Estado. Entretanto, enfrentava uma série de problemas sociais decorrentes do caráter contraditório desta expansão. Dentre estas mazelas sociais, pode-se destacar a atração de um grande fluxo migratório, o crescimento desordenado, o aumento do número de invasões, a incapacidade de absorção de toda a população apta a ingressar no mercado de trabalho, a pauperização da maioria da população e a marginalização social.

II- A CRIMINALIDADE NA DÉCADA DE 60;

Observadores menos avisados e pouco afeitos a investigação científica, poderiam avaliar, de forma apriorística e sob influência da sensação de ameaça que tem assolado a sociedade nos últimos anos em função da escalada da violência, que os anos 60 foram marcados pela tranqüilidade e pouca preocupação com a criminalidade urbana na cidade se comparados aos dias atuais. Ledo engano. Desde os anos 60 que Salvador já tinha - e muito - com o que se preocupar no que tange à segurança pública. Este editorial do jornal A Tarde, datado de 5 de abril de 1960 ,apresenta claramente a problemática no inicio da década:

" CIDADE BANG BANG"

> *" Essa onda de assaltos, agressões e atropelos que se abate sobre nossa capital leva-nos a considerações pouco lisonjeiras a respeito da atuação da policia baiana.*
> *Há algum tempo, nesse mesmo local tratamos da impotência da policia para reprimir os roubos, analisando os fatos à luz de elementos registrados no departamento competente (ou incompetente?). As estatísticas mostravam para o mês de janeiro do ano em curso, uma estreia pouco promissora para as autoridades e muito promissoras para os gatunos. Quase quatro milhões de cruzeiros de furtos, cerca de duzentas queixas apresentadas. Apenas 48% dos casos mereceram solução por parte da policia.*
> *Índice tão alarmante, criava em todos a suspeita de que as autoridades redobrariam seus esforços no sentido de conter a avalanche de assaltos tranqüilizando os baianos.*
> *O que está ocorrendo parece exatamente o inverso. Encerrado o mês de março, os números se revelam mais inquietantes enquanto os malandros exibem mais desenvoltura e mais audácia , conseqüência natural da falta de repressão.*
> *Quase cinco milhões de cruzeiros foram roubados apenas em Salvador no mês hora findo. Este o produto de 222 roubo das mais diversas modalidades sobre os quais a policia conseguiu dar solução em pouco mais de 25%.*
> *Foram 79 arrombamentos de casas comerciais, 38 entradas em residências, 32 estelionatos, 16 contos do vigário, 18 roubos de autos, 20 roubos comuns e 32 furtos levados a efeito por falsas empregadas domésticas (...) (...) Tais algarismos são impressionantes. Dizem-nos que quase 8 roubos se realizaram por dia em nossa capital durante o mês de março, média que não fica muito distante das do primeiro bimestre deste ano. Dizem-no*

> *mais , que as famílias baianas estão expostas a toda sorte de vexames diante da incúria policial , pois embora anuncie a introdução de métodos modernos na repressão ao crime, cada vez se afunda mais na indiferença (...) (...) Será que se está pretendendo ver a cidade do Salvador transformada em cidade do "farwest" americano do século passado, onde cada qual deveria cuidar de si e de sua família pois todos eram vitimas em potencial? Isso é muito bonito em filme, na realidade não"* (A TARDE, 5.4.60 , p.2).

O texto permite pelo menos quatro considerações iniciais.

1) Demonstra que a criminalidade encontrava-se num ritmo crescente já no inicio dos anos sessenta,

2) Apresenta a sociedade descrente no trabalho do Estado para conter a escalada da criminalidade,

3) Põe em evidencia o pavor da sociedade diante dos crimes contra o patrimônio ,

4) Demonstra que neste período a criminalidade - que assustava e não era considerada pouco significativa, mas sim, descontrolada - não possuía uma característica violenta. *"Tais algarismos , impressionantes"* segundo o editorial e que eram capazes de deixar as *"famílias baianas expostas a toda sorte de vexames"* estavam vinculados a arrombamentos, estelionatos, contos e furtos de empregadas; cujos procedimentos não eram violentos.

Partindo-se dos dados coletados junto ao Conselho Penitenciário, tem-se o seguinte perfil de ocorrências criminais na década de 60, apresentados na tabela 1.

TABELA 1

Perfil da criminalidade urbana em Salvador nos anos 60 - Tipos de crime de maior ocorrência

CRIME		%
1. Apropriação indébita	-	0,29 %
2. Assalto-roubo	-	3,8 %
3. Atropelo	-	0,29 %
4. Estelionato	-	1,78 %
5. Estupro	-	3,8 %
6. Extorsão	-	0,59 %
7. Furto	-	15,17 %
8. Homicídio	-	41,66 %
9. Latrocínio	-	1,48 %
10. Lesões Corporais	-	5,35 %
11. Receptação	-	0,59 %
12. Sedução	-	2,38 %
13. Subversão	-	0,29 %
14. Tent. De furto	-	8,63 %
15. Tent. De homicídio	-	1,78 %
16. Trafico	-	8,63 %

FONTE . Arquivos do Conselho Penitenciário/ Sec. da Justiça e Direitos Humanos do Estado da Bahia - Crimes cometidos entre 1960 e 1969. Analise de processos penais.

O crime que possuiu maior prevalência foi o homicídio, com 41,66% do total pesquisado, seguido pelo furto com 15,17% , tentativa de furto com 8,63% e tráfico de drogas com os mesmos 8,63%.
Agrupando-se os crimes quanto a sua natureza e classificação, tem-se os seguintes dados apresentados na tabela 2.

TABELA 2

Classificacao dos crimes cometidos nos anos 60 em Salvador - Tipos de crimes de maior ocorrência

1. Pessoa	-	49,10 %
2. Patrimônio	-	32,44 %
3. Sexual	-	9,52 %
4. Drogas	-	8,6 %
5. Outros	-	0,29 %

FONTE . Idem tabela 1

Pode-se perceber a maior incidência de crimes contra pessoa nesta década com 49,10% do total seguido pelos crimes contra o patrimônio e os seus 32,44%. Comparando-se os resultados do conselho penitenciário com os dados coletados na pesquisa junto ao jornal A Tarde, tem-se uma modificação das primeiras posições. Analisando-se 1036 matérias das páginas policiais no jornal, tem-se a seguinte configuração apresentada na tabela 3. O item de maior incidência isolada é o de lesões corporais/ desordens com 23,7%, seguidos dos furtos com 21,4% e do homicídio com 17,7%.

TABELA 3

Perfil da criminalidade urbana em Salvador nos anos 60 - Tipos de crimes de maior ocorrência

1. Arrombamento de residência	-	10,2 %
2. Arrombamento casa comercial	-	3,8 %
3. Assalto-roubo	-	3,8 %
4. Contos (Vigário, paco etc.)	-	2,7 %
5. Contrabando	-	0,5 %
6. Estelionato	-	2 %
7. Furto	-	21,4 %
8. Furto de veículos	-	4,4 %
9. Latrocínio	-	0,2 %
10.Extorsão	-	0,09 %
11.Arrombamento de veículos	-	1,9 %
12.Homicídio	-	17,7 %
13.Lesões corporais-desordens	-	23,7 %
14.Rapto	-	0,5 %
15.Trafico	-	0,5 %
16.Uso de drogas	-	1 %

FONTE . Jornal A Tarde entre 1960 e 1969 - 1.036 matérias das Paginas Policiais.

TABELA 4

Classificação dos crimes de maior incidência em Salvador

1. Patrimônio	-	50,99 %
2. Pessoa	-	41,9 %
3. Sexual	-	1 %
4. Contravenção	-	1 %
5. Drogas	-	1,5 %
6. Outros	-	2,49 %

FONTE . Jornal A Tarde entre 1960 e 1969 - 1.036 Matérias das Paginas Policiais.

Quanto à classificação dos crimes obteve-se o perfil que é apresentado na tabela 4. É bastante significativo observar que na década de 60 a maioria das condenações diziam respeito aos crimes contra pessoa, enquanto que o jornal , representante do imaginário social, veiculou mais informações acerca dos crimes contra o patrimônio.

Os três tipos de crime de maior incidência no Conselho Penitenciário e que corresponderam a 65,37% do total são o homicídio, furto e a tentativa de furto .Os quatro grupos de crimes que obtiveram maior destaque no jornal, correspondendo a 73% do total das matérias veiculadas, foram as lesões corporais/desordens, homicídio, furto e arrombamento de residência.

O Sistema Judiciário baiano foi muito mais severo na década de 60 com os criminosos contra a pessoa. Os homicídios predominam nos arquivos em proporções significativamente maiores. Pode-se inferir ao se analisar as tabelas acima, que o jornal configura-se numa uma fonte que tem melhor capacidade de mostrar uma visão panorâmica do perfil das ocorrências criminais. Os arquivos do Conselho Penitenciário evidenciam a ação do aparelho repressor da sociedade. Nos anos 60, houve muito mais registros na mídia de Lesões Corporais, desordens, brigas, homicídios e tentativa de homicídios, do que furtos e assaltos a mão armada. Os tipos de crimes contra o patrimônio de maior incidência eram *ingênuos* e estruturalmente dissociados de violência.

A) O perfil dos homicídios

Os homicídios nos anos 60 se caracterizavam pela passionalidade. Homicídios de outra ordem tal como crime de mando ou latrocínio por exemplo, foram pouco encontrados na crônica policial. A seguinte matéria do jornal A Tarde datada de 02-08-60 pode ajudar a ilustrar esta realidade:

> *"Dono de ônibus assassinou chofer com 5 tiros. Brutal cena de sangue abalou o centro da cidade esta manhã.*
> *Mais um crime brutal cometido em pleno coração da cidade, o da manhã de hoje. O proprietário de uma empresa de ônibus, desavendo-se com um motorista seu ex- empregado, abateu-o a tiros na Praça da Sé. O acontecimento é chocante. Depois de uma série sangrenta que parecia estar colocando a cidade do Salvador ao nível das cidades pioneiras do "farwest", um período de relativa calma deu a todos a impressão de que havia passado a crise de loucura assassina. O fato de hoje todavia, desmente estas esperanças"* (A Tarde, 2.8.60, p.17).

Esse mesmo crime foi considerado pelo jornal em 1-12-60 como o destaque policial do ano por ter impressionado a opinião pública. Segundo o jornal,

> *"Fatos que mais despertaram a opinião pública da Bahia.*

> *Fatos policiais: A crônica policial este ano que passou registrou diariamente fatos que abalaram a opinião pública. O crime da Ppraça da Sé, em que perdeu a vida o motorista Osvaldo dos Santos, foi sem dúvida, o que mais abalou, dado os requintes de perversidade como foi praticado. Enfim, o Estado da Bahia viveu no ano de 1960, momentos dramáticos de alegria e tristeza* (A Tarde, 1.12.60, p.16).

Percebe-se que no ano de 1960 o destaque na área da criminalidade urbana foi um homicídio de cunho passional, responsável pelos *"abalos"* , *"momentos dramáticos"* e *"tristezas"* da sociedade baiana. Aí está a demonstração de como os homicidios eram capazes de mobilizar uma sociedade.

Outro exemplo do perfil do homicídio na década é encontrado no mesmo jornal em 6-4-60 :

> *"Terminou em sangue conflito amoroso.*
> *Violenta cena de sangue ocorreu ontem na Ribeira de Itapagipe, por culpa exclusiva da falta de policiamento que é total naquele bairro, hoje, inteiramente entregue aos malfeitores que ali estabeleceram o quartel general.*
> *O crime teve como protagonistas dois açougueiros que disputavam o amor de uma domestica . Ontem a velha questão foi resolvida a tiros e facadas sem que aparecesse um único preposto policial para solucionar o caso"* (A Tarde 1.12.60. p.14).

O Homicídio neste período era uma expressão das angustias e tensões subjetivas dos protagonistas. Matava-se como forma de canalizar os sentimentos auto-destrutivos para um objeto externo. Segundo a Psicanálise, auxiliando a analise histórica da criminalidade, os dois malfeitores, açougueiros (provavelmente de tendências psicológicas agressivas, as quais seriam sublimadas nas atividades profissionais - retalhe de carnes, contato com sangue etc...), de muita familiaridade com facas afiadas, extravasaram suas frustrações num jogo macabro de vida ou morte, na disputa pelo amor de uma mulher. Típico crime passional, sem cunho material, característico do período estudado.

Pode-se apresentar outros artigos de jornal que representam o perfil do homicídio nos anos 60:

> *"Pedreiro matou mulher e sogra: Nove facadas . Nove golpes de faca foi o total que o servente e pedreiro Ermito Santos de 28 anos aplicou para cometer o duplo assassinato, esfaqueando 6 vezes sua ex- esposa (...) de 19 anos, e três vezes sua sogra (...) Há tempos "Milton" abandonou os estudos e vinha insistindo que Lúcia fizesse o mesmo, mas ela continuava (...) se aborreceu com a esposa por ter ido ela a escola e retornando num domingo*

deixou para ontem pela manhã fazer nova reclamação" (A Tarde, 2.8.60, p.17).

Este crime teve como desdobramento o suicídio do homicida, conforme dados coletados no jornal A Tarde de 16-7-68.

> *"O menino "Zezinho" de 12 anos foi quem descobriu pendurado pelo pescoço o corpo do criminoso de morte Ermito dos Santos, vulgo "Milton" que no dia 8 do corrente à noite assassinou a esposa e a sogra"* (A Tarde, 16.7.68, p.15).

Pode-se portanto, categorizar o homicídio predominante nos anos 60 , como associado a conflitos interpessoais e discussões, tendo como resultante um comportamento passional desajustado, que na maioria das vezes resultava na desestruturação da vida do homicida.

Dos dados coletados junto ao Jornal A Tarde, 37,73% dos homicídios estavam associados a discussões e brigas; 30,18% foram efetuados entre parceiros sexuais; 11,32% entre parentes; 9,43% foram cometidos por PMs contra inocentes; 3,77% entre homens que disputavam mulheres; 3,77% resultante de problemas com dividas e apostas; 1,88% relativos a crimes de mandos e outros e 1,88% relativo a acidentes com arma de fogo e 5,6 % vinculados a latrocínio.

Não por acaso, segundo fontes do Conselho Penitenciário, 85,71% dos homicidas eram primários, ou seja, não haviam sido condenados anteriormente por nenhum outro crime, enquanto que nos crimes contra o patrimônio, apenas 55,96% eram primários , denotando uma maior "profissionalização" criminosa neste último grupo de delitos.

B)Perfil das lesões corporais/desordens:

As lesões corporais, desordens, brigas de rua e arruaças foram responsáveis juntos por 23,7% das ocorrências da época segundo o jornal A Tarde. Estavam associados a brigas entre marido e mulher, disputas entre vizinhos, brigas de bar regradas a bebidas e grupos de jovens que, sem objetivo de assaltar, ameaçavam pessoas por puro prazer. Tem-se alguns exemplos ilustrativos destas praticas delituosas:

> *"Ladeira do inferno. Dizer que a ladeira do inferno é um inferno pode parecer falta de imaginação, mas é verdade. Assim como dizer-se que a cidade está sem policiamento não é novidade (...) O pior é uma onda de moleques que fizeram dali o seu quartel general, embora bem perto da segunda delegacia. Apedrejam, xingam, cospem, quebram tudo, ameaçam vidas etc (...) Vê-se que a ladeira do inferno é um exemplo que ilustra nossa cidade que de tão despoliciada já está uma verdadeira cidade do inferno, cheia de marginais que destratam e até põem em perigo toda a*

população que vive em permanente alarme" (A Tarde, 17.3.60, p.14).

Ainda em 1960 , no jornal A Tarde de 2-04, encontrou-se a a seguinte matéria sobre lesões corporais:

> *"Florianita Baiano dos Reis viveu muito bem com João Barbosa durante um ano. Até ai tudo parecia flores. Mas um dia, acabou a lua de mel e vieram as rusgas que atingiram um ponto insuportável. Florianita resolveu abandonar João com o que este não concordou, aplicando-lhe uma grande surra"* (A Tarde, 2.4.60, p.16).

Outro exemplo de arruaças de grupos de desordeiros e desocupados que se proliferavam em Salvador e comprometiam a qualidade de vida da população, mas cujas ações não estavam associadas à criminalidade contra o patrimônio, pode ser visto na matéria do jornal A Tarde de 22.11.68.

> *"A molequeira alastra-se. Damos abaixo uma serie de reclamações contra molecagem que impera em diversas zonas e ruas da cidade para conhecimento das autoridades (...) No Tororó, elementos desocupados infestam as vias publicas na base de palavras pornográficas e insultos pessoais a senhoras e pessoas idosas (...)"* (A Tarde, 22.11.68, p. 6).

Na década de 60, este tipo de contravenção e comportamento anti-social era muito freqüente, tendo mais destaque nos jornais do que o homicídio, furto ou arrombamento, por exemplo. Sua importância para a sociedade pode se medida pela percentagem de condenados à prisão - 5,35% do total na amostragem da década de 60 - mais do que assalto, estelionato e roubo juntos. Para se ter uma idéia, na década de 80, a percentagem de condenados por lesões corporais/desordens decai para 1,39% e a de assalto, estelionato e roubo sobem para astronômicos 37,64%.

Salvador nos anos 60, era efetivamente uma cidade com muitos problemas socio-economicos. Os marginalizados sociais aumentavam sua proporção no contingente populacional geometricamente. Nesta camada social a criminalidade associada a falta de perspectiva existencial, estrangulamento do horizonte temporal e carências materiais - ou seja, ausência de vivência plena da cidadania - estava num ritmo ascendente. Mas , sua expressão ainda permanecia preponderantemente ligada a conflitos interpessoais. O primeiro estagio da explosão de sintomas sociais diante das crises e contradições da estrutura econômica no pais - e seus reflexos em Salvador - dizia respeito a crimes cujo objeto era o homem. Tinha-se o homem, vitima da sociedade estruturada pelo próprio homem.

C) O Perfil dos crimes contra o patrimônio

A população de Salvador nos anos 60 já se sentia desprotegida diante da criminalidade crescente, cuja maior incidência - no que diz respeito ao patrimônio - estava circunscrita aos furtos, arrombamentos, contos e estelionatos (responsáveis juntos por 40% dos crimes do período). Levando-se em consideração como principal fonte o Jornal A Tarde, roubos/assaltos eram raros, e sua ocorrência, estritamente associada à violência, era motivo de revolta e medo na população.

A seguir, algumas matérias do jornal A Tarde que permitem um estudo acerca destes dados:

> *"O Perigoso arrombador conhecido pelo vulgo de "peito de moça", autor de uma série de furtos nesta capital conseguiu ludibriar a vigilância do Hospital Juliano Moreira e evadir-se do referido Manicômio, reiniciando suas atividades nefastas"* (A Tarde, 5.4.60, p. 16).

> *"Pelo investigador Abelardo Lemos da Delegacia de roubos e furtos, foi preso ontem o perigoso larápio conhecido pelo vulgo de "capitão Branco", elemento terrivelmente perigoso, sendo sua especialidade o arrombamento de cofres"* (A Tarde, 9.4.60, p.14).

É interessante que nestes artigos o adjetivo *"perigoso"* é muito utilizado e associado á prática de arrombamentos, um crime de alta incidência no período e efetivamente dissociado da violência, já que se caracteriza por furtar na ausência do dono dos bens materiais, diferentemente do roubo, que se caracteriza por "tomar de assalto", com o uso da força se necessário, um objeto de outra pessoa.

Outras matérias do jornal, expõem o caráter ingênuo e pouco violento - embora ameaçador para a população de Salvador na época - da criminalidade urbana na década de 60.

> *"Viajando de ônibus, na parte baixa da cidade, Antenor Correia de Jesus foi furtado em dez mil e oitocentos cruzeiros. O batedor de carteira valeu-se da confusão dentro do veiculo que trafegava super lotado"* (A Tarde, 02-04-60, p.13).

> *"Roubos continuam alarmando a cidade: polícia diz que não tem viaturas suficientes.*
> *A policia tem se mostrado impotente para conter a onda de furtos que dia a dia aumenta, intranquilizando a população"* (A Tarde, 02-04-60, p.17).

> *"Furtos e assaltos inquietam a população da capital.*
> *Continua a onda de furtos que intranquilizam a cidade sem que a policia possa reprimi-la(...) a zona da Massaranduba se viu em polvorosa quando uma quadrilha de ladrões ali agiu. Várias residências foram visitadas pelos amigos do alheio"* (A Tarde, 26-04-60, p.12).

> *"Presente de ano bom da policia: soltou os ladrões na cidade.*
> (...) *Arrombamentos, lances, entradas e diversos tipos de roubos estão marcando o inicio de 62, deixando a cidade num clima de insegurança. Hoje é o quarto dia e já estão registrados mais de 30 queixas na Delegacia de Furtos e Roubos"* (A Tarde 04-01-62, p.14).

Torna-se interessante observar o grande espaço ocupado nos jornais da época por crimes que nos dias atuais seriam considerados comuns e bobos se comparados com a criminalidade predominante. Soa hilário, pensar num artigo do teor acima, editado num jornal de ontem.

Quanto aos assaltos, era comum que os jornais se referissem com dramaticidade e sensacionalismo diante de sua ocorrência, denotando o incomodo que essa modalidade de delito gerava. No que diz respeito a sua incidência, segundo fontes do Conselho Penitenciário os assaltos a mão armada representaram 3,8% do total de crimes. Nos anos 80 a participação dos assaltos no cômputo global da criminalidade salta para 35,74%.

Abaixo, alguns exemplos de como o jornal A Tarde apresentava aos seus leitores as ocorrências de assaltos, muito longe dos requintes de violência que passa a caracterizar os anos 80.

> *"Assaltada em plena luz do dia uma joalheira no centro da cidade.*
> *Audacioso roubo verificou-se na Joalheria brilhante instalada na Av. Sete de Setembro, nº49 São Pedro. O fato ocorreu na manhã de ontem quando o larapio levou dois relógios calendário automático e uma pulseira, objetos avaliados em mais de dez mil cruzeiros. O empregado do estabelecimentos comercial, senhor Carlos Analecto estava atendendo um freguês quando este se apoderando dos citados objetos saiu correndo tomando a rua Joaquim Nabuco"* (A Tarde 12-04-60, p. 16).

> *"Casa de relógios foi furtada em plena luz do dia.*
> (...) *O fato ocorreu às 9:30 do sábado quando o larapio (...) entrou no estabelecimento comercial e no momento em que ajustava o preço de um relógio aplicou uma bofetada no*

proprietário e saiu correndo com a mercadoria" (A Tarde 10-10-62, p.13).

"Fatos policiais.
Em menos de oito dias, ocorreu o segundo assalto na Pituba. Desta vez foi a residência do tenente da aeronáutica Ademir Medeiros, situada na rua Camorujipe nº 7 onde o larapio penetrou pela porta dos fundos " (A Tarde 08-10-64, p.12).

Na matéria a seguir, datada de 07-05-62 do jornal A Tarde, fica bem claro como os assaltos não faziam parte do cotidiano da criminalidade urbana em Salvador. Fato raro, representava o extremo que ainda não chegara a se constituir no quadro hegemônico ao nível da criminalidade urbana:

"Blitz dos gatunos contra a população.
A liberdade que a colônia Pedra Preta vem concedendo aos gatunos ali recolhidos, tem causado uma alarmante onda de roubos pela cidade, sendo inúmeras as queixas de vitimas de arrombamentos, lances e até mesmo assaltos, em sua maioria, na zona considerada central" (A Tarde 7.5.62, p.11).

Outras matérias sobre assaltos demonstram que , mesmo com a presença de violência explicita ou potencial no ato delituoso, qualitativamente, estes crimes ainda não atingiam os altos níveis que viriam mais tarde:

"Esperava o noivo e foi agredida.
Agredida na rua do formiga em São Caetano, disse que enquanto esperava seu noivo Agostinho, foi agredida a socos e pontapés ao tempo que o citado indivíduo tentou furtá-la danificando a sua bolsa" (A Tarde 22-11-61, p.13).

Pode-se caracterizar o assalto em Salvador da seguinte forma .

a) Pouco freqüente (3,8 % do total de crimes, tanto no levantamento efetuado junto ao jornal A Tarde quanto no Conselho Penitenciário),

b) Dissociado da violência explicita, extrema e descontrolada, características dos anos posteriores. O assalto a mão armada era exceção entre os crimes na cidade.

Uma outra prática criminosa, típica dos anos 60 era o "suadouro". Este crime, característico do baixo meretrício consistia no furto ou roubo de objetos/dinheiro de fregueses de prostitutas, na maioria das vezes com a ajuda de cúmplices. A crônica policial da época se refere muito a esta modalidade criminosa, que dependendo do contexto tem maior ou menor nível de violência. A seguinte matéria retirada do jornal A Tarde de 15-01-68 apresenta um exemplo representativo deste crime.

> *"Apanhador de papel perde feria ao sofrer bloqueio. Algumas mundanas do baixo meretrício, notadamente da Rua do Julião, constantemente aplicavam a modalidade de que na gíria tem a denominação de suadouro e consiste em atrair o que elas chamam de otários para encontros amorosos e deles furtar a carteira de cédulas, contando sempre com a parceria de outra mundana ou de um malandro. Ultimamente porem, duas costumeiras na pratica do suadouro foram autuadas em flagrante por vadiagem e recolhidas a Casa de Detenção e dai por diante diminuiu consideravelmente a tal modalidade de furto (...) o modo como o otário tira a carteira ou maço de dinheiro é o bastante para a mulher ver se vale a pena (...) Em poucos segundos começam a surgir no corredor uma ou duas mundanas e o cúmplice, quase sempre rufião. Começam a bloquear o otário e lhe surrupiam a sanfona ou o pacote de dinheiro e quando o otário deixa transparecer um pouco de precaução o caso muda de figura e a turma do bloqueio parte para a mão grande (pegar o dinheiro a força) (...)"* (A Tarde, 15.1.68, p. 16).

O *suadouro* era uma pratica delituosa característica das camadas populares. O grau de violência utilizada era mínima comparada com os dias atuais e com outros crimes contra o patrimônio. O artigo se refere a *mão grande* e não a escopeta ou AR-15 . Alem disto, a violência era a ultima opção, utilizada apenas quando a vitima reagia.

I I - Perfil do agente criminoso na década de 60

CARACTERÍSTICAS SOCIAIS

A) Cor :

A tabela 5 ilustra a correlação entre a cor e os crimes, baseados nos dados coletados junto ao Conselho Penitenciário.

TABELA 5

Cor dos agentes criminosos

Década de 60	desconhecido	negro	pardo	branco
Incidência	24,10%	18,75%	47,02%	10,11%

FONTE . Arquivo do Conselho Penitenciário (ACP) - Processos penais arquivados de crimes cometidos entre 1960 e 1969

Levando-se em consideração para analise a proporcionalidade relativa entre os criminosos cuja variável "cor" era conhecida, tem-se :

TABELA 6

Cor dos agentes criminosos - Processos cuja variável era conhecida

Década de 60	Negro	pardo	branco
Incidência	24,7%	61,96%	13,33%

FONTE . ACP - 1960-1969

Do total de crimes pesquisados, apenas 10,11% foram realizados por brancos, sendo que 47,02% foram realizados por pardos (mestiços, mulatos, sararas, etc.) e 18,75% por negros. Em 24,1% dos casos pesquisados o dado sobre a cor do agente criminoso não esteve disponível. Tem-se claro, entretanto, que do total de dados disponíveis, que 13,33% correspondiam a brancos e 86,66% a "não brancos" (Pardos + Negros) . Conclui-se portanto, que no que tange a questão racial a maioria absoluta dos agentes criminosos na década de 60 não era considerada branca. A escalada da criminalidade urbana em Salvador estava majoritariamente circunscrita aos negros e mestiços, que correspondiam a população marginalizada da cidade.
A maioria miserável dos moradores de Salvador, justamente a população de cor , era a principal responsável pelas ocorrências criminais. A criminalidade urbana apresenta-se como um *sintoma social*, uma forma de expressão de conflitos entre interesses de classe.

B) Idade :

A tabela 7 apresenta os dados coletados a respeito da idade do agente criminoso na época do delito .

TABELA 7

Idade dos agentes criminosos em Salvador - Década de 60

IDADE :	Desconhecido	17 a 24	25 a 34	35 a 44	45 a 54	55 a 64
% :	9,5	26,48	39,58	15,17	7,14	2,13

FONTE . ACP - 1960-1969

Nota-se que 66,06% dos agentes criminosos pesquisados junto ao Conselho Penitenciário estão na faixa dos 17 aos 34 anos, considerada uma faixa jovem ; 15,17% está numa faixa intermediária e apenas 9,27% encontra-se num grupo de mais idade, acima de 45 anos.
Os percentuais explicitam uma situação bem definida: a maioria absoluta dos agentes criminosos estudados no período estava abaixo dos 35 anos. O "perfil padrão" do agente criminoso da década de 60 começa a se delinear. Além de não ser branco, é jovem .

C) Escolaridade:

A tabela 8 apresenta os números relativos a escolaridade dos agentes criminosos baseado na análise dos dados obtidos junto ao Conselho Penitenciário .

TABELA 8:

Escolaridade dos agentes criminosos em Salvador na década de 60

Escolaridade :	desconhecido	analfabeto	primário	ginásio	2°grau	superior
% :	18,15	33,63	40,77	5,35	0,59	1,19

FONTE . ACP - 1960-1969

Percebe-se que 74,4% dos agentes criminosos possuíam no máximo o curso primário, denotando um baixo nível educacional da esmagadora maioria dos agentes criminosos da década . Os agentes criminosos dos anos 60 não tiveram acesso a escola. Era insignificante a incidência de segundo grau ou nível superior entre eles. Ate mesmo a percentagem de criminosos com o curso ginasial era muito pequena.

A tabela 9 apresenta a correlação entre a escolaridade e a natureza do crime.

TABELA 9 :

Escolaridade do agente criminoso em Salvador nos anos 60 e a correlação com a classificação dos crimes

	Analfabeto	primário	desconhecido	outros
Patrimônio :	31,19 %	40,36%	18,34%	10,11%
Pessoa :	35,15%	40,6%	18,18%	6,07%
Drogas :	41,37%	48,34%	6,89%	3,4%

FONTE - ACP - Processos criminais arquivados e referentes a crimes cometidos na década de 60 em Salvador.

O perfil não se modifica. Nos crimes contra o patrimônio, 71,55 % dos criminosos possuíam no máximo o primário e nos crimes contra pessoa 75,75%. Nos crimes associados a drogas este percentual aumentou um pouco e chegou a 89,71% da amostragem . Pode-se definir o agente criminoso representativo da conjuntura dos anos 60, como um indivíduo jovem , negro ou pardo e que não teve acesso a educação formal. Sem educação formal, tinha-se menos chance de conseguir um melhor nível de qualidade de vida e uma maior probabilidade de possuir poucas opções legais e éticas para construir a identidade, subsistir e construir um futuro. Os dados obtidos estão em sintonia. Ate agora, percebe-se que os pardos e negros e os que não tiveram acesso a educação cometiam mais crimes. Pode-se interpretar que os marginalizados cometiam mais crimes na Salvador dos anos 60. Justamente os que mais sofriam com a dinamização excludente da economia da cidade. Para completar, eram justamente os jovens - consequentemente os mais imaturos e inexperientes - que sofriam com menos chance de elaboração simbólica, as grandes tensões da contradição socio-economico-cultural..

D) Atividades Profissionais :

A tabela 10 abaixo apresenta as correlações entre tipo de crime e a inserção do agente criminoso no mercado de trabalho :

TABELA 10

Correlação entre atividade ocupacional do agente criminoso e a modalidade de crime - Salvador na década de 60

	Drogas	Patrimônio	Pessoa	Sexual
Autônomo baixa renda	17,24%	24,77%	15,15%	6,25%
Auton. Média/alta renda	3,44%	2,75%	0,6%	-
Lavrador/pescador	13,74%	2,75%	4,84 %	15,62%
Militar	3,44%	1,83%	1,21%	9,37%
Trabalhador baixa renda	62,06%	47,7%	56,96%	56,25%
Desconhecido	-	11%	5,45%	9,37%
Nível Superior	-	0,91%	0,6%	-
Sem profissão definida	-	8,52%	3,63%	-
Estudante	-	-	0,6%	3,12%

FONTE - ACP-1960 - 1969

(OBS) : Na categoria autônomo de baixa renda estão enquadrados vendedores ambulantes, biscateiros e prestadores de serviços (encanador, pintor etc.) , todos inseridos no mercado informal. Na categoria autônomo alta/média renda tem-se motoristas de taxi, comerciantes, corretores de imóveis e outros prestadores de serviços de melhor qualificação e melhor nível de renda. Na categoria militar temos prepostos da policia militar e forças armadas de todas as patentes. Na categoria trabalhador de baixa renda tem-se operários, funcionários públicos de baixo escalão, empregadas domesticas e etc. Na categoria nível superior tem-se as ocupações de nível superior exercidas nos diversos ramos empresariais ou como profissionais liberais (engenheiro, contador, advogado, etc.)

Analisando-se a tabela 10, constata-se que independentemente do tipo de crime, os agentes criminosos eram na maioria absoluta pessoas de baixo poder aquisitivo. Nos crimes contra o patrimônio (CPA) houve uma maior incidência de autônomos do que de trabalhadores de baixa renda se comparado aos crimes contra pessoa (CPA). Pode-se concluir que os indivíduos inseridos no mercado informal e sem maiores garantias de acesso a cidadania, tiveram maior responsabilidade nos crimes de cunho material.
É interessante perceber-se que a incidência de agentes criminosos sem profissão definida nos crimes contra o patrimônio era aproximadamente três vezes superior que nos crimes contra a pessoa (8,52% X 3,63% respectivamente) , denotando nesta categoria uma marginalidade mais sistematizada e uma maior "profissionalização" no crime enquanto estratégia de sobrevivência e afirmação social. O envolvimento mais intenso com a criminalidade é evidenciado diante da ausência de uma especialização ocupacional. Note-se que não se trata de desempregados, mas de pessoas que para adquirirem o sustento não estão inseridos no mercado formal ou informal da economia, encontrando-se marginalizados e vinculados diretamente aos atos delituosos.

Portanto, o agente criminoso representativo da década de 60 era negro ou pardo, jovem, de pouca ou nenhuma instrução e com baixo nível sócio-econômico.

E) Sexo :

Na década de 60 apenas 6% dos crimes foram praticados por mulheres, sendo que 45% foram homicídios, 30% furtos , 20% tráfico de drogas e 5% outro. Neste período houve uma incidência 50% maior de mulheres matando do que roubando conforme analise da tabela 11 . As mulheres nesta época tiveram participação mínima na expressão da criminalidade urbana em Salvador.

TABELA 11

Participação feminina na expressão da criminalidade urbana em Salvador nos anos 60

CRIME	HOMICÍDIO	FURTO	TRAFICO	OUTROS
%	45%	30%	20%	5%

FONTE . ACP 1960-1969

Pode-se concluir que nos anos 60 Salvador era uma cidade em processo inicial de desenvolvimento e dinamização econômica. Em meio a este processo, muitos percalços se apresentaram no caminho. A manifestação da criminalidade nesta década não se encontrava desconectada da realidade social. Numa sociedade com um crescimento econômico empreendido de forma contraditória e num modelo excludente, a massa marginalizada que começava a se formar na cidade de modo acelerado, procurava vias de escape para suas tensões e frustrações. Dentre outros caminhos, a vereda de criminalidade foi uma alternativa.

Mas, o pior ainda estava por vir. Afinal nas décadas seguintes a criminalidade urbana se modificou bastante, ocupando um lugar de destaque entre os problemas na emergente metrópole regional, a cidade de São Salvador. Este será o tema dos próximos capítulos da dissertação.

I I I- SALVADOR NA DÉCADA DE 70

Os anos anteriores corresponderam a um período intermediário, no qual foi delineada uma nova forma de integração da economia de Salvador na economia nacional. O padrão de desenvolvimento brasileiro no período do "milagre econômico" - 1968 a 1974 - influenciou a nova configuração econômica, social e espacial da cidade, acelerando o ritmo das transformações iniciadas mais lentamente nas décadas precedentes.

Segundo Werner Baer, a economia brasileira iniciou um período de expansão acelerada em 1968 , o qual continuou , pelo menos , nos quatro anos seguintes. O crescimento real do PIB foi em média 3,7% entre 62-67, mas elevou-se para taxas médias anuais de 11,3% no período 1968-1974. Para Baer,

> "(...) *a indústria foi o setor que liderou o processo, expandindo-se a taxas anuais de 12,7% ... as taxas de crescimento mais elevadas foram alcançados pelos setores de equipamentos de transporte, máquinas e equipamentos elétricos, ao passo que os setores tradicionais, têxteis, roupas e alimentos , experimentaram taxas de crescimento sensivelmente menores* (Baer, 1976, p.72).

Um dos fatores mais determinantes para o crescimento econômico brasileiro foi o envolvimento direto do estado nos processos produtivos na economia do país. Os gastos públicos considerando-se qualquer nível de governo, representavam 17,1% do PIB em 1947. Em 1973, esta participação salta para 37%. As empresas estatais eram predominantes nos setores do aço, mineração e petroquímica. Das cem maiores empresas do país, 74 eram públicas e dos cinqüenta maiores bancos em valor de depósitos, os bancos estatais respondiam em 1974 por 56% dos valores creditados e por 65% dos empréstimos ao setor privado. Segundo Baer,

> "(...) *Boa parte do crescimento verificado após 1968 deve-se ao impacto de programas governamentais ... resultado de políticas governamentais do que resultado de forças de mercado* (Baer, 1976, p.78).

Uma das formas de execução desta política oficial de crescimento econômico a qualquer custo, foi a concessão de subsídios com isenção de indexação a grandes multinacionais dispostas a se instalarem no país ou ampliar os negócios. Nos anos 70, os investidores estrangeiros optavam por países que já tinham instaladas filiais e cujos governos atuassem de forma repressiva contra os salários e que estimulassem as exportações, viabilizando os ganhos de capital e a acumulação de divisas para serrem canalizadas nas importações de equipamentos para dinamização das indústrias.

Desde 1968 que o Brasil já oferecia estas pré-condições, o que resultou no incremento da penetração do capital internacional e a conseqüente diminuição da nacionalização da economia. Neste contexto, a capacidade industrial nacional aumentou, as exportações foram estimuladas através de taxas de câmbio, isenções e compressões salariais, melhorando a competitividade dos produtos nacionais no mercado externo. As exportações subiram de 32,2% da produção industrial nacional em 1967 , para 52,2% em 1972. A expressão "milagre brasileiro" representava a euforia vinculada à expansão econômica . Quanto às importações, estas foram 2/3 mais intensas que no período de 1953-60 (Lopez, 1983, p. 124).

Segundo Mattedi ao analisar o modelo desenvolvimentista aplicado na industrialização baiana nos anos 70,

> *O desenvolvimento de um moderno parque industrial na RMS onde até há bem pouco tempo eram as atividades comerciais e de serviços as predominantes na sua estrutura produtiva representou a extensão a nível espacial, da industrialização que se fazia e se intensificava na região sul do país. Este tipo de industrialização da RMS caracterizava-se por estar voltada principalmente para a produção de bens intermediários ou de bens de capital, por utilizar intensivamente o fator capital em detrimento do fator trabalho, por ser subsidiada por mecanismos tais, que visam o barateamento do capital investido na região, por ter seu centro de decisões e controle não nela sediado, por independer de um mercado comum local para os produtos nela realizados e , enfim, por depender de sua capacidade de atração de capitais externos - nacionais ou internacionais - para garantir seu desenvolvimento e reprodução" (...)* (Mattedi, 1979, p. 88).

Análise do comportamento dos principais agregados macroeconômicos do setor secundário na Bahia, demonstra que a indústria apresentou um vigoroso processo de transformação e crescimento entre 1960 e 1980. O parque industrial baiano apresentou um incremento de produção de 2.067% entre 1959 e 1979, destacando-se o desempenho das indústrias dinâmicas (química, metalúrgica, elétrica etc..) que cresceram 3.953% contra 662,6% das indústrias tradicionais (Têxteis, alimentos, vestuário, madeira etc,,.) .

Outro referencial representativo da performance da indústria baiana neste período, diz respeito à participação das classes de indústrias no cômputo global da produção. Em 1959 as indústrias tradicionais detinham 57,1% do valor de produção, contra 42,6% das indústrias dinâmicas. Em 1975, influenciado pela modernização do parque industrial baiano decorrente da implantação do CIA, a classe de indústrias dinâmicas passou a representar 68,9% da produção industrial, contra 30,07 da classe tradicional. Já em 1980, a predominância das indústrias dinâmicas sobre as tradicionais traduz-se numa proporção respectivamente de 79,6% contra apenas 20,1% de participação, sendo que os gêneros "química" e " metalúrgica" tiveram o maior destaque (Spinola, 1983, p. 78/79).

A dinamização da economia de Salvador nos anos 70, seguiu o ritmo da década anterior. A partir das mudanças operadas no quadro industrial do país , a petroquímica passou a ser encarada pelo governo como uma indústria efetivamente de ponta no processo de modernização e expansão da base econômica nacional. Tal proposição, requereu a implementação de diretrizes mais explícitas , com maior incentivo e melhoria da estrutura de apoio oficial. Este foi o contexto de uma nova política de planejamento oficial que objetivava minimizar gradativamente o hiato tecnológico da situação desta categoria industrial em território brasileiro ao se comparar com o primeiro mundo.

Os investimentos em infra-estrutura básica decorrentes da implantação do CIA favoreceram a modernização dos equipamentos e sistemas de comunicação, viário , de energia elétrica, abastecimento de água e esgotamento sanitário, implicando em novas obras, muitas delas, complementares às já previamente existentes. Estas obras serviram para realimentar o aquecimento da economia de Salvador (Spinola, 1983, p.147).

Inserido nesta conjuntura, o governo do Estado da Bahia, criou a coordenação do Complexo petroquímico de Camaçarí, nos idos de 1973. Dentre as suas funções básicas, podia-se destacar o planejamento e a coordenação da implantação das indústrias petroquímicas na Bahia. O Pólo Petroquímico começou a funcionar em meados de 1978, ocupando uma área de 242 Km 2 a 40 Km de Salvador . Em 1979 , contava com 29 empresas em funcionamento, 14 em fase de implantação e 12 em fase de projeto. Neste ano, a receita tributária do pólo representou 10% do total arrecadado pelo estado da Bahia e contribuiu com 23% do PIB baiano. Neste início de funcionamento, o parque petroquímico já era responsável por 23 mil empregos diretos, dos quais 80% dos trabalhadores eram residentes em Salvador.

Por sua característica exportadora global (40 % do que produzia), as indústrias já iniciaram a produção , com uma perspectiva de perda de rentabilidade, pois o mercado externo tendia a pagar preços inferiores. Além disto, faltou o direcionamento para a indústria de transformação. Segundo o Prof. Rômulo Almeida, um dos técnicos responsáveis por toda a elaboração do planejamento de implementação do COPEC,

> *"(...) o governo federal, através do CDI não dava prioridade para as indústrias de transformação porque alegava haver capital excedente no centro-sul. Na realidade, mais do que isto, o que havia era uma situação de oligopólio das indústrias transformadoras, sediadas cerca de 80% em são Paulo e em conseqüência, uma grande eliminação de lucros e uma capacidade de expansão com recursos próprios (...) a falta de uma conduta mais firme em defesa dos interesses do nosso pólo petroquímico no setor de transformação, veio encontrar mais tarde, nos últimos quatro anos a recessão econômica"* (A Tarde, 29.9.84,p.13).

O esquema gerencial do COPEC foi calcado no modelo de associação comercial denominado tripartide. Neste modelo, os grupos privados nacionais e a estatal Petroquisa

se associaram aos capitais internacionais detentores de tecnologia. A implantação da petroquímica na região Nordeste do Brasil numa época de notória dependência tecnológica em relação às regiões mais desenvolvidas do país proporcionou significativos reflexos no nível de qualificação da mão-de-obra regional, face à transferência de *know-how* por parte de técnicos mais experimentados oriundos do sul do país ou mesmo do exterior.

O Estado ofereceu facilidades de financiamento e uma gama de estímulos de natureza fiscal e de infra-estrutura para o capital do Centro-Sul se instalar na Bahia. Este processo de vinculação da indústria baiana aos capitais de fora do estado e do exterior, inseriu-se na dinâmica do próprio desenvolvimento capitalista do país, a partir doa anos 50 e acentuado nos anos 70. A origem dos recursos carreados para a instalação do Pólo foi do centro-sul, mais precisamente, de empresas de capital estrangeiro em busca de aumentar o seu nível de acumulação. Apenas 4,9% dos recursos vieram do próprio estado. Os maiores atrativos para estes investimentos foram o baixo custo da mão-de-obra e matérias primas locais; os subsídios e isenções de impostos estaduais, federais e municipais; além do reinvestimento do lucro.

Desde a sua instalação, o COPEC, produziu e exportou matérias- primas para o Centro - sul e constituiu-se na maior fonte de divisas para o estado. Desta forma, contribuiu direta e indiretamente para o dinamismo da economia de Salvador em termos globais, haja visto que a implantação de um núcleo industrial moderno transmitiu a toda a economia um impulso que se traduziu na contínua demanda nos setores da construção civil, bancos, educacional e outros serviços. Para Nentwig Silva,

> *"Com o crescimento do setor industrial, sobretudo a partir da implantação do pólo Petroquímico de Camaçari, cresceram bastante as atividades comerciais e de outros serviços na região, particularmente em Salvador (...) passou a exigir uma correspondente adequação do sistema de transporte e comércio, o que , a nível interno, determinou a reorganização de áreas urbanas e o direcionamento de novos eixos de expansão urbana e metropolitana (Av. de Vale, Av. Paralela, Av.Suburbana, estrada do Côco,) (...) houve também a melhoria de outros setores de infra-estrutura urbana, notadamente, água e energia, não obstante, o reconhecimento da persistência de graves carências nestas áreas e em outras, como ocorre mais significativamente no esgotamento sanitário... Salvador passasse efetivamente a agir como um tipo de pólo de crescimento (...) com uma economia urbana dinâmica, com certa especialização, integração e capacidade de gerar adaptações, mudanças e crescimento. Esta inserção de Salvador nas modernas formas assumidas pelo capitalismo brasileiro fez com que ele passasse a ter a posição de maior destaque no Nordeste do país e uma relevante função no conjunto do sistema metropolitano do país".* (Nentwig Silva, 1991, p.49,50).

A expansão destas atividades foi uma das forças responsáveis pelo fortalecimento do processo de urbanização em Salvador ao longo das décadas de 60 e 70. Com a continuidade do dinamismo do setor industrial, houve a necessidade de uma alocação de vultosos recursos em obras infra-estruturais, aquecendo as demais atividades urbanas ligadas ao setor terciário.

No bojo da dinamização econômica, a industria do turismo começou a se destacar nos processos produtivos da cidade. Há oitenta anos ela praticamente inexistia como atividade econômica, só vindo a ser reconhecida oficialmente na década de 50, com a criação do Conselho Municipal de Turismo. No entanto, o turismo só começaria a ser levado a sério a partir do final dos anos 60, época em que foi inaugurada a Bahiatursa.

A partir de 1971, a empresa centrou sua linha de trabalho em pontos básicos do plano de turismo da cidade: Preservação do patrimônio e desenvolvimento do potencial do turismo, ampliação do parque hoteleiro e de serviços e expansão do fluxo turístico. Em 1973, teve início o *boom* da rede hoteleira em Salvador, com incentivos da SUDENE e isenção de impostos, dentre outras vantagens. Empresários passaram então, a investir no setor , surgindo vários empreendimentos na cidade, entre eles, os hotéis cinco estrelas que vieram se somar ao tradicional Hotel da Bahia, construído nos anos 50.

No início dos anos 70, Salvador contava com pouco mais de três mil leitos. Já em 1975, este total passou para doze mil leitos. A Bahiatursa também passou a inovar na implantação de um sistema de informações turísticas e divulgação dos atrativos da capital baiana em outras regiões. As praias, monumentos, sítios históricos, recursos naturais e culturais foram cada vez mais sendo explorados profissionalmente. Progressivamente, nos anos 70 o turismo se sedimentou num lugar de destaque na economia de Salvador, tornando-se responsável por divisas e novas receitas financeiras para a cidade, e pela geração de empregos diretos e indiretos, ligados tanto aos mercado formal como informal.

A década de 70 em Salvador caracterizou-se por uma ampliação dos setores terciários e secundários da economia, cuja dinamização contínua, serviu de estímulo para a espiral migratória. Confirmando a tendência evidenciada na década anterior, a nova metrópole regional, permaneceu bastante atrativa para muitas famílias sem opções sócio-econômicas nas suas cidades de origem, que acabavam por vir tentar a sorte na capital baiana em pleno processo de modernização. Na década de 70, a cidade cresceu 49,6%, saltando de 1.007.277 habitantes em 1970, para 1.506.860 habitantes em 1980 (Nentwig silva, 1991, p. 79).

O jornal A Tarde publicou um artigo em 23.7.76, no qual dava destaque ao incremento do fluxo migratório na cidade e a conseqüente incapacidade estrutural da metrópole para administrar eficientemente a questão. Para o artigo, Salvador foi literalmente "invadida" por "levas" de migrantes ávidos por concretizarem suas fantasias de sobrevivência no novo *"Eldorado"*. Segundo o jornal, não paravam de chegar diariamente à cidade ,

> *"(...) dezenas de pessoas, que fugindo dos flagelos que castigam o interior, aqui chegam, somente com alguma esperança de vida melhor. Sem recursos e qualificação profissional, em pouco tempo elas já estão pelas ruas da cidade, esmolando e apanhando coisas pelas ruas (...) embaixo das marquises e viadutos (...) eles se acomodam como podem e com o que possuem. São velhos, mulheres, doentes, loucos, menores , convivendo num mundo feito de pedaços de papelão e compensados, de panos velhos e sujos (...) eles se misturaram numa só miséria (...) A dificuldade maior reside no fato de que a situação sócio-econômica da população de um modo geral é caracterizado pela ausência de recursos, pela pobreza (...) o crescimento econômico não acompanha o crescimento demográfico".* (A Tarde, 23.7.76, p.4).

A migração endêmica em Salvador pode ser considerada como um dos maiores problemas urbanos dos últimos trinta anos, diretamente correlacionado com a ideologia hegemônica que direcionou o crescimento econômico da cidade. O desenvolvimento de novas atividades industriais na RMS (efeitos Petrobrás, CIA e COPEC) implicou numa absorção de mão-de-obra através da criação de empregos diretos nas fábricas e indiretos, via aquecimento dos setores vinculados ao secundário. Entretanto, alguns pontos característicos da moderna industrialização na RMS determinaram a liberação de uma grande parcela da força de trabalho antes ocupada nas atividades mais tradicionais atingidas em cheio pelo "boom" industrial dinâmico e dependente. Dentre estas características, podia-se destacar a produção restrita a bens intermediários de exportação e que não demandavam insumos do setor agrícola baiano. Além disto, a dinamização industrial não foi resultado do desenvolvimento ou expansão das atividades industriais pré-existentes e nem requereram um mercado interno absorvedor. A associação entre o desemprego decorrente da mudança no perfil econômico da cidade com o fluxo migratório e o crescimento vegetativo da população da cidade , com o constante ingresso de jovens no mercado de trabalho em busca do primeiro emprego, retroalimentou mais ainda as tensões sociais nos anos 70. Segundo Mattedi,

> *"O saldo efetivo destas conseqüências opostas foi sempre e tem sido uma criação insuficiente de empregos para a população urbana ou para a população que aqui chega via processo de migração (...) pois, firmas tradicionais de produção agrícola (...) estando em processo de estagnação desde algum tempo, continuava liberando mão-de-obra que em grande parte se dirigia a Salvador. A industrialização, em sua fase de implantação agiu assim, como direcionadora dos fluxos migratórios que se originavam no interior do estado. As migrações continuaram contribuindo significativamente para a expansão urbana da cidade. No período de 1970/1975, 47,21% do crescimento demográfico total se deveram às migrações para a cidade"* (Mattedi, 1979, p. 96).

Em perfeita sintonia com as conclusões de Mattedi, o Secretário Estadual da Fazenda deu uma entrevista ao jornal A Tarde analisando a conjuntura sócio-econômica da RMS na década de 70. O secretário afirmou o seguinte,

> *"O nosso homem do interior está migrando porque vislumbra a possibilidade concreta de acesso a padrões mais altos de renda e consumo (...) como se sabe, a RMS recebe baianos de todos os pontos do estado, além de migrantes de vários estados do Nordeste, transformando-se em decorrência, disso, na caixa acústica dos problemas estaduais (...) A migração não encontra uma expansão correspondente da capacidade de absorção da mão-de-obra, os serviços públicos não são oferecidos no mesmo ritmo de urbanização, o subemprego e o desemprego geram fortes propensões à criminalidade"* (A Tarde, 13.3.78p.9).

O processo contínuo de dinamização da economia de Salvador iniciada no final dos anos 50 passou a determinar o desenvolvimento da cidade em alguns aspectos - nível de emprego nas indústrias e comércio, crescimento espacial, modernização dos serviços etc.. -, mas representou também contradições irreconciliáveis dentro do modelo proposto. Em um editorial do jornal A Tarde ,em tom saudosista e de desabafo, ficam evidenciadas todas as ambigüidades do processo, assim como a percepção das dificuldades por que passava a população da cidade.

> *"Já se foi o tempo em que Salvador com poucos habitantes era uma cidade tranqüila e de vida provinciana. Hoje é a cidade dinâmica que cresceu e se agiganta. A antiga cordialidade generalizada de seus habitantes vai dando lugar à neurose que tantos já domina, mercê do tráfego intenso, da vida em arranha-céus, do ruído das construções, da poluição industrial, do decréscimo das áreas verdes, enfim, da mudança a curto prazo dos hábitos e costumes"* (A Tarde, 20.3.78,p.2).

Na década de 70, a cidade cresceu, a mancha urbana se ampliou, novos bairros surgiram e a malha viária se modernizou. Era característico deste período a verticalização da cidade, ou seja, a derrubada de casas e pequenos prédios de três andares, para a construção de grandes edifícios, à exceção das áreas próximas à praia devido às restrições legais.

A valorização de áreas urbanas próximas á moderna efervescência econômica e aos novos bairros das classes média e alta, determinaram como alternativa habitacional para as classes populares, o incremento da tendência evidenciada na década anterior de busca de áreas periféricas para moradia. Nestas áreas havia maior oferta de terras ociosas, porém todas com seus proprietários. Desta forma, os anos 70 podem ser vistos como um período de avivamento das invasões urbanas em Salvador. Segundo Mattedi,

> *"Se as condições objetivas de vida de algumas parcelas da população não se modificaram, tornando-se em termos absolutos , piores, em virtude de um processo de gradativo empobrecimento, a população mais pobre da cidade continuou sendo compelida a abrir novos espaços - através das invasões - para resolver o seu problemas de moradia"* (Mattedi, 1979, p.167).

Nos anos 70, apesar da ocorrência de algumas invasões na orla marítima, áreas próximas à estação rodoviária e IAPI, a tendência principal verificada no período, foi a ocupação de áreas bem afastadas do centro da cidade, em locais não valorizados e sem qualquer infra-estrutura urbana. A pobreza, a fome, a sujeira , o desespero e a violência eram marcantes nestes locais.

Uma matéria do jornal A Tarde de 26.12.78 intitulada "*Saramandaia, antro de marginais , onde o medo vive com cada invasor*" expõe de forma direta a dura realidade dos moradores desta invasão. Não seria exagero, dizer-se que este exemplo ilustra um quadro generalizado nas áreas de ocupação marginal da cidade.

> *"Cada dia que passa aparece o medo estampado no rosto de cada pessoa que habita a invasão de Saramandaia, principalmente, daqueles que a todo o custo procuram se separar de pessoas suspeitas (...) A invasão (...) é habitada por pessoas de baixa renda, na sua maioria garis, lavadores, guardadores de automóveis, catadores de papéis e outros. A invasão é desprovida de todos os recursos. Não existe água encanada, luz elétrica e redes de esgoto. As pessoas usam água de uma fonte para tomar banho, cozinhar e lavar roupa (...) policiais afirmam que é um antro de marginais, maconheiros e outros (...) para o titular Juvenal Gentil da 2ª Delegacia, "Saramandaia " faz até medo ir ali a qualquer hora, quanto mais à noite (...) um número sem conta de menores na faixa de 4 a 18 anos é visto diariamente perambulando pela invasão (...) para alguns agentes, saem dai os perigosos marginais, porque os menores não freqüentam escola e (...) a eles se misturam delinqüentes e fazem "bandeira" para que os maiores pratiquem furtos. Essa aí é a verdadeira escola para cada menino"* (A Tarde, 26.12.78,p.9).

Em outro artigo, o mesmo jornal afirmava que,

> *"Apenas nos últimos dois meses, foram identificadas dez novas invasões já consolidadas e mais cinco em formação"* (A Tarde, 28.9.79, p.8).

Este quadro da cidade do Salvador na década de 70 não era fato isolado, mas um sintoma global no país. A expansão econômica foi efetivada sob a égide do rígido controle estatal, estupenda concentração de renda como fator gerador de capital , e dependência

estreita ao capital estrangeiro. A pauperização e o aumento da concentração de renda foram constantes. Para se ter uma idéia, em 1960, 50% da população brasileira recebia pouco mais de 1/6 da renda. Em 1970, esta proporção passou para 1/7. Em 1960, os 40% mais pobres detinham 11,2% da renda, enquanto que dez anos depois, este mesmo estrato social passou a deter apenas 9% da riqueza produzida socialmente. Já os 5% mais ricos, detinham 27,4% e 36,3% em 1960 e 1970 respectivamente. Segundo o IBGE, houve um aumento do índice de mortalidade infantil nos grande núcleos urbanos em face do empobrecimento das massas alijadas dos processos produtivos e marginalizadas no ciclo de distribuição da renda. Para Baer,

> *"Reconhece-se em geral, que os frutos da rápida expansão da economia brasileira têm sido desigualmente distribuídos"* (Baer, 1976, p. 78) .

Em 1972, menos de 40% das famílias do Brasil urbano possuíam acesso a água encanada e menos de 43% possuíam sistema sanitário. Somente 53% dispunham de luz elétrica e 5% tinham telefone em casa. As disparidades inter-regionais eram marcantes. Em 1970, o Nordeste abrigava 30% da população nacional e responsável por apenas 12,2% da renda e 5,6% da produção industrial. O Sudeste, entretanto, com 42,7% da população brasileira, era responsável por 64,5% da renda nacional e 80,6% da produção industrial. Em 1972, 85% das residências em São Paulo dispunham de eletricidade, contra 25% do Nordeste.(Baer, 1976, p.87).

Apesar da expansão econômica em Salvador, a maioria da força de trabalho - aproximadamente 2/3 - não se encontrava vinculada às atividades mais dinâmicas da economia, tanto industriais, quanto ligadas ao setor terciário moderno e capitalizado. Este enorme contingente da população economicamente ativa (PEA) estava atuando principalmente em atividades terciárias mais tradicionais, de baixa remuneração e de pouca qualificação.

A Secretaria da Indústria e Comércio do Estado da Bahia realizou em 1982 um estudo acerca do mercado informal em Salvador e concluiu o seguinte:

> *"(...) o desenvolvimento recente , principalmente a partir da extração do petróleo no recôncavo, e , posteriormente com a implantação do CIA e do pólo petroquímico, responsabilizou-se pela reorganização do mercado de trabalho e estimulou significativamente a alteração na estrutura ocupacional e de renda na cidade e, sem duvidas, o predomínio dos setores de serviços e comércio de mercadorias no concernente à alocação de mão-de-obra - mais de 50% da população economicamente ativa de Salvador em 1977 - está de alguma forma relacionado a este processo, já que a própria industrialização suscita uma demanda crescente de serviços novos ou modernos , ou ainda, estimula inúmeros segmentos tradicionais (...)"* (S I C. , 1982, p18).

Segundo matéria do jornal A Tarde intitulada *Desemprego em Salvador é mais grave que em 1976*,

> *"O desemprego em Salvador vem aumentando consideravelmente, devido á crise econômica que o país está atravessando (...) o fluxo migratório aumenta o subemprego em Salvador (...) o grande problema não é o desemprego e sim o subemprego, que além de não oferecer os benefícios sociais do emprego regular, muitas vezes não oferece rendimento igual ao de um salário mínimo regional (...)"* (A Tarde, 4.5.80,p.3).

Nos anos 70, houve uma hipertrofia do setor terciário informal, como o comércio ambulante, pequenos prestadores de serviços, oficinas e todo o contingente de pessoas que vendiam seus serviços para efetivação de atividades produtivas que se realizavam à margem da economia modernizada, com unidades produtoras sem complicados aparatos de organização ou burocracia. Segundo a Secretaria de Indústria e Comércio, partindo-se de dados coletados junto à SUDENE em 1978:

- 37,6% dos indivíduos de baixa renda se identificavam como "informais",
- Mais da metade dos trabalhadores "informais", tinham mais de dez anos de atividade,
- As principais ocupações informais eram: Faxineiro, lavadeira, zelador, "camelô", costureira, biscateiro, pintor e empregados domésticos sem carteira assinada (SIC., 1982, p. 20).

Sobre esta questão, o jornal A Tarde de 10.7.74 apresentou um artigo intitulado *Apanhar sucata é o primeiro estágio para a escola do crime*, expondo claramente o crescimento das atividades informais na economia de Salvador.

> *O crescimento do comércio de sucata em Salvador favoreceu a proliferação de inúmeros grupos de garotos, filhos de famílias pobres que (...) invadem diariamente quintais de residências nos bairros (...) o crescimento do comércio, aumentou sensivelmente o número de depósitos de ferro-velho (...)"* (A Tarde, 10.7.74,p.7).

Em 1971, aproximadamente 65,22% da população economicamente ativa (PEA) de Salvador estava vinculada a atividades de baixo nível de remuneração e responsabilidade profissional .
Dentre estas ocupações, pode-se destacar: empregadas domésticas, ajudantes de artífice , prestadores de serviço manual, ambulantes etc.. (Mattedi, 1979, p. 48).

Corroborando os dados levantados por Mattedi, Paul Singer enfatiza no seu trabalho *Demanda por alimentos na áreas aéreas metropolitana de Salvador*, de 1976 que,

> *"(...) cerca de 2/3 da força de trabalho de Salvador (...) ainda permanece à margem da economia industrial moderna (...) se encontram ou no serviço doméstico, usufruindo uma renda*

> *monetária mínima, ou no terciário exercendo atividades de baixa qualificação (...) ou baixa valorização (...) o que importa aqui é que todas estas ocupações, apesar de sua importância na vida social e econômica da cidade, são remuneradas a níveis sumamente baixos (...)"* (Singer, 1976, p. 46)

Salvador cresceu, se modernizou e em alguns aspectos, se equiparou aos grandes centros urbanos do Centro-Sul do país. Mas, para a maioria absoluta da população, este crescimento não se traduziu em melhoria na qualidade de vida, com pleno emprego e renda distribuída. Ao contrário, houve um empobrecimento gradativo da sociedade. Para se ter uma idéia, em 1978, 14,6% das famílias de Salvador ganhavam até 1 salário mínimo (SM). Na faixa entre 1 e 2 SM, encontrava-se 21,3% das famílias e entre 2 e 5 SM, 32,6%. Na categoria remunerada com mais de 5 SM, havia 31,5% dos lares da cidade. Neste ano, 200.000 pessoas tinham renda familiar de até 1 SM e cerca de 500.000 pessoas, rendimentos até 2 SM. Isto representava, segundo a SEPLANTEC, "... *uma terça parte da população metropolitana sobrevivendo em condições subhumanas ... as necessidades básicas das famílias , alimentação e habitação, estão sendo supridas no estrito limite da sobrevivência"* (SEPLANTEC, 1982, p.65,66).

Em suma, Salvador na década de 70 era uma cidade com altíssimo índice de concentração de renda; em franco processo de crescimento populacional e espacial desordenados; e particularmente atrativa para massas migratórias oriundas do interior do estado ou de outras regiões, que aqui vinham em busca de alternativas para sobrevivência . Em contrapartida, seu desenvolvimento econômico não acompanhou o mesmo ritmo de crescimento, inviabilizando a absorção da imensa maioria da mão-de-obra disponível. A conseqüência deste processo contraditório foi o recrudescimento das invasões, do subemprego e do desemprego, a proliferação da miséria e de toda a sorte de mazelas sociais, inclusive, a criminalidade urbana.

IV- A CRIMINALIDADE NA DÉCADA DE 70

A criminalidade urbana em Salvador nos anos 70 estava num processo ascendente, confirmando a tendência evidenciada na década anterior. No período do "milagre econômico", a população permanecia sem confiar no Estado nem na sua competência para garantir a segurança pública. Como conseqüência disto, a sociedade dava sinais de se encontrar assustada diante do crescimento relativo e absoluto da criminalidade urbana. Nos anos 60 a área do jornal destinada a crônica policial era composta de apenas meia pagina. Nos anos 70, já alcançara um espaço maior - pagina inteira e as vezes duas paginas. Alem disto, qualitativamente, o conteúdo dos artigos foi-se tornando mais tenso, incisivo quanto a intolerância policial e repleto de crimes cada vez mais violentos e ousados.

A seguir alguns exemplos extraídos do Jornal A Tarde.

> *"Marginais e criminosos dominam a cidade".*
>
> *" Há menos de uma semana, um cidadão deu um tiro numa mulher na Baixa do Bonfim e jogou-a fora do carro. Em seguida, num carro dirigiu-se para a Rua Direta do Uruguai, onde dez minutos após, invadiu uma fábrica, atirou num cidadão e saiu - a pé - fez o percurso entre aquela rua e a Av. Jequitaia, onde até 10 horas postou-se à espera de uma jovem para matá-la e , em seguida, suicidar-se.*
> *Ontem, às 20:30 horas, isto é, ainda com a cidade em movimento comercial, dois indivíduos invadem uma farmácia e tentam matar e roubar. A reação veio em tempo por parte do próprio proprietário.*
> *A estes fatos, junta-se uma série infinita de furtos, roubos e "pivetadas" que a polícia revela-se incapaz de descobrir.*
> *A conclusão é uma só: a cidade nunca viveu dias tão intranqüilos, em que um cidadão durante duas horas, dispara tiros a torto e a direito, marginais invadem estabelecimentos comerciais porque sabem que difícil nesta cidade é a polícia cumprir sua verdadeira finalidade: zelar pela segurança de cada um* " (A Tarde, 17.3.70,p.13).
>
> *" Cresce o número de furtos.*
> *Novas queixas de furtos foram registradas no plantão da Delegacia de furtos e roubos (...) os marginais - em sua maioria pivetes - estão agindo livremente, levando, consequentemente, a casos e mais casos para aquela especializada (...) poderá ultrapassar este mês o número de queixas registradas em abril*

passado. Foram registradas naquele mês 224 queixas, dos quais apenas 143 foram resolvidas. O livro de ocorrências registrou 149 ocorrências, 108 gatunos identificados, 57 encaminhados a Pedra Preta, 40 menores encaminhados ao Juizado de Menores, 37 gatunos detidos para averiguação e 10 prisões em flagrante delito de furto" (A Tarde, 18.5.70,p.17).

Levando-se em consideração os dados coletados junto ao jornal A Tarde - um total de 1.188 matérias diretamente vinculadas à criminalidade - e apresentados na tabela 11, pode-se perceber que houve um crescimento significativo da incidência de roubos/assaltos se comparado à década anterior , exatamente 555,26%. Os roubos/assaltos, que na década de 60 tiveram pouca participação no cômputo global de crimes, passaram ao segundo lugar de incidência isolada, perdendo apenas para o homicídio, que também cresceu em termos relativos, se comparado à década anterior, mas com uma proporção bem inferior, apenas 18%. As lesões corporais/desordens passaram para o terceiro lugar, com 14,8%, tendo decaído sua ocorrência em 37,56%.

Um novo contexto passava a se configurar em Salvador no que diz respeito à criminalidade urbana: A sólida parceria entre crime e violência. Os crimes contra o patrimônio tornaram-se inexoravelmente associados à agressão como forma de obtenção dos objetivos, conforme será demonstrado na seqüência do trabalho.

TABELA 11

Tipos de crime de maior incidência em Salvador - Anos 60 e 70

CRIME	60	70
Arrombamento residência	10,2 %	5,3 %
Arrombamento de C. Comercial	3,8 %	2,8 %
Assalto / roubo	3,8 %	21,1 %
Contos	2,7 %	1,0 %
Contrabando	0,5 %	0,2 %
Estelionato	2,0 %	2,9 %
Furto	21,4 %	5,4 %
Furto de Veículos	4,4 %	7,3 %
Latrocínio	0,2 %	1,4 %
Extorsão	0,09%	0,1 %
Receptação	-	0,08%
Arrombamento de Veículos	1,9 %	5,0 %
Homicídio	17,7 %	21,8 %
Lesões Corporais/Desordens	23,7 %	14,8 %
Estupro	2,3 %	1,1 %
Contravenções Penais	3,6 %	1,1 %
Rapto	0,5 %	0,5 %
Trafico de Drogas	0,5 %	1,3 %
Uso de Drogas	1,0 %	1,1 %

FONTE . Jornal A Tarde - 2.224 materiais extraídas das paginas policiais entre 1960 e 1979

A tabela 12 apresenta a incidência de crimes quanto à classificação, segundo levantamento junto ao jornal A Tarde:

TABELA 12

Classificação dos crimes de maior incidência em Salvador - Anos 60 e 70

CLASSIFICAÇÃO	60	70
Pessoa	41,9 %	37,1 %
Patrimônio	50,99%	52,58%
Sexual	1,0 %	1,5 %
Drogas	1,5 %	2,4 %
Outros	4,61%	6,42%

FONTE. Jornal A Tarde, 2.224 matérias extraídas das paginas policiais entre 1960 e 1979

Observa-se um aumento de incidência dos crimes contra o patrimônio, dos crimes sexuais e dos crimes ligados à questão das drogas; e um decréscimo ,apenas , dos crimes contra a pessoa. Esta foi uma tendência inexorável . A medida que pioravam as condições de sobrevivência das massas marginalizadas, o perfil da criminalidade mudava. No caso de Salvador, com o acirramento das contradições sociais, a criminalidade contra o patrimônio passou a representar a maior ameaça a população da cidade.

Analisando-se a tabela 13, pode-se encontrar o seguinte perfil da criminalidade urbana nos anos 60 e 70, a partir dos dados coletados junto ao Conselho penitenciário:

TABELA 13

Perfil da criminalidade urbana em Salvador - anos 60 e 70

CRIME	60	70
Homicídio	41,66%	28,75%
Roubo /assalto	3,8%	16,19%
Estelionato	1,78%	2,93%
Estupro	3,8%	1,4%
Furto	15,17%	18,07%
Latrocínio	1,48%	1,99%
Lesões corporais/desordens	5,35%	1,64%
Tentativa. De furto	8,63%	6,33%
Tent. De homicídio	1,78%	0,82%
Tent. De roubo	-	1,52%

Tráfico	8,63%	15,96%

FONTE . ACP - 1960 - 1979 - Processos criminais arquivados.
O crime de maior prevalência foi o homicídio, responsável sozinho por 28,75% dos crimes no período, seguido pelo furto, com 18,07%, do roubo/assalto com 16,19% e do tráfico com 15,96%. Comparando-se a incidência destes quatro crimes entre as duas décadas estudadas até o momento, observa-se que o homicídio decaiu sua participação na totalidade da criminalidade urbana, enquanto que furto, tráfico e roubo/assalto aumentaram. O homicídio caiu 30,98% sua participação, o furto aumentou 16,04%, o tráfico praticamente duplicou a incidência e o assalto quadruplicou.

A tabela 14 apresenta a incidência dos crimes a partir da sua classificação quanto à natureza, segundo a análise dos dados elaborados junto ao Conselho Penitenciário:

TABELA 14

Incidência de crimes segundo a classificação - Salvador - anos 60 e 70

CLASSIFICAÇÃO	60	70
Patrimônio	32,44%	48,47%
Pessoa	49,1%	31,22%
Drogas	8,6%	15,96%
Sexuais	9,52%	3,05%
Outros	0,34%	1,29%

FONTE ACP - 1960 - 1979

Nota-se que houve uma inversão de predominância relativa. Na década de 70, os crimes contra o patrimônio foram os de maior ocorrência com 48,47%, enquanto os crimes contra a pessoa passaram a representar apenas 31,22%. Já os crimes sexuais tiveram seus índices decrescidos em 1/3 e os crimes ligados às drogas quase dobraram de incidência.

As quatro modalidades de crimes de maior incidência segundo a análise dos dados obtidos junto ao Conselho Penitenciário e que corresponderam a 78,97% do total de ocorrências foram os homicídios, os furtos, os roubos/assaltos e o tráfico de drogas. Os quatro tipos de crime de maior incidência a partir dos dados coletados junto ao Jornal A Tarde e responsáveis por 70,4% do total de crimes estudados, foram o assalto/roubo, homicídios, lesões corporais/desordens e furtos/furtos de veículos.

Note-se que, tendo como fonte principal o Conselho Penitenciário, enquanto na década de 60 a percentagem de homicídios era maior que a soma de furtos e roubos/assaltos juntos - respectivamente 41,66% contra 18,97% - na década de 70 a soma de furtos e roubos/assaltos passaram a superar os homicídios, respectivamente com 34,26% contra 28,75% do total de crimes.

A) PERFIL DOS HOMICÍDIOS

Partindo das fontes do Departamento de Estatísticas da Secretaria de Segurança Pública da Bahia, entre 1972 e 1979 ocorreram 1066 homicídios em Salvador. Este dado representa uma taxa média de 0,36 homicídios por dia, ou 10,95 por mês ou ainda, 137,25 por ano. Somente nos três últimos anos da década (77-79), ocorreram 573 homicídios, ou seja, 53,75% do total, com a média de 0,52 homicídios por dia. Os cinco anos iniciais (72 - 76) foram responsáveis por apenas 46,25% do total, com a média de 0,27 homicídios por dia.

Estas comparações permitem a conclusão da característica ascendente do índice de homicídios na década. Por exemplo, em 1972 ocorreram 69 homicídios e em 1979 este número saltou para 208, (Polícia Civil da Bahia- Indicador de Dados Policiais- SSP-Ba - 1982, pags. 59 e 133).

Segundo dados do Instituto Medico Legal da SSP-Ba, pode-se levantar o seguinte perfil das vitimas dos homicídios nos anos 70.

a) 84,8% das vítimas eram do sexo masculino,
b) 49,06% tinham entre 21 e 40 anos,
c) 78,61% eram naturais da Bahia,
d) 38,36% tinham no máximo o 1° grau, contra 13,69% possuidores do 2° grau e apenas 1,12% com nível superior.

Quanto aos meios empregados para o homicídio, encontrou-se 13,22% vítimas de armas brancas, 46,06% de armas de fogo, 5,62% de agressão e 23,23% vítimas de instrumentos contundentes/perfurantes. No que tange à sede das lesões, tem-se 19,6% no abdome, 33,67% no crânio e 46,7% no tórax. Portanto, tem-se o seguinte perfil da "vítima padrão" de homicídio na Salvador dos anos 70: Sexo masculino, adulto jovem, baiano, pouca instrução e baixo nível sócio-cultural e vítima de armas de fogo.(Policia Civil da Bahia , 1982, p. 125-139).

Uma matéria do Jornal A Tarde, de 31.12.76 que está inserida nos anexos deste trabalho , apresentou uma descrição de alguns dos homicídios praticados em Salvador no ano de 1976 . Pode-se perceber claramente a predominância de crimes passionais, entre amantes ou entre desconhecidos após discussões e brigas, apesar de também haver latrocínios , Policiais Militares que mataram bandidos e crimes entre presidiários.

Outro artigo publicado em 13.7.76 no jornal A Tarde , intitulado " *Estudante trucidado a socos e pontapés após um jogo de bola*" apresentou outra situação de homicídio decorrente de discussões e brigas em momentos de lazer. Neste exemplo em particular bastante ilustrativo do que era predominante nos anos 70, o time perdedor de uma partida

de futebol de várzea espancou até a morte um jogador do time vencedor. Ânimos exaltados acabam mais uma vez implicando em condutas anti-sociais. Segundo o artigo,

> *"Após o termino de um jogo de bola (...) ocorreu a morte do estudante (...) Os atores da agressão massacraram o estudante a socos e pontapés, deixaram-no em estado comatoso e fugiram"* (A Tarde, 13.7.76, p. 16).

Analisando-se agora um artigo publicado na página policial de 13.3.78 no jornal A Tarde, vê-se que havia um estilo predominante de homicídio : Um crime de morte após discussão entre duas pessoas desconhecidas e um crime de vingança carregado de emoção , no qual um menor assassinou um jovem de 18 anos que constantemente o agredia. Transcrevendo a matéria,

> *"Desconhecido matou recruta com um balaço no ouvido. Com um tiro no ouvido esquerdo, o recruta da PM (...) foi assassinado na tarde de ontem durante uma discussão travada com desconhecido (...) O menor R. J. N. D. de 17 anos vingou-se das surras que sempre levava (...) com cinco punhaladas (...) Testemunhas informam que Nelson Marques andava sempre dando surras em R. J. N. E que na noite de sábado eles se encontraram (...) começaram a discutir e (...) R. J. N. agrediu o desafeto pelas costas, aplicando o primeiro golpe na altura do pulmão".* (A Tarde, 13.3.78, p. 16).

Analisando-se 464 artigos do jornal A Tarde relativos a homicídios e tentativas de homicídios na década de 70, obtêm-se as seguintes correlações de incidências quanto ao contexto de ocorrência e vítimas:

TABELA 15 - **Contexto de ocorrência dos homicídios em Salvador - Anos 60 e 70**

HOMICÍDIO	60	70
Homicídio associado a brigas ou discussões entre desconhecidos	37,73%	34,6 %
Homicídio entre parceiros sexuais	30,18%	24,35%
Homicídios entre parentes (Pai, filhos, genro, tios, etc.)	11,32%	12,82%
Homicídios praticados por policiais (Vitimas inocentes ou marginais)	9,43%	5,12%
Homicídios praticados por homens que disputavam o amor de alguma mulher	3,77%	1,2 %
Latrocínio	5,6 %	21,79%
Acidentes	1,88%	1,2 %

FONTE . Jornal A Tarde- 883 matérias sobre homicídios entre 1960-1979.

Os homicídios ligados à passionalidade - discussões e brigas, ciúmes entre parceiros sexuais e disputa por mulher - decaíram de incidência nos anos 70 se comparado aos anos 60. Quanto aos crimes cometidos entre parentes (irmãos e irmãs, pais e filhos etc..), pode-se notar um aumento de pouco mais de 1%. Já o latrocínio (homicídio ligado à violência e com objetivos materiais) praticamente quadruplicou sua ocorrência ao saltar de 5,6% para 21,79% do total de homicídios estudados.

Mesmo com este significativo aumento de ocorrência de latrocínios, 72,97% dos homicídios nos anos 70 eram vinculados a conflitos interpessoais e discussões. Esta proporção foi de 83% na década de 60. Algo diferente começava a ocorrer no universo "marginal" dos crimes contra a pessoa em Salvador, mas ainda havia a hegemonia do comportamento passional desajustado como força motriz que instigava um sujeito a retirar a vida de outro, passando por cima dos limites éticos e legais difundidos na realidade social.

B) PERFIL DOS CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO

Conforme foi discutido anteriormente, a população de Salvador na década de 60 estava preocupada com a escalada da criminalidade urbana, especialmente, com relação ao crime contra o patrimônio, cuja evolução e perfil já começava a dar sinais de encaminhar-se para uma situação descontrolada e eminentemente ameaçadora para o "status quo".

Retornando à tabela 11 e partindo-se do levantamento de 1036 artigos em jornal, tem-se que na década de 60 os furtos, arrombamentos, contos e estelionatos eram responsáveis juntos por 40% das ocorrências policiais. Na década de 70, este mesmo grupo de crimes foi responsável por menos da metade deste valor: apenas 17,4% do total de crimes no período. Já o assalto/roubo, saltou espetacularmente de 3,8% na década de 60, para 21,1% na década seguinte, mais do que a soma dos quatro tipos de crime anteriores.

A era dos furtos, arrombamentos e contos engenhosos, quiçá ingênuos, e pouco vinculados à agressão acabara. Iniciava-se neste período um tempo de medo, tensão e violência. Os jornais passaram a dar maior destaque aos assaltos e roubos, cada vez mais permeados de violência, ressaltando o recrudescimento da criminalidade, a impotência dos poderes públicos e o temor da população.

A seguir, alguns artigos do jornal A Tarde que permitem uma melhor visualização do quadro:

> *"Assaltos continuam: DFR não sabe.*
> *Pelo menos mais dois assaltos foram registrados na noite de anteontem para ontem, embora as autoridades da Delegacia de Furtos e Roubos (DFR) declarem não haver uma só queixa de vítimas dos assaltantes, depois da prisão na última semana, de cerca de 8 marginais suspeitos uma das vítimas declarou ter sido*

assaltada na noite de anteontem por quatro indivíduos que usavam um Volks que depois de fecharem seu "Bel Ari' de placa 38809, apontaram-lhe revolveres obrigando-o a passar para o banco traseiro do seu carro o abandonaram e fugiram" (A Tarde, 25.5.71,p15).

"Cidade entregue a assaltantes e delegado apela à imprensa. Os negociantes da zona comercial da cidade baixa estão em polvorosa e alegam que de nada adianta pagarem à prefeitura a taxa de vigilância, uma vez que no local não existe a vigilância nem policiamento ostensivo agora a cargo da polícia militar" (A Tarde, 14.7.71,p.16).

Já em 1974, precisamente na edição de 16.7.74 , o jornal A Tarde deu destaque para o seguinte assalto:

"Assaltado e ferido perto da estação rodoviária. O agricultor Lourival Rocha dos santos, ao saltar de um ônibus na estação rodoviária, saiu à procura de condução, quando deparou-se com seis homens que armados de facões , cortaram seu rosto, rasgaram suas roupas e levaram CR$ 150,00, relógio e uma sacola contendo objetos de uso pessoal (...) disse a vítima na DFR que ' no momento que fui agarrado, um dos assaltantes atacou com um facão ferindo meu rosto. Fiquei completamente desnorteado e não vi mais nada. O sangue começou a jorrar e fui aos poucos perdendo as forças os seis elementos fizeram uma roda e começaram a dar-me socos e pontapés. Fiquei desacordado por alguns minutos. Quando acordei, notei que tinham levado tudo o que eu trazia" (A Tarde, 26.7,74.p.15).

Outra matéria do jornal A Tarde ressalta a realidade da época no que diz respeito aos crimes contra o patrimônio.

"Quase mil assaltos e furtos sem solução. O alarmante número de roubos registrados este ano na DFR (742 casos somente de junho a 21 de julho), está preocupando seriamente as autoridades. Além dos casos registrados nos meses de junho e julho existem outros ocorridos desde o início do ano, como 160 assaltos à mão armada que eleva a cifra para 902 casos" (A Tarde, 22.7.74,p.17).

Segundo a reportagem policial, houve a média de cinco ocorrências por dia entre furtos e roubos no primeiro semestre de 74, sendo 0,88 os assaltos diários. Esta média sobe ao analisar-se a tabela 16 que apresenta os registros de ocorrência por ano segundo fontes da SSP-Ba. Em 74, foram 4.714 queixas na DFR, o que significava uma média de 12,91

ocorrências por dia. Entre os anos de 1973 e 1974 tem-se a média ampliada para 18,24 ocorrências por dia. De 1973 a 1979 a quantidade de ocorrências aumentou mais que 100%.

TABELA 16

Registros de ocorrências de furtos e roubos nas delegacias da cidade do Salvador - 1973/1980

REGISTROS EM DELEGACIAS - FURTOS E ROUBOS	1973	1974	1975	1976	1977	1798	1979	1980
	4.165	4.714	5.022	6.895	7.943	8.074	9.804	10.001

FONTE - Depto. De Policia Metropolitana - DEPOM - Indicadores de Dados Policiais - 1972/1982

Em 1975 havia a proporção de 1 furto/roubo efetuado para cada 245 habitantes de Salvador. Já em 1980 esta correlação subiu para 1 em cada 150 habitantes. Pode-se perceber claramente a tendência crescente a nível relativo e ao mesmo tempo absoluto da incidência de furtos e roubos em Salvador com o passar dos anos.

Em 21.1.76 o jornal A Tarde apresentou o seguinte quadro sombrio acerca da violência urbana em Salvador:

> *"A insegurança nos lugares públicos e até nos lares está se tornando o comum nas cidades brasileiras. A passos largos vamos nos aproximando de metrópolis estrangeiras, onde os hóspedes dos hotéis são advertidos do perigo que correm em passearem à noite pela cidade do jeito que a coisa vai, acabaremos num verdadeiro Líbano, com pessoas armadas pelas ruas com metralhadoras e granadas. È o que falta"* (A Tarde, 21.1.76,p.13).

Ao proceder uma análise da tabela 17, pode-se concluir que houve um crescimento vertiginoso da incidência de assaltos. Em 1972 foram 256 queixas, contra 556 em 1979 e 858 em 1981. Entre 1972 e 1981 houve um aumento de 235,15% das queixas de assalto, contra um aumento populacional de apenas 49,12% no mesmo período. O incremento do índice de assaltos foi 372,61% maior que o aumento populacional.

TABELA 17 - **Características das ocorrências por furtos e roubos em Salvador - 1972/1981**

PERÍODO

ESPECIFICAÇÃO	MEDIA ANUAL	TAXA GEOM. DE CRESC. NO PERIODO	TOTAL	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981
Furto Simples	3095,0	0,00294	30.950	2.079	2.323	2.880	4.502	4.590	2.493	1.947	4.034	3.961	2.141
Arromb.Veículo	2042,7	0,04167	20.427	1.696	1.772	951	842	1.310	2.945	2.944	2.908	2.508	2.551
Arromb. Residência	1159,2	0,03229	11.592	1.211	728	875	628	1.117	1.540	1.180	1.269	1.380	1.664
Arromb. C.Comerc.	521,1	0,04690	5.211	399	251	462	373	891	668	585	457	494	631

Ganância	313,7	0,12635	3.137	-	171	33	59	557	-	499	575	681	562
Roubo (Assalto)	407,9	0,12856	4.079	256	204	192	168	132	297	420	556	996	858
Furto de Veículos	677,1	0,04558	6.771	381	348	547	613	613	1.083	1.309	732	550	595
TOTAL	**8216,7**	**0,04102**	**82.167**	**6.022**	**5.797**	**5.940**	**7.185**	**9.210**	**9.026**	**8.884**	**10.531**	**10.570**	**9.002**

FONTE - DFR-DFV-SEPOC- Indicadores de Dados Policiais/SSP - Ba

O crescimento da prática criminosa violenta na década de 70 foi qualitativamente muito superior à pura e simples proporcionalidade quanto ao crescimento demográfico, denotando a existência de outras variáveis determinando os processos e fenômenos. Analisando-se a tabela 18, percebe-se que comparando-se 1972 com 1981 os assaltos aumentaram sua incidência em 135,15% ao longo da década, e os outros tipos de crime contra o patrimônio apenas 40,18%. Houve uma mudança no perfil da criminalidade urbana em Salvador, demonstrada de forma incontestável pelos dados levantados junto à SSP-Ba. A conjuntura histórica no período composto pelos anos 70 apresentou o assalto como o tipo de crime que mais aumentou sua incidência.

TABELA 18

Correlação entre assalto e outros crimes contra o patrimônio em Salvador - 1972/1981

OCORRÊNCIAS CRIMES	TOTAL	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981
ASSALTO	**4.079**	**256**	**204**	**192**	**168**	**132**	**297**	**420**	**556**	**996**	**858**
FURTO, AROMBAMENTO, GANÂNCIA	**71.317**	**5.385**	**5.245**	**5.201**	**6.404**	**8.465**	**7.646**	**7.155**	**9.243**	**9.024**	**7.549**

FONTE/ DFR/DFV - Indicadores de Dados Policiais - SSP-Ba

Na tabela 19, tem-se dados relativos à hora de maior ocorrência dos assaltos e as armas utilizadas para suas práticas. Em 1972, 68,75% dos assaltos ocorreram entre 18:01 e 6:00 horas. Este índice permaneceu estabilizado em 1979, com 71,94% das ocorrências nesta faixa horária. Na década de 70, as noites são mais perigosas que os dias. A proporção média na década de 73,97% dos assaltos acontecendo entre 18:01 e 6:00 horas da manhã.

Quanto ao tipo de arma utilizada, nos assaltos tinha-se em média na década de 70 que 88,71% dos assaltos foram efetivados com o uso de armas de fogo. Em 1972 esta proposição foi de 85,54% e em 1979, de 96,04%. Conclusão: Os agentes criminosos passaram a utilizar meios cada vez mais violentos e "profissionais" para obterem sucesso na empreitada delituosa.

TABELA 19

		ASSALTANTES		**TIPOS DE ARMAS**				
PERÍODO	NÚMERO DE ASSALTOS	MASCULINO	FEMININO	TOTAL DE ARMAS	ARMA DE FOGO	ARMA BRANCA	NÃO ESPECIFICADA	OUTRAS
1972	256	256	-	297	219	62	7	9
1973	204	457	-	340	251	71	8	10
1974	192	475	-	289	207	64	-	18

1975	168	463	10	199	149	35	15	-
1976	132	302	-	200	123	68	9	-
1977	297	730	-	298	174	84	-	40
1978	420	911	6	454	317	113	24	-
1979	556	1.130	-	597	534	59	-	4
1980	996	2.154	-	1.065	753	194	74	44
1981	858	1.949	-	924	603	257	-	64
TOTAL	4.079	8.827	16	4.663	3.330	1.007	137	189

FONTE . DFR/ SEPOC- Indicadores de Dados Policiais - SSP-Ba

A tabela 20 apresenta dados relativos às vítimas dos assaltos em Salvador na década de 70. Observando atentamente percebe-se que 81,21% das vítimas foram transeuntes, ll,19% casas comerciais, 3,5% casas residenciais e 4,08% outras vítimas.

TABELA 20

Vitimas de assalto em Salvador - 1972/1981

ESPECIFICAÇÃO	MÉDIA ANUAL	TOTAL	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981
Transeuntes	297,8	2..978	198	156	147	92	101	263	381	471	589	582
Casas Comerciais	47,0	470	48	38	36	25	12	14	23	53	157	64
Casas Residenciais	24,3	243	9	8	7	8	4	10	12	20	67	98
Outros	38,8	388	3	2	2	43	15	10	4	12	183	114
TOTAL	407,9	4.079	256	204	192	168	132	297	420	556	996	858

FONTE - DFR/ SEPOC- Indicadores de Dados Policiais - SSP-Ba

Compondo o grupo de 4,08% de outras vítimas de assaltos na década de 70 , Tinha-se os bancos. No início da década de 60 havia pouco risco de uma agência bancária sofrer um assalto, tanto que o sistema de segurança era precário. Após o golpe militar, as organizações terroristas de esquerda incluíram em sua tática de resistência os assaltos a bancos e isto veio a se refletir na forma como estas instituições financeiras, o Estado, os órgãos repressores e a sociedade passaram a encarar a violência urbana.

O artigo do jornal A Tarde datado de 8.1.70 e que segue em anexo, reflete bem o imaginário social da época, com o início da preocupação por maior segurança nos bancos, até então inexistente ou efetuada de forma displicente e amadora. Segundo o jornal,

> *"Como evitar assaltos a bancos. A melhor maneira é entregar o dinheiro e ficar de olho vivo. O Major da Policia Militar Oto Aguiar, fez ontem uma conferencia para gerentes de bancos a fim de instrui-los como evitar assaltos (...) O único sistema mesmo é entregar o dinheiro, ficar calmo e quieto e abrir bem os olhos para fixar os rostos dos assaltantes (...) pelo decreto lei 1.034 de 21.10.69, o governo obriga os estabelecimentos bancários a montarem dentro de um ano seu dispositivo de segurança. Este*

> *será de vigilância ostensiva, por parte de guardas (...) o alarme deve ser do tipo visual (...)"* (A Tarde, 8.01.70, p. 7).

Outro artigo, este de 19.1.70, apresentou a associação aos olhos da sociedade, da crescente onda de assaltos a banco e a prática terrorista. Já dois editais do mesmo jornal, em 20.03.70 e 29.05.70, com uma distância entre eles de aproximadamente dois meses, apresentaram uma dura crítica ao despreparo dos bancos e da polícia baiana para enfrentar os assaltos, já que estes se configuram como uma situação nova para a realidade de Salvador. Segundo estes documentos,

> *"Os assaltos. Quando muitos pensavam que a morte de Mariguella seria o fim do terrorismo, varias autoridades se mostraram reticentes. Na verdade, (...) os assaltos não cessaram (...) a solução poderia ser encontrada mais facilmente, e em caráter definitivo, se cada banco pudesse ou quisesse criar um corpo de segurança.* "A Tarde, 19.1.70, p. 3).

> *"Ação contra os assaltos. Quase não há dia em que os jornais não registrem assaltos a bancos , em diversos pontos do pais (...) Sejam praticados por criminosos comuns (que estariam se valendo da moda) ou por subversivos, o fato é que a seqüência desses assaltos está perturbando gravemente a atividade bancaria (...) e gerando no pais um sentimento de relativa insegurança (...)"* (A Tarde, 20.3.70, p.2).

> *"Revelações do assalto. O assalto a agencia do banco da Bahia na Liberdade serviu para comprovar, dentre outras coisas, a coragem pessoal de alguns policiais e o desaparelhamento da Secretaria de Segurança Publica (...) falta ao seu pessoal a aptidão necessária para dominar assaltantes (...)"* (A Tarde, 29.05.70., p.2).

No artigo de 29.5.70, o jornal A Tarde entrevistou o ex-encarregado da segurança do Baneb, que relatou a ingenuidade no transporte de valores no início da década. Ainda não havia a prática corrente do uso de carros-fortes, nem a instalação sistemática de instrumentos técnicos de segurança preventiva ou ainda a presença efetiva de vigilantes armados. Segundo a entrevista,

> *"Prossegue o ex-chefe do setor de segurança do BANEB - E são justamente medidas preventivas que faltam aos bancos (...) A maneira pela qual alguns bancos conduzem enormes somas de dinheiro confiadas pelos seus clientes - continuou - alem de constituir uma demonstração de descaso e displicência, forma um verdadeiro convite a assaltantes e ladroes em potencial (...) a circulação de dinheiro aumenta incessantemente. Na rotina das operações de um banco, transportar dinheiro continua sendo um*

> *dos maiores riscos. Já testemunhei dinheiro sendo conduzido, arrastado pelas ruas em sacos abertos, em coletivos, taxis, kombis etc. Isto sem contar da maneira que é conduzido sem a menor proteção, apenas levado pelas mãos dos diligentes caixas".* (A Tarde, 29.05.70, p. 6).

Em outra matéria de 28.12.70, o jornal A Tarde informava que a partir de 1° de janeiro de 1971 entraria em vigor uma nova política de prevenção aos assaltos a bancos. Apesar de pouco significativas em termos percentuais, à nível qualitativo, este tipo de crime abalou a ordem instituída, tendo sido capaz de impor mudanças radicais na forma do Estado e das empresas organizarem seus procedimentos operacionais. Caso estes assaltos não tivessem uma grande magnitude qualitativa, para a sociedade, não seriam capazes de transformar a forma dos bancos prestarem seus serviços. Eles mudaram porque os assaltos incomodaram e ameaçaram. Como disse o jornal A Tarde, " *são capazes de desorganizar a economia brasileira perturbando gravemente a atividade bancária."* (A Tarde, 20.3.70,p.16).

Tem-se, portanto, no que diz respeito ao crime contra o patrimônio na década de 70 em Salvador, uma modificação significativa no seu perfil, mais especificamente em dois aspectos, se comparado à década de 60:

a) Aumento da incidência de crimes, pois proporcionalmente houve mais crimes nesta década que na anterior. Segundo o Delegado João Laranjeiras, Diretor do Departamento de Polícia do Interior - DEPIN da SSP-Ba,

> *"Houve uma evolução da marginalidade e consequentemente aumentou a violência. Há cerca de 10 anos atrás (1960) não ocorriam os assaltos com tanta freqüência (...) ao analisar a onda de assaltos e latrocínios que estão ocorrendo em todo o Estado e com mais intensidade em Salvador"* (A Tarde, 24.11.79, p.8).

B) Aumento da violência associada à criminalidade. As práticas mais violentas começaram a ocorrer com maior freqüência, ampliando a participação no universo total da criminalidade urbana em Salvador. Na mesma entrevista ao jornal A Tarde, o Delegado João Laranjeiras desabafou " *Os delinqüentes agora necessitam apenas de um revólver. Aproximando-se de suas vitimas eles exigem a entrega de valores (...) Atualmente os ladrões não utilizam o raciocínio, passando a usar a violência indiscriminada. Antigamente, os ladrões empregavam mais inteligência (...)* (A Tarde, 24.11.79,p.8).

Os "*gatunos*", "*Malandros*", " *Meliantes*", "*larápios*", " *amigos do alheio*", dentre outros adjetivos típicos dos românticos anos 60, deram lugar a qualificações mais densas, tais como "*bandidos*", "*assaltantes*" e "*marginais*". Os títulos de quatro artigos do jornal A Tarde no decurso da década de 70 são bastante representativos desta realidade:

"*Onze pessoas assaltadas com violência no fim de semana*" (A Tarde, 16.1.76.p.15).

"Assaltos se sucedem na cidade e a polícia continua impotente " (A Tarde, 27.1.78,p.17).

" *Assaltantes desafiam a polícia e atacam com violência em Salvador* ". (A Tarde, 30.1.78,p.16).

" *Em menos de 24 horas, 6 assaltos, um latrocínio e pânico na avenida Sete*" . (A Tarde, 10.5.78,p.15).

II - PERFIL DO AGENTE CRIMINOSO NA DÉCADA DE 70

CARACTERÍSTICAS SOCIAIS

a) COR

A tabela 21 apresenta a correlação entre cor e os crimes ocorridos nas décadas de 60 e 70, baseados na pesquisa de campo empreendida junto ao Conselho Penitenciário:

TABELA 21

Etnia dos agentes criminosos em Salvador - Anos 60 e 70

60	24,1 %	18,75%	47,02%	10,11%
70	52,23%	10,91	29,69%	7,15%

FONTE - ACP - Processos criminais arquivados cujos delitos foram cometidos entre 1960 e 1979

Levando-se em consideração para uma análise qualitativa apenas os crimes nos quais a variável cor é conhecida, tem-se a seguinte proporção:

TABELA 22

Etnia dos agentes criminosos em Salvador - 1960/1979 - Processos cuja variável era conhecida

DÉCADA	NEGRO	PARDO	BRANCO
60	24,7 %	61,96%	13,33%
70	22,85%	62,16%	14,88%

FONTE - Ver tabela 21

Do total de crimes pesquisados na década de 70, 7,15% foram realizados por brancos, 29,69% por pardos e 10,91% por negros. Percebe-se que 40,6% do total de crimes foi levada à cabo por sujeitos não brancos. Já em relação à tabela 22, percebe-se que a proporção dos crimes efetuados por indivíduos que não eram considerados brancos salta para 85,01%, praticamente a mesma proporção da década anterior, que foi de 86,66%.

Conclui-se portanto, que em relação à variável racial dos agentes criminosos, o perfil se manteve inalterado em comparação aos anos 60: A maioria absoluta dos delinqüentes em Salvador na década de 70 continuava sendo de negros e mestiços, justamente, a camada mais pobre e que vivificava de modo mais intenso o caráter contraditório do crescimento econômico da cidade.

B) Idade

A tabela 23 apresenta os dados comparativos acerca das idades dos agentes criminosos na época dos delitos nas décadas de 60 e 70:

TABELA 23

Idade dos agentes criminosos de Salvador ao cometerem os delitos - Anos 60 e 70

DÉCADA	IDADE DESCONHECIDA	17 A 24 ANOS	25 A 34	35 A 44	45 A 54	55 A 64	ACIMA DE 64 ANOS
60	9,5 %	26,48%	39,58%	15,17%	7,14%	2,13%	-
70	17,25%	34,85%	31,1 %	11,85%	3,4%	1,05%	0,23%

FONTE - Ver tabela 21

Percebe-se que 66,06% dos agentes criminosos da década de 60 pesquisados junto ao conselho Penitenciário estão na faixa dos 17 aos 34 anos de idade, considerada uma faixa jovem. Na década de 70, este mesmo estrato de idade foi responsável por 65,95% dos crimes, ressaltando uma estabilidade no perfil etário dos agentes criminosos ao longo dos anos em Salvador.

Na faixa etária intermediária, entre 35 e 44 anos, a década de 60 apresenta 15,17 % dos casos, contra 11,85 % na década seguinte, ocorrendo um decréscimo de 21,89% de agentes criminosos pertencentes a este grupo de idade. No caso dos agentes criminosos com mais de 55 anos, enquanto na década de 60, eles foram responsáveis por 2,13 % dos crimes, na década seguinte, passaram a representar 1,28% do total.

A análise comparativa dos dados permite concluir-se que a maioria absoluta dos agentes criminosos estudados nas duas décadas estavam abaixo dos 35 anos. Não houve mudanças nesta característica social dos criminosos, exceto pelo fato de que houve um aumento de incidência na faixa mais jovem (17 a 24 anos) e um decréscimo na mais velha (25 a 34 anos e 35 a 44 anos). Os agentes criminosos começaram mais cedo a vida de crimes na década de 70.

O "perfil padrão" do agente criminoso da década de 70 não mudou em comparação com a década de 60: Além de não ser branco, o transgressor da lei era jovem.

C) Escolaridade

A tabela 24 expressa as percentagens relativas à escolaridade dos agentes criminosos nas décadas de 60 e 70, baseado no levantamento de dados no Conselho Penitenciário:

TABELA 24

Escolaridade dos agentes criminosos de Salvador - Anos 60 e 70

DÉCADA	DESCONHECIDO	ANALFABETO	PRIMÁRIO	GINÁSIO	SEGUNDO GRAU	SUPERIOR
60	18,15%	33,63%	40,77%	5,35%	0,89%	1,19%
70	32,39%	19,71%	36,97%	7,74%	1,76%	1,4 %

FONTE - Ver tabela 21

Na década de 60, 74,4% dos agentes criminosos possuíam no máximo o curso primário, enquanto nos anos 70 esta proporção decaiu 23,82%, pois 56,68% dos crimes foram cometidos por agentes criminosos analfabetos ou que estudaram no máximo até o curso primário. Já o percentual de desconhecidos e a prevalência de agentes criminosos com o ginásio, o 2º grau e nível superior (7,13% nos anos 60 e 10,9% nos anos 70) aumentaram respectivamente 78% e 52,87%.

Os dados coletados referentes à década de 70 deixam claro que na década de 70 houve uma maior incidência de crimes cometidos por pessoas de maior nível de escolaridade. Ainda assim, a maioria absoluta dos crimes foi praticada por sujeitos com baixo nível sócio-cultural.

D) Atividades profissionais

A tabela 25 apresenta as correlações entre tipo de crime e a inserção do agente criminoso no mercado de trabalho nos anos 70:

TABELA 25

Perfil ocupacional dos agentes criminosos de Salvador - Anos 70

PROFISSÃO	DROGAS	PATRIMÔNIO	PESSOA	SEXUAL
AUTÔNOMO DE BAIXA RENDA	21,32%	13,07%	12,78%	7,69%
AUT. DE MEDIA/ALTA RENDA	2,2 %	2,17%	2,63%	-
LAVRADOR/PESCADOR	5,14%	0,72%	3,14%	3,84%

MILITAR	-	0,96%	2,66%	3,84%
TRAB.BAIXA RENDA	36,02%	55,63%	55,63%	69,23%
DESCONHECIDO	22,05%	23,72%	14,28%	18,38%
NÍVEL SUPERIOR	-	0,48%	0,37%	-
SEM PROFISSÃO DEFINIDA	7,35%	9,2 %	3,38%	-
ESTUDANTE	2,94%	3,63%	0,75%	-
ARTESÃO/ARTISTA	2,94%	1,45%	0,75%	-
APOSENTADO	-	0,24%	-	-
DESEMPREGADO	-	-	0,37%	-

FONTE - Ver tabela 21

Pode-se perceber que na década de 70, assim como na década anterior , a maioria absoluta dos agentes criminosos tinha ocupações de baixa renda. A tabela 26 expõe mais claramente estes dados:

TABELA 26 - **Participação de agentes criminosos de ocupação de baixa renda no total de crimes da cidade - Anos 60 e 70**

60	17,55%	54,14%	7,14%	21,17%
70	14,2 %	46,71%	19,95%	19,14%

FONTE - Ver tabela 21

Encontra-se que nos anos 60, 71,69% dos crimes foram cometidos por pessoas de baixa renda, enquanto que nos anos 70 esta correlação passou para 60,91%. Em ambos os casos, esta proporção expressa a maioria absoluta, ainda que na década de 70 tenha havido um decréscimo de incidência desta variável.

Outro dado significativo está vinculado à incidência de agentes criminosos sem profissão definida. Nos anos 60 esta prevalência era aproximadamente três vezes maior nos crimes contra o patrimônio em comparação com os crimes contra a pessoa. Nos anos 70, esta proporção aumentou um pouco - 9,2% e 3,38% - , mas se encontra aproximadamente na mesma faixa, fazendo supor que também nos anos 70, nos crimes contra o patrimônio existia uma forma de marginalidade específica, com maior nível de "profissionalização" na prática delituosa.

O agente criminoso representativo da realidade dos anos 70, à semelhança do que se observou nos anos 60, era negro ou pardo, jovem, de pouca ou nenhuma instrução e com baixo nível sócio-econômico.

E) Sexo

Nos anos 70, apenas 6,8% dos crimes foram praticados por mulheres, com 36,2% das criminosas presas, condenadas por tráfico, 24,13% por homicídio, 22,41% por furtos e 17,26% por outros crimes.

TABELA 27

DÉCADA	HOMICÍDIOS	TRÁFICO	FURTOS	OUTROS
60	45 %	20 %	30 %	5 %
70	24,13%	36,2%	22,41%	17,26%

FONTE Ver tabela 21

Percebe-se que houve uma diminuição dos homicídios e furtos praticados por mulheres e um aumento da incidência de tráfico de drogas e outros delitos. Ainda assim, os homicídios tráfico e furtos corresponderam a 95% e 82,74% do total de crimes, respectivamente nos anos 60 e 70.

Pode-se considerar que nas duas décadas a criminalidade feminina era insignificante se comparada à criminalidade masculina. Além disto, qualitativamente, as mulheres não participaram da escalada da violência associada aos crimes contra o patrimônio a partir do início dos anos 70, e que assolou Salvador.

Concluindo-se a construção do perfil do agente criminoso da década de 70 em Salvador segundo o levantamento de dados junto ao Conselho Penitenciário, tem-se rigorosamente a mesma configuração da década precedente. Este resultado leva à inferência de que os agentes criminosos possuíam as mesmas características sociais nos dois períodos até aqui estudados, sendo provenientes, a nível majoritário ,das classes populares oprimidas, excluídas e marginalizadas do processo produtivo. O que mudou de um modo significativo foi a incidência dos atos criminosos, os tipos de crime que passaram a predominar e a forma como foram cometidos. Definitivamente, Salvador passou a ter sua vida cotidiana modificada em decorrência do incremento da criminalidade urbana que provinha do mesmo estrato da população que antes, porém de um modo muito mais intenso e violento.

Segundo o jornal A Tarde,

> *O governador Antônio Carlos Magalhães anunciou à imprensa ontem pela manhã no Palácio de Ondina, que vai solicitar um efetivo apoio do Ministro Petrônio Portela da Justiça, para resolver de uma vez por todas o problema do grande índice de violência que toma conta do estado"* (A Tarde, 24.11.79.p.7).
>
> *"A violência e a criminalidade no entender do Prefeito de Salvador Mário Kértz é um problema social muito grave e que envolve vários aspectos (...)' O mundo está violento e se divulga bastante isto. A criminalidade tem crescido muito (...) problemas sociais e econômicos também são para o prefeito de Salvador os*

causadores da onda de violência que assola a cidade" (A Tarde, 24.11.79,p.9).

V - SALVADOR NA DÉCADA DE 80

Até meados da década de 70, a conjuntura econômica brasileira estimulou o fortalecimento de grande empresas de capital nacional e internacional. No período do "milagre", a indústria de bens de consumo - eletrodomésticos e automóveis - deram um salto significativo, configurando-se no segmento da indústria de maior participação na expansão econômica. À medida que a capacidade produtiva atingia o limite máximo, houve a necessidade imperiosa de vultosos investimentos no setor de bens de capital, o qual, já em 1975, passou a ser o pilar básico do crescimento econômico, com as maiores taxas de expansão da indústria. Neste processo, a produção interna de bens de capital avançou significativamente, assim como as importações de máquinas e equipamentos. A indústria produtora de bens de capital iniciou assim, um programa de expansão que encareceu os preços internos, tornando mais altos os custos necessários para a continuidade do crescimento econômico inserido no modelo desenvolvimentista. Segundo o economista José Sérgio Gabrielli,

> *"A elevação do valor monetário das compras de máquinas e equipamentos por seu turno, aumentou a demanda por empréstimos de longo prazo, fornecidos pelos bancos oficiais ou pelo mercado financeiro internacional. Os bancos oficiais passaram a fornecer recursos financeiros com juros subsidiados, ao mesmo tempo em que a dívida externa se expandia (...) aqui estão duas pista para o entendimento do período pós-milagre. Tanto o crédito subsidiado, como o endividamento externo vão configurar obstáculos de continuidade da taxa de crescimento no período posterior a 74".* (Gabrielli, 1980, p. 111)

Agravando ainda mais o quadro, a crise do petróleo em meados de 1973 implicou no recrudescimento dos custos para importação do produto vital para a economia brasileira, dependente das rodovias para escoamento das produções. A competitividade brasileira nas exportações começou a cair progressivamente e um contexto recessivo começou a se delinear no país.

Segundo Lopez, ao analisar a questão sócio-econômica no início dos anos 80,

> *A redução das exportações, em virtude da recessão mundial - e o aumento brusco do preço do petróleo, provocaram um grande déficit na balança comercial (compra-se muito mais do que se vende) e fizeram crescer assustadoramente a dívida nacional. O mercado interno se retraíra muito em face da compressão salarial adotada para propiciar um produção de artigos industriais a preços vantajosos no mercado externo - mercado que agora entrava em fase recessiva. E a concentração de renda amplia o poder de compra de uma minoria, mas, pauperizando a maioria,*

contribuía perigosamente para aguçar as tensões sociais (...)" (Lopez, 1983, p.128)

Segundo Nelmar Faria em seu trabalho *Os limites da política social brasileira e os problemas da infância e da juventude,* baseando-se nos dados fornecidos pelo Unicef acerca da qualidade de vida nas sociedades do terceiro mundo, em 1987, o Brasil se constituía na nona economia do mundo em termos de volume global de seu PIB. Entretanto, apresentava índices de desigualdades sociais, de carências elementares da população e pobreza, maiores que a de países de menor desenvolvimento econômico global, tais como Peru, Síria , Irã , México, Hungria e África do Sul (Faria, 1991, p. 197).

A década de 80 começou com um Estado sem fôlego nem lastro para manter a política de subsídios e incentivos às empresas. Os recursos captados eram cada vez mais insuficientes para fazer frente às despesas exigidas para a manutenção do crescimento econômico nos moldes propostos. Os encargos com os subsídio, empréstimos exteriores e programas de transferência para ganhos empresariais - resultantes de uma hipertrofia da dependência empresarial perante o aparelho estatal - começou a inviabilizar os programas públicos e a estabilização financeira do Estado. Ao mesmo tempo, constituíram-se em fortes estímulos para um dos grandes problemas nacionais da época: A espiral inflacionária crônica .

A partir de 1981, o país entrou num longo período de estagnação que perdurou por toda a década. Para o periódico cadernos do CEAS, em seu editorial da edição set/out de 1989, a década de 80 apresentou a maior crise econômica das história do desenvolvimento capitalista brasileiro.

> *"Restringiu-se as oportunidades de emprego e amplia-se o espaço de miséria em meio a condições sociais cada vez mais arruinadas (...) A economia escorrega no vazio, provocada pela queda na taxa de investimento no país" (CEAS, 1989, p. 7).*

Na década de 80, chamada de "década perdida" por muitos economistas e historiadores, a economia brasileira apresentou baixas taxas de crescimento econômico, se comparada ao desempenho na época do "milagre". A renda *per capita* estagnou-se e como resultado direto desta situação, a população passou a viver um período de exacerbação dos problemas sócio-econômicos evidenciados já nas décadas anteriores.

Segundo o professor da PUC/RJ e presidente do Instituto dos Economistas do Estado do Rio de Janeiro, José Márcio Camargo, em seu artigo *O estado do desenvolvimento no Brasil: a década perdida* , publicado no periódico *Tempo e Presença* em 1991, a principal determinante da estagnação econômica na década foi a instabilidade monetária decorrente das altíssimas taxas de inflação. Tal posição era compartilhada com os governantes, tanto que foram muitas as tentativas mirabolantes e meramente conjunturais, de acabar com ela. Para o prof. Camargo,

> *"Foi exatamente com base nesta constatação e diagnostico, que o país passou a conviver com tentativas reiteradas de planos*

> *radicais de estabilização econômica, com o objetivo de acabar com a inflação (...) apesar de radicais e até mesmo inconstitucionais, esses planos têm tido sempre o mesmo destino: o fracasso"* (Camargo, 1991, p. 37).

O editorial do Cadernos do CEAS de 1989 corrobora a posição do professor Camargo, ressaltando que,

> *"A aceleração da inflação nos anos 80 exacerbou as distorções da economia brasileira, e acentuou as disparidades na apropriação da renda em prejuízo dos trabalhadores. O fracasso dos sucessivos choques econômicos retroalimentou a taxa inflacionária, impondo perdas reais crescentes ao poder aquisitivo dos salários (...) vive-se o processo onde a hiperinflação pode ser detonada a qualquer momento".* (CEAS, 1989, p. 8)

Em decorrência desta exacerbação dos processos contraditórios do crescimento econômico, uma constante ao longo da história recente do Brasil, a década de 80 caracterizou-se por apresentar o agravamento do quadro dos muitos problemas sociais nacionais, destacando-se, a péssima distribuição da população, da riqueza e da renda; os elevados níveis de pobreza da maioria da população , a péssima qualidade dos serviços públicos e da infra-estrutura urbana oferecidos (serviços de água, esgotamento sanitário, saúde, educação etc..) e as péssimas condições de vida no campo, o que estimulava mais ainda a migração para as grandes cidades, gerando, *(...) uma deterioração urbana impossível de ser revertida sem reformas estruturais importantes* . (Camargo, 1991, p.38).

Entre 1960 e 19989, a maior parcela da população brasileira ficou excluída dos benefícios do crescimento econômico, sob o argumento de que era necessário primeiro crescer, para depois socializar a riqueza. O bom desempenho econômico ocorria em paralelo a um brutal processo de concentração de capital e de renda no país. Em 1989 a participação do trabalhador na renda nacional foi menor que em 1961, decaindo de 60% para 38%. Outro dado significativo da crise social dos anos 80, estava correlacionado à taxa de mortalidade infantil. Em 1989, 69% das mortes das crianças com menos de 5 anos estavam vinculadas à fome e desnutrição. Em 1961, 38% da população estava subnutrida. Em 1986 este percentual saltou para 65%.Em 1990, 25% da população era analfabeta (CEAS, 1989, p. 8).

Em outro editorial do Cadernos do CEAS, publicado em jan/fev de 1992 e que discutiu as raízes da crise sócio-econômica do Brasil e as suas conseqüências foram apresentados os seguintes dados acerca dos gastos públicos aplicados na área social:

> *"Em 1986, os gastos sociais* per capita *do governo federal foram 18% menores do que aqueles registrados em 1980. No mesmo ano, 1986, as despesas da união com saúde, educação, subsídios à alimentação e habitação, somaram, segundo o Banco Mundial, 11,1 bilhões de dólares. Essa cifra representa 30% menos que a*

média do montante destinado ao pagamento do serviço da dívida nos anos 80" (CEAS, 1992, p. 5).

Ao longo das últimas décadas, o capitalismo nacional conseguiu avançar de forma acelerada, mas artificial, sem realizar reformas estruturais básicas que permitiriam a distribuição dos benefícios produzidos socialmente. O saldo do crescimento foi a crise vivenciada nos anos 80, com a agudização dos problemas ligados á dívida externa e à dívida pública interna. A "ciranda financeira" em períodos de alta inflação, desestimulou a alocação de recursos para atividades produtivas, preservando os lucros dos bancos credores internacionais e os ganhos dos que especulavam com a dívida interna. Entre 1985 e 1990, as saídas líquidas de recursos para o exterior somaram 54,48 bilhões de dólares, metade do valor total da dívida em 1992 (CEAS, 1992, p. 3).

O impasse dos anos 80 no Brasil foi criado por uma estratégia de desenvolvimento que direcionou os processos produtivos e econômicos para o atendimento das demandas dos grupos mais ricos e poderosos, em detrimento da massa alienada, marginalizada e empobrecida; sem acesso à vivência plena da cidadania. Em 1981 a produção industrial declinou 10% e o PIB 4% em relação ao ano anterior, implicando numa ociosidade da ordem de 30% da capacidade produtiva industrial no Brasil (Furtado, 1986, p. 3).

Inserido na conjuntura nacional, o quadro sócio-econômico da cidade do Salvador nos anos 80, também esteve marcado pelo recrudescimento dos problemas sociais. Para o ex-secretário de Minas e Energia do estado da Bahia, José de Freitas Mascarenhas, em entrevista ao jornal A Tarde de 29.9.84,

> *"(...) de 1980 para cá, aumentou o desemprego, o desenvolvimento da política habitacional estagnou, as condições de saúde e educação se deterioraram, a renda per capita diminuiu, houve aumento da criminalidade e da pobreza"*. (A Tarde, 29.9.84,p.11).

Após alguns anos de implementação e breve momento de euforia, a crise e a recessão atingiram em cheio os projetos do CIA e do COPEC , que nos anos anteriores tanto serviram para dinamizar a economia metropolitana. O jornal A Tarde em 29.9.84 apresenta um diagnóstico sombrio da situação do CIA, 17 anos após sua implantação.

> *"Decorridos alguns anos , nem mesmo as possibilidades de realizar bons empreendimentos prosseguiram atraindo aqueles que se lançaram num setor de atividade praticamente inédito em seus currículos. A SUDENE, como as vacas nordestinas, emagreceu (...) vieram à tona as conseqüências de planejamentos mal feitos ou mesmo a ausência de assessoria da própria SUDENE .E a imensidão da área - 432 milhões de metros quadrados - se transformou aos poucos, ao encontro da recessão e da crise, numa imagem de grande vazio ou um "verdadeiro cemitério de indústrias", como bem coloca o (...) superintendente do CIA."* (A Tarde, 29.9.84,p.12).

Na mesma entrevista, o superintendente do CIA esclareceu que dos 432 milhões de metros quadrados do projeto inicial, a área do CIA foi redimencionada para 190 milhões em 1980 e ainda assim houve ociosidade. Em 1984, a área total do CIA foi reduzida para 80 milhões de metros quadrados. Deste total, apenas 12 milhões estavam ocupados por indústrias. O resto era terreno baldio.

Outro ponto marcante da entrevista do superintendente do CIA ao jornal A Tarde, foi a revelação que muitos dos empreendimentos foram implantados por empresários inexperientes no setor industrial, seduzidos apenas pelas condições excepcionais para iniciar os negócios. Muitos tentaram arriscar, sem que tivessem competência empresarial para obter sucesso com as fábricas por esforços próprios, à margem do protecionismo estatal. Quando a crise adveio, a maioria dos donos de indústrias no CIA simplesmente abandonaram o negócio sem maiores prejuízos pessoais. Segundo o superintendente do CIA,

> *"A SUDENE não conteve a ambição de alguns pseudoindustriais e estes depois de usufruírem dos incentivos, usufruindo nababescamente, diga-se de passagem, na primeira oportunidade deixaram os empreendimentos(...) É preciso sair pesquisando para saber de quem é a indústria que está abandonada(...)" (A Tarde, 29, 9, 84, p.12)*

Assim como o CIA, o COPEC também se ressentiu das contradições econômicas nacionais nos anos 80. Em 1980 , o Pólo contava com 29 empresas em operação, 14 em fase de implantação e 12 em fase de projetos, empregando cerca de 23 mil pessoas e correspondendo a 23% do PIB baiano. Em 1984, havia 43 empresas em operação, mas apenas 18 mil empregos. Sua participação no total do PIB baiano caiu para 20%. A alternativa do COPEC ao longo dos anos 80 foi direcionar mais radicalmente ainda sua produção para exportação, perdendo em rentabilidade diante de uma conjuntura recessiva, inflacionária e de compressão salarial.

Entretanto, mesmo diante da crise, a industrialização na Bahia não perdeu seu caráter de influenciar direta e indiretamente a economia da grande Salvador, na medida que criava uma massa adicional de receitas do setor público que possibilitava a realização de programas de infra-estrutura e de apoio direto à produção, que serviu de sustentáculo - independentemente da amplitude - da realização de novos projetos industriais e no setor de prestação de serviços.

A década de 80 foi recessiva e negativa para a vida do cidadão de Salvador. A prioridade para a política de incentivos iniciada nos anos 50 permaneceu ainda que, extremamente mais tímida que nas décadas anteriores em função da escassez de recursos. Esta política foi muito criticada pelo economista baiano José Sérgio Gabrielli em entrevista ao jornal A Tarde de 4.10.92. Para Gabrielli, o governo entregou o dinheiro da população aos grandes

grupos oligopolistas , reforçando as desigualdades sociais no país. Na entrevista ele aponta três grandes erros na política de incentivos:

> *"(...) descontrole, permitindo desvios; pouca seletividade, concentrando as verbas em propostas voltadas para a economia externa e a marginalização de pequenas e médias empresas (...) a Bahia continua sendo um estado dependente e com grandes concentrações de renda nas mãos de uma minoria"* (A Tarde, 4.10.92, p.16).

Foi num contexto recessivo, entretanto, que um tipo de indústria conquistou definitivamente o *status* de fonte geradora de recursos e dinamização econômica em Salvador: O turismo.

Nos anos 80, o trabalho de *marketing* da imagem de Salvador no exterior foi intensificada. A profissionalização da máquina governamental vinculada ao turismo e a priorização dos investimentos na infra-estrutura turística pela iniciativa privada e pelo estado, deram um vigor inigualável a este setor econômico, comparando-se com as décadas anteriores. Além disto tudo, houve campanhas para a conscientização da população quanto á importância do turismo para a cidade. Citando dados da Bahiatursa, em 1981, o setor turístico era responsável por 10.000 empregos diretos e 30.000 indiretos.

A década de 80 registrou uma média de 1 milhão e 100 mil turistas anuais em Salvador. O crescimento do número de vôos internacionais e a reforma do aeroporto Dois de Julho, refletiram o aquecimento turístico da década, apesar da instabilidade nos momentos mais recessivos e de pacotes econômicos. Por exemplo, em 1986, ano do plano cruzado, houve a quebra do recorde de turistas na cidade. A média anual da receita com o turismo na cidade era de 150 milhões de dólares nos anos 80, o que correspondia a 5% do PIB estadual. (A Tarde, 12.10.92,p.17)

O turismo representava em 1984 a terceira maior fonte de receita para o estado, abaixo do COPEC e do CIA. Neste período, Salvador era a segunda capital brasileira na indústria turística e a quarta em população. Segundo a SEPLANTEC:

> *"(...) A ação oficial incentiva investimentos da iniciativa privada e desenvolve atividades e projetos relacionados com a oferta de equipamentos e serviços, preservação e valorização de monumentos, dinamização de eventos de cunho popular e religioso e técnicos-científicos ou referentes a categorias (conclaves, congressos etc..), além de político promocional em centros de emissão de turistas".* (SEPLANTEC, 1982, p.98).

Partindo-se da análise de diversos documentos de planejamento produzidos por diversas Secretarias de Governo nas décadas de 70 e 80, é possível depreender-se que o capital formado na Bahia tinha claras preferências por aplicações imobiliárias e comerciais em

decorrência da expansão econômica pós-industrialização planejada. Segundo Fernando Pedrão no seu ensaio produzido em 1984 chamado *As raízes da pobreza na Bahia*,

> *"A análise da industrialização nas décadas de 60 a 80 mostra que a maior parte das novas empresas industriais são originárias de capital de fora do estado, enquanto o capital localmente formado prefere aplicações imobiliárias e sustenta uma expansão da construção civil em Salvador"* (Pedrão, 1984, p.22).

Neste contexto, o antigo problema da migração não arrefeceu. Ao contrário, permaneceu impávido em seu ritmo vertiginoso de crescimento. Segundo o Presidente da CODER em 1984, Wladimir Abdala , em entrevista ao jornal A Tarde de 29.9.84,

> *"Foi o boom do petróleo que tirou o homem do campo, dos arados , com as vantagens dos salários milionários que a Petrobrás pagava a seus operários (...) aconteceu então, o fechamento do ciclo do período do fumo, do açúcar e das culturas de subsistência da RMS (...) Em 1960 já como resposta às atividades da Petrobrás, surgiu o CIA, criado para ser um grande catalisador das atividades da própria empresa de petróleo e de outras. Nessa fase é que realmente a agricultura parou. O homem saiu atrás dos bons empregos, da segurança da CLT, do sonho industrial. Em 1970 veio o COPEC"* (A Tarde, 29.9.84,p.11)

A focalização do desenvolvimento planejado nos setores industrial e terciário desarticulou o modelo econômico agro-exportador da RMS e não viabilizou uma atividade substitutiva para o meio rural. A migração apresentou-se como uma das poucas alternativas de sobrevivência para o sertanejo , estimulada ainda mais, pelas secas sazonais e pelo latifúndio. A desestruturação da economia rural na Bahia incrementou a urbanização das cidades, principalmente Salvador, à medida que esta passou a concentrar as funções comerciais, industriais e culturais do estado.

Em um artigo publicado no jornal A Tarde de 29.9.84, o prefeito de Salvador na época, o Sr. Manoel Castro, ressaltava os seguintes problemas da cidade:

> *"O crescimento de Salvador, sua intensidade no tempo e o papel exagerado que a migração tem desempenhado nesse processo , são questões que estão a exigir uma tomada de posição da comunidade (...) o automático desafio que temos pela frente corresponde ao adensamento das zonas periféricas, notadamente o subúrbio ferroviário e o mencionado trecho entre a BR 324 e a Avenida Paralela. Tais aglomerados formaram-se pela migração (...) A migração continua sem apresentar índices de arrefecimento"* (A Tarde, 29.9.84,p.13)

O aumento populacional entre 1970 e 1980 foi significativo: A cidade passou de 1 milhão de habitantes para 1 milhão e meio. A migração foi responsável por aproximadamente metade do incremento. Na década de 70 chegaram 223 mil migrantes. A média anual de migrantes aumentava com o passar do tempo. De 15,7 mil entre 1971 e 1974 , elevou-se para 24,2 mil entre 1975 e 1979. Em 1980, o IBGE registrou 39,4 mil migrantes em Salvador. Segundo o Prefeito de Salvador ao analisar as características sociais dos migrantes ,

> *"A maioria é constituída de pessoas carentes que passam a depender do poder público para prover-lhes quase tudo, a começar pela moradia"* (A Tarde, 29.9.84).

Continuando sua análise sobre a questão da migração em Salvador , o prefeito constatou que,

> *"O afluxo de migrantes para Salvador deve-se sobretudo política de industrialização (...) esta atividade atraiu um grande contingente em busca de melhores padrões de vida. No entanto, esta população consegue apenas aglomerar-se nas zonas periféricas, defrontando-se com condições verdadeiramente subhumanas de existência"* (A Tarde, 29.9.84).

No mesmo artigo, o Prefeito confirmou a impotência da administração municipal para atenuar o problema migratório e suas conseqüências sociais:

> *"A migração exagerada minimiza todos os programas que temos alcançado na melhoria das condições habitacionais da população de baixa renda. Cria sucessivamente, novas aglomerações a que efetivamente não se pode atender. Na circunstância atual, o deslocamento de famílias para Salvador não lhes oferece qualquer perspectiva de melhoria efetiva ao tempo em que agrava a situação dos que aqui se encontram".* (A Tarde, 29.9.84,p.13)

A principal capital do Nordeste na década de 80 foi uma cidade repleta de problemas sociais de grande envergadura. Houve uma ausência generalizada de planejamento urbano; constatou-se a falência do sistema de transportes e a ineficiência da rede de saúde pública. Para complicar mais ainda o quadro, o acesso da população à educação, saneamento, alimentação era bastante restrito.

O perfil da cidade mudou profundamente e de maneira mais acelerada nos anos 80, ocasionado sobretudo, pelo crescimento demográfico . A cidade veio absorvendo um expressivo contingente de população migrante atraída pelo sonho da cidade grande. Como conseqüência, surgiram inúmeros novos bairros e invasões, que cresceram e se consolidaram em locais distantes do centro e de topografia acidentada.

Algumas áreas que anteriormente eram exclusivamente residenciais, passaram a abrigar uma quantidade maior e mais diversificada de serviços e atividades produtivas de pequeno porte - muitas delas ligadas ao mercado informal . Outros locais foram ocupados por famílias inteiras de migrantes sem alternativa de moradia. Em 28.12.82 o jornal A Tarde publicou uma matéria com título bastante sugestivo: *Desocupados habitam viadutos da cidade*. Segundo o texto,

> *"Embaixo de viadutos, das marquises, das grandes avenidas, em praças e até em frente à secretaria de Segurança Pública, ao lado da Faculdade de Economia da UFBa, mendigos, desempregados, viciados, desocupados e malucos ocupam o coração da cidade e a sua periferia (...) O caminho deles é a marginalização e a criminalidade(...) Um rapaz (...) improvisou um barraco para vier com a mãe doente mental. Afirmando estar desempregado, por ter perdido os documentos, revelou que vive ali desde a inauguração do viaduto, há cerca de três anos (...) "A maioria como eu, é desempregada e veio do interior" disse(...)"* (A Tarde, 28.11.82,p.2).

Na avaliação do jornal, a maioria destes *sem teto* urbanos era

> *"(...) integrante dos seguimentos de baixa renda, os mais afetados pela recessão econômica , carestia e desemprego. Esta população marginalizada prolifera embaixo de viadutos, praças, terrenos ou imóveis abandonados ,tanto no centro como nos bairros mais afastados e nos subúrbios de Salvador"* (A Tarde, 28.11.82, p.2).

Segundo outro artigo do mesmo jornal, A *Recessão agrava a situação da população,*

> *A urbanização acelerada provocou um incremento acentuado na demanda por infra-estrutura, serviços, habitação e mercado de trabalho em níveis superiores à capacidade local de atendimento, resultando em um destino marginal para os contingentes não absorvidos pelo mercado de trabalho. A situação que se agrava nos dias atuais em função do momento recessivo que atravessou a economia brasileira"* (A Tarde, 29,9.84,p.9)

Um dos mais graves sintomas sociais decorrentes desta degradação da qualidade de vida no meio urbano e da falta de cidadania foi a situação dos meninos e meninas de rua na cidade. Em 1978, o jornal A Tarde apresentou o artigo *O grande plano para os nossos 25 milhões de menores carentes*, no qual diagnostica que ,

> *"No Brasil, a situação do menor desamparado vem merecendo a atenção de juristas interessados para que se encontre uma solução*

> *digna e decente para o assunto (...) haja visto o crescimento constante do número de menores que nos grandes centros urbanos agem delituosamente (...) a questão da delinqüência juvenil se encontra diretamente ligada a esse estado de coisas precário que não é capaz de atender às crianças que se encontram desassistidas e terminam por ingressar, face ás subcondições de vida, a que estão submetidas, no caminho da delinqüência"* . (A Tarde, 8.3.78p.14).

Ainda em 1978, o Juiz de Menores Agnaldo Bahia Monteiro, publicou um ensaio no jornal A Tarde de 12.5.78 denominado *Menor marginalizado: o que fazer para sua redenção*, pondo a descoberto a situação crítica do menor em Salvador. Para o Juiz,

> *"A experiência de oito anos à frente do juizado de menores de Salvador (...) tem me proporcionado a certeza da profunda gravidade da problemática da marginalização que ao poucos vai gerando a desassistência de milhares de crianças (...) Nada menos de 200.000 crianças inteiramente desassitidas vivem em Salvador, em meio a destruição dos lares, quando estes existem realmente"* (A Tarde, 11.5.78p.7).

Dez anos depois, a situação do menor em Salvador piorara muito. Não havia um política oficial eficaz para o resgate da cidadania ou promoção e defesa dos seus direitos. As primeiras movimentações sociais e políticas neste sentido, iniciaram-se no começo nos anos 90, a partir da implantação do Forum de Defesa da Criança e do Adolescente, entidade não governamental que englobava instituições de diversos matizes com o objetivo de propor alternativas para a transformação do quadro sombrio das crianças e adolescentes em crescente situação de risco social na cidade. Segundo o Unicef, *A gravidade da situação vivenciada pelas crianças e adolescentes no estado da Bahia, mobilizou setores da sociedade baiana interessados em criar um espaço político, objetivando a apresentação de propostas concretas para reverter esta situação* (Unicef, 1991, p.17).

Em 1988 no artigo *Fabricando marginais*, o jornal A Tarde criticou a ação dos poderes públicos diante do problema:

> *"O Brasil nunca foi e pelo visto jamais será um país cujos problemas mais gritantes terão soluções definitivas. Aqui, a prática corriqueira é a do lixo sob o tapete. O caso do menor abandonado é típico. Todos sabem muito bem que os menores abandonados de hoje, se sobreviverem, serão os marginais de amanhã. No entanto, em vez de adotar medidas sociais sérias a fim de proporcionar a esse enorme contingente de menores educação, trabalho, um aprendizado de vida digna, o que se vê*

> *são governos recolherem crianças e adolescentes a verdadeiros campos de concentração"* (A Tarde, 7.7.88. p.13).

Segundo Irene Rizzini em seu trabalho de pesquisa denominado *Menores institucionalizados e meninos de rua: Os grande temas de pesquisa na década de 80*, até os anos 80 não havia a conscientização da sociedade e dos poderes públicos acerca da correlação direta entre o problemas do "*menor abandonado*" e a "*política nacional de priorização do crescimento econômico em detrimento do bem-estar da população*". Apresentando-se como um problema crescente, não era mais possível que a sociedade ignorasse a "massa *de crianças nas ruas*". Para a autora, em face do processo de empobrecimento da população, as crianças pobres tinham cada vez mais cedo que gerar renda complementar para suas famílias miseráveis. As pesquisas dos anos 80 passaram a demonstrar que as crianças passavam a assumir precocemente a responsabilidade de garantir até mesmo o próprio sustento.(Rizzini, 1992, p.75)

Welson Moura em seu artigo *A família contra a rua, uma análise psicossociológica da dinâmica familiar em condições de pobreza*, afirma categoricamente que,

> *"Falar então do trabalho infantil em condições de subemprego parece ser grave deformação social. Infelizmente, esta é a realidade com que, se defrontam hoje milhares ou milhões de crianças que perambulam pelas ruas das principais cidades brasileiras em busca de ganhos financeiros"* (Moura, 1992, p.171).

A vulnerabilidade da criança na rua era uma constante. Primeiro aprendia a pedir e /ou a trocar pequenos serviços por alguma gorjeta. Depois, as portas estavam abertas para o aprendizado do furto e do roubo, ações que não poderiam da ajuda dos grupos e que na maioria das vezes culminava com as crianças transformando-se em vítimas dos grupos de extermínio. (Mello, 1992, p.145)

Em março de 1990, por iniciativa do Projeto Axé - ONG que realiza um trabalho com meninos de rua desde o final dos anos 80 - foi efetivado o levantamento das crianças de rua de Salvador. Foram contados 4.067 meninos e meninas, com 87,7% do sexo masculino , divididos nos grupo .Este quadro social revelava a falta de uma proposta de proteção especial para esta parcela da população, considerada prioridade absoluta pela constituição federal .(Unicef, 1992, p. 82).

A partir de meados da década de 80, difundiu-se a nova forma de designar as crianças que se encontravam nas ruas no lugar da expressão " menores abandonados". Nesta nova categorização, havia a distinção entre dois grupos de meninos: Os que moravam nas ruas, chamados de "meninos de rua", e que já tinham rompido totalmente os laços familiares ; e os " Meninos nas ruas", que se caracterizavam por passarem os dias nas ruas, mas dormirem em casa, denotando, ainda que de forma tênue, alguma vinculação com o lar.

O primeiro grupo consistia num quadro mais grave em termos sociais, com maior risco de sobrevivência e pior prognóstico de futuro. Para Rizzini,

> *"Ao contrário do que se pensava, dado o número crescente de crianças desacompanhadas nas ruas, estas não são abandonadas, muito embora vários estudos indiquem uma tendência ao enfraquecimento dos laços familiares devido ás relações que os mesmos estabelecem nas ruas sem interferência da família. Solidificou-se assim, o conhecimento de que se trata de crianças pobres, precocemente imbuídas da responsabilidade de participação do orçamento familiar"* (Rizzini, 1992, p. 76).

No que se refere a indicadores de emprego e renda em Salvador, dados da CONDER revelam que em 1975, 65,9% da população economicamente ativa (PEA) ganhava até 5 SM na cidade. Em 1980, este total saltou para 81%. Segundo o IBGE, em 1989 o percentual da população de Salvador cuja remuneração mensal não ultrapassava 5 SM retornou aos níveis dos anos 70, com 65,88% do total da PEA. A faixa entre 5 e 10 SM correspondia a 12,10%. Segundo o UNICEF, a percentagem da renda dos 20% mais pobres na Bahia em 1980 correspondia a 3,8% do total da riqueza produzida socialmente no estado. Em 1987 este valor foi ainda mais baixo, passando para 2,7% do total, demonstrando o caráter extremo da problemática da concentração de renda na Bahia.

Para a Secretaria do Planejamento da Prefeitura Municipal do Salvador, a taxa de subempregados entre a PEA foi de 80% do total em 1984. Corroborando com estes dados , o jornal A Tarde publicou o seguinte texto em 29.9.84,

> *"Há mais pessoas ganhando menos no estado (...) em nível de RMS os dados relativos ao número de carteiras profissionais assinadas cresceu apenas de 26,95 em 81 para 27,7% em 83"* (A Tarde, 29.9.84, p.6).

Na primeira metade dos anos 80 aumentou o número de pessoas trabalhando por conta própria, o que,

> *"Pode ser associado ao crescimento do mercado informal (...) os índices de desemprego e subemprego são gritantes e crescentes (...) os trabalhadores da construção civil apenas exemplificam uma situação de crise, por terem recaído sobre eles as mais alarmantes estatísticas do desemprego por conta da recessão (...) e o que o mercado alternativo lhes reserva são serviços domésticos, reparos que regra geral não carecem de muitas horas de mão-de-obra"* (A Tarde, 29.9.84.p.6).

Para Rubem Cervini em seu trabalho *O menino trabalhador no Brasil urbano dos anos 80*, já na primeira metade da década de 80 registrou-se a tendência de informalização da

força de trabalho em todo o país, impulsionado pela crise sócio-econômica do período 81/83. Nas palavras do pesquisador,

> *O que parece caracterizar a dinâmica do mercado de trabalho (formal/informal), durante todo o período é o fato de o trabalhador autônomo ter mantido um crescimento maior que os demais* (Cervini, 1992, p. 21)

Os indicadores sociais na Bahia ratificavam o aprofundamento das desigualdades na distribuição de renda, revelando um contexto no qual os níveis de pobreza e exclusão eram marcantes, contrastando com o processo de modernização da economia baiana. Em 1987, aproximadamente 36,4% das crianças e adolescentes da Bahia viviam em situação de pobreza absoluta, o que correspondia, na época, a cerca e 2.500.000 pessoas sem acesso mínimo à cidadania. Em 1988, cerca de 42% das crianças e adolescentes de Salvador viviam em famílias cuja renda variava entre míseros ¼ e ½ salários mínimos (Unicef, 1991, p. 33).

No que concerne á saúde, as doenças infecciosas e parasitárias representavam a principal causa de morte de crianças menores de um ano em Salvador, tanto em 1977 quanto em 1987. Em 1986, a taxa de mortalidade infantil na população urbana brasileira situava-se em 66:1.000 crianças. No Nordeste, este número passava para 98:1.000 e na Bahia para 71:1.000. O desempenho das cidades baianas era melhor que o global do Nordeste, mas inferior ao resultado médio nacional. Na Bahia, a probabilidade de uma criança morrer antes dos cinco anos atingia 95,7:1.000. As chances aumentavam ainda mais, caso a criança fosse filha de mães sem instrução. O índice saltava para 163,7:1.000. (Unicef, 1991, p.39,40)

A manutenção destas altas taxas de mortalidade infantil no estados da região Nordeste, podia ser explicada em grande parte, pela ausência de saneamento básico nos lares destes estados. Em 1988, somente 39,6% da população baiana possuía residências com água encanada. Além disto, a desnutrição crônica e falta de acesso a cuidados elementares na saúde prejudicavam sensivelmente a sobrevida das crianças das famílias marginalizadas do estado.

Sem dúvidas, os anos 80 se caracterizaram como um período de desaceleração no ritmo do crescimento econômico de Salvador, apesar de alguns setores - como o turístico - terem encontrado fôlego para se desenvolverem , mesmo num contexto recessivo. O projeto de uma nova etapa de expansão do parque industrial baiano, destinada a dar continuidade à solidificação dos setores dinâmicos em torno do complexo químico/petroquímico, foi inviabilizado por fatores conjunturais adversos: o esgotamento dos efeitos dinâmicos oriundos da implementação do COPEC; a retração dos investimentos públicos e privados diante da recessão , da espiral inflacionária e da instabilidade econômica; a agudização da crise externa e a aceleração da opção pela especulação financeira em detrimento de investimentos produtivos.

Apesar do crescimento e dinamização da economia de Salvador em diversos momentos ao longo das últimas décadas, a cidade se configurou como uma metrópole de contrastes de caráter estrutural, na qual a concentração de renda, a migração, a miséria, o desemprego , o subemprego, o déficit habitacional e a marginalização social vem convivendo ao lado do luxo de minorias, de indústrias de ponta, um mercado restrito, mas exigente, e a reprodução do capital. Segundo o Unicef,

> *"A magnitude do desemprego estrutural é evidenciada pelas elevadas taxas de desemprego na RM (em média 15%), entre 1987 e 1989, as quais, desagregadas com base nos atributos pessoais, apontam para determinados seguimentos da força de trabalho mais afetados por esta realidade: as mulheres, com taxas médias por volta de 19% (...) os jovens entre 18 a 24 anos, cuja taxa é de aproximadamente 22% e a população de cor preta, para a qual a taxa de desemprego em média fica na ordem de 17,3%"* (Unicef, 1991, p. 23)

VI- A CRIMINALIDADE NA DÉCADA DE 80

A análise criteriosa dos dados coletados nas mais diversificadas fontes primárias e secundárias para esta pesquisa, permite a constatação de que , nos anos 80, o problema da criminalidade urbana na cidade do Salvador se encontrava exacerbado e fora de controle por parte dos poderes públicos. Neste período histórico - mais do que nunca - a população sentia-se acuada diante dos crimes e insegura em função da "inoperância" policial.

Nesta época, os crimes se sucediam, a falência do sistema de segurança oficial se evidenciava e a "profissionalização" da prática criminosa recrudescia, com os dados estatísticos relacionados à criminalidade urbana assustando todos os segmentos da sociedade civil.

O quadro era descrito da seguinte forma pelo jornal A Tarde:

> *" Marginais fizeram nova onda de assaltos com violência na cidade Enquanto a polícia militar fazia BLITZ na Avenida Garibaldi, utilizando viaturas, oficiais e praças, os assaltantes agiam em outros pontos da cidade, atacando pessoas, residências, roubando jóias, dinheiro, automóveis e provocando lesões corporais nas vítimas".* (A Tarde, 25.01.80,p.16)

Nos anos 80, a criminalidade já estava definitivamente incorporada às mazelas cotidianas da realidade urbana de Salvador, cristalizando-se a tal ponto, que passou a modificar as rotinas e os costumes da população. O artigo do jornal A Tarde datado de 20.12.80, critica o fato de que,

> *"Quase todos os motoristas estão invadindo os sinais luminosos em Salvador, quando vêm que podem passar sem perigo (...) é*

> *uma defesa que os motoristas estão sendo obrigados a tomar. A própria polícia aconselha a que tomem cuidado quando pararem nos sinais, porque podem ser assaltados (...) quando o carro pára num sinal vermelho, um assaltante pode colocar um revólver na cabeça do motorista e obrigá-lo a sair, fugindo com o carro".* (A Tarde, 20.12.80,p.13).

Em outro artigo, publicado em 10.9.80, o mesmo jornal denunciava que *A Barra vira paraíso de malandros e toxicômanos,* ressaltando a *degradação* do outrora bairro tradicional da cidade, haja visto que,

> *"(...) a falta de policiamento na Barra e Barra Avenida tem ocasionado a ação crescente dos marginais no que se refere à prática de assaltos e incentivo ao consumo de tóxicos os moradores estão temerosos ante os freqüentes roubos feitos por descuido das vítimas e assaltos à mão armada"* (A Tarde, 10.9.80. p.6).

Em um editorial no dia 22.12.80 o jornal A Tarde denuncia a explosão do consumo e do tráfico de drogas na cidade:

> *"Maconha na escola. A revelação feita pelo titular da delegacia de tóxicos e entorpecentes divulgada (...) é de uma gravidade estarrecedora (...) Não há uma só escola secundária, ou cursos de vestibular, onde não haja muitos estudantes , de ambos os sexos, viciados e agindo como traficantes. Não se trata de uma afirmação baseada em hipóteses, mas calcada numa farta documentação que permite ao titular da delegacia de tóxicos e enotorpecentes chegar a detalhes no quadro que se desenha (...)"* (A Tarde, 1.8.84.p.4).

Desta feita em 1982, uma matéria do jornal A Tarde datado de 17.1, desnudou a realidade do bairro do Nordeste de Amaralina na época. A população em geral, mas, principalmente os comerciantes locais , não estavam suportando a falta de policiamento e a onda sucessiva de assaltos. A interferência no dia-a-dia do bairro chegou a tal ponto, que,

> *"Os moradores (...) podem ficar sem gás de cozinha (...) os bandidos desencadearam uma onda de assaltos contra estabelecimentos comerciais, carros de entregas, ônibus da empresa Beira Rio e transeuntes (...) os motoristas da Brasilgás e Butano recusaram-se a efetuar a entrega do produto tendo em vista que mais de dez caminhões das duas empresas já foram assaltados nos meses de novembro, dezembro e janeiro (...) os comerciantes estão sendo obrigados a encerrar o expediente antes do horário comercial, as motoristas de ônibus e cobradores*

> *recusam ficar parados com os coletivos no fim de linha, as pessoas temem andar sozinhas pelas ruas (...) 80% das casas comerciais já foram assaltadas, algumas até duas vezes"* (A Tarde, 17.1.82. p.14).

Um artigo deste teor não foi encontrado nos jornais dos anos 60 e 70. Precisamente, porque foi a partir dos anos 80 que se delineou o recrudescimento das contradições sociais na cidade, correlacionadas ao crescimento econômico em moldes excludentes, corroborando a tendência ascendente da vinculação estreita entre crime e violência., já evidenciada na década anterior.

Outra modificação no cotidiano da cidade que expressou claramente os efeitos do crescimento da criminalidade urbana e as buscas constantes de alternativas defensivas por parte da população esteve correlacionada à arquitetura das residências. Até os anos 80, os edifícios e casas não tinham maiores preocupações com o ítem *segurança*. Predominavam os muros baixos, a valorização da estética das fachadas e prédios com livre acesso de pessoas à portaria . Em meados da década de 80 os conceitos passaram a mudar. Segundo o jornal A Tarde de 1.8.84,

> *"Edifícios se fecham. Em razão da onda de assaltos em toda a cidade, os edifícios dos bairros nobres, principalmente os da Pituba, estão se fechando com enormes grades de ferro deixando as crianças com espaços reduzidos para se divertir".* (A Tarde, 1.8.84,p.4)

A tabela 28 permite a análise comparativa dos tipos de crime de maior incidência nas três décadas estudadas nesta pesquisa. Foram levantados junto à crônica policial do jornal A Tarde nos anos 60, 70 e 80 , respectivamente, 1036, 1188 e 1497 artigos e matérias relativas à cobertura da criminalidade urbana na cidade.

TABELA 28

Perfil da criminalidade urbana em Salvador - Anos 60, 70 e 80

CRIME	60	70	80
ARROMB. RESIDÊNCIA	10,2 %	5,3 %	3,7 %
ARROMB. C. COMERCIAL	8,8 %	2,8 %	0,7 %
ASSALTO / ROUBO	3,8 %	21,1 %	33,1 %
CONTOS	2,7 %	1,0 %	0,4 %
CONTRABANDO	0,5 %	0,2 %	0,3 %
ESTELIONATO	2,0 %	2,9 %	1,5 %
FURTO	21,4 %	5,4 %	3,0 %
FURTO DE VEÍCULOS	4,4 %	7,3 %	5,5 %
LATROCÍNIO	0,2 %	1,4 %	3,6 %

EXTORSÃO	0,09%	0,1 %	0,06%
RECEPTADA	-	0,08%	0,2 %
ARROMB. DE VEÍCULOS	1,9 %	5,0 %	0,6 %
HOMICÍDIO	17,7 %	21,8 %	29,5 %
LESÕES CORPORAIS	23,7 %	14,8 %	5,4 %
ESTUPRO	2,3 %	1,1 %	5,7 %
CONTRAVENÇÕES	3,6 %	1,1 %	-
RAPTO	0,5 %	0,5 %	0,4 %
TRAFICO DE DROGAS	0,5 %	1,3 %	2,1 %
USO DE DROGAS	1,0 %	1,1 %	0,2 %

Fonte: Jornal A Tarde/páginas policiais - 3.721 matérias - 1960/1989

A tabela 29 apresenta a incidência de crimes quanto à classificação, considerando-se a mesma fonte da tabela anterior.

TABELA 29

Participação percentual dos crimes segundo a classificação no total da criminalidade urbana em Salvador - Anos 60, 70 e 80

CLASSIFICAÇÃO	60	70	80
PESSOA	41,9 %	37,1 %	35,3 %
PATRIMÔNIO	50,99%	52,58%	52,6 %
SEXUAL	1,0 %	1,5 %	2,5 %
DROGAS	1,5 %	2,4 %	2,3 %
OUTRAS	4,61%	6,4 %	7,3 %

FONTE - Ver tabela 28

Comparando-se os anos 60 com os anos 80, encontra-se um incremento da ordem de 771% dos assaltos/roubos, de 1.700% do latrocínio, de 66,66% dos homicídios e 320% do tráfico de drogas. Já os casos de lesões corporais/desordens, representam proporcionalmente junto ao total de crimes descritos nos anos 80 , 77,21% menos que nos anos 60.

Nos anos 60, os crimes contra o patrimônio não violentos representavam 46,9% do total de crimes, enquanto nos anos 80, este percentual passou a ser de apenas 15,7%, representando um decréscimo de 66,52% no período. A violência associada à criminalidade saltou de 53,1% para 84,3% do total de crimes contra o patrimônio.

Comparando a incidência de crimes no período compreendido entre as décadas de 60 e 80 segundo a classificação, conclui-se que os crimes contra a pessoa caíram 15,75%, e os crimes contra o patrimônio, crimes sexuais e vinculados às drogas cresceram respectivamente, 3,15%, 150% e 53,33% no decorrer do período estudado. Note-se que os crimes contra o patrimônio violentos recrudesceram e os crimes contra a pessoa e os contra o patrimônio não violentos decaíram.

A tabela 30 apresenta o perfil da criminalidade urbana nas três décadas estudadas, a partir dos dados coletados junto ao Conselho Penitenciário.

TABELA 30

Perfil da criminalidade urbana -Agentes criminosos condenados segundo o tipo de crime - Salvador - Anos 60, 70 e 80

CRIME	60	70	80
HOMICÍDIO	41,66%	28,75%	10,26%
ASSALTO/ROUBO	3,8 %	16,19%	35,99%
ESTELIONATO	1,7 %	2,93%	1,9 %
ESTUPRO	3,8 %	1,4 %	3,29%
FURTO	15,17%	18,07%	14,57%
LATROCÍNIO	1,48%	1,99%	1,26%
LESÕES CORP. DESORDENS	5,35%	1,64%	1,39%
TENT. DE FURTO	8,63%	6,33%	12,67%
TENT. DE HOMICÍDIO	1,78%	0,82%	0,38%
TENT. DE ROUBO	-	1,52%	7,22%
TRÁFICO DE DROGAS	8,63%	15,96	8,87%

Fonte: Arquivos do Conselho Penitenciário/Secretaria da Justiça e Direitos Humanos do Estado da Bahia - Processos criminais com ocorrência entre 1960-1989

Nos anos 60 e 70, o homicídio foi o crime que individualmente obteve maior prevalência. Já nos anos 80, a categoria assalto/roubo passou a ocupar esta posição, com 35,99% do total de crimes. As outras três categorias de crimes de maior incidência foram os furtos (14,57%), o homicídio (10,26%) e o tráfico de drogas (8,87%). Todos diminuíram a participação no total de crimes ao se comparar com a década de 70. Seus percentuais foram deslocados predominantemente para os assaltos e tentativa de roubo. A categoria *assalto* aumentou 122,29% em relação aos anos 70 e espetaculares 847,1% se comparado à década de 60.

A tabela 31 expõe os dados relativos à incidência dos crimes a partir da sua classificação, considerando-se a mesma fonte da tabela anterior.

TABELA 31

Incidência de crimes por classificação - Salvador - Anos 60, 70 e 80

CLASSIFICAÇÃO	60	70	80
PATRIMÔNIO	32,44%	48,47%	74,65%
PESSOA	49,1 %	31,22%	12,16%
DROGAS	8,6 %	15,96%	9,12%
SEXUAIS	9,52%	3,05%	3,54%
OUTROS	0,34%	1,29%	0,55%

Fonte: Ver tabela 30

Pode-se notar a manutenção da tendência crescente dos crimes contra o patrimônio através das décadas. Houve o salto de 130,11% em relação aos anos 60 e de 54,01% em relação à década de 70. Por outro lado, manteve-se também a tendência de queda da participação relativa dos crimes contra a pessoa no total geral de crimes ao longo do período estudado nesta pesquisa.

Pode-se concluir que as formas de expressão da criminalidade urbana em Salvador nos anos 80 era radicalmente diferente da criminalidade nos anos 60 , dando continuidade a uma tendência já delineada na década de 70. Houve o predomínio dos crimes contra o patrimônio , categoria cujo maior destaque estava nos crimes de cunho estritamente violento. Os quatro tipos de crimes de maior prevalência segundo a análise dos arquivos do Conselho Penitenciário, e que juntos correspondiam a 69,69% do total de ocorrências criminais , foram os mesmos dos anos 70: assaltos, furtos e tráfico e homicídios.

Considerando os dados levantados junto ao jornal A Tarde ao longo da década de 80, 76,5 % do total de crimes analisados ficaram circunscritos a assaltos, homicídios , furtos/furtos de veículos e lesões corporais /desordens, mesmas categorias das etapas anteriores. Entretanto, qualitativamente, encontrou-se uma mudança marcante no perfil da criminalidade: Nos anos 60, o total de homicídios era maior do que a soma de furtos e assaltos (41,66% contra 18,97%). Na década seguinte, ocorreu uma inversão na correlação, com o homícidio perdendo em níveis de incidência para a soma de furtos e assaltos, apesar da diferença ser relativamente pequena (34,26% contra 28,75%). Nos anos 80, a inversão de predominâncias se radicalizou. O homicídio passou a representar apenas 10,26% do total de crimes, enquanto os assaltos e furtos passaram a responder por 50,56% da criminalidade urbana na cidade.

A) PERFIL DOS HOMICÍDIOS

Tomando como referencial os dados estatísticos da Secretaria de Segurança Pública do estado da Bahia ,a análise dos homicídios em Salvador apresenta contornos bem interessantes. Ao longo da década de 80, foram registradas 3.510 ocorrências policiais de homicídios nas delegacias da cidade. Este total representou uma taxa média de 1,2 homicídios por dia, ou 36,56 por mês, ou ainda, 438,75 por ano. A tabela 32 apresenta a comparação das taxas médias entre os anos 70 e 80.

TABELA 32 -

Taxas medias de homicídios em Salvador - Anos 70 e 80

CRIME	70	80
HOMICÍDIOS	1.066 OCORRÊNCIAS	3.510 OCORRÊNCIAS
Taxa media diária	0,36 ocorrências	1,2 ocorrências
Taxa media mensal	10,95 ocorrências	36,56 ocorrências
Taxa media anual	137,25 ocorrências	438,75 ocorrências

FONTE . Policia Civil da Bahia- Relatório anual estatístico e balanço das estatísticas policiais- 1972 - 1989 - SSP-Ba.

Segundo os balanços estatisticos divulgados pela SSP-Ba, nos anos finais da década de 80 (87-89), ocorreram 1.708 homicídios, contra 573 no mesmo período da década precedente, denotando um incremento da ordem 198,08% em dez anos. As ocorrências dos cinco anos iniciais (1982 a 1986) somaram 1.802 casos, o correspondente a 51,33% do total da década. Já nos anos 70, as ocorrências dos cinco anos iniciais foram responsáveis por 46,25% do total de crimes ao longo do período histórico estudado. Em 1980 ocorreram 211 homicídios e em 1989 foram registrados oficialmente 621, num crescimento de 194,31%.

Estes dados permitem a inferir que à medida que o tempo passa, ocorriam mais homicídios em Salvador. Os três anos finais das décadas estudadas detiveram uma maior concentração de homicídios praticados na cidade.

Ainda segundo a SSP-Ba pode-se levantar o seguinte perfil das vítimas de homicídios em Salvador:

TABELA 33

Perfil das vitimas de homicídio em Salvador - Anos 70 e 80

VITIMAS	*70*	*80*
Sexo masculino	84,8 %	87,7 %
Idade entre 21 e 40 anos	49,06%	57,1 %
Naturais da Bahia	78,61%	82,74%
Sem instrução ou no máximo ate primeiro grau	38,36%	43,94%
Segundo grau	13,69%	7,94%
Curso Superior	1,24%	1,24%

Fonte: Ver tabela 32

Pode-se inferir que as vítimas foram se tornando cada vez mais jovens e com menor grau de instrução ao longo do tempo na cidade. Houve uma relativa estabilidade no que concerne às variáveis sexo e naturalidade das vítimas dos homicídios em Salvador. Os homicídios registrados nas delegacias policiais da cidade, permaneceram vinculados as camadas populares alijadas dos meios de produção e marginalizadas socialmente.

A tabela 34 apresenta o perfil dos homicídios entre os anos 60, 70 e 80 levando-se em consideração a análise dos artigos da crônica policial do jornal A Tarde ao longo do

período estudado. Para a obtenção dos dados da década de 80 foram levantados 650 homicídios.

TABELA 34

Perfil das características e motivações dos homicídios praticados em Salvador - Anos 60, 70 e 80

HOMICÍDIO	60	70	80
Assoc.a brigas ou discussões entre desconhecidos	37,73%	34,6 %	21,5 %
Entre parceiros sexuais	30,18%	24,35%	11,5 %
Entre parentes (Pais X filhos, cunhados etc.)	11,32%	12,82%	11,5 %
Praticados por policiais contra vítimas inocentes ou bandidos	9,43%	5,12%	18 %
Disputa por amor	3,77%	1,2 %	4 %
Latrocínio	5,6 %	21,79%	22,5 %
Acidentes com armas de fogo	1,88%	1,2 %	2,5 %
Queima de arquivo entre agentes criminosos	-	-	8,5 %

Fonte: Jornal A Tarde- Paginas policiais entre 1960 e 1969

É possível constatar-se que houve um decréscimo progressivo da proporção de ocorrências de homicídios ligados a brigas passionais e a desentendimentos entre parceiros amorosos. Os homicídios ligados a brigas entre parentes manteve-se estável ao longo dos anos e os latrocínios apresentaram um salto vertiginoso a partir dos anos 70 e mantiveram uma significativa estabilidade nos anos seguintes. Os crimes vinculados a disputas por um objeto de amor , obtiveram um crescimento nos anos 80 em relação aos anos 70, recuperando os níveis dos anos 60. Os homicídios acidentais recrudesceram, dobrando a incidência nos anos 80.

Os homicídios praticados por policiais civis ou militares (tanto a morte de bandidos em diligências oficiais, quanto o extermínio puro e simples de bandidos ou suspeitos, ou ainda o assassinato de inocentes) cresceram vertiginosamente nos anos 80. Precisamente, passaram a representar o dobro que nos anos 60 e ocorreram aproximadamente quatro vezes mais que nos anos 70 , o que evidencia o despreparo do aparelho policial no combate à criminalidade e o estreitamento dos vínculos entre policiais e o mundo do crime.

Outra observação interessante ao se analisar os dados, é que nos anos 80 houve a ocorrência de um tipo de homicídio não encontrado nas décadas anteriores e que foi responsável por 8,5% do total de assassinatos na década: os crimes cometidos por agentes criminosos contra seus próprios comparsas com o objetivo de *queima de arquivo.*

Na década de 60, apenas 16,91% dos homicídios não estavam vinculados à passionalidade. Nos anos 70, este índice salta para 28,11% e nos anos 80, atinge a marca de 51,5%, evidenciando uma mudança radical no perfil dos homicídios. Não se encontra mais a hegemonia dos assassinatos fortuitos, passionais e isolados, típicos dos anos 60. A partir dos anos 70 e com toda a plenitude, nos anos 80, os homicídios passaram a ser

determinados pela deterioração das condições de vida da população das classes marginalizadas da cidade, impelidas para o desajuste social.

Progressivamente passaram, os *crimes contra a pessoa* , passaram a firmar uma parceria com os *crimes contra o patrimônio* . Os assaltantes e os policiais passaram a matar mais, tanto vítimas inocentes, quanto agentes criminosos. O homicida que "perde a cabeça" ocasionalmente e comete um "desatino", cedeu o lugar de destaque nas estatísticas para os criminosos "profissionais" que matam para roubar, por vingança, por "queima de arquivo" ou em função de conflitos na partilha dos produtos dos roubos.

A incidência absoluta de homicídios aumentou significativamente na cidade nos anos 80. Entretanto, as características qualitativas desta modalidade criminosa mudou, assim como decaiu sua proporção relativa diante do total de crimes. O homicídio passional e vinculado a conflitos interpessoais perdeu a prevalência que detinha nos anos 60, quando era o crime de maior ocorrência isolada. Nos anos 80 eles ocorreram mais, porém, representavam menos proporcionalmente , que outros delitos.

A cidade do Salvador perdeu parte dos seus encantos cantados em prosa e versos por seus poetas. A cidade suja, sem infra-estrutura urbana e repleta de contradições e injustiças sociais, não era mais capaz de administrar eficientemente seus " sintomas sociais". A população começou a pagar o alto preço do crescimento desenfreado e das desigualdades sociais: O medo, a insegurança, a desconfiança e a violência.

B) PERFIL DOS CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO

Na década de 80, houve a sedimentação da tendência iniciada nos anos 70, de predominância dos assaltos dentre todas as outras práticas delituosas. Tomando-se como base a tabela 28, constata-se que os assaltos, com 33,1% das ocorrências policiais na cidade nos anos 80, se sucediam mais que a soma de todos os outros crimes contra o patrimônio (estes com 15,7% do total). Na década de 60, a proporção era inversa, respectivamente 3,8% contra 46,9%.

Alguns artigos do jornal A Tarde entre 1982 e 1988 permitem uma análise crítica acerca da escalada da criminalidade contra o patrimônio, mais especificamente os assaltos, que começaram a se tornar rotina na cidade e a atrapalhar o seu dia-a-dia, passando a merecer cada vez mais destaque na mídia.

> *A desenvoltura dos assaltantes e ladrões na Bahia cresce na medida em que o aparelho policial que deveria reprimi-los, evidencia inegável despreparo para atuar, tanto preventiva como repressivamente. Não fosse isso, a população não estaria assistindo estarrecida como agora, a uma série de audaciosos assaltos a bancos e joalherias, que deixam a própria polícia*

perplexa ante a rotina inusitada desses crimes (A Tarde, 24.5.82, p.13).

"Assaltantes agem impunemente. Uma onda de assaltos aconteceu em Salvador entre a noite de anteontem e a manhã de ontem, com duas vítimas sendo feridas a tiros de revólver e facadas. Em apenas meia hora, marginais usando um Chevete de placa não anotada, realizaram dois audaciosos assaltos" (A Tarde, 15.3.82. p.13).

"Hotéis assaltados no centro. Os hotéis Bahia de Todos os Santos Ladeira São Bento e o Palace Hotel , na rua Chile, foram assaltados em menos de 24 (...) horas o saque foi maior no Palace Hotel, porque os funcionários foram obrigados a abrir o cofre onde estava depositado o dinheiro dos hóspedes e do próprio estabelecimento" (A Tarde, 11.11.82, p.17).

"Loja Ipê é assaltada duas vezes em um mês. Dois bandidos armados de revólveres assaltaram ontem à tarde pela segunda vez em um mês, a loja Ipê na Avenida sete (...) eram exatamente 13:30 horas quando surgiram os ladrões (...) após seu depoimento, a gerente da loja Ipê queixou-se à repôrter: " Parece mentira, pois hoje faz exatamente um mês que fomos assaltados" (A Tarde, 17.3.82,p.13).

"Aumentam os furtos e assaltos na Pituba. O registro de 45 ocorrências todos envolvendo crimes contra o patrimônio na jurisdição da 7ª delegacia em 72 horas, obrigou o delegado José Alberto Carvalho a adotar um esquema de diligências para conter a onda de assaltos (...) o plano não funcionou e num período de 15 dias foram registrados 120 ocorrências, todas por crime contra o patrimônio (...) lembrou José Alberto que existiam dois bairros cruciais para a polícia, o Nordeste de Amaralina e o Calabar, em razão dos inúmeros assaltos contra estabelecimentos comerciais e caminhões de entregas e ainda os crimes de morte envolvendo bandidos, na chamada "queima de arquivo" (...) " hoje é claro que não acabaram estes assaltos e as mortes entre bandidos, mas pelo menos os crimes de morte diminuíram. Em compensação (...) Têm sido os lugares com maior índice de assaltos (...) Entre as vítimas dos assaltos está "Amaralina Hotel", "Posto de gasolina Rio Vermelho"," restaurante Tarantella", além de dezenas de transeuntes(...)" (A Tarde, 1.8.84.p.13).

Estes artigos são representativos do quadro da criminalidade urbana da cidade na época . O jornal se refere a "*onda de assaltos*", assaltos a hotéis, lojas, restaurantes, postos de gasolina e transeuntes. A audácia e desenvoltura dos agentes criminosos eram marcantes

e proporcionais à inoperância da policia e seu respectivo descrédito junto à população de Salvador. A loja Ipê foi assaltada duas vezes em um mês, os hotéis foram assaltados às luz do dia e em meia hora uma quadrilha executou dois assaltos. O clima era de revolta. A insegurança estava instaurada na cidade e o cotidiano municipal passou a ser marcado pelo estigma da violência urbana.

No último artigo datado de 1.8.84 há a divulgação do índice de 45 ocorrências em 72 horas, ou seja, uma média de 15 casos por dia. O delegado titular expôs com todas as letras a situação em Salvador: Os homicídios diminuíram a ocorrência relativa, a *"queima de arquivo"* era uma prática representativa, os assaltos recrudesceram na área de jurisdição da sua delegacia e a polícia se encontrava incapaz de conter a *"onda de crimes contra o patrimônio"*.

As observações do delegado nesta entrevista ao jornal corroboram os dados levantados por esta pesquisa e as respectivas conclusões. A criminalidade em Salvador mudou com o passar do tempo. A criminalidade urbana é um processo dinâmico e historicamente determinado, estreitamente vinculado às transformações conjunturais sócio-político-econômicas na cidade.

Conforme já fora analisado anteriormente neste trabalho, enquanto em 1975 obteve-se a proporção de 1 furto/roubo efetuado para cada 245 habitantes de Salvador, ou seja, em cada grupo de 245 habitantes ,1 indivíduo já foi assaltado; em 1980, esta correlação foi ampliada para 1 indivíduo assaltado em cada contingente de 150 habitantes. Os assaltos a mão armada se configuraram como o crime que mais ocorriam na cidade, determinando o crescente perfil violento da criminalidade urbana em Salvador.

Como se não bastasse o caráter intrinsecamente violento do assalto, nos anos 80 houve cada vez mais a associação deste tipo de crime com o homicídio, as lesões corporais e os crimes sexuais. Para conseguir seu intento, os agentes criminosos passaram a ser cada vez mais agressivos. Conforme o jornal A Tarde de 12.12.80, houve um recrudescimento dos estupros após os assaltos.

> *"Quadrilha que assalta e estupra está de volta a atuar. Mais dois assaltos com estupros foram cometidos contra duas donas de casa (...) com estes dois assaltos, sobem para 17 os casos de assaltos seguidos de violências sexuais na zona do IAPI e Fazenda Grande do Retiro (...) o segundo ocorreu na madrugada de anteontem, também contra uma sr^{a}, por dois bandidos que penetraram em sua casa, ameaçando-a de morte com faca e revólver. Após roubarem os pertences, os dois violentaram a proprietária e fugiram (...) A onda de assaltos com violência sexual teve início em julho e se ampliou a partir de 1° de outubro (...) os marginais voltaram a atacar no fim de semana passada e na madrugada de segunda-feira, usando os mesmos métodos , horários e meios violentos"* (A Tarde 12.12.80.p.13).

A crônica policial dos anos 80 evidenciava nos seus artigos vários agentes criminosos de alta periculosidade, responsáveis por muitos assaltos seguidos de morte, violência sexual, espancamentos e humilhações, com padrões de conduta que não eram encontrados nas décadas anteriores.

Neste outro artigo de 9.7.82, o jornal A Tarde apresenta o drama do proprietário de um restaurante no centro da cidade, vítima da violência cada vez mais intensa dos assaltantes.

> *"Restaurante pode fechar por causa de assaltos. (...) quatro bandidos assaltaram seis casais, inclusive o próprio dono do estabelecimento e sua mulher, roubando todo o dinheiro do caixa. Alarmado com a insegurança (...) o comerciante está ameaçando fechar seu tradicional "kaxixi", porque segundo disse, embora pague impostos, "não temos a segurança necessária". De fato, ele e sua mulher (...) estão traumatizados com a violência dos quatro assaltantes que agiram ali (...) achando pequena a quantia encontrada, os ladrões passaram a espancar a socos e coronhadas de revólveres a Manoel Ribeiro Filho, sua mulher e outras pessoas (...)"* (A Tarde, 9.7.82).

Em 12.11.84 , o jornal A Tarde apresentou outro artigo que relatou mais crimes contra o patrimônio seguido de violências sexuais, denotando o incremento desta prática no decorrer dos anos 80.

> *"Roubos seguidos de estupro. Três ladrões armados com facas e revolveres assaltaram e violentaram sexualmente uma mulher de iniciais NRM de 42 anos quando ela passava na noite de sábado pela Av. Presidente Vargas, proximidade do bairro de Ondina (...) os assaltante cometeram o estupro e fugiram levando dez mil (...) Chegando á praia a mulher teve as vestes rasgadas e depois de ser duramente espancada, terminou violentada".* (A Tarde, 12.11.84).

Em 10.1.86 o quadro global da violência em Salvador era descrito da seguinte forma pelo jornal A Tarde:

> " *Explosão de violência em Salvador. A onda de assaltos na cidade voltou a preocupar a população com o registro de muitos roubos"* (A Tarde, 10.1.86 p. 15).

Numa outra matéria, o jornal A Tarde de 24.3.86 denunciava o pânico dos alunos da UCSal que estudavam no campus da Palma, haja visto o aumento dos assaltos e as constantes ameaças contra a vida que a vítimas sofriam. A situação chegou a tal nível, que pôs em risco a continuidade das aulas no local.

> " *Estudantes da UCSal ameaçados na Palma. Os alunos do instituto de Letras da UCSal localizado na Palma, em sua maioria*

mulheres, não estão mais podendo freqüentar as aulas, principalmente pela manhã porque são vítimas de assaltos (...) os ladrões estão assaltando à mão armada em plena luz do dia. No sábado último, às 7 horas da manhã, uma das alunas foi agredida por dois marginais armados de revólveres que lhe arrancaram o relógio, ameaçando-a de morte se gritasse ou olhasse para trás (...) muitos estão pensando em abandonar o curso, já que o pânico está generalizado" (A Tarde, 24.3.86,p.12).

Já em 3.3.88, em seu editorial , o jornal A Tarde reafirmou que a cidade estava à mercê dos assaltantes, cujas práticas delituosas eram cada dia mais ostensivas, audaciosas e violentas. O texto ressalta o clima de *"medo"*, a *"desenvoltura dos assaltantes"* e conclui que " *os bandidos (...) estão à vontade para assaltar, matar, estuprar, traficar, roubar. Transformam a cidade numa terra onde a insegurança já instalou o medo e falta pouco para estabelecer o pânico"*. (A Tarde 3.3.88,p.12).

Prosseguindo a análise da criminalidade contra o patrimônio em Salvador nos anos 80, as tabelas 35, 36 e 37 apresentam o perfil dos assaltos na cidade. Segundo os arquivos das SSP-Ba, os horários de maior incidência de assaltos nos anos 80 permaneceram sendo as faixas entre 18:01 e 6:00 horas, com 67,58% do total de crimes. Nos anos 70, esta taxa era de 73,97%. As noites continuaram sendo muito mais perigosas na cidade despoliciada do que os dias.

Quanto ao tipo de arma mais utilizada nos assaltos, entre 1980 e 1984, 69,98% dos crimes foram efetuados por armas de fogo. A média nos anos 70 foi de 88,71%. Mesmo com uma queda relativa, ainda havia a predominância absoluta em relação às outras armas.

No que se refere às vítimas dos assaltos nos anos 80, obteve-se o seguinte perfil:

TABELA 35

Vitimas de assalto em Salvador - Anos 70 e 80

VITIMA	70	80
Transeuntes	81,21%	48,46%
Casas Comerciais	11,19%	16,28%
Residências	3,5 %	5,62%
VEÍCULOS(ONIBUS,TAXIS,CARROS-FORTES,ETC)	-	27,58%
Outros	4,8 %	2,03%

Fonte : Ver tabela 32

TABELA 36

Policia Civil da Bahia

DEIC - DEPON - Ocorrências policiais registradas em Salvador 1987 - 1989

ESPECIFICAÇÃO	1987	1988	1989
FURTO QUALIFICADO			
Arrombamento de c. comercial	1.862	1.999	2.571
Arromb. De Residência	3.974	3.950	4.398
Arromb. Em veiculo	2.824	3.003	3.046
Furto de Veiculo	3.493	3.299	3.327
Roubo de Veiculo	710	512	586
Roubo / Latrocínio	39	16	39
Roubo / Ganância	879	1.840	1.527
ASSALTO A MÃO ARMADA			
Transeunte	856	3.589	4.504
Residência	81	430	419
Ônibus	739	1.426	385
Motorista de Taxi	73	71	130
Motorista Particular	926	811	762
Carro Forte	-	7	2
Transporte de Carga	48	325	83
Casa Comercial	396	825	940
Banco	67	68	65
Posto de Gasolina	46	68	76

FONTE- DEIC / DFR/ DFV - Balanço das Estatísticas Policiais na RMS - 1992 - SSP-Ba

TABELA 37

Policia Civil da Bahia
DEIC /DEPOM- Ocorrências de assaltos registradas em Salvador segundo a hora
1980 - 1989

00.01 a 06.00	221	237	264	389	340	2.269	2.588	2.613
06.01 a 12.00	126	102	176	222	357	2.154	1.986	2.130
12.01 a 18.00	212	144	197	392	556	2.856	2.650	2.658
18.01 a 24.00	417	356	547	823	1.032	3.790	3.534	3.502
Sem especificação	20	19	19	47	29	923	940	1.064

FONTE . DIC/DFR/DFV/CEPOC - Relatório anual estatístico e balanço das estatísticas policiais - SSP-Ba - 1979 - 1989.

Percebe-se um recrudescimento dos assaltos contra casas comerciais na ordem de 45,48% e um decréscimo de incidência dos assaltos contra transeuntes na proporção de 40,32%. Os assaltos contra residências aumentaram 60,55% e contra outras vítimas decaíram 50,24%. È interessante notar ao se proceder a análise comparativa dos dados, o aparecimento de um tipo particular de assalto nos anos 80, responsável sozinho, por 27,58% do total de crimes desta modalidade no decorrer da década e que não constava como categoria específica nos anos 70, mas estava diluída na categoria "outros". Eram os assaltos a veículos (ônibus, táxis, motoristas particulares, carros fortes, transportes de carga e caminhões).

A incidência de assaltos à mão armada contra os transeuntes permaneceu como predominante isoladamente , demonstrando como era perigoso andar nas ruas da metrópole regional nesta período. A nível absoluto, o aumento dos assaltos a transeuntes foi imenso: Enquanto que em 1977 foram registrados 471 assaltos na SSP-Ba, em 1989 este número saltou para 4.743. Um aumento de 907 % (Tabelas 20 e 36). Entretanto, sua proporção relativa junto à totalidade de assaltos decaiu (já correspondeu a 81,21% do total nos anos 70 e passou a representar apenas 48,46% nos anos 80 em média). Para se ter uma idéia do aumento absoluto dos assaltos, segundo o IBGE, o incremento populacional em Salvador no período não chegou a 33,33% (SEPLANTEC, 1985, p 66).

Paralelamente à "explosão" do índice de assaltos contra os transeuntes, os assaltos a casas comerciais também aumentaram, desta feita, numa proporção de 45,48%. As estatísticas da SSP-Ba só começaram a discriminar os tipos de casas comerciais assaltadas a partir de 1987. Analisando-se a tabela 36 constata-se que nesta categoria de assaltos, tinha-se os bancos como objeto de muita preocupação por parte do Estado e da sociedade. Entre 1987 e 1989, ocorreram 200 assaltos a estes estabelecimentos, numa média de 5,5 assaltos por mês, mais de 1 por semana.

O artigo do jornal A Tarde datado de 5.3.88 expôs a preocupação da cúpula da Polícia baiana quanto a freqüência dos assaltos a bancos na cidade . O comandante da PM que acabara de assumir o cargo, baixou normas determinando que o policiamento *será permanente, com atenção especial aos bancos. Quanto aos postos de serviços bancários que foram ultimamente assaltados, o coronel estranhou que eles não estivessem ligados ao controle de emergência da PM. Com este novo realinhamento, ele acredita que os índices de assaltos vão diminuir*. Para o coronel, a polícia *mudará sua estratégia na vigilância às áreas onde ocorrem os assaltos mais freqüentes a bancos* (A Tarde, 5.3.88.p.2).

Havia uma grande incapacidade da Polícia baiana de evitar os assaltos. A impotência implicou na necessidade de mudar a estratégia para tentar minimizar os problemas que eram "freqüentes".

Em outra matéria da crônica policial, o jornal A Tarde publicou informações sobre o assalto a uma agência bancária na Barra. Na verdade, o segundo assalto em menos de um ano. Segundo o jornal,

> "Os *clientes (número bem reduzido) e mais de vinte funcionários mantiveram-se tranqüilos, possibilitando a fácil ação dos delinqüentes (...) o chefe do grupo perguntou : "quem tem a chave do cofre? Espero que vocês colaborem e não metam as mãos nas gavetas e não pensem em tocar o alarme, caso contrário, eu mato um. Nestas condições, vocês devem saber que nós estamos aqui para matar ou morrer"* (A Tarde, 27.5.88. p.17).

Apesar da sofisticação tecnológica existente na época (interligação de rede de alarmes), não era possível evitar a seqüência crescente de assaltos a bancos na cidade do Salvador. Além dos diversos assaltos a bancos, a ousadia dos assaltantes nos anos 80 passou a ser ilimitada, transtornando o cotidiano da cidade. Passaram a ocorrer assaltos a postos de gasolina, carros-fortes (dez assaltos nos anos 88 e 89, ou seja, uma média de uma ocorrência a cada dois meses e meio), joalherias, hotéis, shoppings e até edifícios inteiros.

Alguns artigos de jornais podem auxiliar numa analise da situação:

> *"Agora foi na Barra: Roubados 20 milhões em jóias. Os quatro bandidos que estão de posse de um Voyage branco* 82, assaltaram ontem *a joalheria "Roberts jóias (...). roubando jóias e relógios avaliados em Cr$ 20.000.000 e fugiram sem serem molestados. É o terceiro assalto a joalherias em três dias (...) a exemplo da Ipê jóias e da Aliança Jóias, esta é a segunda vez que a Roberts Jóias é assaltada (...) o proprietário (...) criticar a polícia: - Não tem dúvidas que devemos fechar, pois não há segurança nesta cidade. É o terceiro dia consecutivo em que os mesmos ladrões (...) assaltam à vista de todos , joalherias diferentes sem que surja uma viatura policial, para pelo menos, intimidar esses ladrões"* (A Tarde, 11.9.82.p.17).

Outro artigo,

> *"Edificio é saqueado. Cinco ladrões armados com revolveres e escopetas assaltaram ontem pela manhã três dos quatro apartamentos* do Ed. Costa do sol na *Barra e dominaram os moradores, fugindo depois levando várias jóias, dinheiro e objetos de valor. O Pânico das pessoas residentes no edifício durou mais de duas horas (...)"* (A Tarde, 2.2.85 p.12).

Nem mesmo o Shopping Iguatemi escapou da escalada da criminalidade na década de 80 e, apesar da aparência de segurança e conforto oferecidos aos clientes, houve uma tentativa de assalto a uma joalheria em 10.1.86. A ocorrência foi retratada pela imprensa da seguinte forma:

> *" Assalto frustrado a joalheria do Iguatemi. Três homens portando revólveres tentaram assaltar ontem à tarde na Alameda Marta*

> *Rocha, segundo piso do Shoping Iguatemi, a Felissa Jóias, e já haviam recolhido certa quantidade de jóias em ouro quando encontraram reação por parte dos seguranças da própria joalheria sendo obrigados a fugir"* (A Tarde, 10.1.86,p.13).

Quanto ao assalto a ônibus, esta era uma modalidade de assalto inexistente nos anos 60, responsável por menos de 4% das ocorrências desta categoria nos anos 70 e que entre 87 e 89 foi responsável sozinha por 10,04% dos assaltos. Esta era uma prática criminosa nova na cidade, mas que alcançou um patamar desestabilizador da rotina da cidade em pouco tempo. O principal fator de sucesso neste tipo de assalto, estava vinculado à impossibilidade da polícia vigiar ostensivamente os veículos e à inexistência de um sistema de segurança eficaz fornecido pelas empresas. As conseqüências foram marcantes: Uma assustadora média de 70,83 assaltos por mês, ou 2,36 por dia entre os anos de 87 a 89 (Tabela 36).

Esse quadro foi capaz de gerar um clima de intensa insegurança entre os usuários do sistema de transportes coletivo em Salvador, principalmente nas rotas de maior perigo (Subúrbio Ferroviário, Retiro, São Caetano e Fazenda Grande). Mas, não foram apenas os usuários dos ônibus que se sentiram intranqüilos. A categoria rodoviária viu-se em alguns períodos, praticamente impedida de exercer suas atividades. Várias greves e ameaças de greves se sucederam na década de 80, expressando o misto de dor e ódio dos motoristas e cobradores diante dos riscos no cotidiano profissional. A população ficava prejudicada, os jornais noticiavam fartamente os fatos, mas o índice de assaltos só fazia aumentar. Na década de 80 a população de Salvador passou a contar com um motivo mais forte para se sentir insegura em sua cidade: O perigo de ser assaltada a caminho de casa, do trabalho ou do lazer, a qualquer hora do dia ou da noite. O jornal A Tarde de 26.7.88 apresentou a seguinte manchete: *Mais dezesseis assaltos e ônibus podem parar*. Eis o conteúdo da matéria:

> *"Um motorista morto a tiros, um cobrador gravemente ferido e dezesseis ônibus assaltados durante um fim de semana, movimentaram o plantão da delegacia de furtos e roubos entre a noite de sexta -feira e o início da noite passada (...) o latrocínio provocou protestos da classe em frente ao prédio da SSP, antes do sepultamento (...) motoristas e cobradores iniciaram um movimento que visa exigir das autoridades policiais segurança para o seu trabalho"*. (A Tarde, 26.7.88.p.12) .

Outra matéria datada de 12.9.88 expõe a seguinte realidade acerca dos assaltos:

> *"Mais treze assaltos a ônibus na cidade. Treze ônibus foram assaltados durante o fim de semana em Salvador, sem que a polícia tivesse meios de conter a ação desenfreada dos ladrões. Num dos casos, foi o próprio cobrador quem prendeu o marginal* (A Tarde 12.9.88.p.16).

Em 29.9.88 o jornal A Tarde noticiou a eclosão de uma greve no setor de transportes em função de um novo assalto violento a um ônibus:

> *"Ônibus param por causa de assalto. Os motoristas de ônibus de Salvador entraram em pânico pouco depois das 11 horas da manhã de ontem com os boatos de que um colega tinha sido assassinado num assalto e resolveram paralisar quase que totalmente o sistema de transportes coletivo, trazendo prejuízos à população. Na verdade (...) o motorista. recebeu um tiro na boca ao ser atacado por dois ou três ladrões na Avenida Suburbana (...) o caos tomou conta do sistema de transporte coletivo a partir das 13 horas, quando os ônibus começaram a parar nos terminais (...)"* (A Tarde, 29.9.88.p.16)

A vulnerabilidade dos rodoviários e dos usuários diante dos constantes assaltos, se refletiu na predisposição para acreditarem nos boatos e reagirem de forma impulsiva e hostil perante a confusão dos fatos.

Ao comparar-se a criminalidade contra o patrimônio característica dos anos 80 com as décadas anteriores, pode-se chegar a algumas conclusões:

a) Houve um aumento absoluto da criminalidade, pois a sua escalada se deu de forma mais acelerada que o crescimento populacional. Entre 72 e 79 foram registrados 2.225 assaltos a mão armada na cidade, enquanto que nos anos 80, excetuando-se os anos de 1985 e 1986 cujos dados não foram disponíveis, houve registros de 21.275 ocorrências. Em 1972 houve 256 registros para uma população de aproximadamente 1.007.195 (1970 - IBGE), o que dá uma taxa de 1 assalto para 3.934 habitantes. Em 1989, foram registrados 7.366 assaltos a mão armada, para uma população de aproximadamente 2.047.768 (IBGE-Seplantec, 1985, pag. 63), implicando numa média de 1 assalto para 278 habitantes.

A população aumentou **100%** enquanto as ocorrências de assaltos aumentaram espantosos **2.777,34%** .A mudança na criminalidade não seguiu a proporcionalidade do crescimento urbano, mas foi potencializado por ele.

B) A violência associada à criminalidade urbana passou a adquirir contornos nítidos. Cada vez mais, os agentes criminosos usaram violência na busca de seus objetivos ilícitos, com a proliferação de latrocínios, assaltos seguidos de estupros e uso de armas pesadas.

C) O foco dos assaltos foi mudando gradativamente. As empreitadas criminosas foram se tornando cada vez mais ambiciosas. Nos anos 60 havia poucos assaltos e as maiores vítimas eram os transeuntes, bares e armazéns. Já na década de 80, houve uma maior complexidade e organização na prática criminosa, com o direcionamento para fontes de maior valor (bancos, joalherias, ônibus, hotéis, edifícios inteiros, postos de gasolina etc,..).Era coisa do passado a era do assalto ao "pensionista do IAPSEB" que sacava seus tostões na "Boca do caixa" . Nos anos 80 os agentes criminosos estavam se especializando em ações ousadas, grandiosas e complexas, que poderiam render mais

dinheiro aos seus idealizadores. A medida que a conjuntura sócio-política-economica-cultural seguia sem processo histórico em Salvador, a forma de expressão das contradições sociais apresentava modificações marcantes. A criminalidade tornou-se cada vez mais um problema de maior envergadura e um sintoma de dificil solução.

II - O PERFIL DO AGENTE CRIMINOSO NA DÉCADA DE 80 :

CARACTERÍSTICAS SOCIAIS

a) Côr

A tabela 38 apresenta a correlação entre a cor e os crimes ocorridos nas décadas de 60, 70 e 80, baseados nos dados coletados nos arquivos do Conselho Penitenciário do Estado da Bahia.

TABELA 38

Características raciais dos agentes criminosos - Salvador - Anos 60, 70 e 80

DÉCADA	COR DESC.	NEGRO	PARDO	BRANCO
60	24,1%	18,75%	47,02%	10,11%
70	52,23%	10,91%	29,69%	7,15%
80	71,86%	9,63%	9,63%	3,92%

Fonte: Arquivos do Conselho Penitenciário - Sec. Justiça e Dir. Hum - Ba- Processos de criminosos condenados por crimes cometidos entre 1960 e 1989

Pode-se perceber que houve um crescimento da percentagem de desconhecimento da variável cor nos cadastros do Conselho Penitenciário, o que dificultou a análise dos dados. Entretanto, a proporção de agentes criminosos negros e pardos é mais que o triplo de brancos. A tabela 39 permite uma análise qualitativa dos agentes criminosos cuja cor era conhecida.

TABELA 39

Características raciais dos agentes criminosos - Processos penais nos qnais constavam a variável cor - Salvador - Anos 60, 70 e 80

DÉCADA	NEGRO	PARDO	BRANCO
60	24,7%	61,96%	13,31%
70	22,85%	62,16%	14,98%
80	34,23%	51,8%	13,96%

Fonte: Ver tabela 38

A maioria dos crimes foi efetuada por agentes criminosos que não eram brancos, ao longo das últimas três décadas: Nos anos 60, 86,66%, nos anos 70, 85,01% e nos anos 80, 86,03%. A proporção permaneceu estável no período estudado, levando à conclusão da predominância de agentes criminosos não brancos efetuando os crimes na cidade do Salvador. Este perfil não mudou, permanecendo constante, apesar das mudanças conjunturais da cidade.

B) IDADE

A tabela 40 apresenta os dados relativos às faixas etárias dos agentes criminosos na época dos delitos, no curso das três décadas estudadas.

TABELA 40

Idade dos agentes criminosos ao praticarem os delitos - Salvador - Anos 60, 70 e 80

DÉCADA	IDADE DESCONHECIDA	17 a 24	25 a 34	35 a 44	45 a 54	55 a 64	65 ou MAIS
60	9,5 %	26,48%	39,58%	15,17%	7,14%	2,13%	-
70	17,25%	34,85%	31,1 %	11,85%	3,4 %	1,05%	0,23%
80	**15,08%**	**42,83%**	**32,19%**	**6,21%**	**2,78%**	**0,76%**	**0,12%**

Fonte: Ver tabela 38

Nos anos 60, um total de 66,06% dos agentes criminosos pesquisados estavam na faixa dos 17 aos 34 anos. Na década seguinte, este percentual passou a ser de 65,95%. Nos anos 80 a percentagem se eleva para 75,02% do total de agentes criminosos. Todas as outras categorias diminuíram a participação relativa no cômputo global de ocorrências no universo pesquisado.

A análise comparativa dos dados obtidos demonstra que o adulto jovem foi o maior responsável pela criminalidade urbana na cidade do Salvador ao longo das três décadas estudadas. Além disto, houve uma clara tendência para que o agente criminoso iniciasse cada vez mais cedo no mundo do crime. A categoria entre 17 e 24 anos manteve a performance de aumento de incidência ao longo do tempo (26,48% nos anos 60, 34,85% nos anos 80 e 42,83% nos anos 80).

Sem dúvidas, os agentes criminosos de Salvador nos últimos trinta anos eram, na imensa maioria, pessoas jovens que não pertenciam à etnia branca.

C) ESCOLARIDADE

A tabela 41 apresenta os dados relativos à escolaridade dos agentes criminosos ao longo das três décadas estudadas:

TABELA 41

Escolaridade dos agentes criminosos - Salvador - Anos 60, 70 e 80

DÉCADA	DESCONHECIDO	ANALFABETO	PRIMÁRIO	GINÁSIO	SEGUNDO GRAU	SUPERIOR
60	18,15%	33,63%	40,77%	5,35%	0,89%	1,19%
70	32,39%	19,71%	36,97%	7,74%	1,76%	1,4 %
80	38,14%	16,09%	28,39%	11,91%	4,56%	0,88%

FONTE : Ver tabela 38

A análise desta variável está prejudicada em decorrência do alto índice de falta de informações, principalmente nas duas últimas décadas. Apesar disto, as conclusões são significativas. Encontra-se uma transferência de pontos percentuais das categorias *analfabeto e primário* para as categorias *ginásio e 2º grau* ao longo do tempo. Esta tendência se evidencia continuamente entre as décadas, sempre de maneira uniforme.

O nível de escolaridade do agente criminoso em Salvador no curso histórico parece melhorar . cada vez mais jovens pardos e negros da cidade enveredaram para a delinqüência, apesar da melhoria relativa no acesso à escola formal. Fala-se em melhora relativa, porque apenas 5,44% dos agentes criminosos possuíam nos anos 80 o 2º grau ou nível superior, enquanto 44,48% eram analfabetos ou possuíam apenas o primário.

Houve uma diminuição de incidência das faixas de menor escolaridade e um incremento das faixas de maior escolaridade ao longo dos anos, mas houve uma constante: A maioria absoluta dos agentes criminosos ainda eram de baixa escolaridade nos anos 80. Existiu a maior probabilidade de que os agentes criminosos urbanos saíssem das camadas populares sem acesso pleno à educação formal. Afinal, ao longo das três décadas a soma das categorias *analfabeto e primário* foi sempre maior que a soma das outras juntas.

D) PROFISSÃO

A tabela 42 apresenta as correlações entre o tipo de crime e a inserção do agente criminoso no mercado de trabalho nos anos 80:

TABELA 42

Atividades ocupacionais dos agentes criminosos - Salvador - Anos 60, 70 e 80

PROFISSÃO	DROGAS	PATRIMÔNIO	PESSOA	SEXUAL
AUTÔNOMO DE BAIXA RENDA	16,66%	10,35%	16,66%	2,14%
AUT.DE MEDIA/ALTA RENDA	2,77%	1,69%	2,08%	3,57%
LAVRADOR/PESCADOR	2,77%	0,67%	3,12%	3,57%
MILITAR	1,38%	0,5 %	3,12%	-
TRABALHADOR DE BAIXA RENDA	37,5 %	45,5 %	37,5 %	53,57%
DESCONHECIDA	27,77%	28,01%	30,02%	25 %
NÍVEL SUPERIOR	1,38%	0,5 %	1,04%	-
SEM PROFISSÃO DEFINIDA	5,55%	9,99%	4,16%	7,14%
ESTUDANTE	1,38%	1,52%	1,04%	-
ARTESÃO/ARTISTA	-	1,01%	-	-
APOSENTADO	-	-	1,04%	-
TRABALHADOR DE MEDIA RENDA	2,77%	0,5 %	-	-

Fonte: Ver tabela 38

TABELA 43

Participação relativa em cada década dos agentes criminosos de atividades profissionais de baixa remuneração

60	17,55%	54,14%	7,14%	21,17%
70	14,2 %	46,71%	19,95%	19,14%
80	11,53%	43,85%	28,26%	16,36%

FONTE - Ver tabela 38

Analisando-se comparativamente as tabelas 10, 25, 42 e 43, vê-se que nos anos 60, 71,69% dos crimes foram cometidos põe pessoas de baixa renda. Na década seguinte, esta percentagem caiu para 60,91% e nos anos 80 passava a ser de 55,38%. Apesar desta diminuição relativa de incidência, haja visto, que a taxa de dados desconhecidos cresceu de modo proporcional; tem-se bem delineado que a maioria absoluta dos agentes criminosos estava inserida no mercado de trabalho com baixo nível de remuneração.

Um outro dado que sobressaiu ao se analisar as tabelas, está correlacionado com a prevalência de agentes criminosos sem profissão definida. Nos anos 60, 8,52% dos crimes contra o patrimônio foram praticados por pessoas enquadradas nesta categoria, contra 3,63% nos crimes contra a pessoa. Nos anos 70, esta proporção passou a ser de 9,2% contra 3,38% respectivamente. Já nos anos 80, encontrou-se a correlação de 9,5% nos crimes contra o patrimônio e 4,16% nos crimes contra a pessoa. Constata-se que os índices permaneceram constantes ao longo das décadas, com a predominância de

criminosos sem profissão definida nos crimes contra o patrimônio, delineando uma forma específica de marginalidade, com maior "profissionalização " na prática criminosa. A única via de sustento passava a ser o crime, determinando o afastamento definitivo deste agente criminoso dos processos produtivos formais na sociedade .

e) SEXO

Nos anos 60, as mulheres foram responsáveis por 5,9% dos crimes, sendo 45% deles homicídios, 30% furtos , 20% tráfico e 5% outros crimes. Na década seguinte, conforme a tabela 44, os homicídios e furtos caíram de incidência e o tráfico e outros aumentaram.

TABELA 44

Participação feminina na criminalidade urbana - Tipos de crime de maior incidência - Salvador - Anos 60, 70 e 80

DÉCADA	HOMICÍDIO	TRAFICO	FURTOS	OUTROS	PARTICIPAÇÃO FEMININA NO TOTAL DE CRIMES.
60	45 %	20 %	30 %	5 %	5,9 %
70	24,13%	36,2 %	22,41%	17,26%	6,81%
80	17,24%	20,68%	37,9 %	24,18%	3,67%

Fonte: Ver tabela 38

A participação feminina na criminalidade urbana de Salvador caiu para 3,67% do total de crimes nos anos 80, quase a metade do índice encontrado nos anos 70. Deste percentual, a maioria absoluta foi responsável por furtos, com 37,9% do total, seguido do tráfico de drogas e homicídios. A principal característica da criminalidade feminina nos últimos trinta anos em Salvador, foi estar desvinculada da criminalidade violenta contra o patrimônio (assalto à mão armada, latrocínio etc..).

Terminado o levantamento das características sociais dos agentes criminosos nos anos 80, é possível efetivar a constatação de que permaneceu o mesmo perfil das décadas anteriores. A criminalidade urbana era empreendida por pessoas jovens do sexo masculino, pardos ou negros, de pouca escolaridade e baixa perspectiva sócio-econômica, provenientes em sua maioria, das classes populares periféricas, marginalizadas socialmente , alijadas dos processos produtivos e sem acesso à vivência plena da cidadania.

Demonstra-se , portanto, que o que muda com o tempo não é a camada da população responsável pela ação criminosa anti-social. Quem cometia os delitos eram as mesmas pessoas nas três décadas. O que efetivamente mudou - e muito -, foi a quantidade de crimes e qualidade da sua prática. Mais pessoas se tornaram criminosas em Salvador através dos anos e cada vez mais, a violência passou a ser utilizada como estratégia de execução da criminalidade urbana.

CAPITULO 3

SALVADOR, CIDADE DO ASSALTO - CONDIÇÕES SÓCIO-ECONÔMICAS E HISTÓRICAS E A NATUREZA DA CRIMINALIDADE HOJE

" Dois tipos de bombas ameaçam destruir a humanidade:uma é a bomba atômica, a outra é a bomba populacional" . (Bertrand Russel)

"Um povo entre o qual a riqueza é mal distribuída e o trabalho mal recompensado tem quase por certa a constante repetição de delitos contra a propriedade ". (Cristovam Buarque)

Os dados são claros. O perfil da criminalidade urbana em Salvador se modifica com o tempo, à medida que a cidade "incha", que a economia se expande desestruturando os antigos processos produtivos na RMS, que os fluxos migratórios se intensificam, que a pobreza urbana recrudesce e que a qualidade de vida das camadas populares decai. Românticos e rebeldes, os anos 60 em Salvador foram marcados pelo início do processo de industrialização e dinamização econômica. Em meio a estas transformações, progressivamente a capital baiana foi se configurando como metrópole regional catalisando toda a sorte de mazelas, expectativas e fantasias imaginárias da população, assim como as benfeitorias oriundas do crescimento econômico.

A crescente urbanização ainda não tinha apresentado totalmente sua faceta mais dramática. Entre 1960 e 1970, conforme já foi visto nos capítulos anteriores, os indicadores sociais e os níveis de emprego e renda expressavam o caráter concentrador da expansão econômica na cidade. Porém, os níveis eram menos dramáticos do que os apresentados nas décadas seguintes. Nesta conjuntura de início de desagregação dos liames sociais e de contradições sócio-econômico-culturais na cidade, a criminalidade passou a ter um perfil peculiar: alto índice de crimes contra a pessoa, principalmente homicídios e lesões corporais; e pouca violência associada à criminalidade contra o patrimônio.

Numa sociedade em início de urbanização e de expansão industrial, a criminalidade era um problema social, porém, com características bem mais "ingênuas" que nas décadas seguintes, haja visto o índice de "contos", arrombamento, " suadouros" e "lances" empreendidos pelos codinominados "amigos do alheio", segundo o jargão da imprensa na época. Esta forma de expressão da criminalidade não era restrita a Salvador, mas se configurava como uma tendência da criminalidade nos grandes centros urbanos brasileiros.

Em 1988, Edmundo Campos Coelho, publicou no seu artigo *A criminalidade urbana violenta* da Revista Dados, a seguinte constatação:

> *"Até a primeira metade da década de 60, o assalto a banco era uma modalidade de crime virtualmente desconhecida no Brasil, bem como os seqüestros para obtenção de resgate. O tráfico de tóxicos não atingira a etapa das redes bem estruturadas como organização quase empresarial. Nas grandes metrópoles(...) o crime era ainda uma atividade predominantemente individual (...) o "punguista" que agia com base numa habilidade de prestidigitador aprendia com grandes "mestres" do ofício, cedeu lugar ao assaltante violento de rua. O "vigarista" que com malícia e arte aplicava nos incautos os contos do "paco" ou do "vigário", foram substituídos. Mesmo o homicídio que a duas ou três décadas atrás era, predominantemente, um crime de natureza passional, tornou-se nos dias de hoje, uma atividade organizada no conflito entre quadrilhas que fazem o tráfico de entorpecentes e na atividade clandestina dos "esquadrões da morte"(...)* (Coelho, 1988, p. 145).

A criminalidade urbana era mais sutil nos anos 60, assim como eram menos intensos a miséria, a falta de opções de emprego e de sobrevivência , e as mazelas sociais urbanas. Os anos 70 se caracterizaram como o período do ambíguo "milagre econômico" e seu maior impulso no crescimento econômico nacional. O modelo posto em marcha apoiava-se na pauperização das classes assalariadas e deteriorava de modo flagrante as condições de vida nas cidades, recrudescendo o processo de espoliação da massa popular. Segundo Lúcio Kowarick, em seu artigo *O preço do progresso: crescimento econômico, pauperização e espoliação urbana*, a década de 70,

> *"Era o tempo do "milagre brasileiro", apoiado na arrogância de um autoritarismo eminentemente excludente e repressor que alardeava um desempenho econômico e escondia suas funestas conseqüências sociais (...) a exclusão social do momento era o preço inerente de um progresso que se realizava de maneira extremamente rápida(...)"* (Kovarick, 1981, p. 44).

A dura realidade , foi que os marginalizados sociais no Brasil não foram beneficiados com o crescimento econômico. Ao contrário, as contradições e as tensões sociais se exacerbaram. Dentre elas, destacou-se a criminalidade urbana violenta. A nível municipal, esta foi a década de implantação do COPEC e de decréscimo significativo das condições de vida da massa populacional da - definitivamente -grande metrópole regional.

Determinada sobremaneira, por esta conjuntura, a criminalidade urbana em Salvador mudou seu perfil em sintonia com as transformações sócio-econômico-culturais da cidade. Constatou-se que com o aumento desenfreado da população pobre e a respectiva queda da qualidade de vida - proliferação das invasões, miséria e indigência -,a violência

associada à criminalidade passou a predominar e os delitos contra o patrimônio aumentaram radicalmente sua participação na globalidade do crimes na cidade, com especial destaque para os assaltos a mão armada. Esta tendência também era nacional.

Segundo o Desembargador Antônio Arruda em artigo denominado *A violência e o seu recrudescimento na sociedade contemporânea*, publicado na revista Segurança e Desenvolvimento em 1976,

> *"Tem aumentado em toda a parte o número de crimes comuns (...) segundo o professor Virgílio Donici, vice-presidente da OAB, São Paulo e Rio de Janeiro são as cidades mais violentas do mundo, com mais de 900 assaltos e mais de 800 homicídios só em 1973. (...) o Jornal do Brasil de 28.7.74 traz um resumo das infrações penais em diversas cidades brasileiras que registram aumentos sensíveis de criminalidade, especialmente nas dias metrópoles mencionadas e em Salvador e Recife"* (Arruda, 1976, p.102).

É interessante observar também, que à medida que a crise sócio-econômica recrudesceu e que o Estado brasileiro passou a exprimir mais explicitamente a incapacidade para suprir as necessidades elementares da população inchada artificialmente pelas migrações nos grandes centros urbanos, o descrédito da sociedade quanto à ação policial para reprimir a criminalidade urbana aumentou. Nos anos 70, os jornais atacaram com muito mais freqüência e força a inoperância da polícia diante da escalada da violência urbana.

Dentre as décadas estudadas por esta pesquisa, os anos 80 - a década "perdida" - recessiva, pessimista, inflacionária, de explosão da miséria das massas e dos "meninos de rua"; apresentaram o ápice das estatísticas criminosas e da associação entre violência e crime em Salvador,. Definitivamente, o crime contra o patrimônio no geral, e o assalto em particular, passaram a ser os "protagonistas" do "teatro da criminalidade urbana violenta" na cidade do Salvador.

Essa correlação estreita entre urbanização, pobreza e desagregação social de um lado; e a criminalidade urbana violenta de outro; é confirmada por outras pesquisas na esfera da Historiografia e Ciências Humanas. O historiador Boris Fausto em seu livro *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880 -1924)*, analisa o perfil da criminalidade urbana na cidade de São Paulo no período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX. O autor utiliza como fontes principais, os processos penais dos arquivos do Tribunal de Justiça de São Paulo, jornais, relatórios e recenseamentos.

Dentre muitas constatações na sua pesquisa, pode-se destacar:

- Houve um aumento de ocorrências dos crimes contra a propriedade entre 1892 e 1896. Para Fausto, houve uma associação entre este dado e a conjuntura sócio-econômica da época, caracterizada por turbulências sociais, como a presença de um grande número de escravos libertos que não foram absorvidos pelo mercado de trabalho e passaram a vagar pela cidade. Além dos ex-escravos, havia também a presença maciça dos

imigrantes , que vieram para São Paulo em busca de fortuna. Nas palavras do historiador,

> *"Na luta pela sobrevivência e pela ascensão social, famílias se desigualaram, convivências se romperam no espaço urbano. Os sonhos se realizaram para alguns e as ilusões se desfizeram para muitos"* (Fausto, 1984, p. 10).

- Houve o crescimento da sensação de insegurança dos cidadãos paulistanos, concentrada principalmente, na ameaça à propriedade. Nas suas conclusões, Fausto realça a correlação entre conjuntura e o perfil da criminalidade urbana, à semelhança do que foi encontrado na pesquisa efetuada em Salvador. Para Fausto,

> *"À medida que a cidade se estende, vai-se estabelecendo as fronteiras ideais entre as zonas seguras e as mais perigosas, estas geralmente associadas a bairros escuros e a espaços vazios (...) Em 1894, os moradores da rua Ebol, no Brás, queixavam-se de que a ausência de iluminação deixava-os constantemente sujeitos a assaltos e emboscadas(..). um forte motivo para os pedidos de aumento de iluminação pública era a incidência de crimes, especialmente os assaltos a casas particulares"* (Fausto, 1989, p. 169).

- A maioria dos agentes criminosos provinha das classes populares, ex-escravos, imigrantes marginalizados ou brancos pobres. Segundo um texto da época apresentado por Fausto,

> *"Perigosa à noite, a Várzea do Carmo não deixa de encerrar riscos nos domingos à tarde (...) capoeiras e navalheiros se reúnem e há guerras de pedradas, entre verdadeiros "partidos" formados por desocupados dos cortiços"* (Fausto, 1989, p. 169).

- Em pouco tempo, houve a necessidade de mudanças nos hábitos da população em decorrência da insegurança nas ruas da cidade em ritmo intenso de crescimento. Boris Fausto cita os jornais da época para demonstrar suas assertivas:

> *"Cresce a sensação de insegurança (...) os senhores deveriam abster-se de transitar à noite, mesmo pelas ruas principais do bairro se estivessem adornadas com jóias de valor, pois podiam ser atacadas"* (Fausto, 1989, p. 170).

Na imprensa, multiplicavam-se as notícias de assaltos acompanhados de agressões de autores desconhecidos. Nas palavras de Fausto,

> *"O último decênio do século representa uma alteração da qualidade, a perda definitiva de um mundo idílico no imaginário*

> *dos setores sociais (...)Em 1882 (...) os ladrões andavam por toda a parte e eram de uma "ousadia" (...) roubavam durante o dia, lugares muito freqüentados. Tomando-se a imprensa como indicador a partir dos anos 70, encontra-se crescentes referências a furtos"* (Fausto, 1989, p. 171).

Fausto conclui seu trabalho afirmando que com o crescimento da cidade de São Paulo, a imigração e as contradições sociais, a incidência e o perfil da criminalidade urbana mudaram na antiga capital paulista. Fausto afirma o seguinte,

> *"Comparativamente, os dados objetivos indicam que para os padrões atuais, a velha São Paulo era uma cidade até tranqüila(. ...) sem constituir ainda uma obsessão, a sensação de insegurança em certos períodos e certos espaços se integra na vida dos habitantes da cidade como um elemento constitutivo da sua transformação em grande centro urbano"* (Fausto, 1989, p. 172).

No que concerne à cidade do Salvador, a vinculação entre crime e condições precárias de sobrevivência da população já foi assinalada por historiadores dedicados ao estudo da sociedade baiana no século XIX. Apesar do objeto principal não ter sido a criminalidade urbana, dados interessantes foram levantados. João Reis em seu trabalho *Rebelião escrava no Brasil*, que analisou a revolta dos negros mulçumanos em Salvador no ano de 1835, apresentou o seguinte perfil da criminalidade na capital da Província:

> *"(...) A Bahia se tornou um paraíso para os falsários que não tinham dificuldades para produzir moedas: usavam placas de cobre facilmente encontradas no mercado (...)"* (Reis, 1987, p. 317).

Nos idos de 1823, Salvador passava por uma crise econômica que foi capaz de determinar ondas de saques, quebra-quebras e arruaças nas ruas da cidade, chegando ao ponto de preocupar seriamente as autoridades policiais da época. Depois da guerra da Independência da Bahia,

> *"(...) já em plena crise, muitos vagabundos, mendigos e escravos idosos abandonados pelos senhores, doentes, cegos e assaltantes de estrada tiveram suas fileiras engrossadas pelos artesãos despedidos dos arsenais militares, soldados dispensados do exército e camponeses que fugiam da seca do interior para as cidades"* (Reis, 1987, p. 34).

Neste contexto, Salvador foi palco de muitas agitações anti-portuguesas, com soldados negros e batalhões de mulatos percorrendo as ruas , roubando e espancando os portugueses que avistavam. Segundo as observações do Cônsul francês na Bahia em 1824, citado por João Reis,

> *"É quase inútil acrescentar que a mais completa anarquia reina na cidade. Roubos e assaltos têm lugar todos os dias (...)"* (Reis. L987, p. 49).

Pierre Verger em seu trabalho *Notícias da Bahia - 1850* , cita Luis Vilhena e suas *Cartas metropolitanas* , nas quais relatou as seguintes ocorrências criminosas em Salvador do século passado:

> *"Sucede que ficando perto de trezentos facínoras dos que iam degredados para a Índia no navio Polifemo, foram 171 distribuídos pelos três regimentos da guarnição destas praça, logo que saídos das enxovias vagarão pela cidade, farão tantos roubos e assassinatos que quase todas as noites impetraram (...) o Correio Mercantil nos informa que "o capitão Eugene Cels, do Eclipse, durante uma escala em 1846 foi atacado à noite no cais do porto por ladrões que roubaram seu relógio após terem violentamente espancado"* (Verger, 1981, p. 103).

Segundo os dois pesquisadores da realidade de Salvador no século passado, neste período já havia um peso social na expressão da criminalidade urbana na cidade. A associação entre esta criminalidade e a realidade sócio-econômico-cultural era clara. Para João Reis, citando Kátia Mattoso, 90% da população livre de Salvador no século XIX vivia no limiar da pobreza.

> *"Os arquivos policiais da época estão cheios de relatórios de juízes de paz e outras autoridades que se queixavam diariamente do número crescente de mendigos e desocupados que vagavam por suas freguesias, pessoas que já haviam ultrapassado o limiar de pobreza para serem absolutamente pobres (...) o que aqui se mostra é uma sociedade profundamente desigual"* (Reis, 1987, p. 22)

A esta pobreza da maioria da população, veio se somar mais um problema reticente da sociedade brasileira: a altíssima concentração de renda. Segundo Reis, os 10% mais ricos detinham 67% da riqueza. Os 62% mais pobres, detinham apenas 6,7% da riqueza. Este quadro se complicou mais ainda após a guerra da independência, quando eclodiu uma poderosa crise econômica na província em função da crise na política de exportações. No bojo desta crise, o desemprego foi levado às últimas conseqüências na cidade. O trabalhador livre, que no modelo escravista já tinha poucas possibilidade de ingressar no mercado de trabalho, viu-se em piores condições ainda . Para Reis,

> *"Com o tempo, o número de gente desocupada nas ruas cresceu muito"* (Reis, 1987, p. 33).

Entre 1820 e 1833, fortes secas no Nordeste praticamente inviabilizaram as culturas agrícolas do Recôncavo. A partir daí, dois outros velhos conhecidos sintomas sociais

recrudesceram na cidade: a migração e a incapacidade da economia equacionar o problema.. Segundo Reis,

> *"Multidões fugiram para as vilas do Recôncavo e Salvador. Em fins de 1833 o Presidente da Bahia implorava ajuda em comida ao governo imperial do Rio de Janeiro"* (Reis, 1987, p. 429).

O setor público e o exército, os quais eram responsáveis pela maior parte dos empregos urbanos, se fragilizaram com os custos da guerra da independência e com as crises financeiras do país. Os cortes de orçamento foram severos. Iniciou-se um período de recessão econômica e a demissão em massa foi delineada. As tensões sociais atingiram a superfície da sociedade baiana, extravasando ora em explosões de violência explícita, ou a partir de pressões organizadas de cunho corporativista ou de reivindicações pacíficas. João Reis transcreveu uma petição dos artifícies da casa da moeda que foram demitidos em 1830, endereçada ao governo imperial e solicitando os empregos de volta. Nesta petição os desempregados deixam transparecer a revolva e os riscos de buscarem os caminhos da criminalidade como alternativa de sobrevivência:

> *"(...) priva-los de seus empregos e os espolia de necessária e indispensável subsistência e os arremessa no perigoso mar da miséria e desgraça, talvez de desesperação e do crime, pois a fome é má conselheira"* (Reis, 1987, p. 34).

Décio Freitas compartilha das posições de João Reis e Verger quando afirma que no Brasil dos séculos XVIII e XIX, a "plebe" era composta por brancos, mulatos, mamelucos e negros forros. Este contingente, via de regra, padecia fome, porque,

> *"(...) em sua maioria não exerciam qualquer ocupação econômica, nem podiam exercê-la, pois por um lado era inevitavelmente limitado o número de empregos assalariados e por outro lado, estavam socialmente impedidos de desempenharem misteres próprios de escravos (...) tinham por melhor sorte o ser vadio, o andar morrendo de fome e vir pararem soldado e às vezes ladrão (...)"*
> (Freitas, 1984, p. 18).

É interessante notar que mesmo no século passado, as determinantes históricas e sociais da criminalidade urbana em Salvador mantiveram a mesma configuração: a estreita ligação entre fome, desemprego, desespero, baixa auto-estima, exclusão social e crise econômica; e a forma de expressão das tensões sociais através de seus sintomas.

No século passado houve muito destaque às rebeliões, tanto de escravos, homens livres ou militares. Mas, as contradições sociais não se manifestaram apenas pela via reformadora ou revolucionária dos insurgentes. A insidiosa criminalidade urbana também veio servindo, há muito tempo, como "válvula de escape" das tensões das camadas populares marginalizadas.

Retornando ao século XX, segundo o Dr. Dênio Moreira de Carvalho, Secretário de Justiça do Estado de Minas Gerais, ao referir-se à escalada da criminalidade urbana em seu estado no "Encontro Nacional de Secretários de Segurança Pública" que debateu o problema da criminalidade urbana e da violência na sociedade brasileira nos idos de 1979,

> *"O V Simpósio Internacional de Criminologia Comparada, realizado na Ligúria em 1973, cujo tema foi o "O estado da criminalidade em países em desenvolvimento"(...) entre os indicadores sociais de importância criminológica, foram enumerados: a) o desenvolvimento econômico acelerado como um dos fatores de marginalização social, b) A desorganização social como fator de delinqüência (...) d) A urbanização como (...) fator criminógeno, e) A migração (...)"* (Carvalho, 1979, p. 89).

Ainda segundo o autor, no IV Congresso da ONU, realizado em Kyoto em 1970, houve o debate internacional sobre a "Política da planificação do desenvolvimento social para países em desenvolvimento", cujas conclusões realçaram que:

> *(...) hoje a planificação do desenvolvimento nacional aspira a guiar todos os aspectos do desenvolvimento social, tentando o controle dos subprodutos perniciosos do progresso. Entre estes subprodutos avulta a criminalidade , que aparece não separadamente, mas como parte da cadeia e da trama do desenvolvimento social ao longo dos processos históricos (...) enfatizou-se que os grupos marginais da população - nas zonas urbanas e rurais , especialmente os jovens - devem ser introduzidos na corrente do desenvolvimento"* (Carvalho, 1979, p. 88).

Em 1985, após acurada pesquisa em escala mundial, a Unesco considerou o Brasil o segundo país mais violento do mundo e a Baixada Fluminense como o lugar mais arriscado para se morar. Em 1983, uma pesquisa do instituto Gallup ouviu 1.207 pessoas do Rio e de São Paulo, constatando que em média, 40% da população de ambas as cidades já tinham sido assaltadas. Nesta mesma pesquisa, 70% dos paulistas consideraram a "segurança" como o problema nº 1 e 96% acharam que os assaltos e os crimes em geral estavam aumentando em sua cidade (Carvalho, 1991, p. 10).

Segundo a matéria do jornal O Globo, intitulada *A violência no Rio e em São Paulo*, de 11.11.83 e que analisou os resultados desta pesquisa do Gallup,

> *"A população do grande Rio vê na segurança o pior dos seus problemas e essa preocupação vem se acentuando de forma marcante nos últimos dez anos (...) a população anda cada vez mais amedrontada, muita gente quer andar armada, não se confia na polícia e não se crê na justiça (...)"* (O Globo, 11.11.83.p.22).

Ao nível do senso comum dos entrevistados, a onda de violência e criminalidade crescentes no Rio e em São Paulo tinham como causa principal o desemprego, para 58,6% das pessoas, seguido da indiferença ao menor abandonado, drogas, inflação, corrupção policial, policiamento insuficiente e a alta concentração urbana (O Globo, 11.11.83.p.22).

Assim como Salvador, o incremento da criminalidade urbana no Rio de Janeiro foi capaz de modificar os hábitos da população e a rotina diária. Continuando a ler o jornal O Globo, encontrou-se o seguinte conteúdo,

> *"Esse medo de assalto é responsável até por mudanças nos hábitos do lazer: 54,9% têm evitado sair à noite para passear ou fazer um programa qualquer (...) aqueles que se aventuram a sair à noite, a grande maioria, 85,1%, não se arriscaria a usar jóias ou carregar valores consigo (...) 53,5% dos entrevistados usam algum tipo de sistema de segurança em suas moradias"* (O Globo, 11.11.83, p.22).

Em 1980, aproximadamente 40% dos lares brasileiros viviam em regime de pobreza e 20% na faixa da indigência. A problemática do menor marginalizado era gravíssima. Havia 25 milhões de crianças e adolescentes em situação de risco social, e á medida que ocorria o incremento do caos social no país decorrente da falência do modelo desenvolvimentista, a criminalidade passava a alcançar índices e formas de expressão alarmantes e cada vez mais destrutivas.

Desorganizada em suas base, a sociedade brasileira era incapaz de suprir as necessidades básicas do cidadão. Faltava acesso a alimentação, habitação, saúde e educação. A tendência era a marginalização cada vez maior das crianças e adolescentes das camadas populares . Na verdade,

> *"A educação básica , assentada na família , desaparece, gerando o desencontro entre pais e filhos, e por via de conseqüência, o afrouxamento da autoridade paterna"* (Ministério Público, 1980, p. 83).

A crise sócio-econômica dos anos 80 passou a repercutir nas famílias de baixa renda em Salvador, assim como em outros núcleos urbanos brasileiros. Expulsos para a periferia , observava-se cada vez mais, a desagregação dos lares. Homens que não assumiam a função psicossocial paterna, com as mulheres tendo que criá-los sozinhas; mulheres com um número enorme de filhos, muito além das suas parcas possibilidades de subsistência e cada filho sendo de um pai diferente; promiscuidade no lar, com barracos pequenos e de até um único vão acomodando várias pessoas; pressão das mães para que os filhos permanecessem nas ruas, objetivando o complemento do orçamento familiar, etc..

Segundo o Ministério Público do estado de São Paulo, em meio a este processo , historicamente determinado, de enfraquecimento dos vínculos afetivos nas famílias das

camadas populares marginalizadas, constatou-se outras determinantes para o fenômeno da criminalidade urbana no país:

> *"(...) a ação e a omissão dos pais, a estrutura educacional e a falta de condições essenciais à subsistência, o mau relacionamento entre o menor e seus responsáveis, a ausência de diálogo, o afrouxamento da autoridade moral dos pais e a influência negativa dos meios de comunicação (...) a célula inicial (...) é a família desorganizada (...)"* (Ministério Público, 1980, p. 82).

Nas últimas décadas o Brasil transformou-se em um país de 70% de sua população urbanizada e contando com algumas das maiores metrópoles do planeta. De um país com uma economia exportadora de um punhado de produtos agrícolas, tornou-se uma nação significativamente industrializada, e a 10ª economia do mundo. No final dos anos 80, era praticamente auto-suficiente em todos os ramos das indústrias, produzindo e competindo no mercado internacional com vários produtos : têxteis, químicos, petroquímicos e até aviões. A indústria automobilística era capaz de produzir até 1.000.000 de carros por ano. Com tecnologia nacional, o país foi capaz de implantar o inovador programa de substituição da gasolina pelo álcool como combustível, realizar prospeções petrolíferas nos oceanos e construir a maior hidroelétrica do mundo (Buarque, 1990, p. 68).

Apesar do país contar com indicadores econômicos de primeiro mundo em alguns setores, , que o colocaria no "clube da modernidade", apresentava no final dos anos 80 um quadro social *dos mais dramáticos (...) com o risco de uma falência financeira interna e externa, e de caos social nacional.* O país chegava ao final dos anos 80 com 120 milhões de pobres, 53 milhões de pessoas em nível de miséria e 20 milhões de indigentes. O Brasil já era o segundo maior bolsão de miséria do mundo. Neste total, havia 25 milhões de crianças em condições de abandono total ou semi-abandono forçado pela pobreza das massas populares (Buarque, 1990. p. 69).

Nas últimas quatro décadas, essa nova ordem urbana brasileira foi demarcando as diferenças quantitativas e qualitativas de acesso a bens e serviços que visavam suprir as necessidades dos indivíduos. Os pobres não podiam consumir apesar de serem bombardeados intermitentemente pelos agentes de socialização para ingressarem nas fileiras dos indivíduos que "eram alguma coisa", porque "tinham alguma coisa". Essa alienação do mercado de consumo reforçava a marginalização social, a frustração subjetiva , a crise de identidade e a busca de alternativas desajustadas e agressivas para afirmação social, dentre elas, a criminalidade urbana (Santos, 1978, p. 37).

O Brasil submeteu-se a uma política de crescimento econômico com o sistemático detrimento dos objetivos sociais. Todo esforço do país foi canalizado nos investimentos de infra-estrutura econômica. Até mesmo os setores sociais tiveram suas estratégias vinculadas a este projeto, implicando na segregação social crescente e na ampliação generalizada do problema da pobreza urbana. Nos dizeres de Cristóvão Buarque, observou-se no país ao final dos anos 80,

> *"A degradação social, que obriga o país a viver um "apartheid" com duas sociedades diferenciadas, inviabilizando claramente a formação de uma nação e tornando insuportável a vida para os dois lados, aquele que sofre a violência de sua miséria ao lado da riqueza e aquele que sofre a ameaça à sua riqueza por parte da miséria"* (Buarque, 1990, p. 64).

Em paralelo à dramaticidade dos indicadores sociais do país ao longo das décadas estudadas, os padrões e as taxas da criminalidade se modificaram. Isso foi observado em Salvador, mas também no Rio de Janeiro e Belo Horizonte. As taxas de homicídio no Rio de Janeiro saltaram de 18 ocorrências por 100.000 habitantes em 1977 , para 50 ocorrências por 100.000 em 1986. As taxas de roubo aumentaram de 350 :100.000 habitantes em 1977 para 550:100.000 em 1987. Em São Paulo, segundo o anuário estatístico do estado de São Paulo, as taxas de roubo se situaram em 320:100.00 habitantes em 1981 e passaram para 650:100.000 habitantes em 1984. No Rio, a taxa de criminalidade violenta por 100.000 habitantes (incluindo-se homicídio, lesões corporais, roubo, estupro e latrocínio), situou-se em 700:100.000 em 1981 e passou a 890:100.000 em 1985 (Coelho, 1988, p. 169).

Analisando-se dados da Polícia Militar de Belo Horizonte, a ocorrência média diária de furtos era de 6,1 em 1981 e 16,4 em 1985. A ocorrência diária de roubos era 6,5 em 1981 e 13,8 em 1985, denotando que ambos os crimes estavam em processo ascendente. Já as taxas médias diárias de homicídio permaneceram as mesmas em 1981 e 1984, com 0,6 ocorrências. Segundo a mesma fonte, na Região Metropolitana de Belo Horizonte em 1980 havia uma média de 5,5 assaltos a mão armada por dia. Em 1985 este índice saltou para 8,5 ocorrências. O aumento da média diária de roubos foi de 112,3%. Neste contexto, RMBH teve um aumento populacional de 58,2% entre 1970 e 1980. Impulsionado pela explosão demográfica, a criminalidade urbana dispara seus índices e modifica seus padrões de forma ainda mais acelerada e intensiva , tanto em Salvador como em outros grandes centros do país,

Segundo Eduardo Coelho em seu artigo *A criminalidade urbana violenta,*

> "Mais *uma vez as evidências são de que a criminalidade urbana violenta cresce em taxas bastante mais elevadas (...) esse ritmo de crescimento vem acompanhado de acentuado aumento populacional (...) de modo geral, as estatísticas oficiais, com todas as deficiências que nelas se reconhece, mostram que a percepção popular está correta: crimes violentos (. ..) como o roubo (aí incluído o assalto a mão armada) (...) estão em ascensão nas três maiores metrópoles brasileiras"* (Coelho, 1988, p. 149).

Percebe-se que esta tendência ascendente da criminalidade contra o patrimônio e da violência associada ao crime não era prerrogativa exclusiva da cidade do Salvador, mas

um processo global no pais, encontrado nos grandes aglomerados urbanos e determinados pelas mesmas variáveis históricas e psicossociais.

A criminalidade encontrava-se inserida no contexto sócio- cultural como um processo dissociativo e um fenômeno de desorganização social. Segundo vários estudiosos do tema, trata-se de um "sintoma social", multideterminado e multifacetado, que expressava os conflitos no âmbito da sociedade brasileira excludente.

Para Jason Albergaria, Professor de Direito da PUC e criminólogo renomado, ex-membro do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, os estudos criminológicos contemporâneos têm demonstrado que há uma correlação estreita entre conjuntura sócio-econômico-cultural e delinqüência. Por exemplo, nas épocas de inflação alta, ocorreram o aumento da criminalidade aquisitiva, com o aumento dos crimes contra o patrimônio (Albergaria, 1988, p. 205).

Confirmando as afirmações de Albergaria, outro estudioso da criminalidade contemporânea, o Professor Nildo Nery dos Santos defende em seu livro *1.000 perguntas de criminologia*, que há uma criminalidade típica dos países em desenvolvimento, pródigos em incertezas decorrentes de problemas sócio-econômicos. Este perfil da criminalidade se caracterizaria por ser direcionado para a propriedade, violento e em busca de objetivos imediatistas. (Santos, 1988, p.147).

Em 9 de maio de 1980 foi realizada uma mesa redonda para discutir a violência e a criminalidade urbana, sob os auspícios do Instituto de Direito Público e Ciência Política do Rio de Janeiro. Participaram deste evento, nomes como Afonso Arinos, José Arthur Rios, Mariana Herescu e outros professores e pesquisadores do assunto. Dentre as conclusões dos debates, publicado na Revista de Ciência Política , pode-se ressaltar:

> *"No estudo das relações entre criminalidade e meio urbano, uma série de fatores refletem como variáveis determinantes. Estes fatores criminógenos, de ordem interna ou externa, manifestam-se em todas as grandes cidades, em todas as metrópoles, sem distinção de contextos nacionais ou sistemas políticos. O que varia é o grau, mas não a sua natureza"* (Inst. Dir, 1980, p. 165).

No curso dos debates, Mariana Herescu fez uma análise sobre as determinantes históricas da criminalidade urbana no Rio de Janeiro. Os fatores apontados como responsáveis pelo curso da criminalidade na cidade , eram exatamente os mesmos fatores encontrados por esta pesquisa na realidade de Salvador. Segundo a autora,

> *"Não podemos esquecer , por exemplo, o dado demográfico, representado pela duplicação da população desta cidade nas duas últimas décadas. E também a industrialização acelerada, responsável pela concentração populacional ... por outro lado, da estratificação social decorrente do processo de industrialização, resultam aglomerados urbanos de baixa renda, que são favelas de*

> *elevada taxa de criminalidade, porque as favelas propiciam um meio duplamente favorável para a criminalidade, um meio para a eclosão da criminalidade e um meio para o seu acobertamento"* (Inst. Dir., 1980, p. 166).

Na continuidade da discussão acerca da multideterminação da criminalidade urbana, a autora afirma que os fatores econômicos, subproduto do processo de desenvolvimento, teriam uma participação decisiva -mesmo que não exclusiva - na explicação do fenômeno. Segundo ela,

> *"A sociedade de consumo, que propõe às massas exacerbados pela publicidade , o modelo de uma vida aprazível e confortável, sem a contrapartida de um aumento de renda individual e a oferta de suficiente número de empregos, cria um nível intolerável de insatisfação que pode levar ao crime"* (Inst. Dir. ; 1980, p. 166).

No que tange à mudança do perfil da criminalidade ao longo do tempo, associada às transformações da realidade concreta no meio social, a autora afirma:

> *"Ante o aumento espetacular da criminalidade e o agravamento das formas pelas quais se manifesta (...) A criminalidade adquire novas formas, maior sofisticação, como a utilização, pelos delinqüentes, dos meios que as novas conquistas tecnológicas proporcionam"* (Inst. Dir., 1980, p. 157).

A expressão da criminalidade urbana no centros urbanos brasileiros adaptou-se à realidade social. Mudando os valores, os costumes, a tecnologia e as relações sociais, mudavam os modelos de expressão do crime. Daí a extinção dos "contos" e "lances" e a proliferação dos assaltos com escopetas e AR-15. Veio daí, a substituição dos arrombamentos a armazéns pelos assaltos a ônibus, carros-fortes e bancos. Isto pôde ser observado tanto em Salvador, quanto em outras cidades, a exemplo do Rio de janeiro.

Foi apresentado nesta mesa redonda, dados sobre a criminalidade do Rio que revelaram que em 1980, do total de 8.568 criminosos condenados nos principais presídios da cidade, 63% respondiam por crimes contra o patrimônio, 14% por homicídio, 12% por entorpecentes e 11% por outros delitos. Segundo o relatório do grupo de trabalho,

> *"Este dado real demonstra um dos aspectos que não pode deixar de ser considerado na análise da criminalidade, da violência no Brasil: o grande problema da incidência dos fatores sócio-econômicos e a má distribuição de renda"* (Inst. Dir.,1980, p. 202).

Assim como em Salvador, as pesquisas efetuadas em outros centros urbanos assinalaram a tendência crescente da criminalidade e a sua modificação qualitativa ao longo dos anos. À medida que houve o recrudescimento da crise social no país, a criminalidade com

objetivos materiais e a violência associada ao crime aumentaram. Para Lúcio Kowarick em seu ensaio *Violência: reflexões sobre a banalidade do cotidiano em São Paulo,*

> *"É claro que um aumento efetivo nos salários, conjugado com melhorias nas condições de vida das camadas de baixo poder aquisitivo, poderia reduzir certas modalidades de crime, principalmente os atentados o patrimônio, pois há uma correlação entre a situação de pobreza e esse tipo de delinqüência"* (Kowarick, 1981, p. 41).

Um trabalho particularmente interessante sobre a questão foi produzido pelo Professor Ernani Simas Alves, Titular de Deodontia e Medicina Legal na UFPR. Para o autor, com vasta experiência em criminologia e acesso direto a processos e estatísticas criminais, a criminalidade no Paraná e de resto em todo o país , estava em um ritmo intenso de incremento de ocorrências e de mudança no perfil ao longo das últimas décadas.

> *"No decurso de mais de 35 anos na qualidade de Diretor do Instituto Médico Legal (...) também como membro do Conselho Penitenciário, passaram pelas nossas mãos milhares de processos criminais para efeito de livramentos condicionais, prisão albergue, indulto e comutação de pena. Esse abundante material revela que o crime está em ascendência em nosso meio, que os delitos mais comuns são os de furto, roubo, tráfico de tóxicos, contra a vida, a pessoa e sexuais. Nos últimos anos cresceu a violência salientando-se os delitos de assaltos a bancos, latrocínios, assassinatos de motoristas de praça, roubos de automóvel, violências sexuais contra casais (...)"* (Alves, 1979, p. 165).

Analisando as características sociais dos agentes criminosos paranaenses, o Professor identifica inequivocamente a sua origem nas classes populares marginalizadas, exatamente como a pesquisa empreendida em Salvador. Nas palavras do Professor,

> *"O estudo da vida pregressa desses delinqüentes evidenciou que quase todos eram assaltantes jovens, de menos de 30 anos de idade (...) de baixa condição econômica, marginais oriundos de famílias desorganizadas. Na sua maioria estes transgressores das normas sociais tinham um passado de abandono e carência , que certamente foram as causas de sua revolta contra uma sociedade ainda cheia de injustiças. A imensa maioria (...) é analfabeta, mas sabendo assinar o nome e sua quase totalidade, pobre, sem condições financeira, até para pagar os custos processuais"* (Alves, 1979, p. 165).

Segundo o Professor Alves, nas ultimas duas décadas, o número de novos empregos no Brasil não chegava a cobrir a quantidade de pretendentes ao mercado de trabalho, criando

desemprego e subemprego. A contínua migração do campo para as cidades, determinou uma séria crise social crônica no país , fomentadora de tensões sociais. Nos dizeres de Alves,

> *"(...) o resultado é que a urbanização e o aumento da densidade populacional das cidades tem representado cada vez mais um indicador de frustração e de criação de favelas (...) Enquanto a população das grandes cidades está dobrando a cada 10 ou 15 anos, a das favelas urbanas está dobrando a cada 5 ou 7 anos (...) isso demonstra o crescimento de uma população pobre, vivendo em condições subumanas, desnutrida, onde impera a miséria, a frustração e o crime. O resultado da aglomeração do povo nas cidades de forma não planejada é a geração de um clima de insegurança. Hordas de favelados , de meninos abandonados estão tomando todos os lugares, vagueando à noite pelas ruas pouco iluminadas, assaltando incautos, criando enfim, um ambiente de medo na população (...)" (Alves, 1979 p.161).*

Concordando com a posição do Professor Alves, o professor José Arthur Rios, Presidente da Comissão Especial para o Estudo da Criminalidade e da Violência no Brasil, vinculado ao Ministério da Justiça, considerava em 1980, que nas últimas décadas, houve uma enorme falta de sensibilidade da sociedade e do Estado para as condições de vida dos migrantes nas cidades do país. Sem dúvidas, o programa de desenvolvimento brasileiro não previa considerar esta questão. Em decorrência da intensificação das migrações e da baixa qualidade de vida do migrante, havia uma grande perda de identidade, desespero e ruptura com os valores culturais de origem. Daí para a criminalidade, seria uma distância pequena. Para o Professor Rios,

> *"Notem, por exemplo, o novo tipo de criminoso que está surgindo nas grandes cidades, conjugando assalto, roubo e delito sexual, que entra numa casa, amarra, domina a mulher, rouba e depois, comete o estupro, às vezes mata. Isso não existia antes. Esse tipo de delito me parece indicativo não de taras sexuais, como dizem ainda aqueles que se filiam a escolas de criminologia superadas, mas uma brutal carência de afetividades e de identificações humanas, de solidariedades humanas"* (Inst. Dir. , 1980, p. 183).

A urbanização e a industrialização agravaram os conflitos sociais no Brasil. Realçaram a violência institucional associada às desigualdades de oportunidades para que parcelas da população pudessem viver com dignidade. À medida que veio ocorrendo a institucionalização da miséria, do sofrimento, da dor, da indiferença aos valores humanos, da ignorância e da marginalização social; houve a exacerbação da insegurança urbana, da agressão nas cidades e da criminalidade de expressão violenta. A violência nas cidades ao longo do tempo está estreitamente ligada à violência institucional da sociedade brasileira. O verdadeiro germinal de agentes criminosos cada vez mais violentos era a população

marginalizada e desesperançosa, vivendo em um ambiente de fome, de miséria, de falta de higiene e de frustração no qual predominava a imundície, a promiscuidade e a confusão de valores e de condutas . A violência encontrou nas cidades desorganizadas e desumanizadas o terreno fértil para se multiplicar .

Nas palavras de Alves,

> *"(...) nas cidades de crescimento rápido e caótico, a grande densidade populacional forma uma estrutura social com sinais de desorientação (...) despreparados para a vida urbana, tendem à vadiagem, alcoolismo, prostituição, à mendicância e ao crime"* (Alves, 1979, p. 162).

A alienação e a desesperança, duas constantes nas populações marginalizadas das cidades, e mais a falta de emprego, exerceram um profundo impacto psicossocial, determinando situações explosivas nas cidades, a exemplo de Salvador, nas últimas três décadas deste século. Outros fatores , tais como a revolta, as frustrações, a desagregação da família, o tédio e a impossibilidade de encontrar formas ajustadas de afirmação social, influenciaram a criminalidade urbana em Salvador e em outros centros urbanos do país e do mundo.

A violência urbana na sociedade contemporânea tem sido resultante do caráter "criminógeno" das relações sociais. No Brasil das últimas décadas, os valores materiais da sociedade de consumo têm predominado, notadamente, a apologia ao dinheiro, ao luxo, ao "status" econômico e ao consumismo. Nas grandes cidades, o indivíduo tem estado sufocado e coagido, sempre um anônimo nas multidões. Tem faltado afetividade e equilíbrio nas relações. Quem se sentia inseguro, oprimido e violentado nos direitos elementares de cidadão, não estava em paz consigo e portanto tinha poucas chances de estar em paz com os outros. Quando há a predominância da frustração ou do ressentimento, encontra-se uma maior probabilidade de reações agressivas e violentas por parte das pessoas. Para o criminólogo Roque de Brito Alves,

> *"(...) de tal insegurança individual na sociedade atual, surge naturalmente a frustração, e esta , por sua vez, gera uma maior agressividade como fator de delinqüência. Todo indivíduo frustrado, seja qual for a razão, é presa fácil da violência (...)"* (Alves, 1986, p. 289).

Voltando a analisar alguns dados apresentados na mesa redonda sobre violência e criminalidade urbana, estudos promovidos pelo Comitê de Estudos da Criminalidade da Grã-Bretanha, pela Associação dos Magistrados da Inglaterra e de North-Wester e Western de Chicago, nos EUA, além da Universidade de Harvard, revelaram que 60% dos menores delinqüentes tinham pais e mães que bebiam excessivamente. 60% tinham permissão para fazerem o que quisessem , não havendo limites nas relações familiares. As crianças foram criadas totalmente soltas. Além disto, 60% provinham de lares onde o marido e a mulher não viviam em harmonia e 80% tinham pais que não se interessavam por suas amizades. Do total de menores delinqüentes, 80% se queixavam de indiferença e

falta de amor. Estudos demonstram que à medida que as cidades passaram a apresentar um crescimento rápido e desordenado - à semelhança de Salvador entre os anos 50 e 90 - há a tendência de aumentar a ocorrência de sérios danos à qualidade de vida da população. Esses problemas podem se manifestar à nível ecológico e ambiental - poluição do ar, terra e mar, mudanças climáticas etc... - ou à nível social, com a violência, a criminalidade e a incidência de doenças mentais. (Dotti, 1979, p.291).

O Professor Ernani Alves cita no seu trabalho *Densidade populacional e crime*, duas pesquisas feitas nos Estados Unidos, uma em Chicago e outra na cidade de Providence. Estes trabalhos demonstraram que as taxas de criminalidade, de suicídio e de doenças mentais eram mais elevadas nos bairros de maior densidade populacional e pior qualidade de vida destas cidades. Para o Professor,

> *"Nova York, Chicago e Honolulu, por exemplo, são cidades cujas áreas centrais possuem péssima patologia social. O mesmo se pode dizer do Rio de janeiro, São Paulo, Recife, Porto Alegre, Salvador e Curitiba, onde pululam o crime, a prostituição, as toxicomanias, os assaltos e outras formas de violência"* (Alves, 1979, p.161).

Em plena sintonia com as conclusões das outras pesquisas citadas anteriormente, René Dotti expõe no seu artigo *Violência e criminalidade: ambiente e qualidade de vida como velhos e novos fatores*, publicado em 1979 na Revista dos Tribunais, que o crescimento desproporcionado de muitas cidades tem-se constituído em um dos fatores poderosos para formar ou estimular a criminalidade e a violência urbana. O autor cita estudos franceses que demonstraram que ,

> *"(...) na França existe uma significativa correlação entre urbanização e criminalidade"* (Dotti, 1979, p. 292).

Na medida que as tensões opressoras do homem na cidade do Salvador se acumularam, e passaram a impedir a satisfação das necessidades básicas, a vivência plena da cidadania e o vislumbre da realização existencial , a desarmonia afetiva e a crise de identificação aumentaram na população marginalizada da metrópole. Este recrudescimento das tensões levou mais pessoas à neurose, ao suicídio, ao crime e à violência . Este quadro, entretanto, não era exclusivo da maior cidade do Nordeste. Para o Professor Alves,

> *"Cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, a exemplo de Calcutá, Cidade do México, Nova York, Buenos Aires e outras, transformaram-se em selvas em que não há possibilidade de controlar a criminalidade e nas quais a saúde não poderá manter-se nas favelas e em que os moradores morrerão nas ruas sem que o fato seja sequer percebido. Além das tensões provocadas pela densidade populacional, as condições físicas das cidades tornam-se cada vez mais precárias (...) a densidade das populações urbanas acarreta implicações sociais de caráter novo e*

> *perturbador depois de atingir determinado nível. Submetido a tensões, o ser humano é altamente suscetível perturbações . Pequenos problemas podem desencadear tragédias ou até catástrofes*" (Alves, 1979, p. 164).

Segundo Rubem George Oliven em um artigo publicado em 1980 na Revista Dados, denominado *A violência como mecanismo de dominação e como estratégia de sobrevivência,*

> *"A violência (...) se transforma cada vez mais numa estratégia de sobrevivência por parte das classes dominadas"* (Oliven, 1980, p. 374).

Entretanto, a cidade grande não pode ser vista como causa "per se" da violência urbana. No Brasil, o que ocorreu ao longo das décadas estudadas por esta pesquisa, foi a maior evidência das contradições sociais nos grandes núcleos populacionais, centros dinâmicos da economia, mas nos quais a opulência e a riqueza contrastavam ferozmente com a miséria. Para Oliven, ao longo das décadas de 60 e 80,

> *"Esse contraste entre ostentação e indigência poderia ser encarado como o elemento que fornece a base necessária ao surgimento da delinqüência de classe baixa (...) é significativo que no Brasil o termo "marginal" se refira ao mesmo tempo, à mão-de-obra não inserida em relações capitalistas de produção e a criminosos de classe baixa"* (Oliven, 1981, p.26).

Obviamente, nem todos os indivíduos das classes marginalizadas socialmente, enveredaram pelo caminho da criminalidade em Salvador nos anos estudados por esta pesquisa. Não se pode efetuar uma leitura reducionista e simplista , associando superficialmente, pobreza e criminalidade. Nem todos os moradores das invasões delinqüíram, daí a importância da visão interdisciplinar. Há fatores históricos, culturais e psicológicos em jogo. Porém, a criminalidade de rua e a violência na cidade do Salvador, estavam sobremaneira correlacionadas às mazelas sociais historicamente determinadas entre os anos 60 e 80, e as mudanças no seu perfil ao longo das transformações da conjuntura demonstram esta assertiva. Segundo Lúcio Kowarick no ensaio *Violência: reflexões sobre a banalidade do cotidiano em São Paulo,*

> *" (...) o sistema urbano industrial é gerador de violência, produzindo na sua dinâmica concreta uma série de prejuízos (...) contudo, não se trata de um processo genérico, como se o "urbano" fosse por si próprio gerador de violência: tanto o campo como a cidade podem apresentar alta dose de violência, sendo o fenômeno originado de processos sócio-econômicos e políticos, não ecológicos (...) suas causas (...) são eminentemente históricas, pois produzidas pelos homens dentro de uma*

> *sociedade alicerçada em oposições e interesses concretos"* (Kowarick, 1981, p. 32).

Historicamente, a cidade do Salvador apresentou condições intrínsecas para o estímulo à criminalidade urbana violenta ao longo das três décadas estudadas. Em uma matéria na página policial do jornal A Tarde, encontrou-se a seguinte manchete: *Trocou a vida dura do circo pelo crime*. Segundo o texto,

> *"Enfrentando dificuldades de toda a ordem desde criança, José Hamilton decidiu abandonar a casa dos pais no Recife, acompanhando um circo que realizava uma temporada naquela cidade. Suas andanças com artistas foram suficientes para aprender alguns truques, dando-lhe margem para sobreviver honestamente nos picadeiros e nas praças públicas da vida. Depois de levar um certo período atuando como artista, cujos rendimentos mal davam para sobreviver, José Hamilton descobriu que o crime poderia render muito mais. Praticou pequenos furtos e terminou assassinando um homem de identidade ignorada (...)"* (A Tarde 8.5.82).

Essa reportagem é clara. O agente criminoso em questão tinha todos as características sociais marcantes do perfil da criminalidade em Salvador. Era negro - havia a foto no jornal - ,jovem, fugiu da casa dos pais pobres, era migrante - veio de Recife para Salvador "aventurar" a sorte e ingressou no mercado informal, mas não conseguiu se manter dignamente com os rendimentos. Primeiramente, tentara sobreviver como artista profissional, depois fazendo "shows" nas praças. Iniciou a carreira de crimes com pequenos furtos, até chegar ao latrocínio. A periculosidade foi adquirida progressivamente na "escalada da criminalidade".

Este caso em particular reforça a posição de alguns pesquisadores, que consideram que o aumento dos crimes está associado diretamente ao fato de seus praticantes perceberem que os benefícios decorrentes do delito são mais compensadores que os riscos, ou que outras alternativas de subsistência. Contudo, tal percepção, na maioria das vezes não perpassa uma "escolha racional e consciente" por parte do agente criminoso. Na verdade, os processos envolvidos são mais complexos. Pode-se falar em uma escolha inconsciente, a partir de sua visão de mundo, seus valores introjetados em decorrência da qualidade dos vínculos familiares e do equilíbrio entre frustrações e gratificações diante dos estímulos da realidade social , na dinâmica de construções de identificação. Para Kowalick ao analisar criticamente esta questão,

> *"Nesse tipo de abordagem se estaria enfatizando a ação criminosa enquanto decorrência de opção individual, sem levar em conta que essa escolha pode não existir na medida em que toda uma engrenagem esteja montada para "fabricar" indivíduos que de certa forma, se tornam "fora da lei"* (Kowalick, 1981, p.41).

O seguinte artigo do jornal A Tarde corrobora esta posição crítica de Kowarick:

> *"Assaltante de 14 anos mobiliza forte aparato. Policiais do 5º Batalhão da Polícia Militar, Pelotão de Choque e CEOP - em torno de 40 homens, no total - enfrentaram na manhã de ontem, a partir das 9 h e 30 min uma operação difícil: a captura do assaltante "Andrezinho", de 14 anos de idade (...) os assaltantes buscaram refúgio na área, ao serem perseguidos pela polícia, após assaltarem um armazém nos Pernambués (...) Foram duas horas e meia de cerco para a captura de "Andrezinho", que chegou a trocar tiros, duas vezes, com os policiais (...) o pequeno assaltante, frágil e de baixa estatura, aparentando não ter mais que 11 anos (...) os policiais identificaram um odor característico de maconha (...)"* (A Tarde, 10.1.86,p.13).

Até que ponto os milhares de "Andrezinhos" imersos na miséria e na falta de oportunidades na vida em Salvador ao longo dos anos, tiveram chance de optar por caminhos diversos para sobrevivência e construção da personalidade na selva urbana? Este trabalho busca demonstrar que eles não tiveram outras opções.

Uma das poucas pesquisas historiográficas que se detiveram a analisar o perfil da criminalidade em núcleos urbanos ao longo do tempo, obteve as mesmas conclusões que a pesquisa em Salvador. Trata-se da pesquisa *Crimes e criminosos em Belo Horizonte: Uma explicação inicial das estatísticas oficiais da criminalidade*. Este trabalho foi executado por Antônio Luiz Paixão e recebeu suporte institucional da Fundação João Pinheiro e SEPLAN -MG.

A pesquisa historiográfica utilizou como fontes principais os arquivos das polícias civil e militar e os arquivos da Secretaria de Segurança Pública de Minas Gerais. As fontes seriadas cobriram o período que ia de 1940 a 1980. Dentre outras conclusões obtidas a partir da análise dos dados, pode-se destacar:

- Entre 1951 e 1968, os crimes contra a pessoa aumentaram de incidência cinco vezes mais que os crimes contra o patrimônio. Entre 1968 e 1978, a correlação foi invertida, e os crimes contra o patrimônio cresceram aproximadamente 2,5 vezes mais que os crimes contra a pessoa.

  O assalto foi o crime que mais cresceu de incidência sistematicamente em todas as décadas estudadas. Entre 68 e 78, por exemplo, aumentou 452%, contra 42% do furto e 263% do homicídio.
- Aumentou a associação entre crime e violência.
- Aumentou em níveis absolutos, a incidência de todos os crimes ao longo do tempo.

Segundo o historiador,

> *"Fica nítido aqui, o padrão emergente da criminalidade em Belo Horizonte. Há entre as décadas de 60 e 70 um crescimento em todos os tipos de crimes : contra a pessoa, contra o patrimônio, violentos, sem violência e sem vítimas. Certamente, os crimes contra o patrimônio tendem a ampliar sua contribuição (...) mas o que parece mais importante nesses dados é o incremento do grau de violência da criminalidade em Belo Horizonte, indicado pelos elevados índices de crescimento do roubo e do homicídio (...) o roubo vem se tornando o crime típico das grandes cidades e , nesse caso, não haveria discrepância alguma entre as percepções generalizadas de insegurança das populações urbanas e as estatísticas oficiais da criminalidade (...)"* (Paixão, 1981, p. 90).

No que diz respeito às características sociais dos agentes criminosos, a pesquisa chegou às seguintes conclusões : Entre 1938 e 1975,

1. Apenas 10% dos agentes criminosos eram do sexo feminino;
2. Aproximadamente 55% tinham até 30 anos de idade; 75% tinham uma ocupação manual, sendo mal remunerados no mercado formal, ou inseridos no mercado informal;
3. 80% eram analfabetos.

Assim como na pesquisa efetuada em Salvador , as características sociais dos agentes criminosos de Belo Horizonte permaneceram estáveis ao longo do tempo. Eles advieram das camadas populares marginalizadas da sociedade, sem acesso à vivência da cidadania. O que mudou não foi a origem de classe, mas a forma de expressar a criminalidade e a proporção de incidência. O autor concluiu,

> *"A análise dos dados sobre crimes e criminosos em Belo Horizonte revela o que já sabíamos - uma clara associação entre marginalidade social e comportamento criminoso (...) oprimidos pela miséria, experimentando intensas desigualdades e contidos na realização de suas aspirações pelas barreiras de classe, favelados, desempregados, trabalhadores não especializados e outros contingentes da marginalidade urbana são atraídos para atividades criminosas, na medida em que percebem os ganhos do crime como superiores em relação aos benefícios oriundos das atividades legais"* (Paixão, 1981, p.97).

Tanto quanto em Salvador, à medida que Belo Horizonte experimentou os processos de industrialização e crescimento urbano desordenado, houve incremento da migração e perda da qualidade de vida da população. Entre 1950 e 1960, o crescimento populacional se deveu 59% à migração. Entre 1960 e 1970, este índice permaneceu estável em patamares elevados, com 58%. Em Belo Horizonte na década de 70,

aproximadamente 15% da população era favelada, 46,245 estava na linha da pobreza e 20% era analfabeta. Para o autor da pesquisa,

> *"Assim como ocorre em outras regiões metropolitanas brasileiras, o processo de desenvolvimento urbano em Belo Horizonte está marcado por grandes desigualdades e desequilíbrios - pobreza, favela, desemprego, marginalidade normalmente associados a (...) comportamentos criminosos (...) migração intensa, favela, baixas condições de vida, concentração de renda, desemprego aberto (a níveis superiores aos do Rio de Janeiro e atingindo preferencialmente os jovens de baixa renda), baixos níveis educacionais numa grande cidade, adicionados, tendem a produzir subprodutos desviantes e freqüentemente criminosos"* (Paixão, 1981, p. 86).

Deste modo, as pesquisas realizadas no país confirmam as conclusões do estudo efetuado em Salvador. A criminalidade e a violência a ela associada encontrariam nas grandes áreas urbanizadas expostas a rápidas mudanças sociais, o contexto predisponente para sua expressão e expansão. Variáveis estruturais, como o tamanho da mancha urbana, a concentração de renda , a miséria das massas; e variáveis psicossociais como o isolamento, a impessoalidade e o incremento da frustração e da baixa auto-estima, reforçam as condutas criminosas anti-sociais, que nada mais são, que representações simbólicas e "sintomas" das contradições e conflitos na sociedade fragmentada em mil pedaços.

V CONCLUSÃO

A partir da análise de todos os pontos que foram apresentados nos capítulos anteriores, pode-se concluir que de fato existiu uma correlação muito estreita entre a conjuntura sócio-econômico-cultural da cidade do Salvador ao longo das décadas estudadas e a maneira peculiar de expressão da criminalidade urbana.

Á medida que as desigualdades de oportunidades na vida se explicitam e se configuram acima dos limites suportáveis para a população marginalizada socialmente em Salvador, a criminalidade muda . Conseguiu-se demonstrar que quando os problemas materiais são mais gritantes e as carências mais elementares se evidenciam no cotidiano das famílias de baixa renda, o crime contra o patrimônio torna-se hegemônico.

Outra conclusão significativa apresenta um problema de difícil solução: Quanto maior o nível de violência institucionalizada, inerente à exploração e espoliação das classes populares no modelo capitalista dependente; maior a tendência de explosão da violência associada às práticas criminosas . Está claro que o fenômeno da criminalidade urbana é amplo e é multideterminado, mas não resta dúvidas de que o componente histórico age de modo marcante nos processos em curso.

O que mudou com o tempo não foi o estrato populacional do qual se originaram os agentes criminosos que empreenderam a criminalidade urbana. Ao longo de toda a série histórica estudada, eles provém da mesma fonte: as classes pauperizadas, sem alternativa de sobrevivência digna perante o sistema excludente e contraditório. As mudanças se concentraram no aspecto qualitativo da criminalidade, seus objetivos e métodos, seus adornos e conseqüências.

Muitos interessados na questão da criminalidade padecem da tentação de reduzir o problema a um nível superficial e acrítico, privilegiando os aspectos pessoais e individuais e negligenciando as variáveis históricas e sociais. A busca neste trabalho foi de integrar as abordagens, ressaltando a complementaridade de posturas metodológicas, e a inequívoca atuação dos fatores históricos na construção da personalidade, formação do caráter e sedimentação dos valores e conceitos do homem.

Os fatores históricos determinam os fatores individuais, e vice-versa. Os processos históricos determinam o que uma criança de rua dos anos 80 irá conceber como "verdade subjetiva". O contexto histórico viabilizou que aumentasse o fluxo migratório para a cidade do Salvador a partir dos final dos anos 50 e determinou a maneira como as classes

dominantes lidaram com a questão. Desta conjuntura, surgiram forças históricas que aumentaram a probabilidade de que a miséria se proliferasse em Salvador e a criminalidade urbana fosse uma das maneiras dos excluídos tentarem resgatar sua identidade ou extravasar suas angústias.

A criminalidade urbana portanto, apresenta-se como um sintoma social, uma resultante dos conflitos intrínsecos à sociedade contraditória. Analogamente, a criminalidade é a expressão simbólica e concreta da enfermidade social brasileira, é a "neurose social" de um país que despreza as necessidades elementares da maioria absoluta da sua população. A criminalidade é um dos sinais que permite avaliar a saúde social de um país. Quanto mais apodrecidas forem as relações sociais e mais desesperançoso for um povo, maiores os riscos de desequilíbrios nas condutas humanas.

Estes desequilíbrios podem se manifestar na proliferação das "seitas" que exorcizam os demônios e prometem a prosperidade material a curto prazo, ou na depressão , diagnosticada como a moléstia do século, decorrente do vazio existencial do homem pós-moderno na sociedade de consumo. A criminalidade é mais uma forma do ser humano expressar sua falência para administrar com efetividade sua relação com o mundo historicamente determinado, cada vez mais perverso e ameaçador à sua integridade como sujeito.

Finalmente, é importante perceber que as tendências observadas na realidade de Salvador também foram encontradas nas poucas pesquisas levadas a cabo sobre o tema. Tal fato reforça a fidedignidade das conclusões, ao mesmo tempo que instiga e lança desafios para novas jornadas que deverão vir complementar esta primeira.

VI - FONTES E DOCUMENTOS

- PROCESSOS PENAIS ARQUIVADOS NO CONSELHO PENITENCIÁRIO DO ESTADO DA BAHIA (Abreviatura : ACP).

Foram analisados 4.275 processos cujos crimes foram cometidos entre 1960 e 1989.

- JORNAL A TARDE.

Foram analisados 3.721 artigos e matérias oriundas das páginas policiais entre os anos de 1960 e 1989.

- DADOS ESTATÍSTICOS DA SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO DA BAHIA.

Foram levantados dados relativos a todas as ocorrências criminais oficialmente registradas nas delegacias da cidade do Salvador e que possuíam dados cadastrados junto ao Departamento de Polícia Técnica - Setor de Estatísticas criminais, no período entre 1972 e 1989.

VII - ANEXOS

- ANEXO I : *Charges* do jornal A Tarde correlacionados com a evolução da criminalidade urbana em Salvador.

- ANEXO II : Cópias de processos arquivados no Conselho Penitenciário do Estado da Bahia. Por motivos éticos e legais, os nomes dos envolvidos diretamente nas ocorrências e outros dados que possam permitir a identificação foram suprimidos.

- ANEXO III : Matérias do jornal A Tarde publicadas na crônica policial.

ANEXO 1

; reuniões
m longas,
; "cartas"
faltavam

não está
ez porque
n Londres
suntos de
apenas o
ados pelo
uma vas-
amentais,
tudo po-
ários bra-
rcimonio-
;.

se elenco
as? Prati-
ntinuou a
política,
passasse
; ao qual
ém de di-

governo
tosíssimo
precisa-
a econô-
ecretaria
rio da Fa-
rio Nacio-
, Central,
Nordeste,
ismos de
isso uma
entidades
fender os
ue devem
o?

abe, mas
o mal é a
no. Como
ação das
Sul, Sr.

Uma princesa chamada Zora

Antônio Olinto

Warri (Delta do Níger) — **Itsekiri** quer dizer "habitante dos rios" e é na região dos rios, nas centenas de cursos d'água que formam a foz do Rio Níger que venho de novo encontrar o povo itsekiri, com suas gentes de gestos nobres e largos, suas longas roupas coloridas, seu sorriso de povo feliz e realizado. Saímos do Rio, Zora e eu, numa noite nublada, sete horas depois desciamos em Lagos, onde Obgemi Rewane, velho amigo de Warri, nos esperava. Pensei que fôssemos passar pelo menos algumas horas em Lagos, mas Rewane me informou, sucinto:

— Vamos direto a Warri.

Acrescentou, depois, que eu tinha conferências marcadas em onze lugares e que não se podia perder tempo. De Lagos a Warri, numa auto-estrada modernissima, são cinco horas de viagem. Há dezenove anos que não visitávamos Warri. Em 1963, quando lá pronunciei uma série de conferências, a cidade era pequena e pobre, embora mantivesse Warri (neste, havia 1.250 pessoas, em conta mandada fazer por Rewane), mas o que me comoveu foi falar em aldeias perdidas no fundo dos igarapés do Rio Benin. Numa delas, chamada Jakpa, fui recebido por mulheres cantando e crianças do grupo escolar marchando com estandarte à frente em que se lia o lema: "Who learns will lead" (quem aprende será líder). No interior da sede da administração da aldeia, depois de me darem a mastigar o obl, símbolo tradicional da hospitalidade e de, como no Brasil, derramarem três vezes a bebida no chão, com acompanhamento de cânticos lindos, antes de me fazerem beber, falei sobre dom Domingos em inglês, com Rewane traduzindo minhas palavras para o itsekiri. No final, como sempre faço na região de Warri, enumerei palavras portuguesas que hoje fazem parte da língua itsekiri (sapato, camisa, mesa, ouro, prata, veludo, chave, pecado, herege, etc) e o povo morria de rir de me ver falando o idioma deles. Na aldeia de Bateren, também num igarapé

Coluna polí

Pior o remendo

Brasília (De Flamarion Mossri)— *O "pacotão" do g instituto da inviolabilidade do mandato parlamentar insuspeito vice-líder do governo na Câmara, deputa Andrada. E não é novidade. Na reunião do diretório na para "fechar a questão" a favor da proposta do Pal "Andradinha" fez a mesma observação sobre a matéria inclusive, que a nova redação sugerida ao Artigo 32 que trata da inviolabilidade do mandato, deixaria mu*

O deputado mineiro, professor de Direito Consti tar certo. O dispositivo modificado pelo "pacote" e ap sem a presença dos parlamentares oposicionistaat assustar os oposicionistas, mais afoitos, ou até levan tribuna um coreto acusatório, denunciando tudo e a t pre sem provas.

Pelo novo texto constitucional, os deputados invioláveis no exercício do mandato, por suas opi votos, "salvo no caso de crime contra a honra".

Esse final do dispositivo é que é perigoso. No honra — injúria, calúnia, difamação — não haverá i acusadores poderão ser processados pelos acusad tem, o mesmo deputado Bonifácio de Andrada ficou p discurso do vice-líder do PMDB, Audálio Dantas, de rabilidade e probidade do ministro do Interior, Mári prou" para o seu companheiro Nilson Gibson um apa orador de que suas acusações contra Andreazza po um processo.

E Gibson deu o recado, recebendo uma respost tado paulista: não tenho medo do "pacote".

Vale registrar que a nova proposta constitucio cialmente o referido Artigo 32. Antes, a ressalva quan envolvia crimes contra a segurança nacional. Os pa invioláveis no exercício do mandato, "salvo no caso segurança nacional". A alteração deu a impressão d dade havia sido ampliada. Não haveria mais proce mentares por crime contra a segurança. Furo enga

Bonifácio de Andrada, respondendo a uma co um assessor de ministro militar, esclareceu que a sit os deputados e senadores. Agora eles não são invi contra a honra — antes a Carta não especificava tai nuam não sendo invioláveis nos crimes contra a se

Mas há um aparente conflito de textos, que só nado na Justiça Superior, em casos concretos. Pelo grafo 5º do Artigo 32, nos crimes contra a segurança procurador geral da República, recebida a denúnc gravidade do delito, requerer a suspensão do exe parlamentar, até a decisão final de sua represent texto anterior, alterado pelo "pacote", havia a ress caso, o processo independe da licença da respecti

Com a mudança, ficou entendido que, mesmo contra a segurança, o processo só terá prosseguime pertencer o indiciado der a necessária licença. Mas conforme explicou Bonifácio de Andrada. Na mesm Artigo 154, contudo, está dito que, em caso de abuso com o propósito de subversão do regime democr suspensão de direitos políticos, de dois a dez anos, c Quando se tratar de parlamentar, "o processo nã cença da Câmara a que pertencer". Complicou tud

O governador Antônio Carlos Magalhães estava satisfeito ontem à noite. E afirmou que tinha bons moti-

qualquer obse cado

ıvasão do Canadá

ıadá o presi-
esta visita é
nentação da
enos de dois
niro Saraiva
mbro a 1º de

de, os minis-
ɔres do Brasil
am na conve-
elações entre
palmente nas
econômica.

ıções da agên-
e, o chanceler
ıteve úteis e
" com os mi-
da Indústria e
la, e com o se-
Comunicações.

ıctos eminente-
discutidos as-
ltural, e procla-
do estabeleci-
tas a nível mi-
ıe o Canadá e o
internacionais

ıiplomática, in-
ı visita do chan-
as inevitáveis
sita presidencial
.omo resultado
ıido pelas duas
tıuo de promover
pessoas e pro-

s encontros entre
ı le governo são
vıis mas, também,
sıtados positivos
r iro dos quais —
nao se pode mini-
ıs .uir-se num ele-
a ɔproximação en-

ɔral, porém, outros
ı' ialmente no es-
ɔio econômico en-
n. ser somados. É
ɔe comerciais, no
na., processam-se
ir rmédio dos ór-
ıs chancelarias e os
ıi da área econô-
ɔc ém, entre os que
ciıao acelera o pro-

brasileiras para o Canadá nesse mesmo período, atingiram US$131,3 milhões, com um aumento de 28 por cento com relação a igual período de 1979.

Quanto aos artigos intercambiados os principais itens de exportação do Canadá foram trigo, papel de jornal, potassa, carvão, enxofre e motores de avião. Os principais produtos de exportação do Brasil foram motores de veículos automotrizes, suco de laranja concentrado e congelado, calçados e café instantâneo.

Já agora, os intercâmbios bilaterais entre o Brasil e o Canadá são da ordem de 1.200 milhões de dólares, com uma pauta muito mais diversificada no que se refere a produtos vendidos e comprados, o que dá medida do valor dos acordos que serão firmados entre o presidente João Figueiredo e o primeiro-ministro Pierre Elliot Trudeau.

X
X X

Acontece, porém, que, "para marcar a importância da visita", o presidente brasileiro viajou acompanhado de dez ministros de seu gabinete, e mais uma centena de homens de negócios, o que, sem sombra de dúvida, pode ser considerado um exagero de luxo.

A primeira indagação que é lícito fazer-se é se toda essa gente terá mesmo condições de realizar trabalho útil em apenas quatro dias de permanência no país do norte. Mas, ainda dando de barato que haja tempo material para tanta atuação ministerial, cabe a colocação de outra pergunta: e seria mesmo necessária a presença de tanto ministro de Estado na caravana presidencial?

O Brasil, como se sabe, tem um regime originalíssimo que, sem ser parlamentarista e não contar, conseqüentemente com um primeiro-ministro na prática, o poder de decisão do governo está concentrado nas mãos de um pequeno grupo, os titulares da maioria das pastas não passam de assessores categorizados. A ida de três ou quatro ministros, portanto, seria mais que suficiente, e seria feita para os cofres públicos, uma economia nada desprezível nesta hora de aperto que estamos vivendo.

Os corredores do transporte

Pereira de Sousa

Há anos que ouvimos falar nos corredores do transporte urbano. Primeiro, em S. Paulo. Depois nas cidades maiores do país. Curitiba tornou-se o modelo para outras comunidades. Realmente a estação ferro-rodoviária de Curitiba é monumento. O planejamento foi muito feliz.

Em nossa capital, por causa dos muitos defeitos de origem, ruas tortuosas e ladeiras íngremes, não é tão fácil planejar e solucionar o problema do transporte de massas. Sabemos disso. Não vejam neste arrazoado crítica malévola ao trabalho de tantos que se interessam por melhorar o transporte de verdadeiras massas humanas em cada começo e fim de dia.

Aprendemos a respeitar o trabalho dos outros. A respeitar, sobretudo, os bons propósitos que os animam. O povo necessita de transporte rápido e barato para se locomover para os locais de trabalho. Os estudantes necessitam de estar às horas nas salas de aula. Por circunstâncias especialíssimas, os estudantes de nível superior estão obrigados a usar carros de linhas supercongestionadas. Estradas únicas hão-de levar substancial massa humana, que não estuda, e a multidão de estudantes das duas universidades. Às vezes é luta por um lugar nos ônibus que demandam a Federação ou a Pituba e Rio Vermelho, via Cardeal da Silva. Assistimos a essa luta e dela participamos muitas vezes pois também devemos chegar a Ondina nos horários estabelecidos. Como sofrem os pobres seres humanos. Para atrapalhar ainda os "currais" de entrada dos ônibus, para entrarmos um por um, apertados, espremidos, atrasando a viagem, ouvindo reclamações dos que desejam entrar e os espremidos não podem ir adiante pois que a catraca impede e o troco do cobrador não vem a tempo (não pode vir porque o pobre não tem e também sofre com a reclamação de tantos que não percebem a aflição do trocador-cobrador).

Voltemos aos corredores. Anunciados, começaram agora a prepará-los. Não sou técnico nem estudioso do assunto porque outros afazeres me obrigam a ler e estudar outros ramos da ciência. Mas sempre entendi que para se correr bem, é necessário alargar as vias de comunicação.

Aqui estreitam as vias, em lugar de alargar. São caminhos estreitos que se oferecem aos ônibus que futuramente devem levar a população. Não percebo nada. Como pode correr mais o ônibus se lhe estreitam o caminho? Tem de ir devagar e em fila indiana, um por um, como os cupins e as formigas em seu carreiro. Estreitar a Avenida Sete na altura do Campo Grande, não vai dar certo (ao que imaginamos). Com os líquidos, um estreitamento faz que haja o "efeito de trompa" e tome mais velocidade ao depois. Mas com os sólidos não vejo esse efeito.

Com a construção desses estreitamentos (ao que se diz, técnicos) engarrafa o trânsito; o que será depois de construídos, não posso adivinhar. Julgo que serão iguais aos engarrafamentos atuais, principalmente quando chove. Estreitar no Largo do Desterro, no Largo de Nazaré, vai resolver o fluxo de carros? Poderá disciplinar, concordo, mas melhorar para chegar mais depressa, duvido.

Como respeito o parecer dos outros, espero para ver. Julgo que meditaram profundamente o modelo que projetaram para o povo. São responsáveis por muitos milhões com a feitura desses corredores. Se não derem certo, abrirão de novo, gritam-nos amigos do lado, mas quem vai pagar tudo isso?

Se alargassem alguns pontos e preparassem vias laterais para a opção de quem que entendia que melhorassem as condições do tráfico. Mas estreitar, não sei, não. Esperemos. Eles devem ter meditado na opção que oferecem. Talvez haja modelos noutras nações. Esperemos.

A violência permitida

Dinah Silveira de Queiroz

(De Lisboa) Todos nós ficamos felizes com a vitória de Nelson Piquet, grande vencedor da Fórmula-1, no Canadá. Mas quem chorou pela morte do jovem piloto que fazia naquela ocasião a sua primeira aventura no prélio? As mortes em corridas de automóveis marcam de uma forma tristíssima esse belo esporte que

Em vão a Sociedade Protetora de Animais manifesta-se seguidamente contra essa forma de diversão, mesmo pela televisão. Vez por outra, no Brasil, defendem-se as touradas como uma atração turística das melhores, mas ainda que chovam turistas eu não acredito, pois somos demasiado pacíficos para formar

rincado

'icou
ão re-
que
o de-
mba-
uce-
amais
isto,

solu-
urgiu
na ca-
que
ta de
e reu-

seus
onfe-
enos
o em
—, o
icado
sig-
tivos

avia,
de si-
que
nosta
plici-
um
e na
srael,
al. O
reco-
a Li-
epre-
ulgar
Yas-
da no

mu-
gnifi-
paz
dos
ára-
do

nniza-
tér-
olveu
e da
rritó-
e in-
ento
cu os
de
, que
finí-
pela

sen-
s en-
sua
ntelí-
ho, o
dis-
s de

A superioridade qualitativa ficou evidenciada, para espanto do mundo, na chamada "Guerra dos Seis Dias", curta e fulminante, que não só destroçou os exércitos adversários, como proporcionou a ocupação de largas áreas de território inimigo, como o Sinai, a Faixa de Gaza e a Cisjordânia.

X
X X

O impasse, prenunciador de futuros choques sangrentos, foi, a certa altura, surpreendentemente aliviado com a atitude tomada pelo presidente do Egito — a mais forte das nações árabes — de propor um acordo de paz definitivo com Israel.

O encontro, até então julgado impossível, entre os dois arquiinimigos, Anuar Sadat e Menachem Begin, resultou no pacto de Camp David, firmado com a chancela do então presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter.

O acordo, que rendeu aos dois signatários o Prêmio Nobel da Paz, funcionou no que dizia respeito ao seu aspecto mais ostensivo, com a retirada das forças de ocupação israelenses da área do Sinai. Mas, o que poderia ser o caminho por onde trilhassem as demais nações muçulmanas, transformou-se numa vereda extremamente espinhosa. A intransigência árabe mais se acirrou, Sadat foi considerado traidor da causa muçulmana, e a coisa terminou no epílogo sangrento do Cairo que vitimou o líder egípcio.

Enquanto isso, o chefe da Organização para a Libertação da Palestina era cada vez mais considerado por Israel o seu inimigo nº 1, em razão das ações terroristas por ele desencadeadas. E demonstrando a sua disposição de não devolver os territórios ocupados, Israel tratou de promover, em termos definitivos, a colonização da Faixa de Gaza e da Cisjordânia. E declarou o governo de Menachem Begin que não aceita em nenhuma hipótese, a existência de um Estado palestino no além-Jordão.

Posta a questão nesses termos, vê-se como são escassas as possibilidades de êxito da nova proposta árabe. Não será agora, depois da esmagadora vitória obtida no Líbano, depois de haver expulsado os palestinos de Beirute, que Israel recuará para uma posição conciliatória.

A rejeição sumária da proposta formulada pelo presidente Reagan dá uma idéia da força de que está munido o governo israelense, que — e isto também já foi declarado peremptoriamente — jamais aceitará qualquer acordo que inclua a cessão de domínio de uma simples rua de Jerusalém.

Solução complicadíssima, portanto, que nem Alexandre Magno en-

Jorge Amado, setenta anos em flor, promessa de novos frutos

Ênio Silveira

Ao longo dos séculos, não são muitos os escritores que, em vida, alcançaram nacional e universalmente a quase unanimidade de apreço e bem-querer popular e de crítica que honra e consagra a carreira literária de Jorge Amado.

Neste em que vivemos, seu nome — ao lado dos Górki e Cholokhov, Lorca, Brecht, Jack London e Hemingway, Neruda, Garcia Márquez, Graham Greene e talvez alguns poucos mais que também o mereceram — comanda respeito, admiração e afeto em todos os quadrantes.

Ao completar setenta anos intensamente vividos (nasceu em 10 de agosto de 1912, na fazenda de cacau **Auricídia**, município de Itabuna, sul do Estado da Bahia), Jorge Amado já escreveu trinta livros e os viu publicados em cerca de setecentas edições brasileiras e quase quatrocentas em outros países, num total de dezessete milhões de exemplares impressos. Se ele não fosse o homem despretensioso, quase modesto que é, mesmo no alto de sua glória, bem que poderia repetir a famosa frase do arquiteto elizabetano Sir Christopher Wren, **"If you aeek for my monument, look around".**

Temos certeza, porém de que jamais a diria: escrever, para ele, não é vitória sobre si mesmo nem tarefa brilhante realizada para obter o aplauso de terceiros. Ele é como árvore frutífera que, tendo raízes fincadas em solo fértil, a cada ano, **naturalmente**, produz seus frutos.

E que solo mais fértil haverá, num plano de humanidade, do que esse da velha e sempre nova Bahia da zona cacaueira e do Recôncavo, irrigado pela combinação de três vertentes — americana, européia e africana —, predestinado por sua localização geográfica a ser a um só tempo ponto de chegada e de partida na crista dos aliseos, enriquecido em seu humus pela incessante luta entre nativos e conquistadores, colonizado e colonizadores, oprimidos e opressores, avanço e conservadorismo?

Foi nele, em seu potencial de grandeza e na miséria que lhe é imposta por um sistema social baseado na lei da força, que a maior parte da obra de Jorge Amado se inspirou, ali encontrando sua transcendência e universalidade, pois é indiscutível que se alguns homens são o lobo do homem, só o que é verdadeiramente humano atravessa as fronteiras do tempo, as barreiras idiomáticas, os condicionamentos culturais e sociológicos. O camponês mantido em servidão na Rússia Tzarista, o **gitano** em andanças sem destino pela Andaluzia, o operário explorado nas fábricas alemãs ou americanas, o índio sombrio dos altiplanos andinos, são irmãos dos pescadores humildes e dos meninos vadios de Mar Morto, Jubiabá e Capitães de Areia, dos trabalhadores no plantio e na colheita do cacau de Terras do sem fim e São Jorge dos Ilhéus.

O contraste entre os estilos de vida o mento marxista com doses fortes de humor, lirismo e sensualidade, condimentos que ele ia buscar precisamente na grande força vital do povo baiano, nessa qualidade de enfrentar, com um sorriso pleno de sabedoria — que ele compartilha com outros povos igualmente espoliados e sofridos, mas permanentes em sua resistência e esperança — o momentâneo predomínio daqueles que o exploram. A capacidade de improvisação, a inata alegria de viver, a sintonia com a natureza, que lhe permite aproveitar em seu benefício circunstâncias que as classes dominantes nem chegam a perceber, tornam-no imbatível, não lhe tirando jamais o ânimo, por mais dolorosa que seja a realidade.

Um sentimento poético e a presença do amor — subjetivo e carnal — informam toda a obra de Jorge Amado. Emanam do povo que ele conhece tão bem, e constituem poderosa arma popular contra a adversidade.

Maiakovski sabia disso muito bem, mas são poucos os escritores de nosso tempo — brasileiros ou não — que conseguiram captar e transmitir tão bem quanto o autor de Os Velhos Marinheiros a força arrebatadora do amor carnal, tão presente em Gabriela, Cravo e Canela, Dona Flor e seus Dois Maridos e Tiéta do Agreste.

Tendo abandonado há alguns anos a militância partidária, Jorge Amado não pôs de lado suas idéias, nem a dedicação pessoal e literária à causa dos oprimidos. Averso por índole e convicção a qualquer tipo de maniqueísmo, ele nos revelou, ao longo de sua já extensa, mas, por sorte nossa, ainda não encerrada carreira de ficcionista, centenas de personagens positivas e outras tantas negativas, reacionárias. Umas e outras, porém, têm vida própria, são autênticas, não-esquematizadas.

Ilya Ehrenburg, no prefácio que escreveu para a primeira edição soviética de Seara Vermelha (1954), indica que "existe um caminho fácil, e aliás ingrato, para um artista: pintar o mundo complicado e multicor em duas cores apenas, a branca e a preta. Nos livros de certos escritores, os homens das classes dominantes estão pintados como verdadeiros demônios de maldade, já nascidos com os piores vícios imagináveis. Tais obras não convencem a ninguém". E afirma, em outra passagem, que "qualquer leitor pode sentir claramente de que lado estão as simpatias de Amado; ninguém poderá acusá-lo de neutralidade moral ou cívica. No entanto, as personagens que ele condena, contra as quais luta, são homens e não bonecos, homens vivos, capazes de amar, de se alegrarem e de se desesperarem. Eis porque suas obras não têm o caráter de uma caricatura, ou de um cartaz".

Se Gabriela, Cravo e Canela de fato constitui, como o pensam muitos críticos, um turning point na obra de Jorge Amado e, a partir desse marco de referência, suas criações lite-

idoras as
setor
nente do
começar
rcou a
dente da
ia Nu-

ervásio
provo-
unidade
despe-
ve mo-
rios de
ário de
povo re-

entuar
m a co-
, e de
e com
para o
lear e
ervásio
se de
a defi-
te da
a em
eria ou
igem
casa,
ade".
presi-
cho-
alto,
onte-
aver
com
m de
sen-
e sua
stão
eito,

con-
es.
com
ade
ns-
cula-
ân-

nu-
olê-
o de
tra
elas
a
de-
ou-
ão
iam
o.
as
das,
ue
s,
do
a-
ais

que pretendíamos usar a energia nuclear apenas para fins pacíficos, e, em última análise, não estávamos dispostos a repetir o erro que cometemos com relação ao petróleo. Já que entrávamos na era nuclear, não aceitávamos que estivéssemos condenados à posição de cerra-fila.

X
X X

Vencidas as resistências internas e externas, a Comissão Nacional de Energia Nuclear tratou de implantar a Usina Nuclear de Angra I e, de acordo com o cronograma, já a esta altura deveríamos estar produzindo e consumindo a cobiçada energia.

Acontece, porém, que o novo presidente da CNEN, ao tomar posse do cargo, afirmou que essa usina pioneira deverá estar funcionando a plena potência somente em setembro do ano que vem, ampliando seu atraso para dois anos. Disse mais que, no momento, os prejuízos estão estimados em US$260 milhões, apenas de custos financeiros, sem levar em conta os lucros cessantes pela paralisação da unidade durante esse tempo.

Essa voraz absorção de custos dá o que pensar, uma vez que ela é uma constante no setor energético. Aí está, como primeiro exemplo, o petróleo. Na medida em que seu preço é estabilizado no mercado externo, e que a Petrobrás anuncia a abertura de novos poços, o consumidor paga cada vez mais caro pelos derivados, enquanto vendemos gasolina, por preço vil, para outros países.

O advento da crise petrolífera sugeriu a solução alternativa do álcool. Produto nacional, capaz de ser fabricado em abundância, o álcool, pela sua barateza, valeria como um alívio para o consumidor. Aconteceu, no entanto, que o preço do combustível nacional foi vinculado ao outro, o importado, e o barateamento do custo foi miragem logo desfeita.

E a energia elétrica, de origem hidráulica? Esta era a campeã das vantagens e houve uma multiplicação de esforços no sentido de ampliar a sua produção. Mas, segundo informa o presidente de Furnas, há uma sobra de energia de mais de um milhão de quilowatts/hora, e a remuneração das tarifas está inferior a sete por cento. Com isto não concorda o Banco Mundial, que exige uma tarifa de 10 por cento, para ressarcir seus empréstimos.

Estamos com uma sobra de energia mas continuamos a fazer vultosíssimos investimentos destinados a produzir mais energia hidráulica, de consumo cada vez mais caro porque temos que pagar os empréstimos tomados.

X
X X

Uma velha oração

Hildegardes Viann

Cid Teixeira, outro dia, em conversa informal no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia referia-se a uns valiosos, embora despretensiosos, livros de orações adquiridos numa livraria especializada. Os livrinhos haviam trazido à tona um mundo de recordações, pois transcreviam algumas daquelas rezas que antigamente se ensinava às crianças. Crianças que se tornavam adultos, sempre no temor de Deus, rezando ao dormir, ao acordar, à saída da casa e ocasiões semelhantes. Falou com certo carinho naquela que diz assim: **"Acordei de madrugada, fui varrer a Conceição"**. Arrematando o assunto, disse-me que relembrasse em crônica aquelas orações do tempo em que quanto mais se rezava, menos guerra havia.

Os dias passaram e esqueci a conversa. Foi quando, tentando disciplinar a minha eternamente desordenada papelada, deparei com um comunicado à Comissão Nacional de Folclore (Doc. 298 de 27 de setembro de 1954), assinado por mim, com duas versões da citada oração. E eu que nem me lembrava!...

O achado me levou a procurar cumprir o prometido. A oração, realmente, é interessante: "Acordei de madrugada, fui varrer a Conceição/ Encontrei Nossa Se hora/ Com dois raminhos na mão". As duas versões por mim registradas, aliás, não são grande coisa, fragmentadas, incompletas. Mas principiemos por elas.

Dale Maria da Cruz e Bernarda Maria da Conceição, as duas informantes, procedentes de Cruz das Almas, eram empregadas em casa de meu pai. Sabiam coisas que Deus até duvidaria da metade: rezas, cantos de trabalhos, histórias, anedotas, cantigas de desafio, sambas, cânticos religiosos, um nunca acabar. Eram excelentes portadoras de folclore e, se ainda permanecem vivas, faço votos que não tenham esquecido daquelas preciosidades. Hoje é tão difícil encontrar gente que tenha o que informar e, sobretudo, que possua disposição para transmitir o que sabe.

A versão de Bernarda Maria da Conceição era exatamente assim:
"Levantei de madrugada
Barri a Conceição
Encontrei Nossa Senhora
Com seu rosário na mão.
Fui pedir a ela
Ela me deu este cordão.
Num [illegible]

Senhô Bom Jesus Crocificado Filh
de Maria Santíssima
Me guarde hoje por noite
Amanhã por todo dia
No meu corpo será preso
Minha alma sereis perdida,
Com todo sangue aderramado
Meu Jesus Sacramentado".

A de Dale é menos extensa e ná
envereda fundo pelt cami ho do 'fecha
corpo'. Pede apenas uma providência
"Levanei de madrugada
Fui barrê a Conceição
Encontrei Nossa Senhora
Com seu livrinho na mão
Numa pasma tinha São Bento
Na outra São Romão
No meio tinha um letreiro
Da Virgem da Conceição.
Assim qul nem minha mãe
Maria Santíssima coseu
A camisa do seu bento filho
Sem linha, sem agúia e sem dedar
Cose as vistas de meus inimigo
Pra mim não inxergá".

O velho Teófilo Braga, no seu Can
cioneiro Popular (Coimbra, 1867), ano
tou a seguinte versão colhida no Minho:
"Ergui-me de madrugada
Em faixinhos e mantéu
Fui correr a via-sacra
Pelo caminho do céu.
Encontrei Nossa Senhora
Com o ramo d'ouro na mão,
Eu pedi-lhe um bocadinho
Ela disse que não.
E tornei-lh'o a pedir
Ela deu-me o seu cordão,
Que me eeu ossa Senhora
Domingo da ressurreição
Que me desse sete voltas
Ao redor do coração,
Que me desse outras sete
Que chegasse até ao chãol
De um lado está São Pedro,
D'outro São João,
No meio está o retrato
Da Virgem da Conceição
A Virgem da Conceição
Tem um menino Jesus,
Que foi pel barra fora
Domingo de Santa Cruz.
Vinde a barca nova
Que se vai deitar ao mar.
Nossa Senhora vai dentro
Os anjinhos a remar,
São José vai por piloto
Nosso senhor por general.
Arriaram-se as bandeiras
Viva o rei de Portugal".

roálcool

álcool
o fogo
i feito
zenda
enha-
auto-
seus
o Pro-
umprir
ões de

(Bird),
tá dis-
lólares
produ-
inceira
e com
de dó-
partida
se re-
ue têm
ões de
ueiros.

ngente
ualquer
iforma-
ão me-
nificam
s. Por-
ontade
om que
amento
a Vidal,
oálcool
enhos.
ca, até
nço tec-
notores
a álcool
ados.

vencer
energé-
r pulso,
dos vei-
ros no-
90 são
. Falar,
para um
os livra
angeiro
energia
m dólar,
ional. É
soberanô-
mica,
ippur" e
da parte
a canti-
gundo a
têm sido
os finan-
las auto-
subisse

para ninguém que o óleo combustível, efetivamente, representa uma despesa pesada para o Brasil, pois ele é pago em dólares e nos obriga a um hercúleo esforço de exportação para mantermos saldo positivo em nossa balança comercial. O que não se entende é que os mesmos ministros, que culpam o petróleo pela crise econômica, sejam aqueles que conspirem contra a única alternativa viável para contornar as despesas com a energia fóssil que vem do exterior.

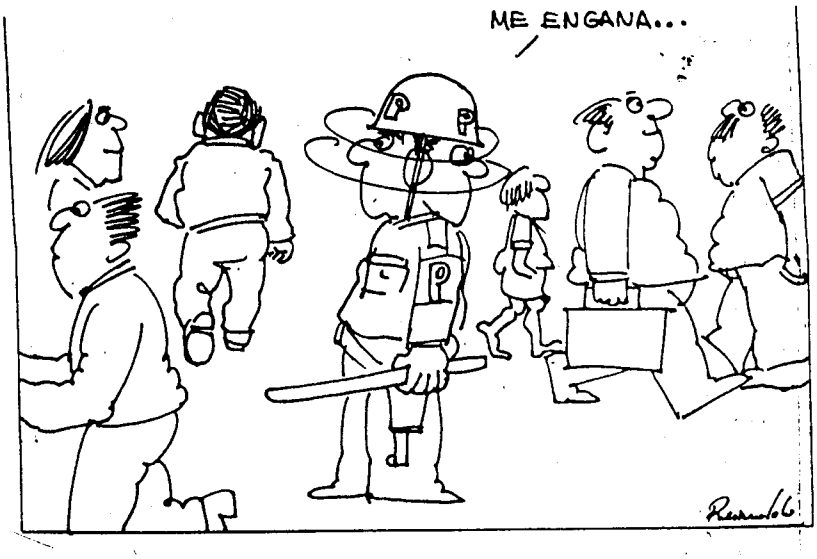
X
X X

Se fôssemos dados a elocubrações, diríamos que o petróleo envolve compras a estrangeiros com as conseqüentes comissões aos intermediários e, por isso, se torna um negócio tão atraente. Mas, obviamente, não é este o caso. Por certo deve haver algum outro plano governamental visando a atingir a auto-suficiência energética prescindindo do Proálcool: talvez um automóvel movido a esperteza.

Esta fonte, no entanto, fornece energia precária. É preferível que contemos com o Proálcool que, além do mais, é uma solução definitiva. Ao contrário do petróleo, que é uma substância fóssil e, portanto, finita, o álcool é produzido de vegetais, como a cana-de-açúcar e a mandioca. É, por isso mesmo, inesgotável. Outra vantagem adicional está relacionada com o emprego de numerosa mão-de-obra: agricultores, colhedores, trabalhadores dos engenhos e destilarias, transportadores etc. Esta imensa demanda de mão-de-obra tem possibilidades de ainda ser maior quando for implementado o plantio do "sorgo sacarino", capaz de fornecer duas safras para extração de álcool num período de 12 meses. É o crucial para o Brasil, nesta quadra de sua História: para termos quantos bilhões de litros de álcool queiramos, não precisamos de uma enxurrada de dólares, e sim, e tão-somente, um investimento inicial mínimo em cruzeiros, que em pouquíssimo tempo pagar-se-á a si mesmo.

Diante de tais evidências favoráveis ao Proálcool, fica extremamente nebulosa a negativa dos ministros em liberar recursos para o programa.

Como bons brasileiros que somos, nos recusamos a conjecturar o que estaria por trás desta estranha pirraça, embora outros, que não nós, arrisquem o palpite de que a recusa em liberar dinheiro para o Ministério da Indústria e do Comércio ativar o Proálcool faz parte de uma estratégia idêntica àquela que derrubou Hélio Beltrão, da Previdência Social. Mas isto é pura especulação e sabemos que os ministros da área econô-



Convite ao otimismo

Evaldo Simas Pereira

Aonde levará este país a instalação de um clima generalizado de pessimismo não é difícil de prever. Já de si negativo, favorável à inércia e alimentador do desânimo, limitador de iniciativas e conselheiro do acabrunhamento, o pessimismo individual é um mal que, se levado a corroer o espírito de uma coletividade, poderá causar verdadeiras catástrofes. Claro que não vale a pena substituí-lo por uma euforia inconseqüente, o que seria o mal oposto. A atitude benfazeja, o sentimento que impele os povos aos grande gestos em ocasiões de dificuldades, é a adoção de uma prática de equilíbrio, recusando o cinzento deprimente e adotando a serenidade fundada na consciência da capacidade de vencer os óbices. É certo que o país atravessa dias de grandes dificuldades, com o povo sofrendo duras conseqüências de políticas incompetentes e de fatores climáticos adversos. Há desemprego, há fome, há restrições de diversas ordens, poucos são os satisfeitos e muitos os sofredores. Mas o pessimismo só agravará as dores, enquanto a confiança e um otimismo consciente fortalecerão as esperanças, induzindo-nos a um trabalho persistente e profícuo que, afinal, nos redimirá. O pior já passou. De nada valerá ao Brasil acabrunhar-se e perder-se no desânimo das repetidas afirmativas de que 1984 será tão ruim que os brasileiros lembrar-se-ão com saudades do difícil 1983 quando, na realidade, já existem indícios de que a inflação declina e começa a reativar-se a economia.

Recentemente, dois importantes líderes empresariais, os Srs. Augusto Trajano de Azevedo Antunes e Amador Aguiar, cada um com bagagem maior de realizações caracterizadas por atitudes otimistas, de crença em sua capacidade e certeza de êxito fundada no trabalho, saíram de uma audiência com o presidente da República e declararam, aos repórteres ansiosos, que haviam conversado com Figueiredo sobre suas esperanças de rápido recrudescimento da economia nacional . Falaram sem aquele ar sombrio de que "as coisas vão de mal a pior" e se o governo não fizer isto e aquilo "tá tudo perdido". Os primeiros a se surpreender foram os repórteres. E como os dois se recusaram a bancar os profetas da desgraça, a notícia não foi considerada importante. Provocou, todavia, uma onda de reação favorável, que se estendeu pelo país. Do sofrido Nordeste, onde uma seca já de cinco anos causa perdas de patrimônios e vidas, veio um aplauso significativo às palavras dos dois líderes. O mais importante órgão regional, A TARDE, de Salvador, destacou na primeira página um artigo do jornalista Renato Simões, seu diretor-superintendente, intitulado "Convite ao otimismo", mensagem de confiança e de crença no trabalho, afirmando: "Otimismo é, portanto, o sentimento valioso que deve estar nítido no pensamento de todos".

Está certo o jornalista, que não deve ter se surpreendido com o sucesso de seu artigo.

A Igreja do Terror

Maria Cora Menna Barreto Monc

Oito anos de sofrimento na Igreja Popular que embora significativo ainda diz pouco de nossa vivida experiência. Desde 1974 estamos denunciando a crescente infiltração de idéias marxistas dentro da Igreja Católica, o solapamento da hierarquia, o desvirtuamento do magistério, a marxização cada vez mais audaciosa dos jovens, a desvalorização ostensiva por certa parte do Clero da Oração e da Eucaristia, havendo sacerdotes que dizem a jovens que não há necessidade de comparecer à missa. D. Boaventura Kloppenburg na Pág. 177 de seu livro "Igreja Popular" cita um ex-sacerdote agora público pregador do marxismo-leninismo, Pablo Richard, que diz "far-lhes-emos a vida impossível para que saiam eles" referindo-se aos verdadeiros católicos. É o que já está acontecendo. Aqui em Petrópolis é nítido o clima de terror, intimidação, afronta e agressão a fiéis por parte da Inquisição da Igreja Popular, prenúncio dos Tribunais Populares que farão com que os cristãos voltem às catacumbas. Divergindo da corrente de pregação marxista de luta de classes, de abandono do que o bispo"; frei (?) Davi Raimundo acab realizar neste festival de "freis sem freio" u absurda "Missa dos Flagelados" com total d respeito à Liturgia. Outro aspecto a apontar pregadores da I. P. é o descaso com tradicio princípios da moral cristã, como a família. realmente inacreditável que numa sala na trada do Convento funcione um "consultório" psicoterapia ministrada pelo conhecido frei (?) Hipólito Martendal de quem corro muitas histó rias: uma sua ex-consulente o acusa de a ter aconselhado a superar problemas conjugais através do lesbianismo; temos então um sacer dote da Igreja Católica Apostólica Romana (Ala Progressista da Igreja Popular e da Teologia da Libertação) que criou nova modalidade terapêu tica, a psico-pornô-terapia. Querem as provas?

Como desde setembro estamos vendendo e divulgando os livros "A Igreja Popular", de dom Boaventura Kloppenburg e "Não Tenham Medo" de André Frossard (entrevista com o Papa) ambos contrários à linha marxista, precisaríamos do dobro de linhas para detalhar as aleivosias que

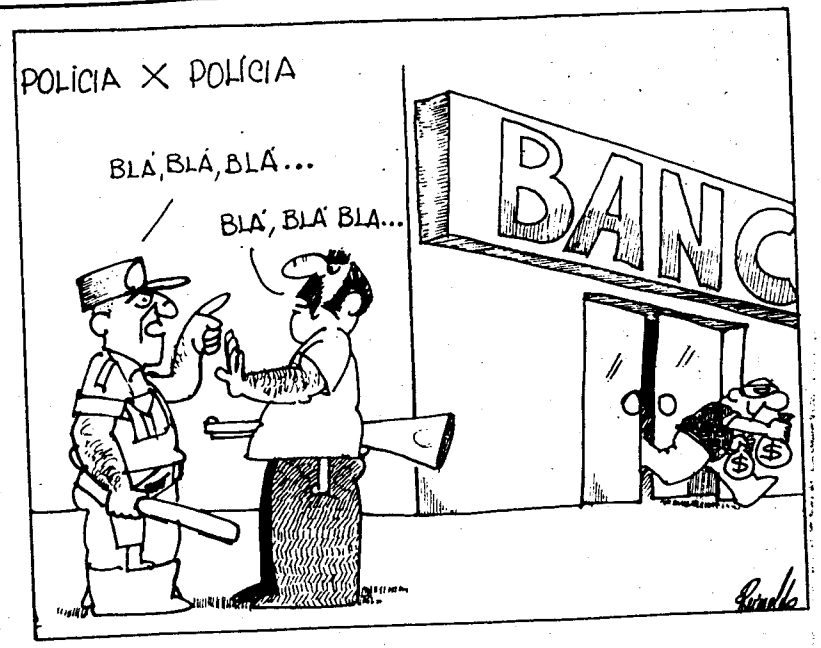
estamos dindo

enquanto na Colômbia unem-se a grupos guerrilheiros numa simbiose que se traduz pela venda de proteção, quando o negócio das drogas se funde com os negócios de armas e munições.

Galgando posições de vanguarda entre os meios políticos e o primeiro escalão da administração (como aconteceu na Bolívia do general Garcia Meza), a máfia torna improdutivos os esforços que a administração norte-americana realiza em nível internacional para enfrentar os grupos que enriquecem através da produção e comercialização de drogas.

X
X X

Beneficiada por anos de impunidade, de solta corrupção, de distribuição de propinas, a máfia das drogas terminou por alçar a questão das lavouras ao patamar de um problema social. Hoje são milhares e milhares de famílias camponesas vivendo da plantação de coca na Bolívia, Peru e Colômbia, ou do epadu no



Do diário como literatura

Antônio Olin

Do diário como gênero de literatura, dir-se-á que se torna difícil combinar sua sinceridade com sua factibilidade: como será sincero se é feito, montado, escrito? Contudo, seu cunho de franqueza, espontaneidade, veracidade, não se diferencia muito do que possa existir no poema, no romance, na autobiografia. Com esta última po- [illegible] confusão fosse: no

objetivo. Tocado, talvez, pelo vício — se a tendência se possa aplicar essa palavra — diário, escreveria ainda Pepys, em 1683, "journal" de sua expedição, com Lord Dartmou a Tânger.

Há também, em Josué Montello, uma obj vidade que o leva a registrar os acontecimen [illegible] a era pré-juscelinian

Bandidos roubam até carro da Polícia na onda de assaltos

Os ladrões furtaram durante o fim de semana, uma viatura da própria Delegacia de Furtos e Roubos, equipada com serviço de rádio VHF, que serve para os contatos operacionais entre aquela especializada e a Central de Polícia e outras unidades da Secretaria da Segurança Pública.

O fato é inédito segundo um velho delegado, que por motivos óbvios pediu para seu nome não ser divulgado. O furto da viatura policial de chapa-fria ocorreu na noite de sexta-feira, no bairro da Liberdade, quando o automóvel encontrava-se estacionado na porta de um agente policial, cuja identidade é mantida em sigilo.

Nenhuma autoridade da Polícia Civil quis falar sobre o assunto, mas o furto está registrado no livro administrativo da própria Secretaria da Segurança. O carro furtado é um "Volks" branco, modelo 81, que foi recentemente restaurado pelo Serviço de Transportes da SSP, na Baixa do Fiscal, em conseqüência de um acidente ocorrido há dias, em Itapuã.

AUDÁCIA

A viatura de prefixo Búfalo-8 serve à SVI — Secção de Vigilância e Investigações, da DFR, e estava sob a responsabilidade de um agente policial, que tomava parte em investigações no Pólo Petroquímico.

O furto foi comunicado também à Central de Operações, da SSP e à Delegacia de Furtos de Veículos, que designou uma equipe de agentes para tentar localizar a viatura, o que até a noite passada não tinha sido possível. A administração superior da Polícia Civil enfrenta dois problemas: a repercussão negativa que o fato terá perante a opinião pública e outro de cunha operacional. É que o pessoal que opera no serviço de rádio está impedido de emitir mensagens, pelo menos sigilosas, para que as mesmas não sejam interceptadas pelos ladrões.

O fato é motivo de comentários dentro da própria Polícia Civil, pois recentemente, na madrugada de 27 de outubro, sete marginais tomaram de assalto a Delegacia de Polícia da cidade de Cachoeira, a 109 quilômetros de Salvador, roubando armamento e soltando presos, após imobilizarem o único policial presente delegacia.

FARMÁCIA

No início da tarde de ontem, um ladrão escuro, alto, armado com um revólver, assaltou a Farmácia Santana, da Baixa dos Sapateiros, próximo ao Largo das Sete Portas, levando Cr$ 97 mil do caixa e grande quantidade de medicamentos. Segundo informações dos funcionários, é a terceira vez que o mesmo bandido rouba o estabelecimento.

O assalto aconteceu pouco depois do meio-dia, quando não tinha clientes sendo atendidos. O ladrão, trajando uma calça jeans e uma camisa listrada, invadiu a casa comercial, ameaçando as funcionárias, caso tentassem reagir. Ele retirou todo o dinheiro do caixa e correu. Agentes do Centro de Operações Policiais — Ceop — fizeram diligências na área, mas não localizaram o criminoso.

ESCORT CINZA

A Polícia está tentando localizar o *Escort* cinza de placa UC-3319 de Landulfo Vital Araújo, residente na Rua Cosme de Farias, no subúrbio de Periperi. O veículo foi tomado por dois ladrões armados com revólveres, por volta das 17 horas, do último sábado. O proprietário esteve na 5.ª Delegacia, pedindo providências.

O motorista Carlos Antônio de Souza, residente no Cabula, foi assaltado na Avenida Barros Reis, perto da entrada do Super Box, por três desconhecidos, portando revólveres. Os criminosos tomaram seu veículo, o táxi Chevette branco, 83, placa TX-6721, dinheiro e documentos. A vítima registrou queixa na DFV e posteriormente o cabo Machado, da PM, localizou o carro abandonado, na Jaqueira do Carneiro.

POSTO DE GASOLINA

Em poucos minutos, cinco homens armados com revólveres assaltaram o Posto São Jorge, localizado em Coração de Maria, município distante 103 quilômetros da Capital, fugiu com Cr$3 milhões e 500 mil, jóias e um revólver. Testemunhas revelaram que os ladrões ocupavam um veículo branco, mas nem sequer a marca souberam informar.

O roubo aconteceu às 20h30min do último sábado, pouco depois do fechamento do estabelecimento. Os assaltantes invadiram o posto, apontando as armas e ameaçando disparar, se houvesse reação. Eles arrecadaram todo o dinheiro das vendas, jóias dos funcionários e um revólver do proprietário, que pediu providências ao delegado Enoque Rodrigues de Oliveira. O policial comunicou o assalto aos plantonistas da Central de Polícia, e fez buscas pela cidade sem conseguir qualquer pista.

Em Alagoinhas, três ladrões invadiram o Açougue Lima, rendendo a proprietária Rita dos Santos Dantas e roubando Cr$ 570 mil e cheques. A comerciante registrou queixa na Delegacia de Furtos e Roubos, sendo ouvida pelo delegado titular, Geraldo Arthur Reis de Castro. Segundo ela, os assaltantes fugiram no Chevette branco placa TX-2423.

Estudante morto com tiro no peito

O estudante Raimundo Querino Vieira, de 18 anos, foi assassinado com um tiro de espingarda no peito, por um homem identificado como Carlos Alberto, ao retornar de uma festa, ontem de madrugada, na Rua Itajufpe, localidade de Pau Caído, em Itabuna. O assassino fugiu levando consigo a arma do crime e está sendo caçado pelos policiais da delegacia local.

Raimundo Vieira estava acompanhado da namorada Elinalva Santos Horácio e do amigo Ivan Francisco Santos. Por volta das quatro horas, retornavam da casa de Jorge Mangueira Brito, onde tinham participado de uma festa. No caminho para casa, eles cruzaram com dois homens identificados como Carlos Alberto e Gildásio.

BRIGA NA RUA

Não houve motivos para o crime, uma vez que um dos agressores atacou Ivan Santos, dando-lhe uma coronhada com a espingarda. O estudante revidou e desferiu um pontapé em Carlos Alberto, que também caiu. Enquanto Ivan Santos se levantava e agredia Gildásio, o criminoso disparou a arma contra Raimundo Vieira, alvejando-o mortalmente.

Elinalva Horácio, uma testemunha do crime, iria ficar noiva ontem, do estudante, e acabou assistindo sua morte. A delegada Olindete Santana fez o levantamento acompanhada do legista Júlio Brito. As testemunhas estão prestando depoimento e a Polícia fazendo diligência visando as prisões de Carlos Alberto e Gildásio.

Sepultado militar vítima de homicídio

Foi sepultado, ontem, à tarde, no Cemitério da Quinta dos Lázaros, com grande acompanhamento, principalmente por parte de seus colegas de corporação e familiares, o sargento Gilberto José Horácio, de 50 anos, que, no início da tarde de sábado, foi abatido com um tiro de espingarda, calibre, 20, deflagrado por Pedro Souza Oliveira, que se encontra recolhido na 11ª Delegacia, de onde será removido, hoje, para a Casa de Detenção.

A delegada Maria das Graças do Rosário, plantonista da 11ª Delegacia, que preside o inquérito, tomou, ontem, o depoimento de algumas pessoas, que foram arroladas como testemunhas. Ninguém viu o militar ser baleado mas o criminoso confessou a autoria do delito. Além disso, a arma foi apreendida em sua casa e o exame de pólvora combusta atesta recente recenticidade de pólvora em suas mãos.

"CABO HORÁCIO"

Bastante zeloso na sua profissão, o militar era conhecido como cabo Horácio, mesmo tendo alcançado o posto de sargento, em 1983. Ele sempre se destacou pela sua maneira, de se vestir e respeito às pessoas. Nos desfiles, ele se mostrava sempre impecável, recebendo elogios não só dos seus superiores como de seus colegas. Durante muito tempo, Gilberto Horácio trabalhou no policiamento do Estádio Otávio Mangabeira, onde manteve bom relacionamento com o pessoal da imprensa esportiva. Por muito tempo, foi encarregado de cuidar do canil da Corporação, sendo considerado o melhor treinador de cães da América Latina.

TERRENO

Roubos seguidos de estupro

Três ladrões armados com facas e revólveres assaltaram e violentaram sexualmente uma mulher de iniciais N.R.M., de 42 anos, quando ela passava, na noite de sábado, pela Avenida Presidente Vargas, proximidades da Praia de Ondina. A vítima não pôde resistir e acabou levada para um trecho deserto da praia, onde os assaltantes consumaram o estupro e fugiram levando Cr$ 10 mil.

N.R.M., residente na Rua Benjamin Franklin (Barros Reis) foi socorrida por populares e levada para o Hospital Getúlio Vargas, dando entrada às 18h20min. Ela contou que estava perto de um parque de diversões, quando apareceram os ladrões. A princípio tentou resistir, mas um dos homens encostou-lhe uma faca na barriga.

Chegando à praia, a mulher teve as vestes rasgadas e depois de ser duramente espancada terminou violentada. Os assaltantes correram enquanto N.R.M. arrastava-se até a pista, para pedir ajuda. Depois de atendida no Getúlio Vargas, ela foi encaminhada à 7ª Delegacia, onde o crime está sendo apurado.

MENOR VIOLENTADA

Também vítima de violência sexual, recebeu atendimento no Getúlio Vargas, a menor de iniciais J.S., de 16 anos, residente na Rua Sandra Passarinho, no Alto da Santa Cruz. A jovem contou que passava pelo Jardim do Campo Grande, quando apareceu um homem mulato, magro, de 25 anos presumíveis, ameaçando-lhe com uma faca.

O criminoso arrastou J.S. até um prédio desativado naquelas imediações, cometendo o estupro. A vítima foi socorrida por populares e levada ao hospital, onde narrou o crime aos plantonistas do posto de policiamento. Agentes da Delegacia de Jogos e Costumes e 1ª Delegacia estão tentando identificar e prender o estuprador.

smo

s mesmas acorram, anualmente, visitantes. Afinal, Sabará, Ouro onhas, São João Del Rei, Mariana es, não possuem outros atrativos s igrejas e os seus museus.

X

X X

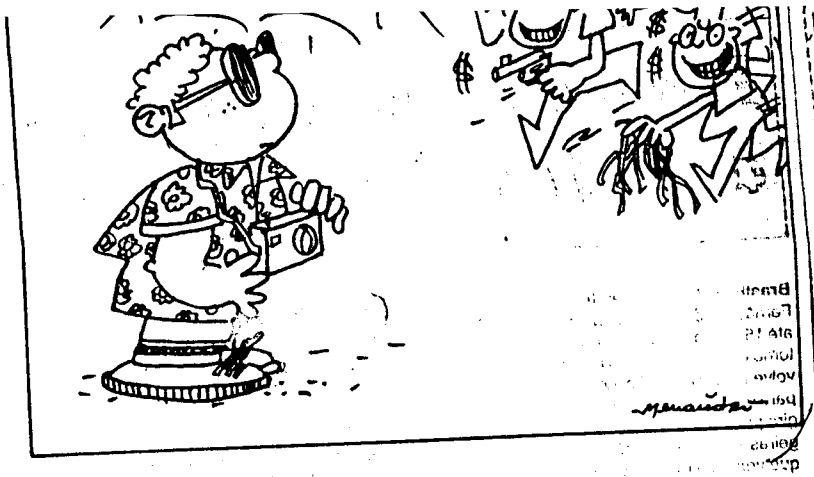
odos os turistas visam somente o er e o beber, uma ampla liberdade es. Muitos existem que buscam, ao s prazeres, algo mais elevado — a talvez se interessem tanto por ela os prazeres puramente materiais. tipo de turista estamos, sem dúvida, eparados. A pobreza de informações uem nossos guias turísticos, a res- nossa história, da nossa arquitetura dos nossos monumentos, é fia- Um ou outro entre eles se interessa aspecto e se empenha em aprimorar hecimentos a respeito. A maior parte ossa-se pelo assunto, pois a clientela prestam os seus serviços por ele tam- o se mostra interessada. Donde ser ário nela despertar o desejo de melhor er a história da nossa quadrisecular

onstatada a importância do turismo onte de renda, não podemos continuar nistrá-lo apoiado somente sobre bases nderão, em breve, revelar-se não tão s como aparentam ser. É preciso pen- futuro, principalmente em razão de outras capitais nordestinas virem am- sua força de atração, no turismo in- utilizando os mesmos métodos até usados pelo turismo baiano, porém dis- de melhores condições ambientais. há dias este jornal noticiou que a em- estrangeira de turismo responsável pe- cursões num transatlântico de luxo, de- trocar Salvador pelo Recife em razão da e segurança existente em nossa capital. não se deve esquecer, ainda, as enor- possibilidades que oferece o interior o, praticamente inexplorado para o tu- O que se começou a fazer em Cacho- everá ser estendido a outras partes do o. Monumentos como o Convento de Francisco, em São Francisco do Conde, Convento de Cairu, são dignos de visitas essoas interessadas na nossa cultura. também as ruínas da fábrica "Todos os s", em Valença, que chegou a ser, no ado, a maior fábrica de tecidos do Brasil; s do forte do Morro de São Paulo, com- mente abandonadas, na Ilha de Tinharé. não falar da beleza da região da Cha- Diamantina, onde Lençóis surge como a vigorosa de um passado ligado à histó- s diamantes na Bahia, engastada numa ão de paisagens extraordinariamente be- nos seus aspectos físicos.

X

X X

Cremos que é chegada a hora de repen- esquema promocional do turismo na Ba- garantindo para o nosso estado uma fatia poderá ser bem maior do que a atual, no de preferências dos visitantes. Temos, avelmente, mais a oferecer que praias, s e cultos africanos. Ainda não mostra-



Dalkon Shield

Elsimar Coutinho

O Dalkon Shield ou Escudo Dalkon é um Dispositivo Contraceptivo Intra-Uterino (DIU) que foi industrializado nos EE.UU. pela Dalkon Corporation, no fim da década de 1960.

Após haver vendido alguns milhares de unidades, a Dalkon Corporation cedeu o dispositivo para a empresa A.H. Robins, que, dispondo de melhor organização, ampliou consideravelmente o mercado e introduziu o Dalkon Shield em 80 países.

De acordo com estimativas da própria companhia, no período de janeiro de 1971 até meados de 1974, foram colocado cerca de 3,5 milhões de dispositivos, sendo 2,2 milhões em mulheres norte-americanas e pouco mais de 1,3 milhão em mulheres de outras nacionalidades. O sucesso comercial do Dalkon Shield foi surpreendente, porque já naquele período os dispositivos sem cobre, como o Dalkon, eram considerados inferiores aos dispositivos contendo cobre, em virtude da possível ação espermicida e bactericida do metal. Somente o poder promocional da empresa e a penetração da sua rede de distribuidores explicam o sucesso do produto nos EE.UU. e outros países do Ocidente, onde dispositivos de cobre já existiam à disposição da classe médica.

A principal vantagem do Dalkon Shield sobre outros dispositivos, segundo seus fabricantes, era o seu baixo índice de expulsão, uma conseqüência da sua forma de escaravelho com esporões laterais que ancoravam nas paredes do útero, dificultando, deste modo, o seu deslocamento para baixo. Nunca imaginaram os idealizadores do dispositivo que justamente esta apregoada virtude seria a sua desgraça.

A fim de assegurar à usuária e ao seu médico a possibilidade de remover o dispositivo, sempre que necessário, os fabricantes tiveram que dotar a cauda do Dalkon Shield de uma trança de fios de nylon, suficientemente robusta para suportar a tração sem romper. Assim, enquanto os outros DIUs dispunham de apenas um fio simples, monofilamento, para servir à sua remoção, o Dalkon Shield um reforçado cordão de fios foi feita de maneira rápida e incontestável por Howard Tatum, no Population Council da Universidade Rockefeller, onde trabalhávamos juntos nos idos de 1975.

A empresa fabricante dos perigosos dispositivos, ao reconhecer a sua responsabilidade pelos prejuízos causados às usuárias e aos seus familiares, viu-se imediatamente acionada por milhares de vítimas. Mais de 10.000 mulheres prejudicadas obtiveram compensação. Estima-se que a empresa A.H. Robins já pagou mais de 500 milhões de dólares de indenizações somente nos Estados Unidos a ex-usuárias do seu malfadado DIU.

No Brasil, para felicidade nossa e das nossas mulheres, o Dalkon Shield nunca chegou a gozar de popularidade. Na única reunião internacional sobre DIU realizada no Brasil, que organizei e que tive a honra de presidir em Salvador, em 1981, o Dalkon Shield foi apenas mencionado como duvidosa novidade norte-americana, mas nenhum médico brasileiro relatou experiência pessoal.

As notícias mais seguras de fontes oficiosas referem-se à entrada no Brasil de apenas 300 unidades que foram doadas pela USAID a duas clínicas universitárias brasileiras, a Universidade Federal de Minas Gerais e a Universidade de Campinas (Unicamp), que provavelmente usaram os dispositivos em estudos clínicos controlados.

As outras mulheres brasileiras que usaram este tipo de DIU, tiveram acesso ao dispositivo através de médicos particulares que o trouxeram dos Estados Unidos e se situam por isso mesmo nas camadas sócio-econômicas mais altas. Além disso, põe-se que alertados pelas notícias da imprensa médica quanto aos efeitos adversos do Dalkon Shield tenham os médicos brasileiros se apressado em removê-los de suas pacientes particulares.

Por estes motivos, espera-se que um número muito pequeno de mulheres brasileiras tenha sido prejudicado pelo desastrado dispositivo da Robins. Melhor para elas e para a em- ocupar agora

'impostos

ualho, o Con-
im péssimo
vo para o con-
a consonân-
ral, estadual
, representan-
escorcha fis-
ıisão. E como
trataram de
ıgressistas, a
esse vítimas
duas sema-
, haviam ele-
para 4,7 mi-
s. Como eles
ção de cons-
s isenções de
nto com mili-
m de usufruir
aumento para
m isto passa-
ırajás, os cida-
país em cri-
ados mensais,
próxima ses-
continuarão,
em subsídios
npostos, pois
s já compensa
Renda, justa-
nam gasolina,
e passagens
ngam aluguéis

oso o que se
sem maior aná-
s estão colo-
da guilhotina.
uma distância
a que os con-
ıilidade perante
ular e diante
Nação poderá
e a instituição
vive a tramar
ıvos, em favor
is. E isto não
riscado para o
reconstrução

to sobre a pro-
o consumidor,
m contribuinte
, isto causa ao
da inflação e
ercício de sadis-
é um enigma,
povo vai supor-
or enquanto, o
a queda na arre-
ıtrariando tudo
despesas conti-
para cá, en-
carga tributária
do vertiginosa-
ıo que se está

s o imposto es-
de produtos se-
presidente Ro-
eillon feliz, por-
ıeiros já se quei-
servirá mesmo

para reduzir a competitividade de nossos produtos no mercado internacional. A Casa Branca agradece penhoradamente.

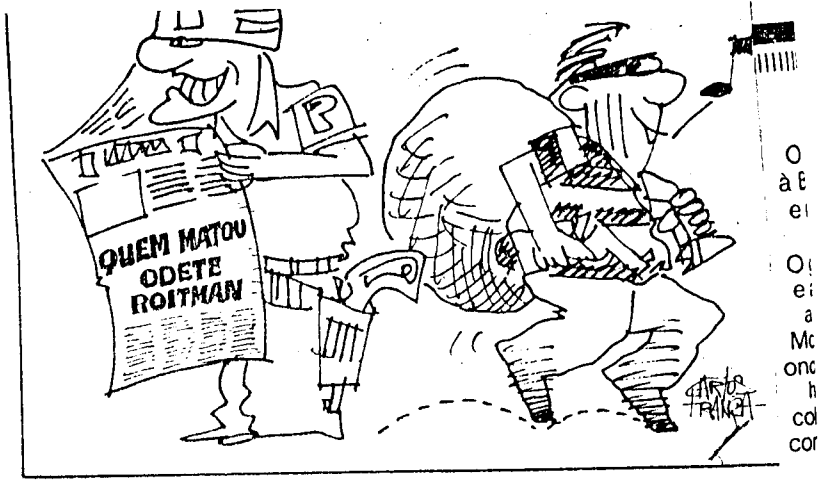
O fato é que ninguém quer perder receitas. A União perdeu a taxa rodoviária para os estados. Logo tratou de criar um pedágio, em tese destinado a conservar as estradas federais. E mesmo passando a dispor dos recursos da taxa rodoviária, os municípios estão insaciáveis, tratando de aumentar o IPTU e passar a cobrá-lo pela OTN. Seja em Salvador, seja em São Paulo, onde a ainda não empossada prefeita Luiza Erundina colocou suas unhas de fora e mandou a bancada do PT na Câmara Municipal cerrar fileiras pelo aumento de impostos municipais, sendo que para tal não teve constrangimento em apelar para o seu arquiadversário, o prefeito Jânio Quadros.

É verdade que restariam ao contribuinte as últimas armas de defesa. Pelo menos no caso do pedágio, o deputado José Serra já bradou que é inconstitucional, e como tal não restarão cidadãos inconformados batendo às portas dos escritórios de advocacia para livrarem-se desse outro arrocho. O novo pedágio aumentaria a arrecadação do DNER de quatro para 96 bilhões de cruzados. Como sempre, a promessa de que assim nossas estradas se converteriam nas *free-ways* mais conservadas de todo o mundo. Duvidamos.

X
X X

Ao encerrar o período legislativo e anunciar que seus pares iam entrar em "merecidas férias", o deputado Ulysses Guimarães parecia um homem completamente alienado sobre o que ocorre fora da ilha da fantasia, como é conhecida Brasília, sede do nosso governo. Primeiro, pela razão de que poucos merecem o descanso, simplesmente porque em nada se estafaram durante os trabalhos da Constituinte e, depois, do Congresso, sem votar uma matéria sequer de tantas urgentes que estão na pauta, a fim de que a Constituição saia do papel para a realidade. Segundo, porque em lugar de férias, os deputados deveriam ser submetidos ao julgamento popular, à medida em que insistem em legislar em causa própria.

Pela experiência recente de nossa história, tudo indica que só aumentará o sofrimento do povo com tanta escorcha fiscal. A arrecadação continuará caindo, porque a forma de reagir-se contra a escorcha é sonegar. As despesas públicas não dão o mínimo sinal de que serão realmente reduzidas, seja na área federal, estadual ou municipal, a despeito dos governos federal e estaduais e dos prefeitos eleitos terem anunciado que vão fechar repartições inúteis, demitir ociosos e colocar o pé no freio de empresas estatais. E os que criaram novos impostos e taxas, sejam eles do Executivo ou do nosso operoso Legislativo, vão passar o *Reveillon* tão bem quanto já passaram o Natal: com os bolsos transbordando de dinheiro do povo até que o recesso de Verão e de Carnaval termine, e eles resolvam voltar à Brasília para continuar conspirando contra consumidores e contribuintes.



Ao raiar de um ano nov

† Lucas Card. Moreira Neves, O.P

Mais três dias e João da Silva repetirá o gesto ritual: arrancar a última folhinha do calendário pregado a parede da cozinha e atirá-la ao chão; depois jogar ao lixo o próprio calendário depenado e inútil; suspender, no lugar do antigo, o novo calendário, reluzente, ostentando sua primeira folha com um grande 1 vermelho. É meia-noite — termina um ano e começa um outro.

Mas que diferença existe entre o 31 de dezembro e o 1º de janeiro? Entre um ano que começa e o outro que ontem terminou? Meteorologicamente, climatericamente falando, nenhuma. A mesma regular, inalterável sucessão de dias, um depois do outro. Neste nível, só por uma convenção pode dizer-se que algo mudou.

É pois em um outro nível que acontece a passagem do ano. Ao nível da "psyche" ou, mais significativamente, do coração do homem, no sentido mais profundo — bíblico ou pascaliano — da palavra *coração*.

É o homem que sente o impulso, confuso, mas irresistível, de fugir ao desafiar-se inexorável de dias e de poder mudar algo na vida. É a necessidade imperiosa de poder dizer a si próprio (e, se possível, a outros) que uma etapa da caminhada foi vencida e acabou-se, fica para trás — e uma nova etapa começa. Vontade de acreditar que se pode dar por encerrado um pedaço de vida, com seus acertos, mas também seus erros, suas penas e suas frustrações. E que é possível — o felicidade — começar, sem o peso do passado, livre, desimpedido, um novo período — "... novo como um caderno novo quando a gente o principia", segundo a terna e estimulante comparação do poeta de "Vida e Morte Severina".

O ano novo corresponde, portanto, ao "tempo interior" sobre o qual têm discorrido inúmeros filósofos e pensadores, o mais lúcido e penetrante dos quais continua a ser Agostinho de Hipona nos capítulos extraordinariamente profundos e consistentes das suas "Confissões". Transpondo, com um passo ao mesmo tempo sôfrego e vacilante, a soleira do novo ano, o sentimento mais marcante é a alegria de poder recomeçar, renovar e reconstruir.

Por isso, nesta partida, enigmática, incerta como todas as partidas rumo ao desconhecido, uma pergunta assalta o coração: como será este ano novo? que surpresas me traz nas pregas do seu manto opaco, impenetrável?

Por causa desta e de outras perguntas, pululam, em cada fim de ano, astrólogos e adivinhos, quiromantes e videntes — v dadeira maré de sensitivos e "profetas" oferecendo aos basbaques, em seu mer do de ilusões, previsões de acontecim tos (contando com uma oportuna pub dade na hora em que der certo e com pouca memória do público na hora em c der errado).

A Igreja, através da sua Liturgia, c fala mais por símbolos e imagens do q por silogismos e raciocínios, entende r ponder, ela também, à ansiosa pergun como será este ano?

Sua resposta consiste em colocar dia 1º de janeiro a festa da maternida divina de Maria e da circuncisão de Jesu

Em linguagem própria à Liturgia, Ma é chamada "aurora da salvação" e "estre da manhã", porquanto ela precede e pr nuncia o despontar daquele Jesus que mesma Liturgia, inspirada pelas Escritura chama "O Sol Nascente" ou "Sol de Jus ça". Nas frases finais do Apocalipse, mesmo Jesus se define: "Eu sou a estre cintilante da manhã" (Ap. 22,16).

Essas imagens siderais são altamen sugestivas. E graças a elas que, no d inaugural de um novo ano, enquanto a guns interrogam os astros na ânsia de s ber que mistérios se escondem no ano n vo, a Igreja coloca no alvorecer deste am o astro maior, o Sol sem ocaso, que é Jesu pressagiado por sua Mãe, a Stella mati tina. Sob a luz de tais astros, o ano s pode ser feliz.

É dentro deste pensamento que a me ma Liturgia, após sua reforma pelo Concil Vaticano II, escolheu para primeira leitur da missa de 1º de janeiro um gracioso text do livro bíblico chamado "Dos Números É o texto que reproduz a fórmula sugerid pelo mesmo Deus a Aarão e aos seus des cendentes para usarem ao dar a bênçã (e é sabido quanto, na tradição semita, bênção dada pelos mais velhos contém de energia e potência espiritual). Esta é a fórmula: "O Senhor te abençoe e te prote ja! O Senhor volte para ti o seu Rosto sere no e te seja benigno! O Senhor volte olhar para ti e te conceda a Paz!" (Nú 6, 24-26).

Francisco de Assis, doente e quase c go, amava esta benção e a dava aos seu No instante em que raiar, no espírito d cada um mais do que no calendário, u novo ano no qual possamos começar tud de novo, quem dera que a Mãe de Jesu nos abençoe assim: "O Senhor — meu filh — te abençoe e te proteja...".

sassinas

m Buenos
da euforia
lundou na
pesadelo,
dos crimes
ltimos a-

blica mun-
exumação
das vítimas
tino-ameri-
o pavor é
nidade para
evolucioná-
am rumos e
ão cabendo
osso modo.
Uruguai re-
de crianças
sequer co-
porque nas-
is uma razão
m a uma as-
na democra-
ra que apre-
tos.
lade entre as
rismo e a pró-
vertência de
chilena corre
fundo radica-
abertura, pois
no Uruguai, a
rofundamente

s aspectos, os
rasileiro com-
ações. Aqui os
em combate e
tenas. Além do
am acionadas
repressão poli-
ssim, oficiais da
uma esdrúxula
brigadeiro Bur-
icalização da re-
ra as manifesta-
s. Igualmente no
a ação do presi-
olsão radical em
la morte nos por-
nir Herzog.
ertura, também,
entes, a exemplo
nento. No último
ões jamais foram
adas as regras do
cionando tanto o
gislativo. Em Bue-
stiça foi supressa
bstituído por uma
ais.
ocesso de abertura
sociedade a orga-
az de encaminhar,
, o processo de su-
res, a abertura não
redualismo, a dita-

lhe bater em retirada aos quartéis. Enfim, lá houve uma anistia unilateral para beneficiar os próprios torturadores; aqui a anistia foi conexa, beneficiando ambas as partes que haviam entrado em conflito.

Por fim cabe ressaltar que, enquanto em Buenos Aires jornais foram confiscados e seus donos expulsos do país ou assassinados, aqui a rigorosa censura aos veículos de comunicação existiu, porém sem chegar ao cúmulo da destruição das empresas e da morte de seus diretores.

X
X X

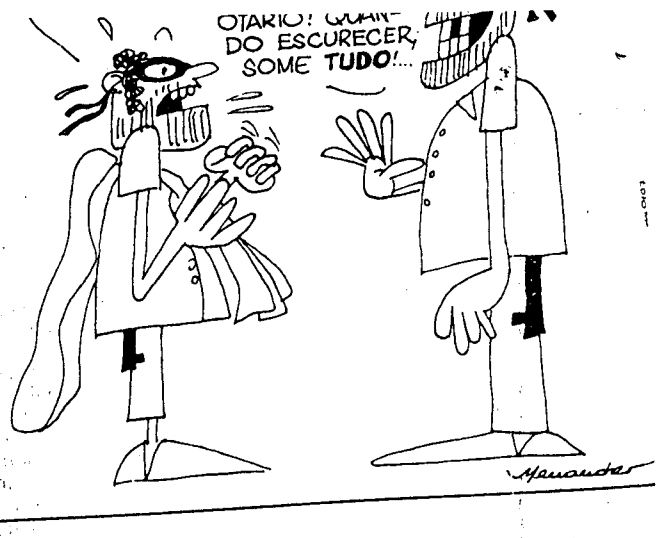
Ao fim de cada guerra, seja ela mundial, como a Europa experimentou, seja regional ou localizada no terreno doméstico, como aconteceu na Argentina e no Brasil (Araguaia-Tocantins), o barbarismo vem à tona e os pacifistas sonham que seja a última desventura dos homens. As esperanças existem até o próximo conflito, quando o barbarismo se revela superador de todos os fatos que nem a ficção é capaz de registrar.

O que acontece hoje na Argentina só tem similar no governo de Adolf Hitler, na Alemanha, responsável por incrível matança de milhões de judeus durante a 2.ª Guerra; supera mesmo a violência com que se desenvolveram e desenvolvem as guerras de libertação nacional, seja a argelina, a do Vietnã e agora do Afeganistão.

As investigações, todas apoiadas em algum testemunho vivo, pois os fatos são de ontem e anteontem, revelam que os militares que dominaram a cena em Buenos Aires ultrapassaram todos os limites de desumanidade. Não foram poupadas as mulheres, as crianças, os suspeitos, os presos por equívoco, ninguém. A prática da tortura, com apoio externo, incluindo-se al assessoria norte-americana, tomou os rumos mais cruéis de que se tem notícia na América Latina. E de roldão, com tal repressão, a economia argentina foi virtualmente desorganizada e levada ao beco sem saída de uma falência nunca vista.

X
X X

Agora as mães que desfilavam na Plaza de Mayo pedindo a volta dos seus filhos e parentes desaparecidos já não têm mais dúvidas de que eles jamais voltarão. Restam aos tribunais a tarefa de reconstruir uma sociedade dilacerada, fazendo punir os culpados como está sendo providenciado. Assim, a Argentina voltará a ocupar no concerto das nações uma posição edificante, podendo fazer valer aquilo que sonhou Raúl Alfonsín no curso de sua campanha e posse: a esperança de que jamais o povo deixará existir um regime tão cruel a ponto de enxovalhar e desmoralizar uma nação



Marx e a Rússia

J. O. de Meira P

Um dos aspectos mais curiosos da Vulgata usada pela agitprop marxista é o segredo em que mantém as opiniões e sentimentos do próprio Marx em relação à Rússia. A revelação da postura violentamente europocêntrica, ocidental e antieslava do grande profeta do socialismo, evidentemente não convém aos propósitos da propaganda soviética: esse ponto desperta uma série de surpreendentes e divertidos paradoxos. A revelação da antipatia radical que Marx alimentava pela Rússia não se encontra apenas em sua concepção de um modo de produção, dito "despotismo oriental", que escaparia da dialética determinista em três tempos — feudalismo, capitalismo e socialismo. Esse modo de produção **sui generis**, tornaria efetivamente a Rússia, como aliás também a China, imune à ação das forças sociais que conduzem, pela própria dialética das "leis férreas da história", ao triunfo futuro do comunismo. Mas num trabalho pouco conhecido e vitimado pela "conspiração do silêncio", intitulado "A Rússia e a Europa — Revelações Sobre a História Diplomática do Século XVIII", Marx não esconde o grau extraordinário de sua repugnância pela nação que se tornaria, menos de 40 anos depois de sua morte, a grande paladina da teoria e da praxis por ele propostas.

Talvez o melhor julgamento que, em nossos dias, possamos fazer daqueles que nos acusam de alarmismo, de fanatismo, de maniquelsmo, de anticomunismo cego e obsessivo, ou mesmo de propaganda a serviço da CIA, seria encontrado nesses mesmos escritos de Marx. Nas "Revelações Sobre a História Diplomática", de 1853, no princípio do capítulo V, destrói Marx, sem qualquer ambiguidade, os vários álibis que os marxistas, filocomunistas e partidários liberalóides da **détente** costumam avançar em defesa de sua posição. Eis aqui suas próprias palavras: "A influência preponderante que a Rússia ganhou de surpresa na Europa, em épocas diferentes, atemorizou os povos do Ocidente, que a ela se submeteram como uma fatalidade ou só resistiram depois do fato consumado. Mas ao lado do fascínio, descobre-se constantemente o renascimento de um ceticismo que segue o temor como sombra, misturando a nota ligeira da i aos gritos dos povos agonizantes, e necendo da magnitude verdadeira d der russo como se fosse uma atitu mada por um histrião, para deslumb enganar. Outros impérios, em sua inf despertaram dúvidas semelhantes. Rússia tornou-se um colosso sem di las. Ela oferece, na história, o ex único de um Estado imenso que, n depois de realizações de âmbito m não deixa de ser considerado co objeto de crença e não como u Desde os princípios do século XV hoje, não há autor que tenha deixa siderar possível dispensar-se de em primeiro lugar, sua existência e, glorificá-lo ou criticá-lo. Mas que s materialistas ou espiritualistas em à Rússia, isto é, que considerem existência como um fato palpável o ùma visão fantasmagórica de povo peus cuja consciência está atorm de remorsos, a questão perma mesma: como essa potência — fantasma de potência — conseguiu çar tais dimensões, suscitando de a denúncia ardente do perigo que para o mundo, ao repetir o fenôm uma monarquia universal; e, do negação furiosa de que um ta existe?".

Insistamos: estas palavras Marx. Foram escritas em 1851, mais de 130 anos. São absol atuais. Para um profeta que erro damente em quase todas suas p estes pensamentos antecipatór suem um valor extraordinário, mente vindos de quem os pôs n

Logo em seguida, naquele c nal de sua obra, Marx se refere ao que atemoriza a Europa do sé Mas o espectro agora aludido não que proclamara três anos antes, festo Comunista de 1848: é o es imperialismo russo. Por que adm túcia hegeliana da razão históric espectros, armados agora com atômica e transformados na ma cia militar da história, se fundi fantasma de existência muito a muito real que atormenta o plan

a o encontro

reunião do
n os gover-
s a oportu-
as informa-
peito, suge-
utras consi-

o sob o pon-
rto modo, o
politicamente
talidade dos
plano econô-
ual foi embu-
es, a duração
anos. Por isso
roupagem do
rnador de São
reduzir o man-
is meses, reali-
ilho e a posse
eiro. Assim ele
atro nem de cin-
antil que chega

ropósito, o que
ropostas e apro-
afinal despertou
na situação em
que, justamente
tá a exigir do go-
tes, enérgicas e
a situação econô-
mbiente social da
rgências políticas.
ntanto, é que so-
anos no poder o
tenha dado conta
dormindo ou anes-
odo?

o direito de opinar, sequer através dos seus representantes.

Não é por outra razão que o governo se ressente do apoio popular para a sua política econômica, o qual só recebeu — por sinal maciçamente — quando explorou a ignorância das massas em favor de um plano absurdo: o Cruzado I, pois se fosse possível, conforme comentamos na época, acabar inflação por decreto, obviamente não haveria inflação em nenhum país do mundo. Mas, já que isto fizera, entendíamos, então, que deveria procurar acompanhar *pari passu* as mudanças na economia para ir adaptando-lhes o seu plano mirabolante. O governo não fez isto. Fez o oposto. Entendeu de encaixar à força a economia nas regras do Cruzado I. O resultado foi o que se viu, agravado pelo retardamento de medidas que se tornaram indispensáveis depois da fantasia do Sr. Funaro.

X
X X

Compreendemos a posição do governador da Bahia. Provavelmente joga na hipótese de poder vir a ser o líder numa reviravolta nacional. Resta saber para que lado seria a Nação conduzida na eventualidade de uma ruptura da ordem institucional e do sepultamento da desejada e sofrida transição para a democracia plena.

Em recente artigo em um dos jornais do País, o Prof. Hélio Jaguaribe adverte para os perigos que rondam as instituições democráticas e a sociedade brasileira. Outra coisa não temos feito nestas ... com insistente freqüência, pois ... riscos a

Machado, o brasileiro

Afrânio Coutinho

De vez em quando volta à tona uma tese cediça e inverídica a respeito de Machado de Assis, que, por infiel à verdade histórica e crítica, não é demais sempre repelir. É a de que Machado não é brasileiro nem carioca, preocupado com o problema mais universal do homem. E assim não teria tido tempo nem olhos para ver os aspectos da civilização brasileira, alienando-se da realidade política e social do seu País e de seu tempo.

Nada menos exato, se prestarmos a devida atenção à obra machadiana.

É claro que seu pensamento era voltado para os problemas do homem em geral. Mas nisso estava incluído o homem brasileiro, na sua vida interna e na social. O retrato que ele deu, nos seus contos e romances, crônicas e tea- ... retrato completo, em todos os ... e um retrato do Brasil. Não um retrato de historiador, mas de criador de literatura. O Brasil está lá, mas um Brasil visto por olhar de puro homem de letras. Como Balzac para a França da primeira metade do século XIX, Machado nos dá um quadro do Brasil do seu tempo, o século XIX.

Assim, hábitos e modos de viver, costumes e sentimentos, vícios e aspirações, é o próprio homem e sociedade cariocas da época que perpassam aos nossos olhos. Nada escapa à sua lente perscrutadora e sagaz.

Ali está como são as relações de família, como são a vida íntima nos lares, as festas, os casamentos, o namoro, o papel da escravaria, as relações entre senhor e escravo, os estudos, a criança e o jovem, a vida política, como se faziam os congressistas, os meios de transportes, o comércio, a falta de ... pelo trabalho, o vi-

ANEXO 2

PENITENCIÁRIA DO ESTADO DA BAHIA

— Secção Penal —

Serviço de Prontuários

RESUMO DA SITUAÇÃO JURÍDICA NA DATA DA ENTRADA

Entrada nesta Penitenciária 24|05|63

Procedência Comarca da Capital - 2ª Vara Crime

Número, nome, alcunha 4027 -

Idade ao praticar o delito 24 anos

ANTECEDENTES Primário

CRIME (data, local, vítima, motivo, etc.) Homicídio - 26|12|61 - Rua Galásio de Farias, Uruguai, nesta cidade, sendo vítima Justino Bispo.

Sentença 24|05|63

Artigos da Lei A Carta de Guia não menciona o disposito legal aplicado.

PENA 9 anos de reclusão, taxa penitenciária mínima e custas do processo

PRISÃO 26|12|961

VENCIMENTO PREVISTO 26|12|70

Tempo decorrido entre crime e prisão Flagrante

Tempo decorrido entre crime e condenação 1 ano 4 mêses e 28 dias

Tempo decorrido entre crime e entrada nesta Penitenciária 1 ano 4 mêses 28 dias

Tempo de prisão comprido antes do internamento nesta Penitenciária e locais onde esteve prêso

1 ano 4 mêses 28 dias na Casa de Detenção

Carlos de Souza Lima

Funcionário responsável por este levantamento e verificação dos documentos.

Matrícula Comunicada pelo ofício nº 401 de 28-05-963

Identificação

SECÇÃO MEDICA

05 outubro 66

LIVRAMENTO CONDICIONAL - Candidato o recluso nº 4027, [redacted] A, procedente da Comarca da Capital (2a. Vara Crime).

IDENTIFICAÇÃO:

[redacted] com 24 anos de idade, brasileiro, solteiro, natural de Sergipe - Aracajú, filho de [redacted] Identificado em 16.09.1963.

C O N D E N A Ç Ã O:

Condenado por sentença de 29.04.1963, à pena de nove (9) anos de reclusão, que lhe foi imposta pelo Tribunal de Juri. A Carta de Guia não faz referência ao artigo de Código Penal que condenou o indiciado por crime de homicídio.

NATUREZA DO CRIME - Homicídio
NOME DA VÍTIMA - Justino Bispo.
DATA E LOCAL DO CRIME - 26.12.1961, à Rua Gelásio de Farias - Uruguai, nesta Capital.
DATA DA PRISÃO - 26.12.1961.
TEMPO DE PRISÃO - 4 anos, 9 meses e 9 dias.
DATA DO INGRESSO - 24.05.1963.
TEMPO DE REGIME - 3 anos, 4 meses e 1 dia.
ANTECEDENTES CRIMINAIS - Primário.
TÉRMINO DA PENA - Previsto para 26.12.1970

HISTÓRIA CRIMINAL:

a) - VERSÃO DA CARTA DE GUIA - De acôrdo com a Carta de Guia, o Conselho de Sentença (Juri), por unanimidade reco-

reconheceu a autoria e a materialidade do delito e também por unanimidade não reconheceu a justificativa da legítima defesa. Os seus antecedentes não são bons, diz a Carta de Guia, já tendo sido prêso por duas (2) vezes por rixas e embriaguês, pois é dado a êste vício com frequência ou ábito. Por cinco (5) votos negou a qualificativa do libelo e por igual votação reconheceu uma atenuante a favor do réu. Não há agravante e o criminoso é primário. A vítima o ferira anteriormente a faca. Assim, fixo a pena base em dez (10) anos e diminuo em um (1) ano de um atenuante, fixo a definitiva em nove (9) anos a serem cumpridos na Penitenciária e condeno mais ao mínimo da taxa penitenciária e custas.

b) - VERSÃO DO PENITENTE - Compativel com a Carta de Guia.

VIDA PENITENCIÁRIA:-

a) - ESCOLA - Foi matriculado. Todavia, não a frequenta, assiduamente, por trabalhar na Cozinha do Estabelecimento, prestando bons serviços.

b) - OFICINA - Foi matriculado na Sapataria, ali trabalhando por um período de seis (6) meses.

c) - SERVIÇO ESTRAMUROS - Trabalha na Cozinha do Estabelecimento com ótimo rendimento.

d) - RELIGIÃO - Católica.

e) - ENFERMARIA - Nunca esteve baixado à Enfermaria, todavia, recebe os cuidados medico-dentário.

f) - PECÚLIO - Em sua conta corrente, tem um saldo disponivel de $1.307 e reserva de $2.413, totalizando $3.720.

g) - CORRETIVOS DISCIPLINARES - Nada consta no livro de registro de comportamento que venha desabonar a conduta do mesmo.

h) - GUARDA CHEFIA - Informa a Guarda Chefia, que o interno em aprêço, trabalhou na Oficina de Sapataria durante seis (6) meses, e por necessidade do serviço foi transferido para a Padaria dêste Presídio, ali permanecendo cêrca de dois (2) anos. Posteriormente, foi transferido para a Cozinha, por determinação da Direção do Estabelecimento, onde permanece em atividades até a presente data, sem ter o que desabone a sua conduta carcerária. Goza do previlégio de residir na área aberta do Presídio, é trabalhador, bastante atencioso para com

PENITENCIÁRIA LEMOS BRITO

SEÇÃO MÉDICA

SM, 08.12.66

Penitente: = nº 4027
27 anos-solteiro-raioderma-natural de Sergipe(Aracajú) vendedor avulso de peixe-sio-,-católico.

Condenado a 9 anos de reclusão pelo crime de homicidio na pessôa de Justino Bispo,prêso em 26/12/61,conta já com 4 anos,11 mêses e 13 dias de pena cumprida dos quais 3 anos,6 mêses e 15 dias nesta P.L.B.

Estatura abixo da média,picnico com notas atleticas evidentes, salienciaa malares pouco evidentes,olhos medios,castanhos escuros. Mandubula pouco desenvolvida,bôca pequena,de lábios ~~inferiores~~ grossos,com o inferior pendente.Nariz pequeno de contornos regulares. Faces arredondadas grande em relação ao craneo;Orelhas medias,salientes.Pescoço grosso musculoso.Tronco bem desenvolvido com desenvolvimento muscular acentuado,normotonico.Caracteristicas de ginecomastia bem acentuadas.Pilificação escassa.Braços curtos musculosos.Maos pequenas "calosas",com dedos curtos espessos.Abdome protuso com tecido adiposo abundante:apresenta cicatriz viciosa pos-operatoria,consequente a ferimento por faca reparado cirurgicamente.Ao nivel do angulo superior da cicatriz há hernia incisional coercivel.A cicatriz,paramediana,longitudinal,irregular,mal formada tem extensão de cerca de 20 cms.,supraumbelical.Cicatriz e hernia assintomatica.Atitude corporal fi rme,perfil de quada reta. Membros inferiores curtos e grossos,bem musculosos.Pilificação abdominogenital escassa,com genitália externa regularmente desenvolvida.Apresenta cicatriz inguinal irregular a esquerda(adenite inguinal supurada,drenagem expontanea).

Nunca frequentou escola apesar do ter nascido na Capital de Sergipe e de aos quinze anos ter se transferido para Salvador,para o bairro do Uruguai.Nunca conheceu o pai,viveu com a mae,doente invalida e alega// que desde cêdo trabalha para ajudar no sustento não tendo sido orientado nem tido oportunidade para estudar.Aprendeu na PLB. a ler sofrivelmente e a assinar o nome.Sabe somar e diminuir com dificuldades.

Alega trabalhar desde a idade de nove anos,em Aracajú,vendendo / frutas ou como ajudante de pedreiro e pintor.Sabe e conhece rudimentos destes oficios.Aos 12 anos passou a trablahar na Cia. InterBrasil,como ajudante de caminhão(sic) com o encargo de vigiar a carga(sic).Trez anos depois a genitôra do penitente orientou-o no sentido de deixar o emprego.Aos quinze anos veio para Salvador,com promessa de trabalho como ajudante de pintor em uma Cia. construtora cujo nome não recorda(sic).Após um ano e seis mêses deixou o oficio e passou a vender peixe,adquirindo-o nos Frigorificos e revendendo-os no varejo.Nesta atividade permaneceu até a data do crime.

Inteiramente permeavel à analise dos eventos criminosos,narra-os nos minimos detalhes,com prwcisão de fatos datas e dados.Trabalhando como vendedor de peixe mantinha com vitima relação amistosa,até o dia em que por desentendimento pelo pagamento de uma rodada de cachaça,esta o desacatou fisica e moralmente,indo ambos as vias de fato.A vítima com uma faca feriu-o no rosto e fugiu,sendo perseguido pelo penitente sem exito.Ferido retornava já para casa quando foi traiçoeiramente,numa esquina,alcançado pelo Justino Bispo que o apunhalou no abdome,prostando-o ao solo.Socorrido por terceiros foi levado ao Hospital Getulio Vargas(Pronto Socorro Estadual) submetendosse à intervenção cirurgica reparadora.Permaneceu no nosocomio em apreço 1 mês e 8 dias,tendo alta hospitalar mas com o compromisso de retornar para os curativos e "retiradas de pontos".Ao ter alta foi avisado,por companheiros,de que o Justino Bispo não fôra prêso e o que era mais grave,anunciava que iria tirar-lhe a vida.Sendo recolhido por um ex-patrão,residente no Uruguai permaneceu na casa deste durante cerca de cinco dias se ambientando. Após este periodo,ainda com o penso e enfaixado,saiu para adquirir peixe para revenda(capital inicial emprestado pelo ex-patrão e amigo).Ao retornar com a mercadoria,foi alcançado pelo Justino que o desacatou inclusive atirando-lhe bagaço de caju no rosto,acintosamente.Não ligou tanto ao fato,principalmente pelo seu estado precario de saúde.A fu-

PENITENCIÁRIA LEMOS BRITO

(continuação referente(relatorio) ao penitente
Nº 4027.

tura vítima não satisfeita prosseguiu no desacato,indo postar-se junto à mesa de trabalho(feira),por detrás do Expedito e acintosamente jogou uma caixa de peixe violentamente aos pés do mesmo. Permanecendo por trás do penitente,o Justino continuou a ofende-lo moralmente,com termos agressivos e de desafio e ameaças.Apezar de doente,ainda com a ferida operatoria "supurando" e enfaixado,o Expedito da Silva,não mais suportando o clima criado e pertubado pelo sofrimento e ofensas,lançou mão da peixeira adquirida recentemente,como instrumento de trabalho e furou o Justino,duas vezes. Imediatamente após,entre outras razões por se sentir impossibilitado fisicamente de fugir,apresentou-se ao Posto Policial proximo, tendo inclusive esperado que o mesmo reabrisse para entregar-se. Embora aconselhado pelo amigos recusou-se a fugir pois não só estava sentindo-se mal como tambem por julgar que suas razões seriam compreendidas pelas autoridades.Perguntado porque não produziu / melhor defesa,durante o processo criminal alega ter sido sua própria culpa pois não soube apresentar as testemunhas,a maioria das quais não quiseram comparecer por razões obvias.ou melhor para evitar entendimentos com a policia.A vitima era conhecida por sua vida turbulenta e fama e mania de valentão.Confessa ter sido prêso por rixas e desentendimentos com outros companheiros mas sem processo.Fazia uso constante,aos sábados e domingos,de bebida alcoolica e assim o fazia(sic) pela natureza do proprio trabalho(mau cheiro,temperatura fria dos frigorificos etc).

Vida carceraria sem castigos.De bom comportamento declarado, inclusive,no Prontuário trabalha para o Estabelecimento na Cozinha tendo se transferido depois por razões alheias a sua vontade.

Apezar de solteiro,vivo maritalmente com companheira já há / cerca de 5 anos,desde antes da prisão até hoje,tendo com mesma / dois filhos já nascidos estando a mulher no 8º mez de gravidez de outro filho.Presta assistencia,dentro de suas possibilidades á mulher e filhos.Um destes acha-se atualmente internado no Hospital Santa Izabel,aonde tem ido visita-lo com consentimento da Direção. Mostra-se preocupado com a evolução do caso e se dispõe a todos os sacrificios necessarios para ajudar a recuperação do filho.

Orientado no tempo e espaço.Auto-orientado.Memoria de fixação e de evocação,idenção juizo e sensopercepção sem desvios da normalidade.Não apresenta manifestações de impulsividade ou explosividade.que contraindique vida em sociedade.O penitente de linguagem fluente,apezar do baixo grau de instrução,de Q.I. dentro da media, surpreende pelo vocabulario facil e relativamente extenso e boa capacidade de narração.Sua linguagem exteriorisa adequadamente seus estados afetivos e processos intelectuais.Há indicios de sinceridade quanto a versão apresentada e que parece acorde com a da carta de guia ou com as ilações decorrentes.Nega o vicio como tal embora reconheça o uso de bebidas alcoolicas.Nega sua explosividade ou / tendencia para violencia.Parece-nos sincero quando analisa os eventos delituosos.Não deixa transparecer revolta e se diz e aparenta arrependido.

A natureza do crime,de características passionais(emocionais) perceptivais(o antecedente impune da agressão armada que sofreu influindo sobre o penitente) a vida carceraria e os componentes psicosociais do penitente ao lado de um conjunto de sentimentos eticos satisfatorios e senso de valores acordes com a vida sociedade,leva-nos a acreditar no efeito favoravel que teria a obtenção do beneficio pleiteado pelo penitente 4027.

09.12.66

Carlos Alberto Cantanhede

todos que militam neste Estabelecimento.

i) - VISITAS E CORESPONDENCIAS - Recebe visitas de amigos e conhecidos. Tem ótima conduta com os visitantes.

C O N C L U S Ã O:

A Carta de guia do recluso em pauta não menciona o dispositivo legal aplicado no caso; faz referências que os seus antecedentes não são bons, tendo sido prêso por duas vezes devido à rixas e embriaguês. Contudo relata o penitente que bebia esporàdicamente (aos sábados e domingos) devido às suas condições de trabalho, temperatura fria do frigorífico e o mau odor que dela se despendia. As suas relações com a sua vítima, resumia-se pura e simplesmente em cumprimentos cordiais. Foi ferido no rosto e no abdome traiçoeiramente pelo seu desafeto, impunemente. Foi socorrido pelos circunstantes e encaminhado ao Hospital Getúlio Vargas, onde foi atendido.

Posteriormente, novas provocações e novas ameaças por parte da sua vítima, culminaram com o evento delituoso.

Nesta Casa, tem se transformado num dos reclusos / mais operosos, passando preliminarmente pela sapataria depois pela padaria e finalmente pela cozinha, onde sempre se houve com dedicação e grande senso de responsabilidade.

De conduta carceraria exemplar, é portador de uma roupa azul setor aberto dêste Estabelecimento Penal. Exterioriza com clareza os seus estados afetivos e processos intelectuis. O conjunto de sentimentos e valores são concordes com a vida livre. De facil abordagem, muito cordial no trato, disciplinado e bem quisto pelos circunstantes.

Atenção, memórias, volição, juizo crítico e senso-percepção sem alterações.

Primário, com mais da metade da pena cumprida, com impecável comportamento carcerário, sem manifestações de impulsividade preenche ao nosso ver os requisitos para a concessão do benefício que lhe faculta a lei.

Penitenciária, 30 de março de 1967

[illegible] - Médico Chefe

PENITENCIÁRIA "LEMOS BRITO"
Seção de Segurança

I N F O R M A Ç Õ E S

Nº 5505 NOME - [redacted]

LOCALIZAÇÃO DO PRESÍDIO - Área Interna (Roupa Preta)

COMPORTAMENTO - Bom

CORRETIVOS DISCIPLINARES - Nenhum

RELACIONAMENTO COM FUNCIONÁRIOS - Bom

RELACIONAMENTO COM INTERNOS - Muito Bom

VISITAS - Recebe normalmente de sua mãe, irmãos, outros parentes de sua companheira.

APARÊNCIA - (Asseio corporal, vestes, etc.) Boa

CONDIÇÕES DA CELA - Mora em companhia de mais tres companheiros sem problemas.

OBSERVAÇÕES - Originário da Comarca de Santo Amaro-Ba., condenado que foi a uma pena de 08 anos 03 meses e 10 dias de reclusão, por infringir os artigos 121 e 129, ambos do Código Penal Brasileiro. Ingressou nesta Penitenciária em maio de 1974 e como regime de trabalho iniciou suas atividades no serviço de faxina, deslocando-se de tal serviço para trabalhar no Refeitório dos Funcionários em preparo de alimentação, por motivo de entender bastante da profissão cozinheiro, onde se portou com assidualidade, pontualidade e dedicação. Em virtude de sua família ser pobre e ter que ajudá-la, solicitou da Direção sua transferencia para a construção do Primeiro Presídio Regional, pois alí seria melhor remunerado, sendo atendido a sua solicitação. Um ano quase completo que na aludida construção trabalha, nunca contrariou as normas disciplinares do Estabelecimento, se portando sempre dedicado, acatando todas as ordens que lhes são dadas e bastante tratável. A sua Carta de Guia faz referencias a seus bons antecedentes. Na Casa de Detenção, por onde passou, foi elogiado o seu comportamento por aquela Direção, chegando a galgar o título de interno de primeira categoria. Presta determinada assistencia a sua mae que reside na Comarca de Santo Amaro e também a sua companheira que reside nesta Capital, mesmo assim o seu pecúlio é da ordem de Cr$... $703,00(setecentos e tres cruzeiros), digo, $703,06 (setecentos e tres cruzeiros e seis centavos). Primário, já cumpriu mais da metade da pena que lhe foi imposta, de bons antecedentes e bom comportamento carcerário, com profissões definidas(Cozinheiro, Baloonista, etc.), oremos, salve melhores luzes, que o seu reingresso ao convívio social, será de alto alcance. É tudo que temos a informar.

Salvador, 10 / novembro / 1975.

[redacted]
CHEFE DA SEÇÃO DE SEGURANÇA

SECRETARIA DA JUSTIÇA
PENITENCIÁRIA " LEMOS BRITO "
SEÇÃO DE ASSISTENCIA SOCIAL

Caso: [redacted]

Fontes Informativas - Entrevistas continuas e alternadas com o interno; análise de prontuario|;
Identificação: [redacted] cujo nascimento ocorreu em 9 de Janeiro de 1949 em Santo Amaro - Bª; solteiro; curso primário incompleto; cozinheiro; cumprindo pena neste Presidio.
Situação Familiar - Pais vivos moram em Santo Amaro, resultando // desta união 9 filhos: Seu pai trabalha como Pedreiro em construção civil: 3 irmãos seus já casados e os demais trabalham para ajudar/ aos pais na mesma cidade. 3 outros moram aqui em Salvador, no mo// mento não sabe em que estes estão atuando. Recebe visitas frequentes dos seus familiares, aos quais o interno sempre que tem condições ajuda dentro das suas possibilidades.
Situação Profissional - O interno em questão sempre trabalhou na/ profissão de cozinheiro; atuando também como pedreiro e lavrador. Aqui na Penitenciária Lemos Brito, atuou nos serviços de limpeza, na sua profissão e por último foi trabalhar na construção do Pri/ meiro Presidio Regional, onde permanece há quase 1 ano.
Vida Carcerária: O interno em estudo é bem quisto por todos, funcionáriose colegas; sendo muito elogiado pela sua eficiencia e // senso de responsabilidade, prestando prestimosos serviços à Administração desta Casa.
Plano para o Futuro - Pretende voltar à companhia de seus familiares, trabalhar para poder proporcionar melhores condições de vida aos seus Genitores.
Prognóstico - Trata-se de um interno de bom comportamento carcerário. Educado, Simples, mantém ótimo relacionamento com todos. Durante nosso trabalho nesta Casa, mantivemos contatos alternados// com o Jaime, o que facilitou nosso trabalho no presente estudo.// Achamos que a pena já cumpriu seu efeito psico-pedagógico e que// sua reintegração à Sociedade se processará normalmente.

Salvador, 9 de Dezembro de 1975.

[redacted]

Chefe da Seção de Assistencia Social

Secretaria da Justiça-Penitenciária Lemos Brito-Seção Médica
Informação : Livramento Condicional Em 121275

Nome: [redacted] Matricula nº 5505-Idade: 25 anos-Estado civil:solteiro-Natural de Santo Amaro da Purificação,(Fazenda Engenho Novo),Bahia-Grau de instrução:primária incompleta(3º ano primário)

Crime: homicidio e lesão corporal-Em 150871-Local:Chapada do Rio Vermelho,Salvador,Bahia-Pena: 08 anos,03 meses e 10 dias-Prisaa :150871
Entrada na Penitenciária Lemos Brito : 080574

Condições gerais de saude satisfatorias,mentalmente sadios,bom desenvolvimento musculo-esqueletico.Bem orientado,auto,alo e cronopsicologicamente.Memorias higidas.Sensopercepção e curso do pensamento sem disturbios.

Nascido em Santo Amaro,lá viveu até os 16 anos,tendo cursado escola primária e trabalhado como vendedor de verduras nas "feiras",da cidade e outras(Candeia,São Sebastião).Veio para Salvador em busca de melhores condições de trabalho e estudo.Como ajudante de pedreiro e caixeiro de bar,frequentou escola primária até o 3º ano,assim manteve-se trabalhando,sem nunca envolver-se em atos delituosos ou anti-sociais.

Em sua versaa do crime relatada nas entrevistas e exames,confirma o que diz por escrito(constante deste prontuário).Apresenta diversas cicatrizes,uma das duas das quais "viciosas" ao nivel da pantorrilha direita decorrente do tiro que recebeu quando da agressão de que foi vitima no momento da evento criminal pelo qual responde.Diz mesmo que foi submetido a exame de corpo delito mas que o mesmo não foi anexado ao seu processado(sic) ou não foi considerado.

Preso em 150871,contando já com 04 anos,03 meses e 27 dias de pena total cumprida,dos quais 01 ano,07 meses e 04 dais nesta PLB,com muito bom comportamento.Na Casa de Detenção sua conduta foi das melhores conforme registro escrito emanado da direçao daquela casa quando de seu encaminhamento.Vida progressa,anterior ao crime,referida como boa.Na PLB atencioso,disciplinado,trabalhador,colaborando com a administraçao do presidio,bem relacionado com todos,vem servindo a casa.Inicialmente na "faxina" e depois no Refeitorio dos Guardas,como cozinheiro(atividade / que,na luta pela sobrevivencia,tambem já exercera na vida livre) e a seguir passando a trabalhar como ajudante de pedreiro na construção do / novo presidio.

Entendemos viavel,data venia,a versão apresentada pelo penitente ante sua personalidade,despida de aspectos de periculsoidade,inteiramente sintonico ao ambiente que o cerca,humilde sem manifestações de impulsividade registravel,senee de valores acordes com os padrões comunitários vigentes.Salvo melhor juizo,estaria tranquilamente enquadrado nos dispositivos do Decreto 76 550,de 051175,não fosse já preencher os requisitos de tempo para o regime de liberdade condicional.Assim considerando a capacidade laborativa adequada,habilitação profissional satisfatoria e sua formação etica como um todo,permitimo-nos afirmar que a pena já alcançou ao maximo,o efeito psicopedagogico que se lhe atribuiu ,estando o [redacted] nº 5505,bem indicado para o beneficio pleiteiado,ou seja ,o da liberdade condicional.

Em,121275

[redacted]
Seçao Medica -PLB

S.A.S.

Pedido de livramento condicional do presidiario [redacted] nº 5505, originario da 1a. Vara do Tribunal do Juri, nesta Capital.

[redacted] baiano, solteiro, atualmente com 26 anos de idade fôra condenado pelo Juizo da 1a. Vara do Juri, desta Capital, em sentença de 26-3-74, como incurso nas penas do arts. 121 § 2º nº II e 129, todos do C. P. a 8 anos 3 meses e 10 dias de reclusão, / por ter na madrugada de 15-8-71, no local conhecido como Chapada / do Rio Vermelho, com golpes de faca, produzido a morte de Jão da Hora e lesões corporais e, João Santos. O Juri aceitou a tése da / violenta emoçãp, dai porque tendo sido fixada uma pena base de 12 anos, fôra reduzida de 1/3 passnado assim a 8 anos de reclusão. / De referencia ao crime de lesões corporais fora fixada uma pena / base de 5 meses deminuida de 1/3, pasando a definitiva a 3 meses e 10 dias, Em virtude do concurso material de crimes e de acordo com o art. 51 do C.P. as penas foram aplicadas cumulativamente. Dos autos consta que o reu, sem ser convidado, penetrara na residencia / de um cidadão que não conhecia e onde se festejava um aniversario, e ali, se portara de modo inconveniente, acabando a festa por ór-

ordem do dono da casa. Provocou os circunstantes e querendo agredir a uma das vitimas com uma faca, levou uma rasteira. Foi o suficiente para ferir uma e matar a outra com varios golpes de faca. / Esclarece, ainda, o meritíssimo, " temperamento, como se vê, violento e agressivo, lançou-se ao crime depois de um desentendimento que ele mesmo provocou, revelando um comportamento impulsivo, sem os refreios impeditivos de uma atitude hostil, estando porisso, a merecer que passe por um processo de reeducação, para que faça desaparecer da sua personalidade aquela tendencia criminosa, tão intensamente demonstrada no momento do delito, pelas reiteradas facadas que desferiu. Primario e de bons antecedentes.

Fator tempo

Tem o penitente o fator tempo para a concessão do livramento. Na Casa de Detenção passou 2 anos 8 meses e 21 dias. Na P.L.B. tem de regimen penitenciário, 1 ano 7 meses e 17 dias.

As informações da P.L.B. são-lhe, sem exeção, / favoraveis.

No que tange a periculosidade não acreditamos / que o chamado processo de reeducação invocado na sentença, " para que se faça desaparecer da sua personalidade a sua tendencia criminosa", Já tenha se concretisado, no curto espaço de tempo que /

se encontra em regimen de regeneração. Nem ao menos tem o peniten_ te, 2 anos deste regimen de uma pena de 8 anos 3 meses e 10 dias / de reclusão, já beneficiado de 1/3. Concedida a comutação ficou com a pena diminuida de mais de 2 anos. Concedido que seja o livramento teria gozado umas " férias a semelhança de outros tantos, em regi- men penitenciário - 1 ano 7 meses e 23 dias - indo passar, já li— vre, embora sob condição, mais do tempo que esteve sob aquele re- gimen.

Na sentença não ha a menor referencia a sua profis- são. Dizem-no cozinheiro, faxineiro, ajudante de pedreiro, lavra— dor, vendedor de verduras, caixeiro de bar. Ao que se infere das / informações não tem profissão definida e desse modo pretende sair da P.L.B. Em questão de profissão poder-se-ia considera-lo de acor do com os membros informantes, um verdadeiro saltimbanco.

Pelo exposto, somos de parecer que o penitente, a / nosso ver, deverá continuar no processo de reeducação em que se en_ contra e neste processo evolutivo de cura, mais tarde, pleitei, / então, o beneficio, receiosos que ainda estamos, no que diz respei_ to a sua pretendida recuperação atual para o retorno ao convivio / social.

Preocupa-nos ainda o pensamento, quanto a quele " temperamento, violento e agressivo, de comportamento impulsivo, sem / os refreios impeditivos de uma atitude hostil, tendo em sua personalidade aquela tendencia criminosa, tão intensamente demonstrada." (da sentença)

Opinamos, pois, contra o livramento.

É o parecer.

Sala das Sessões, em 23 de dezembro de 1975

[redacted]ator

Nº 0562/82

Ref.

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL
SECRETARIA DA JUSTIÇA
PENITENCIÁRIA LEMOS BRITO
GABINETE DO DIRETOR

Secretaria da Justiça
Conselho Penitenciário
Nº 241 Em 04/05/82

Em, 27 de abril de 1982

Senhor Presidente:

Encaminhamos a V. Exª., em anexo, para apreciação desse egrégio Conselho, o processo de Livramento Condicional pertencente ao sentenciado matrícula penal número 6442.

Atenciosamente,

Maj. QOPM.
Diretor

Ao Exmo. Sr.

MD. Presidente do egregio Conselho Penitenciário
N e s t a

cb/mab.

SECRETARIA DA JUSTIÇA
PENITENCIÁRIA LEMOS BRITO
SEÇÃO DE SEGURANÇA

Em,16 de fevereiro de 1982
Assunto:Livramento condicional
Candidato:),matrícula
penal nº 6442

),matrícula penal nº 6442,natural de Lustosa-BA;Solteiro,sem prole,Carpinteiro,de instrução primária e é condenado pelo Juízo desta Comarca,4ª Vara Crime.

O apenado em tela,foi preso no dia 10 de março de1979 e admitido nesta Casa em 25 de janeiro de 1980,para fazer cumprir pena de 05 anos e 06 meses de reclusão,por prática de roubo,artigo 157 do Diploma Legal.Trata-se de um apenado que já esteve preso na Casa de Detenção,por ter infrigido o artigo 155 do Código penal Brasileiro,todavia,o seu comportamento prisional,quer na Casa de Detenção quer aquí,é bom,nada consta registrado em seu prontuário que desabone sua conduta carcerária. Como atividade laborativa,exerce na Oficina de Artesanato.

Segundo o sentenciado em questão,a depender da Juiza / (autorização),pretende retornar para seu interior(Lustosa) morar em companhia de sua mãe e seus irmãos;trabalhar honestamente,em serviço rural,para poder prover sua subsistência e não / mais delinquir.Acreditamos,que,dada uma oportunidade para que o apenado em tela retorne ao convivis social,será de alto valor sócio-edicacional

CHEFE DA SEÇÃO DE SEGURANÇA

SECRETARIA DA JUSTIÇA
Penitenciária Lemos Brito
Seção de Registro e Controle

Informação nº. 015 ../. 82.
Assunto: **Livramento condicional**
Requerente: , matrícula penal nº 6442

PREÂMBULO: O recluso em tela é natural de Custódia-Ba, nascido em 10.01.954, filho de solteiro, carpinteiro de instrução primária incompleta.

SITUAÇÃO JURÍDICA: Incurso no art. 157 do CPB, ingressou o penitente nesta Penitenciária no dia 25.01.980, oriundo da Casa de Detenção, por haver sido condenado pelo Juízo da 4a. Vara Crime, à pena de 05 anos e 06 meses de reclusão, cuja prisão foi efetuada em 10.3.979. Conta, nesta data, digo, o mesmo com entrada anterior na Casa de Detenção, por furto, cujo delito respondeu a processo no Juízo da 8a. Vara Crime, que o absolveu, pondo-o em liberdade mediante Alvará de Soltura, que ocorreu em 19.4.977. Pleiteou mudança de regime de execução da pena, havendo obtido do Colendo Conselho Penitenciário, opinião contrária, cujo decisório está pendente do Juízo das Execuções, que solicitou informações complementar ao referido sentenciado. Primário.

VIDA PRISIONAL: Durante o tempo em que passou recolhido na Casa de Detenção, segundo o seu Diretor, foi bom, "nada constando no prontuário que desabone a sua conduta prisional". Nesta Penitenciária tem o seu comportamento considerado, tambem, bom, sem registro de notas negativas no seu prontuário. Usa uniforme penal preto e reside na área de segurança.

ATIVIDADE LABORATIVA: Como atividade de trabalho, exerce no setor de artesanato, prestando serviços para terceiros.

ASSISTÊNCIA À FAMÍLIA: É visitado por parentes e amigos.

OBSERVAÇÃO:

Salvador, 26 de fevereiro de 1982.

Chefe da Seção

SECRETARIA DA JUSTIÇA
PENITENCIARIA LEMOS BRITO
SEÇÃO MÉDICA

Assunto : livramento condicional-INFORMAÇÃO

Em, 12.04.82

[redacted], matricula penal nº 6442

28 anos, solteiro, servente de pedreiro(soldador eletrico,Certificado de Curso PIPMO/SENAI- PLB),natural de Lustosa,Bahia.Alfabetizado

CRIME: roubo-PENA : 05 anos e 06 mêses de reclusão-PRISÃO: 100379
Entrada na PLB.: 250180.

Condições gerais de saude satisfatorias, em que pese ser portador/ de enterocolite crônica e anemia, que responde adequadamente ao tratamento medicamentoso, nos surtos agudos.Sofreu acidente automobilistico em 1975 com traumatismo da face,região superciliar esquerda sem historia de estado comatoso ou sono profundo.Apresenta cicatriz, irregular, ao nivel do supercilio referido.Refere gagueira na primeira infância da qual ficou curada "com tratamento rudimentar doméstico", sem resíduo.Informa viroses ditas da primeira infância, sem sequelas.Uretrite aguda aos 16/ anos, condilomas venereos à mesma época.Não conheceu o pai porque êste/ tendo deflorado a jovem namorada(genitora do recluso) suicidou-se logo a seguir(enforcando-se...).Mãe, sadia, até ,pelo menos,1979,último contacto que teve com a mesma. Cinco irmãs e três irmãos, todos menores de idade, resultantes do casamento da genitora.

Leptsômico, ectomorfia predominante.Não apresenta disturbios psicopatológicos atuais.

Apresenta-se aos exames e entrevistas calmo, sereno, cortês, colaborador, trajado em uniforme penal preto, em boas condições de higiene e/ conservação.

Nascido a 100164, na Fazenda Bananeira,no distrito de Lustosa,municipio de Teodoro Sampaio(ex-Bom Jardim), de propriedade do avô materno./ Suicídio do pai antes de seu nascimento(sic).Após ter sido deflorada pelo namorado e engravidado, a genitora do recluso permaneceu em companhia dos pais, de modo que o [redacted] foi criado na Fazenda pela genitora e avós maternos.Êstes dedicavam muito carinho e afeto ao neto. A mãe tambem muito bondosa e amiga.Quando êle estava com cerca de 10 anos a genitora firmou união(casamento) com outro homem, "contra a vontade dos pais". Segundo o recluso os avós teriam "morrido de desgosto" por causa deste casamento.Considerava, na verdade os avós como seus pais.O avô teria falecido logo após o casamento da filha, a avó mais de 10 anos após(sic).Com a morte do avô veio, aos 13 anos, para Salvador, morar com uma irmã de / criação, indo ver a avó de 08 em 08 dias.Em Salvador dedicou-se a vender bilhetes de Loteria; dos 16 anos em diante passou a morar atôa na rua, na maioria das veses no Maciel,onde fez amizades inconvenientes(sic),e/ dedicando-se a delitos contra patrimonio tipo "descuido" e como bandeira para "lanceiros" já práticos no assunto(sic).Algumas "entradas" na Delegacia de Menores. Em 270876 "abriu um automovel e foi logo preso ao entrar no mesmo".Saiu da Casa de Detenção em 190477 por "alvará de soltura" da 8ª Vara Criminal, absolvido.Dez dias após, sem "nada ter feito", foi re-

recolhido pela Policia e levado para "PEDRA PRETA", onde permaneceu 06 mêses.Êste éra o 3º recolhimento ao "CERPROV" : dois mêses(1974),01 ano (1975);ao sair do 3º recolhimento continuou na mesma vida,até 02 / de junho de 1978 quando novamente o levaram para Pedra Preta,onde ficou 03 mêses.Saiu em 05 de outubro de 1978, já sendo liberado com documentos obtidos através o Presidente e Secretária do Conselho Penitenciário.Conseguiu assim empregar-se na AGENDA como servente de pedreiro em 121078 somente saindo pela prisão em 100379,acusado do crime de roubo.Quanto a êste delito, nega qualquer participação. Diz que sendo visto por um soldado que o conhecia de Pedra Preta, êste ,chamou um "amigo"parente" e mandou acusa-lo(sic) de roubo.Afirma que não praticou o crime nem estava com qualquer objeto em mãos(sic). Acha que o soldado sabendo de seu passado, encontrando-o com documentos regulares, não se conformou e lhe preparou a armadilha(sic).Diz que a "pseudo-vítima" foi à Delegacia apontá-lo e nunca mais apareceu: não foi nem mesmo ao Forum(sic) depor...

Bom comportamento prisional na Casa de Detenção conforme registrado no Oficio de apresentação da Direção daquele presidio.

Na PLB após "observação"(90 dias) não conseguiu trabalho "apesar das diversas petições que fez"(sic).Frequenta escola- 2º esquema-e conseguiu o Certificado de Soldador Elétrico(PIPMO/SENAI).No Corpo III dedica-se a "lixar peças para terceiros".Requereu em abril/1981 mudança de regime de execução penal, do fechado para semi-aberto, pleito que// alcançou pronunciamento-parecer contrário no Conselho Penitenciário mas sobre o qual não consta ,no Processado, a decisão final do Juizo da Vara de Execuções Penais. Conta com mais de metade da pena cumprida,sendo primário, de conduta disciplinar regular, sem faltas, nem castigos,acomodados aos rigores do sistema penal sem rebeldia,em que pese a vivencia no promíscuo ambiente do Corpo III, na ociosidade.Em seu favor o esforço para melhoria do nivel de instrução e aprimoramento profissional/ desenvolvido na Penitenciária.

Os elementos e dados da biografia sociocriminal são ,sem duvida, desfavoraveis vez que ,do colhido e exposto, a convivencia em ambientes extremamente desajustados e marcados por conflitos, distorções e injustiças, pleno de atos antisociais(vida de menor abandonado,pivete, à margem social, recolhimento à "celebre" Pedra Preta, submetido "à atuação policial desordenada") em nada contribuiu para a assimilação de padrões éticos adequados.Dados e fatos originados de um lar desfeito e precocemente abandonado.Em termos objetivos existem em pró do quanto / pleitea a ausencia de indisciplinas,de deslizes e rebeldia em contraste com a conduta da maioria daqueles que,como êle,se vêm inseridos no ambiente permissivo, desregrado e nocivo do Corpo III. Válida, agora, talvez, como passo inicial a oportunidade de lhe ser permitido o cumprimento da pena em regime mais liberal, o semi-aberto, com tarefa designada sob supervisão adequada, como passo inicial para futura liberação condicional, previa á definitiva.

[redacted]

SECRETARIA DA JUSTIÇA
PENITENCIÁRIA LEMOS BRITO
GABINETE DO DIRETOR

R E L A T Ó R I O

Assunto: Livramento condicional.
Sentenciado: [redacted]o, matrícula penal nº 6442, filho de pai ignorado e de [redacted] nascido em 10.01.954.

Condenado por crime de roubo, a uma pena de 05anos e 06 meses de reclusão, imposta pelo Juíz de Direito da 4ª Vara Crime, ingressou [redacted]o nesta Penitenciária no dia 25.01.980, procedente da Casa de Detenção, onde consta uma entrada anterior datada de 27.8.976, por crime de furto, cujo processo teve sua tramitação na 8ª Vara Criminal, tendo sido solto por sentença absolvitória daquele Juízo em 19.4.977.

A sua prisão se verificou no dia 10.3.979, havendo cumprido da pena imposta até a presente data mais de metade, porisso, requereu o livramento condicional em se considerando de caráter primário.

Foi bom o seu comportamento carcerário na Casa de Detenção, nada constando no seu prontuário em desabono a sua conduta prisional, assim se expressa o Diretor daquela Casa no ofício que apresentou o mesmo a esta Penitenciária, ora anexo ao processo. Neste Presídio até então a sua conduta tem sido sem mácula, atento para o Regulamento da Casa que jamais infracionou. Portador de uniforme preto, em regime de prisão de segurança máxima.

De profissão declarada, carpinteiro quando aquí foi identificado, porem, não foi testado como tal. Dedica-se neste Presídio a lixar peças de madeira para terceiros, e, no decorrer da pena aplicada recebeu o certificado de soldador elétrico, curso que frequentou ministrado pelo SENAI.

Encontra-se com pedido de mudança de regime de execução da pena, - sistema penal fechado para, o semi aberto, cujo parecer do egrégio Conselho Penitenciário lhe foi contrário, porem, ainda pendente de decisório do Juízo das Execuções Penais, que já solicitou informes sobre o seu comportamento atual, a fim de proceder com o julgamento final do pedido.

Não há no prontuário do citado apenado, receber ele visitas, quer de familiares ou amigos, que o torna um homem solitário e desagregado da sociedade, merecendo atenções assistenciais.

Diante do exposto acima e do que mais consta das diversas informações contidas no processo em questão, deixamos, no momento, de emitir nossa opinião favoravel.

Salvador, 26 de abril de 1982

[redacted] - Maj. QOPM.
Diretor

cb/mab.

PENITENCIARIA LIVROS BRITO
SEÇÃO DE SEGURANÇA
INFORMAÇÃO

ASSUNTO:-LIVRAMENTO CONDICIONAL.
REQTE [redacted]

Nº 8146 ALCUNHA-

DATA DA PRISÃO:- 08.10.86.
ARTIGO:- 157.
DATA DA ENTRADA NESTA P.L.B.:- 15.12.87.
CORRETIVOS DISCIPLINAR:-Em sua folha de corretivos disciplinar nada consta.
COMPORTAMENTO:- Podemos considerar bom.
LOCAIS DE TRABALHO NESTA P.L.B. ....
TEMPO EM QUE VEM TRABALHANDO:- .....
IDADE:- Conta com 32 anos de idade.
ESTADO CIVIL:-Solteiro.
FILHOS:-Pai de uma filha.
VISITAS:- Não.
PROFISSÃO:-Motorista.

OBSERVAÇÃO

Depois de liberado afirma que irá retornar para a Cidade de Santo Amaro e continuar a trbalhar pela mesma profissão que tem.

É primário.

Nessa informação.

SALVADOR, 05 / maio / 198 8

Chefe da Seção de Segurança

3

ETARIA DA JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS
TENCIARIA LEMOS BRITO
ÃO DE REGISTRO E CONTROLE

Informação para livramento condicional
Candidato: [redacted]
MP/8146.

[redacted], cumpre nesta Penitenciaria uma pena igual de 04 anos de reclusão, por crime de " tentativa de roubo imposta pelo Juízo da 8a. Vara Crime, por sentença prolatada de 05.11.987.

Preso que foi no dia 08.10.986, conta nesta data de pena cumprida, 01 ano, 05 meses e 10 dias.

A pena que lhe foi imposta , determina o Juizo do processo a ser cumprida sob regime semi aberto, ratificado pelo Juízo das Execuções Penais na Guia de Recolhimento que expediu, com o detalhe de cumprimento no denominado corpo III, desta PLB, pois, a área destinada a abrigar condenados na espécie, se encontra desativada pelo respectivo Juízo.

Primário e, pela primeira vez requer o benefício do livramento condicional..

Salvador, 18 de março de 1988

[redacted]

CHEFE DA SEÇÃO

SECRETARIA DA JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS
PENITENCIÁRIA LEMOS BRITO
SEÇÃO MÉDICA

Sentenciado: [redacted]
M.Penal: 8146.
Pena: 04 anos de reclusão.
Crime: Tentativa de roubo.
Procedencia: 8ª Vara Crime.
Tempo de recolhimento prisional: 01 ano e 10 meses.

Trata-se de recluso primário que deveria estar cumprindo a pena no regime semi-aberto, contudo, devido à interdição da "área livre", encontra-se recolhido ao corpo III, conforme determinação do Juízo de Execuções Penais. Há menos de nove meses na / PLB, não tem corretivos disciplinares e trabalha há alguns meses' no serviço da faxina, segundo suas próprias informações. Recebe / visitas da irmã, que reside em Santo Amaro e de uma ex-namorada.

Iniciou a sua vida criminal aos 24 anos, fazendo arrombamentos, razão pela qual sofreu alguns recolhimentos da DFR e teve uma passagem pelo Presídio do Salvador, quando respondeu a um' processo e foi absolvido. Alega que o único assalto que praticou' foi esto que resultou em sua condenação. Não tem motivos definidos que justifique sua entrada na vida do crime após ter iniciado a / vida profissional com relativa estabilidade.

Nascido em Santo Amaro, veio para a capital com 23 anos de idade. Foi criado pelos pais, que faleceram há 14 anos atrás / vitimas de um acidente automobilístico - a Kombi que o genitor fazia transporte de passageiros, incendiu, matando os dois, que não tiveram tempo de sair do veículo. O pai já era aposentado pela // Usina Aliança, onde exerceu uma função similar à de maquinista, / enquanto a genitora nunca trabalhou. tem quatro irmãos, três ho// mens e apenas uma mulher, sendo o caçula. Dois irmãos resides em' Salvador, porém, não o visitam porque reprovam o seu comportamento passado, enquanto o terceiro reside no Rio de Janeiro. Sua irmã cria sua única filha, de 07 anos de idade. Já conviveu com // Três mulheres , mas atualmente não tem compromissos afetivos, ape

sar de receber as visitas da ex-namorada e manter encontros intimos com ela.

Aos 32 anos, tem instrução primária e a profissão de motorista, todavia, iniciou a atividade laborativa na adolescencia' como ajudante de caminhão. Na sua profissão, trabalhou em várias' empresas: Catuí, São Luiz, Santa Maria, Irará, Joevanza etc.

Decepcionado e frustrado na atividade criminal, pretende retornar á atividade profissional. Para isso pretende voltar a / Santo Amaro, onde tem o apoio da irmã e outros parentes, o que facilitará sem dúvida a sua readaptação Social.

Salvador, 30 de agosto de 1988

[redacted]

Psicologo-[redacted]

GNS

Processo de Livramento Condicional

Liberando: [redacted] *vulgo "Neguinho" ou "Negão"*

Matrícula Penal: 8146

Relator: Cons. [redacted]

Ementa

Autor de tentativa de roubo à mão armada e em concurso de agentes. Atendidos os requisitos legais, balanceados múltiplos indicadores prognósticos (alguns conflitantes) e considerada a impossibilidade fática de transferência para o regime semi-aberto recomenda-se o livramento condicional.

Relatório

O ônibus da Empresa de Transportes Joevanza trafegava pelo viaduto da Fonte Nova quando, em seu interior, ocorreu um assalto, do qual foram autores 3 delinquentes: [redacted] *vulgo "Pank",* [redacted] *vulgo "Nenêm" e* [redacted] *vulgo "Neguinho" ou "Negão". De início, simularam todos a condição exclusiva de passageiros. De súbito, Pank, na parte traseira do veículo, exibiu uma faca. Na dianteira, munido de revólver, Neguinho rendeu o motorista. Coube a Nenên tomar o dinheiro que portava o cobrador, além de valores diversos dos passageiros, inclusive um relógio. Os assaltantes fugiram mas, à altura do Campo da Pólvora, foram perseguidos por policiais. Enquanto 2 deles logo se submeteram à prisão e entregaram os objetos roubados,* [redacted] *o "Neguinho", mantendo a arma de fogo, resistiu até que, alvejado por um agente e ferido no antebraço direito, deixou cair o revólver, o que permitiu se efeti-*

vasse sua rendição.

Processados na 8a. Vara Criminal desta Comarca, foram os 3 delinquentes condenados por tentativa de roubo, capitulando-se o delito no art. 157, parágr. 2º, incisos I e II, c/c o art. 14, inciso II, ambos do Código Penal. Quanto a José Augusto de Almeida, a sentença reconheceu mais um delito, o do art. 329 da mesma lei substantiva. Ele o sentenciado que, interno da Penitenciária Lemos Brito, requer o livramento condicional agora em pauta.

Data dos crimes: 8 de outubro de 1986. Prisão: em flagrante. Penas: 4 anos de reclusão e 6 meses de detenção. O Liberando cumpriu, até hoje, 1 ano, 11 meses e 26 dias. A Guia de Recolhimento prevê, como data de extinção, 7 de outubro de 1990, o que faz supor não ter sido computada, no cálculo, a pena de detenção.

O Liberando, natural de Santo Amaro, tem, agora, 32 anos de idade. Seus pais faleceram em decorrência de acidente automobilistico, deixando os 5 filhos em idade adulta. Dos outros 3 rapazes, todos com vida profissional e familiar absolutamente normal, 2 residem em Salvador e um no Rio de Janeiro. A única moça está casada e mora em Santo Amaro.

[redacted] foi o caçula de um lar ajustado. Estudou o curso primário. A partir da adolescência, trabalhou como ajudante de caminhão. Habilitado como motorista, pelo que diz exerceu tal atividade em diversas empresas de transporte, embora o auto de prisão em flagrante o declare sem profissão definida.

O Liberando já conviveu, até o presente, com 3 mulheres, sempre em ligações curtas e instáveis. De uma delas, nasceu sua única filha.

Entrevistado na Seção Médica da PLB, o Liberando revela ter participado, desde os 24 anos, de alguns arrombamentos, sendo recolhido à Delegacia de Furtos e Roubos, embora disso não haja registro no prontuário do CEDEIP. Em 1985, acusado do roubo de um relógio, foi interno do Presídio de Salvador. Processado na 7a. Vara Criminal, logrou absolvição. Vale ser dito, a propósito, que a última sentença lhe atribui "primariedade", "personalidade ainda não periculosa" e "bons antecedentes".

A peça condenatória determinou, sobre o Liberando, o cumprimento da pena em regime semi-aberto. Considerando a interdição da área livre da PLB, a Meritíssima Juíza da Vara das Execuções Penais ordenou o internamento do sentenciado no Corpo III, onde ele permanece.

O Liberando passou cerca de 14 meses no Presídio de Salvador e encontra-se, há quase 10 meses, na Penitenciária. Nas duas etapas da vida prisional, sua conduta é isenta de qualquer deslise disciplinar. Jamais exerceu qualquer trabalho na PLB, mas os relatórios coincidem na justificação disso com fundamento na falta de oportunidade.

Ante a conduta criminosa do Liberando, seus irmãos masculinos passaram a rejeitá-lo e não o visitam. Entretanto, a irmã costuma vir de Santo Amaro para vê-lo e lhe proporciona a assistência possível.

Os relatórios do presídio, à unanimidade, são favoráveis ao livramento condicional. O do psicólogo Walter de Souza dos Santos dá mostras de confiar no arrependimento e no propósito de ressocialização do Liberando, que aspira, se atendido seu pleito, morar em Santo Amaro, onde contará com o apoio da irmã e de outros parentes e com a possibilidade de trabalho.

Voto

[redacted] é juridicamente primário e já cumpriu quase metade da pena. Ainda que seus antecedentes nos pareçam racionalmente questionáveis, o Juiz sentenciante os declara bons. Sua conduta carcerária é perfeitamente regular e não lhe foi atribuída atividade laborativa nos presídios. Dispõe de habilitação profissional. Não lhe falta assim, para o livramento condicional, qualquer dos requisitos enumerados no art. 83 do Código Penal.

É, sem dúvida, um caso cujo prognóstico nos causa inquietação.

Considerando, entretanto, que as pré-condições legais se encontram atendidas;

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DA BAHIA

AUTO DE PRISÃO EM FLAGRANTE

1-FL.Nº 02
2-RUBRICA

3-UNIDADE: [X] DEPOM [ ] DEPIN [ ]

4-SUB-UNIDADE: Delegacia de Furtos e Roubos

5-MUNICÍPIO: Salvador/BA

1408607E0200

6-DELEGADO: [redacted]

7-ESCRIVÃO: [redacted]

8-NARRAÇÃO

Às duas e trinta e cinco horas do dia oito de outubro de mil novecentos e oitenta e seis, na Cidade do Salvador, Capital do Estado Federado da Bahia, e nesta Delegacia de Furtos e Roubos, onde presente se achava [redacted] Delegado de Polícia, comigo Escrivã do seu cargo adiante assinada, aí apareceu o CONDUTOR, Sr. [redacted], Sargento da Polícia Militar do Estado da Bahia, RG/PM nº 24.112-1, lotado 7º B.P.M., brasileiro, natural de Feira de Santana/BA, casado, sem prole, filho de [redacted] nascido em 07.12.62, com 2º Grau completo de instrução, residente na Rua Jordânia, nº 192, Bairro Ponto Central/Cidade de Feira de Santana, que apresentou presos em flagrante delito os indivíduos: [redacted] por prática de crime de ROUBO, na modalidade conhecida por "ASSALTO A MÃO ARMADA", fato ocorrido no dia de óntem, por volta das 20:45 horas, no interior do ônibus coletivo da Empresa de Transportes JOEVANZA, nº de ordem nº 4015, ramal Caixa D'Água/Estação da Lapa, quando o mesmo trafegava na descida do Viaduto da Fonte Nova com destino ao Terminal da Lapa, tendo ao volante o motorista [redacted] Tendo a Autoridade passado a ouvir o CONDUTOR, o qual aos costumes nada disse. Compromissado na forma da lei prometeu dizer a verdade do que souber e lhe for perguntado, sendo inquirido respondeu que: no dia de óntem, por volta das 21:50 horas, se encontrava a borda da viatura de prefixo Luna 7042, do 7º B.P.M., em companhia dos soldados Góes e Edilton, em ronda pela Cidade, quando foram solicitados pela Central COPOM para que se deslocassem até o Módulo do Campo da Pólvora, pois haviam sido detidos elementos que haviam praticado assalto comtra um coletivo da Empresa Joevanza; Que ao chegar ao referido Módulo encontrou os tres conduzidos detidos, de posse da importância em espécie de Cz$485,00(quarenta e, digo quatrocentos e oitenta e cinco cruzados), além de um revólver marca Rossi, calibre 22, cano curto, oxidado, cabo marrom, nº de fabricação A753345, com 07 projéteis intáctos, tendo os conduzidos confessado a autoria do fato delituoso, tendo o condutor dado voz de prisão em flagrante aos tres elementos, conduzido os mesmos até esta Unidade Policial, de posse do dinheiro roubado e da arma de fogo utilizada no assalto, e após a apresentação dos mesmos nesta Delegacia, determinou a lavratura do presente auto a Autoridade de plantão. Nada mais disse. Em seguida passou a Autoridade a ouvir a primeira testemunha [redacted], soldado da P.M., lotado 7º B.P.M., RG/PM nº 24.829-0, brasileiro, natural de Salvador/Ba, solteiro, militar, filho de [redacted], com o 1º grau de instrução completo, nascido em 08.03.55, residente na Rua S[redacted], Aos costumes nada disse. Compromissado na forma da lei prometeu dizer a verdade do que souber e lhe for perguntado, e sendo inquirido pela autoridade respondeu que: no dia de óntem, por volta das 21:50 horas, se encontrava em ronda normal, a bordo da viatura de Prefixo Luna 7042, em companhia do condutor e do soldado Edilton,

ASPLAN-03.00/13

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLICIA CIVIL DA BAHIA

AUTO DE PRISÃO EM FLAGRANTE

1-FL.Nº 03
2-RUBRICA

3-UNIDADE: ☐ DEPOM ☐ DEPIN ☐
4-SUB-UNIDADE: continuação
5-MUNICIPIO:
6-DELEGADO:
7-ESCRIVÃO:

8-NARRAÇÃO

e do soldado Edilton, quando foram solicitados pela Central COPOM, para que se deslocassem até o Módulo do Campo da Pólvora, onde estavam detidos tres elementos que a instantes atrás praticaram assalto no onibus da Empresa Joevanza; Que ao chegarem ao referido Módulo presenciou quando o chefe da guarnição deu voz de prisão a tres induvíduos que confessaram a participação em um assalto ocorrido por volta das 20:45 horas no interior do coletivo, tomando importância em dinheiro do cobrador, em seguida fugiram a pé, sendo presos por policiasi do Modulo do Campo da Pólvora de posse de um revólver, marca Rossi, calibre 22, cano curto, oxidado, que em seguida o depoente conduziu na referida viatura os tres indivíduos até esta Delegacia juntamente com o condutor e o soldado Raimundo Nonato da Silva Aragão, que se encontrava no referido Módulo e prendeu os marginais de vulgos: "Pank", Nenem e "Neguinho", tendo a autoridade determinado a lavratura do presente auto. Nada mais disse. Em seguida passou a autoridade a ouvir a segunda testemunha [redacted] soldado da P.M., RG nº 38.421-6, brasileiro, natural de Salvador/BA, nascido em 02.09.62, solteiro, militar, filho d[redacted] com o 1º Gráu completo de instrução, residente na [redacted] Largo da Tanque. Aos costumes nada disse. Compromissado na forma da lei, prometeu dizer a verdade do que souber e lhe for perguntado, e sendo inquirido pela autoridade respondeu que: no dia de óntem, por volta das 20:47 horas, o depoente encontrava-se de serviço no Módulo do Campo da Polvora, em companhia de outros policiais militares, quando os mesmos foram solicitados por populares que passavam pelo local, que informaram a ocorrência de um assalto que estava acontecendo no interior de um onibus coletivo da Empresa Joevanza SA., tendo o depoente deslocado com os demais policiais do Módulo até as proximidades do local, conseguindo deter dois dos elementos na Praça do Campo da Polvora e o terceiro nas imediações da Ladeira da Independência, tendo este ultimo elemento de posse de um revolver, tentado reagir a prisão, precisando o depoente acionar o gartilho de sua arma fazendo um disparo que foi alcançar o ante-braço do mesmo, que largou a arma ao solo sendo dado voz de prisão em flagrante aos mesmos e conduzidos até o Modulo do Campo da Polvora; já no interior do Módulo os referidos individuos, que não portavam documentos de identificação, disseram chamar-se [redacted] vulgo "Pank", que no momento do assalto se encontrava de posse de uma faca e antes de ser detido dispensou a mesma em um matagal não semdo encontrada a mesma, o segundo individuo diz-se chamar [redacted], vulgo Nenem, que se encontrava em poder do dinheiro roubado do onibus, ou seja da importancia de 485.00 (quatrocentos e oitenta e cinco cruzados), e o terceiro e ultimo elemento, disse chamar-se [redacted] a, alcunha Neguinhi, que portava no momento da prisão um revolver, marca Rossi, calibre 22, cano curto, oxidado (metal branco), numero de fabricação. A753345, além de sete projeteis do mesmo calibre, todos intactos, tendo Neguinho de posse do referido revolver chegado a apontar a arma em direção ao depoente, chegando inclusive a fazer três disparos

OM ou DEPIN:

lavratura do

ze a FOLHA [redacted]

ASPLAN-03.00/13

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLICIA CIVIL DA BAHIA

AUTO DE PRISÃO EM FLAGRANTE

1-FL.Nº 04
2-RUBRICA

3-UNIDADE: ☐ DEPOM ☐ DEPIN ☐
4-SUB-UNIDADE
5-MUNICIPIO
6-DELEGADO
7-ESCRIVÃO

8-NARRAÇÃO

chegando inclusive a fazer três disparos em deiração ao depeonte e que nenhum dos projeteis alcançou o mesmo,sendo obrigado o deponte a fazer um disparo de sua arma que alcançar o ante-braço esquerdo do marginal só assim conseguiu deter o mesmo;que no Modulo ps individuos confessaram ter assaltados a instantes atraz um onibus da Empresa,tendo levado o cobrador do onibus a importancia de 485,00 (quatrocentos e oitenta e cinco cruzados),que em seguida chegiy ai Modulo o condutor acompanhado da guarniçõ a bordo da viatura Luna/7042,tendo Sgtº Valdir dadto voz de prisão em flagrante e cconduzidos a esoa Wspwcilizada,transportando-os na viatura até esra Delegacia,tendo a autori afr determinado a lavrara do presente auto.Nada mais disse nem lhe foi perguntado.Em seguida passiu a autoridade a ouvri o representae da Vítima [redacted] chefe geral da empresa pela noite,brasileiro,natural de Feira de sanatana-Ba.nascido em 31.03.40,casado com três filhos,filho de [redacted],representante da Empresa Joevanza SA.,residindo na rua Tomaz Gonzaga,262,Pernambues, residente na Leste,37 A,Nordeste de Amaralina, e sendo indagada pele Autoridade indagou que:que no dia de ontem,por volta das 21.25 horas, quando se encontrava trabalhando na garagem da Empresa de Transportes Joevanza Sa,localizada nosPernambues,foi informado pela motorista Djalma Souza de Sanatan,que por volta das 20:45 horas, o onibus que dirigia número de ordem 4015,placa policial BJ/3869,ramal Caixa D'Agua Estação da Lapa,teria sido assaltado pof três elementos,sendo um armado de revolver,outrp de faca, eum terceiro que pareci está desarmado,que na altura do viaduto da Fontr Nova,os referidos elementos tomaram o onibus de assalto,levando a impotancia em dinheiro de 485.000(quatrocentos e oitenta e cindo cruzados) que estava na mão do cobrador que no momento não sabe informar o nome,tendo o motorista indo até a Primeira C.P. e registrado queixa do fato, que ca,digo,queixa nº 4532/88, em seguida o mesmo dirigiu até a garam da empresa,comiunicou o fato acima,em seguida foi liberado pelo declarante;que o declarante,foi solicitaso a comparecer a esra Delegaciapor volta das 02:00 horas da mafrugada do dia seguinte ao fato, e nesta Unidade Policial tomou conhecimento que os tres elementos haviam sido detidos por policiais militares e também recuperadp o dinheiro pedido.Em seguida passou a Autoridade a interrogar [redacted] alcunha"PANK",brasileiro,natural de Salvador-Bahia,nascido em 24.04.65,filho de [redacted] teiro sem prole,ambulante,alfabetizado,residente na rua Peminal de Joeslão,Liberdade que foi feito da seguinte forma:Perg.O que tem a alegar em sua defesa,ante a imputação que lhe é feita,de que,o interrogado,ter praticado roubo na modalidade assalto,em companhia dos marginais [redacted] almeida,vulgo "Neguinho",fato ocorrido no dia de hontem,por volta das 20.45 horas,contra o onibus da Empresa Joevanza?Resp.Que no dia de ontem se encontrava em companhia dos marginais de vulgos"Nenem e Neguinho",pois haviam saído

ASPLAN-03.00/13

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DA BAHIA

AUTO DE PRISÃO EM FLAGRANTE

1-FL.Nº 05
2-RUBRICA

3-UNIDADE
☐ DEPOM
☐ DEPIN
☐

4-SUB-UNIDADE

5-MUNICÍPIO

6-DELEGADO

7-ESCRIVÃO

8-NARRAÇÃO

pois haviam saídos"para batalhar",estando Neguinho com um revolver calibre 22,o interrogado de posse de uma faca tipo peixeira, e Nenem desarmado,tendo os três entrado em um onibus da Joevanza,anunciando o assalto,Neguinho de revolver em punho apontando a arma para o motorista do coletivo ,tendo o interrogado após penetrar pela porta trazeira rendeu o cobrador,pegando dois relogios marca Champion,um pulseira azul e outro pulseira bege de pulso de dois passageiros de sexo masculino,tendo Nenem tomado todo dinheiro do cobrador,em seguida deixaram o onibus correndo em direção ao Campo da Polvoro onde foram agarrados por policiais militares e levados para o Módulo alí existente,em seguida trazidos para esta Delegacia de posse do dinheiro roubado e da armautilizada por Neguinho,tendo a Autoridade determinado a lavratura do presente Auto;perg. Se o interrogado já foi preso ou processado por qualquer coisa?Resp.Afirmativamente,esclarecendoque nunca foi processado.mas que já foi preso na Primeira CP?em abril/86,na Quinta CP.Perg. Se interrogado faz uso de toxicos?RESP.:Afirmativamente,esclarecendo que prefere tomar comprimidos de Ropinol ingeridos com conhaque,além de maconha. Perg. Se o interrogado sabe infromzr ode se encontra a faca utiliz da no assalto?Resp.Afirmativamente,esclarecendo que jogou a refererida faca num matagal exitente proximo a escadinha que dá acesso ao Cmpo Polvora, e que acha dificil encontrar a citada arma,pois o mato é muito alto.Nada mais disse nem lhe foi perguntado.Em seguida passou a Autoridade a ouvir o segundo conduzido que diz chamar-se [redacted],alcunha "Nenem",brasileiro,natural de Senhor do Bonfim-BA. nascido em 01,02.52,solteiro,com prole,servente,filho de [redacted] er [redacted] a,alfabetizado,residente na rua João de Deus,07,Maciel de Cima,que foi interrogado da seguinte maneira.Perg. O que tem a alegar em sua defesa ante a imputação que lhe é feita,de que, o interrogado ter praticado roubo,na modalidade conhecida por "Assalto", em cpmpanhia dos marginais de vulgos"Pank e Neguinho",contra o onibus da Empresa Joevanza,fato ocorrido no dia de ontem por volta das 20,45 horas ?Resp,que no dia de ontem,na referida hora em companhia dos referidos individuos ingressaram no interior de um onibus da Empresa Jcevanza,nas proximidades da Fonte Nova,Neguinho de posse dd um revolver marca Rossi,calibre 22,Pank de posse de uma faca tipo peixeira e o interrogado de posse,digo,desarmado,anunciara o assalto,rendendo o motorista o motorista e os passageiros tendo o interrogado apnahado o dinhhiro do cob ador cerca de 500,00 (quinhentod cruzeiros) enquanto Pank arranacava dois relogio do pulso de dois rapazes que se encotravam no interior do citado onibus,em seguida fugiram do local subindo a escadinha que dá acesso ao Campo da Polvora,quando foram avistado por policiais militares,presos e encaminhados ao Modulo alé existentes e em seguida trasnferodos para esta Delegacia,tendo a Autoridade determinado a lavratura deste Auto.Perg.Se o interrogado já foi preso ou processado por delito ou contravenção de quer natureza?Resp.Afirmativamente,esclaracendo que já foi preso e autuado em flagrante por du

ALPLAN-03.00/13

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DA BAHIA

AUTO DE PRISÃO EM FLAGRANTE

1-FL. Nº 86
2-RUBRICA

3-UNIDADE: ☐ DEPOM ☐ DEPIN ☐
4-SUB-UNIDADE
5-MUNICÍPIO
6-DELEGADO
7-ESCRIVÃO

8-NARRAÇÃO

Continuação do interrogatório de Valmir Fernandes de Almeida alcunha"Nenen"./"/" /"/ esclarecendo que já foi preso e autudo em flagrante por duas vezes nesta Unidade Policial por pratica de crime de furto,cumprindo pena na primeira vez durante sete anos na Penitenciaria do Estado e na segunda vez ficou apnes tres meses e quetro dias na Detenção,que possui cerca de cinquenta entradas nesta Delegacia,Delegacia de Tóxicos por duas ocasiões.Nada mais disse nem lhe foi perguntado.Em seguida passou a Autoridade a ouvir a terceiro conduzido [redacted] EGUINHO",brasileiro,natural de Santo Amaro/Bahia,nascido em 09.08.56, solteiro sem prole,filho de [redacted] a,alfabetizado,sem profissão definida,residente na rua [redacted] também no Curuzu S/N,Liberdade, que foi interrogado da seguinte maneira:Perg. O que tem a alegar em sua defesa,ante a imputação que lhe é feita ,de que,o interrogado em companhia dos marginais de vulgos "PANK e NENEM",terem praticados roubos,na modalidade conhecida por assalto,tendo o interrogado utilizado um revolver marca Rossi que ora lhe é exibido,tomado de assalto o onibus da Empresa Joevanza na parte baixa da Fonte Nova,ontem por volta das 20.45. horas?Resp.Que no dia de ontem durante a noite saiu em companhia dos parceiros Nenem e Pank com destino a Fonte Nova quando avistarm o onibus da Empresa Joevanza,entrando o interrogado na porta dianteira empunhando um revolver marca Rossi,calibre 22,o mesmo que lhe foi exibido pela Autoridade,rendendo o motorista,enquanto o marginal Pank entrava pela porta trazeira de posse de uma faca tipo peixeira,como também o marginal Nenen,tendo os dois ultimos arrancados dois relogios de passageiros que se encontravam no interior do onibus e Nenem tomado todo dinheiro que se encontrava na mão do cobrador do veículo,para em seguida fugirem do local,tomando destino do Campo da Polvora,através de uma escada existente na parte baixa da Fonte Nova,correndo os dois parceiros para o Jarfim do Campo Polvora e o interrogado em direção a Ladeira da Independência ainda de posse do revolver utilizado no assalto,momento em que perseguido por policiais militares que foram no seu encalço,tendo o interrogado apontado a arma em direção ao policial,mas que não pretendia atirar,tendo recebido um tiro no ante-braço esquerdo quando foi detido recebeu voz de prisão em flagrante conduzido ao Modulo Policial do Campo da Polvora e em seguida conduzido ao Hospital Ernesto Simões e posteriormente ao Hospital Getulio Vargas,com a finalidade de extrair a bala que se encontrava na mão e posteriormente apresentado nesta Delegacia. Perg.Se o interrogado deflagrou algum tiro com a arma que ora lhe é exibido?Resp. Negativamente.Perg.Quantos papsulas de bala o interrogado tinha no momento que foi preso?Resp.Que tinha sete cartuchos calibre 22 todos intactos.Perg. Se o interrogado já foi preso ou processado por delito ou contravenção de qualquer natureza?Resp.Afirmativamente,esclarecendo que nunca foi processado,amas que já esteve detido nesta Delegacia uma vez,na Décima Terceira uma vez.Nada mais disse nem lhe foi pergunta-

ASPLAN-08.00/13

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLICIA CIVIL DA BAHIA

AUTO DE PRISÃO EM FLAGRANTE

1-FL.Nº 04
2-RUBRICA

3-UNIDADE
☐ DEPOM
☐ DEPIN
☐

4-SUB-UNIDADE

5-MUNICIPIO

6-DELEGADO

7-ESCRIVÃO

8-NARRAÇÃO

Nada mais disse nem lhe foi perguntado mandou a Autoridade encerrar o presente Termo que depois de lido e achado conforme vai devidamente assinado pela Autoridade, Condutor, Testemunhas, Representante da Vítima, Conduzidos, e finalmente por mim Escrivã que datilografei e subscrevo. "/

[illegible] Freitas

[illegible] ida

ASPLAN-03.00/13

SECRETARIA DA JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS
PENITENCIÁRIA LEMOS BRITO
SERVIÇO SOCIAL

RELATÓRIO PARA LIVRAMENTO CONDICIONAL

Sentenciado: [redacted]os M.P. 7967
Crime: Roubo (Art. 157 § 2º do Código Penal Brasileiro)
Pena: 05 anos e 04 meses de reclusão
Termino (provavel) pena: 23.06.198

Identificação

Filho de [redacted]. Nasceu em Salvador (Ba.) em 22.09.1962. Possui instrução rudimentar, desenvolvia a função de Servente de pedreiro.

Histórico de Vida

Pais falecidos. Uma irmã. É o mais velho da prole. Fez referências a uma infância triste. Aos 05 anos de idade perdeu os pais, indo morar com um casal Sr. Domingos e D. Celeste. A sua irmã foi morar com parentes e nunca mais teve noticias dela. Após os 07 anos de idade foi encaminhado à Instituições: SEAM e FAMEB, saindo da última com a idade de 18 anos. Informou ter estudado até o primário e ter bom relacionamento com os colegas. Fez cursos e trabalhou em Desenho Publicitario. "Depois que saí de lá do Colégio tomei um rumo, dai pra procurar a família, não achei ninguem. Fiquei conhecendo pessoas do mundo que me ensinaram a vida do crime. Informou que antes de ser preso trabalhava como Hippie em varios locais (colégios) e tambem fazia biscates (servente de pedreiro)." Eu estava num desespero, queria dinheiro para comprar um barraco em Pau da Lima, onde estava morando e não achei um colégio, nem nada pra fazer. Ai apareceu um jovem, uma seta maligna que me fez praticar o roubo e vir para cá, foi um roubo simples, e agora estou aqui, o companheiro já foi embora". (sic). Aludiu estar sendo cristão e pretendendo regenerar-se. "Conheci / Jesus na cadeia, tive esse privilégio, só recebo visitas dos cristãos. / Não fumo mais maconha, mais nada. A policia já me bateu várias vezes e / nunca me recuperou. Referiu ter tido uma companheira e um filho que perdeu por estar aqui na Penitenciária. " Já tem anos que eu não vejo, estou escravizado na mão de Satanás."(sic). Fugi da cadeia porque não aguentava mais e não queria vir pra cá e terminei vindo"(sic). Diz que estuda na Penitenciária e está fazendo o 2º grau.

Futuramente pretende ir prá casa de Recuperação dos Cristãos. "Tenho vontade de ter uma família tambem (sic). Forneceu-nos o endereço de D. Iracy de Almeida Machado (Casa de Recuperação), Rua Campos França, 34 Bloco "B" Terreo Lapinha.

Histórico do Crime

Consta em sua Carta de Guia que o indiciado e mais outro companheiro(menor) no dia 17.08.1983 por volta das 17:30 hs. retornavam do lixo de Canabrava, na estrada que liga São Marcos a quele local no momento em que ali transitava a vitima [redacted] funcionario municipal que por sua vez retornava da Escola Manoel de Abreu em São Marcos, para sua residencia em Canabrava, ao cruzarem com a vitima, retrocederam , perseguindo a vitima, que passou a correr, sendo logo alcançada. O sentenciado passou o braço em seu pescoço, dando-lhe uma "gravata", ao tempo em que a vitima era despojada de seus pertences por outro companheiro, mas, resistindo a vitima, o interno, que portava uma barra de ferro, vibrou vários golpes em sua cabeça, subtraindo uma bolsa colorida da vitima contendo varios documentos e uma importância em dinheiro, escapulindo em seguida, enquanto a vitima procurava a 10ª Delegacia para registrar queixa.

Situação Carcerária

Procedente da 19ª Vara Crime - Capital, chegou a esta Penitenciária em 20.02.1987 para cumprir a pena de 05 anos e 04 meses de reclusão incurso no art. 157 § 2º do Código Penal Brasileiro.

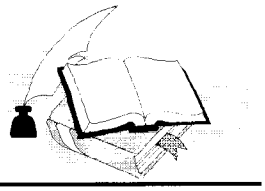
Segundo informação do SRC o interno esteve em regime Semi-aberto, tendo evadido em 05.05.87, cometendo outro delito, sendo recapturado em 04.02.88. Em seu prontuário, porém, não consta a carta de guia aditiva.

É o que se nos apresenta.

Salvador, 05 de março de 1990

[redacted]

ANEXO 3



VIII - BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Perseu, Pesquisa em Ciências Sociais, 1ª edição, Salvador, Centro editorial e didático da UFBa, 1974, 78 p.

- ALBERGARIA, Jason, Da violência, Arquivos do Ministério da Justiça, Brasília, nº152, p. 97-105, out/dez 1979.

- ALVES, Alda Judith, Meninos de rua e meninos da rua: Estrutura e dinâmica familiar, O trabalho e a rua, São Paulo, Ed. Cortez, 1991, 243 p.

- ALVES, Ernani , Densidade populacional e crime, Arquivos do Ministério da Justiça Brasília, nº 152, out/dez 1979, p. 157-167.

- ALVES, Roque de Brito, Criminologia, 1ª ed., Rio de Janeiro, Forense, 1986, 297 p.

- ARANTES, Antônio Augusto, O que é cultura popular, 13ª ed., São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988, 83 p.

- ARIÉS, Philippe, A História das Mentalidades. A História Nova. Trad. Eduardo Brandão, 1ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 1990, 317 p.

- ARRUDA, Antônio, A violência e o seu recrudescimento na sociedade contemporânea, Revista Segurança e desenvolvimento, vol. 25, nº 163, p. 99-105 - 1976.

- BASTIDE, Roger, Sociologia das doenças mentais, 1ª ed. , São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1965, 297 p.

- BESSELAAR, José Van Den, Introdução aos estudos históricos, 3ª ed., São Paulo, Ed. Herder, 1972, 340 p.

- BIAGGIO, Ângela, Psicologia do desenvolvimento, 7ª ed., Petrópolis, Ed. Vozes, 1983, 280 p.

- BROADWIN, I. T., Delinqüência juvenil, A Psicanálise de hoje, 1ª ed., Imago ed., 1970, 117 p.

- BOSCHI, Renato Raul, Violência e cidade. 1ª edição, Rio de Janeiro, Zahar ed.. 1982, 98 p.

- BUARQUE, Cristovam, A desordem do progresso, São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1990.

- CAMARGO, José Márcio, O estado do desenvolvimento brasileiro: A década perdida, Revista Tempo e presença, São Paulo, nº 257, maio/junho 1991.

- CAMPOS, Edmundo, Sobre sociologia, crime e pobreza, Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 23, nº 3, p. 377-383, 1980.

- CARDOSO, Ciro Flamarion e BRIGNOLI, Héctor, A História Social, Os métodos da História, 2ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1981, 528 p.

- CARDOSO, Míriam Limoeiro, Ideologia do desenvolvimento: Brasil JK a JQ, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1978, 459 p.

- CARVALHO, Ana Judith, A violência urbana e suas conseqüências: reflexões, Revista Psicodrama, Rio de Janeiro, nº 6, p. 6-14, Set/out 1991.

- CARVALHO, Dênio, Contribuições de Minas Gerais, Arquivos do Ministério da Justiça, Brasília, p. 75-97, nº 152, Out/dez 1979.

- CERTEAU, Michel, A História, uma paixão nova, A Nova História, Trad. Ana Bessa, 1ª Ed., Lisboa, Ed. 70, 89 p.

- CERVINI, Rubem, O menino trabalhador no Brasil urbano dos anos 80, O trabalho e a rua, São Paulo, Ed. Cortez, 1991, 243 p.

- COELHO, Edmundo Campos, A criminalidade urbana violenta, Revista de Ciências Sociais, Rio de janeiro, Vol. 31, nº 2, p. 145-183, 1988

- COREY, Gerald, Técnicas de aconselhamento e psicoterapia, 2ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1986, 321 p.

- DARAKI-MALLET, Maria, A renovação da História, A Nova História, Trad. Ana Bessa, 1ª ed.. Lisboa, Ed. 70, 89 p.

- DELAY, J. e PICHOT, P., Manual de psicologia, 1ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Masson, 1982,

377 p.

- DOURADO, Luis Ângelo, Raízes neuróticas do crime, 1ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1965, 320 p.

- DOTTI, René Ariel, Violência e criminalidade : ambiente e qualidade de vida como velhos e novos fatores, Revista dos Tribunais, Paraná, Vol. 530, p. 285-293, dez. 1979

- DUBY, Georges, O historiador, hoje, História e Nova História, Trad. Carlos Veiga, 2ª ed.. Lisboa, Ed. Teorema, 1989, 96 p.

- DUMONT, Louis, O individualismo - uma perspectiva antropológica da ideologia moderna, 1ª ed.Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1985, 180 p.

- D'ANDRÉA, Flávio Fortes, Desenvolvimento da personalidade, 8ª edição, Rio de Janeiro, ED. Bertrand Brasil, 1987, 185 p.

- FARIA, Vilmar, A montanha e a pedra: Os limites da política social brasileira e os problemas da infância e da juventude, O trabalho e a rua, São Paulo, Ed. Cortez, 1991, 243 p.

- FAUSTO, Boris, Crime e cotidiano : a criminalidade em São Paulo (1880-1924), São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984, 293 p.

- FREITAS, Décio, Palmares, a guerra dos escravos, 5ª edição, Porto Alegre, Ed. Mercado Aberto, 1984, 170 p.

- FERREIRA, Zoroastro de Paiva, Criminalidade, 1ª edição. São Paulo, Editora Universitária de Direito, 1986, 193 p.

- FENICHEL, Oto, Teoria Psicanalítica das neuroses, 1ª ed., Rio de Janeiro, Liv. Ateneu, 1981, 665 p.

- FREUD, Sigmund, Obras completas, Vol. XVIII, O ego e o id, 1ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1976, 394 p.

- FEITAG, Bárbara, Teoria crítica, ontem e hoje, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988, 230 p.

- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo, Freud e o inconsciente, 4ª ed., Rio de Janeiro, Zahar Ed.,

1988, 237 p.

- GAY, Peter, Freud para historiadores, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1988, 370 p.

- GEERTZ, Cliford, A interpretação das culturas, 1ª ed., Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1978, 323 p.

- GRUPO DE TRABALHO SOBRE VIOLÊNCIA E CRIMINALIDADE, Violência e criminalidade no DF, Revista Indicadores Conjunturais, Brasília, P. 16-23, 1983

- GUIMARÃES ROCHA, Everaldo, o que é etnocentrismo, 5ª ed., São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988, 95 p.

- INSTITUTO DE DIREITO PÚBLICO E CIÊNCIA POLÍTICA, Violência e criminalidade urbana, Revista de ciência política, Rio de Janeiro, 23(3): 163-222, set/dez 1980.

- JANCSÓ , István. O Nordeste e os problemas de intervenção social, Cadernos do CEAS , nº 44. Salvador, CEAS. 1976, 20 p.

- _____, Introdução ao estudo da História, Salvador, UFBa., 1970, 120 p.

- JAQUES, Elliot, Culpa, consciência e comportamento social, A abordagem psicanalítica, 1ª ed..Rio de Janeiro, Imago Ed., 1973, 138 p.

- JUAREZ, Eduardo, Criança de rua: um estudo das suas características demográficas, O trabalho e a rua, São Paulo, Ed. Cortez, 1991, 243 p.

- KOENIG, Samuel, Elementos de Sociologia, 1ª edição, Rio de Janeiro, 1967, 382 p.

- KOSHIBA, Luis, História do Brasil, 2ª edição, São Paulo, Atual editora, 1979, 312 p.

- KOSIK, Karel, Dialética do concreto, 1ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1976.

- KOWARICK, Lúcio, Violência:reflexões sobre a banalidade do cotidiano em São Paulo, Violência e cidade, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1982, 98 p.

- _____, Cidade, povo e poder, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1981.

- LADURIE, Emanoel Le Roy, Os caminhos da Nova História, História e Nova História, Trad. Carlos Veiga Ferreira, 2ª ed., Lisboa, Ed. Gradiva, 1988, 114 p.

- Le GOFF, Jacques, As mentalidades: Uma História ambígua. História novos objetos, Trad. Terezinha Marinho, 1ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1977, 238 p.

_____, A História do quotidiano, História e Nova História , Trad. Carlos Veiga, 2ª ed., Lisboa, Ed. Teorema, 1989, 96 p.

- _____, A História Nova, A História Nova, 1ª ed., São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1990, 318 p.

- LOPEZ, Luiz Roberto, História do Brasil Contemporâneo, 2ª edição, Rio Grande do Sul, Editora Mercado Aberto, 1983, 141 p.

- LOWY, Michael, Ideologia e Ciências Sociais, 5ª ed., São Paulo, Ed. Cortez, 1989, 112 p.

- LUCKESI, Cipriano Carlos, Universidade, Uma proposta metodológica, 1ª ed., São Paulo, Ed. Cortez, 1990.

- MANDROU, R., A História das Mentalidades, História e Historicidade, Trad. Ana Isabel Buescu, 1ª ed., Lisboa, Ed. Gradiva, 1988, 114 p.

- _____, Estatuto científico da História, História e Historicidade, Trad. Ana Isabel Buescu, 1ª ed. Lisboa, Ed. Gradiva, 1988, 114 p.

- MAROTTA, Claudia Otoni, O que é História das Mentalidades, 1ª ed., São Paulo, Ed. Brasiliense, 1991, 56 p.

- MATTA, Roberto da, Relativizando: uma introdução à Antropologia Social, 2ª ed., Petrópolis, Ed, Vozes, 1981, 246 p.

- MATTEDI, Maria Raquel Mattoso, As invasões em Salvador: Uma alternativa habitacional, Salvador, 1979, 200 p., Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBª em 1979.

- MENDONÇA, Nadir Domingues, O uso dos conceitos, 2ª edição, Petrópolis, ed. Vozes, 1985, 176 p.

- MINISTÉRIO PÚBLICO DE SÃO PAULO, Análise da criminalidade contemporânea, Revista Justitia, vol 111, São Paulo, out/dez 1980.

- MORAIS, Régis de, O que é violência urbana, 1ª edição, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985, 113 p.

- MOREIRA, Raimundo, O Nordeste brasileiro: Uma política de industrialização, 1ª edição, Rio de Janeiro , ed. Paz e Terra, 1979, 170 p.

- MOURA, Wilson, A família contra a rua: uma análise psicossocial da dinâmica familiar em condições de pobreza, O trabalho e a rua, São Paulo, Ed. Cortez, 1991, 243 p.

- NENTWIG SILVA, Bárbara e MELLO DA SILVA, Sílvio Bandeira, Cidade e região no estado da Bahia, Salvador , centro editorial e didático da UFBª, 1991, 206 p.

- ODÁLIA, Nilo, O que é violência, 1ª ed., São Paulo, 1985, 93 p.

- OLIVEN, Rubem George, A violência como mecanismo de dominação e como estratégia de sobrevivência, Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 23, nº 3, 1980, p. 371-376.

- _____, As vitrines da violência no Brasil, Violência e cidade, Rio de Janeiro, Zahar ed., 1982, 98 p.

- PAIXÃO, Antônio Luiz, Crimes e criminosos em Belo Horizonte : Uma exploração inicial das estatísticas oficiais da criminalidade, Violência e cidade, Rio de Janeiro,Ed. Zahar, 1982, 98 p.

- PAOLI, Maria Célia, Desenvolvimento e marginalidade, 1ª edição, São Paulo, livraria Pioneira, 1974, 158 p.

- PERROT, Michel, Os excluídos da História, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra , 1989, 270 p.

- POLÍCIA CIVIL DA BAHIA, Indicadores de dados policiais - 1972-1982, Salvador, Secretaria de Segurança Pública, 1983, (Governo do estado da Bahia).

- _____, Relatório anual estatístico - 1979-1984, Salvador, Secretaria de Segurança Pública, 1985 (Governo do Estado da Bahia).

- QUEIROZ, Maria Isaura, Cultura, sociedade rural e sociedade urbana no Brasil, São Paulo, 1ª ed., Edusp, 1978, 313 p.

- RANCIERI, Jacques, A noite dos proletários, São Paulo, Ed. Cia. das Letras, 1989, 230 p.

- REIS, João José, Rebelião escrava no Brasil, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987, 293 p.

- RIOS, José Arthur, Discurso de posse na comissão especial para o estudo da violência, Arquivos do Ministério da Justiça, Brasília, nº 151, p. 8-10, jul/set 1979.

- RIZZINI, Irene, Menores institucionalizados e meninos de rua : os grandes temas de pesquisas na década de 80, O trabalho e a rua, São Paulo, Ed. Cortez, 1991, 243 p.

- RUIZ, João Álvaro, Metodologia científica, 1ª ed., São Paulo, Ed. Atlas, 1982, 170 p.

- RUY, José Carlos, História: a ciência do homem, Revista Princípios, 1991.

- FERREIRA, Luiz, Estudos sobre o Brasil contemporâneo, 1ª edição, São Paulo, Livraria Pioneira, 1971, 219 p.

- SANTOS, Nildo Nery, 1.000 perguntas de criminologia, Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1988, 30 p.

- SANTOS, Milton, Pobreza urbana, São Paulo, Ed. Hucitec, 1978.

- SCHAWARTZMAM, Simon, Da violência dos nossos dias, Revista de Ciências Sociais, vol. 23, nº 3, 1980 p. 365-369.

- SCHINEIDER, leda, Marginalidade e delinqüência juvenil, 2ª edição, São Paulo, Cortez ditora, 1987, 159 p.

- SALVADOR, Prefeitura Municipal, Uma política habitacional para Salvador, 1985, 70 p.

- SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA - COORDENAÇÃO DE INFORMÁTICA, balanço das estatísticas policiais e criminais nos últimos cinco nos, Região Metropolitana de Salvador, Estado da Bahia - 1987-1991, Salvador, Secretaria de Segurança Pública, 1992, (Governo do Estado da Bahia).

- SPINOLA, Noelio, A indústria no estado da Bahia, Salvador, Secretaria da Indústria e Comércio, 1983, (Governo do estado da Bahia), 344 p.

- SEPLANTEC, Plano metropolitano de desenvolvimento, Salvador, Secretaria de Planejamento Ciência e tecnologia, 1982 (Governo do Estado da Bahia), 313 p.

- SEPLANTEC/CEI, Aspectos demográficos regionais, Salvador, centro de estatística e informações 1985 , (Governo do estado da Bahia), 76 p.

- SINGER, Paul, Economia política da urbanização, 9ª edição, São Paulo, editora Brasiliense, 1983, 151 p.

- SOARES, Orlando, A violência estrutural e institucional da sociedade capitalista e a criminalidade Revista de Direito Penal e Criminologia, Rio de Janeiro, nº 35, p. 97- 109, jan/junho 1983.

- SOUZA, Itamar, Migrações internas no brasil, 1ª edição, Petrópolis, editora Vozes, 1980, 141 p.

- TABAK, Fanny, Urbanização e criminalidade, Regionalização e urbanização, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Civilização Brasileira, 1979, 172 p.

- TALLAFERRO, Alberto, Curso básico de Psicoanálisis, 3ª ed., Buenos Aires, Ed. Paidos, 1970, 324 p.

- UNICEF, Bahia, Suas crianças e adolescentes. O que está acontecendo ?, Salvador, 1991, 134 p.

- VAZ, D. José Carlos, A violência na sociedade brasileira, Revista síntese, Rio de Janeiro, nº 41, p. 25-40, 1987.

- VELHO, Gilberto, O conceito de cultura e o estudo das sociedades complexas: uma perspectiva antropológica, Revista Artefato, ano I, nº 1, Rio de Janeiro, 1978.

- VERGER, Pierre, Notícias da Bahia, Salvador, Ed. Corrupio, 1981, 130 p.